



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO:

Conhecimento e Inclusão Social em Educação
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG

Belos, Sadios e Normais: as representações sociais dos corpos infantis modernos na revista Pais & Filhos (1968-1977)

Cristiane Queiroz de Souza Assunção

BELOS, SADIOS E NORMAIS:
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS CORPOS INFANTIS
MODERNOS NA REVISTA *PAIS & FILHOS* (1968 – 1977)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Psicologia, Psicanálise e Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Regina Helena de Freitas Campos

Co-orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Raquel Martins de Assis

Belo Horizonte
Faculdade de Educação da UFMG
2010

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social

Dissertação intitulada “**Belos, Sadios e Normais: as representações sociais dos corpos infantis modernos na revista *Pais & Filhos* (1968-1977)**”, de autoria da mestranda Cristiane Queiroz de Souza Assunção, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^ª. Dr^ª. Regina Helena de Freitas Campos – FAE/UFMG – Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Raquel Martins de Assis – FAE/UFMG – Co-orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Meily Assbú Linhales – EEEFTO/UFMG

Prof. Dr. Adriano Roberto Afonso do Nascimento – FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 26 de agosto de 2010

*A todas as crianças que me inspiram:
minhas filhas, meus sobrinhos e meus alunos.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de um modo ou de outro, estiveram presentes na construção desse trabalho.

À minha orientadora, Regina, pelas contribuições precisas e esclarecedoras.

À Raquel, co-orientadora, por compartilhar comigo os momentos de dúvidas e de descobertas ao longo do caminho, de uma forma agradável, competente e sensível.

Aos professores que contribuíram para minha formação humana e profissional, em especial a: Conceição, Marco Aurélio, Roberto e Ricardo, no ensino fundamental e médio; Meily, Tatá, Zé Alfredo e Hélder, na graduação; e a todos os professores do mestrado.

Aos colegas do mestrado e aos amigos da graduação que, mesmo trilhando caminhos diferentes, estiveram presentes através das marcas preciosas que deixaram durante o tempo em que convivemos.

Aos colegas de trabalho e alunos da EMPHB que me apoiaram, incentivaram e entenderam minhas ausências no período mais difícil da pesquisa.

Aos funcionários da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, pelo apoio no trabalho com a fonte.

Ao meu padrinho, Mário, pela ajuda - sempre generosa - no trabalho exaustivo de digitalização das revistas.

Aos meus irmãos e irmãs, pela convivência amorosa, pelos ensinamentos preciosos e pelo apoio.

À minha mãe, pelo amor, por me fazer acreditar sempre em mim mesma e por me ensinar, do jeito dela, que “conhecimento não ocupa espaço”.

Ao meu pai, pela sua expressão de orgulho a cada conquista minha - mesmo quando não sabia exatamente o significado dela -, o que dá muito mais sabor e sentido à minha caminhada.

À minha família. Ao Igor, pelo amor, pelo apoio e por entender e aceitar minhas ausências em decorrência deste trabalho. A Isabella e Letícia, pela tolerância durante o longo tempo que precisaram dividir a mamãe com os livros e o computador. Obrigada por darem sentido à minha existência!

*Por que prender a vida em conceitos e normas?
O Belo e o Feio... O Bom e o Mau... Dor e Prazer...
Tudo, afinal, são formas
E não degraus do Ser!*

Mário Quintana

RESUMO

Este estudo analisa as representações sociais dos corpos infantis na revista *Pais & Filhos* no período de 1968 a 1977, quando a publicação se considerava portadora de saberes modernos referentes aos cuidados e à educação das crianças. Ele parte da observação de que a infância, a partir da modernidade, tem sido revelada por uma série de especialistas, com base na legitimidade que os saberes científicos lhe conferem, e que esses saberes são vulgarizados através de diversos meios, como as revistas especializadas. Nesse sentido, investigo que representações sociais dos corpos infantis a revista *Pais & Filhos* veicula e, ao fazê-lo, que ideal de infância ela ajuda a construir e/ou legitimar. Busco compreender essas representações no sentido de identificar as aparências ou marcas que se constituem como referências consideradas desejáveis e indesejáveis nas crianças, bem como analisar as áreas do conhecimento que estão autorizadas a legislar sobre a infância e os saberes, sujeitos, práticas e instituições que participam dos processos de educação dos corpos infantis veiculados pela revista. *Pais & Filhos* é uma revista mensal voltada para família, principalmente para as mães, que trata de diversos assuntos relacionados primordialmente à criação dos filhos, desde o útero materno até a adolescência. A publicação é a mais antiga sobre o assunto circulante na atualidade, sendo publicada desde 1968, quase ininterruptamente. Foi realizada uma análise geral dos exemplares ao longo do período de 1968 a 1998, no intuito de compreender aspectos da materialidade da revista e de sua estrutura, tais como seções, assuntos recorrentes, dentre outros que se mostraram relevantes, bem como estabelecer um recorte temporal mais específico para a análise das representações dos corpos infantis. A partir dos dados levantados, foi identificado um grande apelo a práticas modernas de educação das crianças na primeira década da publicação – 1968 a 1977. Assim, interessou-me centrar a observação mais aprofundada nesse período, no intuito de compreender as representações ancoradas nesse discurso moderno. Elenquei 10 revistas – sendo uma por ano – para um exame mais minucioso. A partir da técnica de análise do conteúdo foram levantadas categorias surgidas no trato com a fonte e, em seguida, foi realizada uma análise qualitativa dos dados obtidos, utilizando a teoria das representações sociais como principal referencial para a interpretação. Os resultados apontam para representações que significam o corpo infantil como natural, reduzido ao caráter biológico, lugar dos sentidos e instintos e, portanto, ocupante de uma posição hierarquicamente inferior à mente. O corpo é ancorado na imagem da máquina, especificamente da máquina fabril. Em relação à questão estética, foi identificada uma aparência idealizada nas páginas da *Pais & Filhos*, que perpassa a questão das características físicas, como cor da pele, a cor dos olhos e composição corporal, e da apresentação do corpo, como a limpeza e as vestimentas. Trato também das representações sociais dos corpos infantis construídas a partir da oposição das categorias sadio *versus* doente e normal *versus* anormal. As representações analisadas revelam marcas da racionalidade moderna no projeto de educação dos corpos infantis da revista.

Palavras-chave: infância, corpo, representações sociais.

ABSTRACT

This study analyzes the social representations of children's bodies in the journal *Pais & Filhos* (Parents & Children) in the period from 1968 to 1977, when the publication considered itself a carrier of modern knowledge concerning care and education of children. It assumes the observation that since modernity children has been revealed by a number of experts, based on the legitimacy that the scientific knowledge gives it, and that such knowledge is vulgarized through various media such as specialized magazines. In that sense, I investigate which social representations of children's bodies *Pais & Filhos* magazine carries out and, in doing so, which childhood ideal it helps to build and/or legitimate. I seek to understand these representations in order to identify the appearances or traces which constitute references considered desirable and undesirable for children, and to analyze areas of knowledge that are allowed to legislate on childhood and the knowledge, subjects, practices and institutions involved in the educational processes of children's bodies conveyed by the journal. *Pais & Filhos* is a monthly magazine dedicated to family, especially to mothers, addressing several issues related primarily to raising children, from the womb to teenage. This is the oldest publication on the subject circulating currently, being published almost continuously since 1968. We have performed a general review of copies over the period 1968-1998 in order to understand aspects of the materiality of the magazine and its structure, such as sections, recurrent issues, among others, that seem to be relevant, and to establish a more specific time frame for the analysis of representations of children's bodies. From the data collected we have identified a great appeal to modern practices of raising children in the first decade of publication - 1968-1977. Thus, it interested me to focus a further observation on this period, in order to understand the representations rooted in modern discourse. I have enumerated ten magazines - one per year - for a closer look. From the technique of content analysis categories were raised that arise while dealing with the source and then, we performed a qualitative analysis of data obtained using the theory of social representations as the main reference for the interpretation. The results point to representations that signify the children's body as natural, reduced to the biological character, place of the senses and instincts, and thus occupying a position hierarchically inferior to the mind. The body is anchored in the image of the machine, specifically the manufacturing machine. Regarding the aesthetic question, we have identified an idealized appearance in the pages of *Pais & Filhos*, which deals with the issues of physical characteristics such as skin color, eye color and body composition, and the body presentation, such as cleaning and clothes. I deal also with the social representations of children's bodies, constructed from the opposition of the categories *healthy* versus *sick* and *normal* versus *abnormal*. The representations analyzed show marks of modern rationality in the design of education of the children's bodies in the magazine.

Keywords: childhood, body, social representations

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – “Êste Bebê É um Gênio? Não, Seu Filho Também Faz Isso”	28
FIGURA 2 – “Reflexos de um Acrobata”	30
FIGURA 3 – “Um Prêmios para Pais & Filhos”	32
FIGURA 4 – “No Encontro de Duas Células Tem Início o Show da Vida”	35
FIGURA 5 – “Uma Vida que Tem Pressa de se Desenvolver”	35
FIGURA 6 – “Estes Exames Salvam Muitas Vidas”	36
FIGURA 7 – “O Coração Não Bate Nem Há Respiração: o Bebê Está Sendo Operado”	37
FIGURA 8 – “O Instante em que Êste Bebê Nasceu”	38
FIGURA 9 – “Uma Vez Cesária, Sempre Cesária?”	38
FIGURA 10 – “Um Jeito Suave de Vir ao Mundo”	39
FIGURA 11 – “A Sensualidade Instintiva do Bebê Tem Muito a Nos Ensinar”	43
FIGURA 12 – “Consulte e Depois Chame um Médico”	44
FIGURA 13 – Capa Jan. 1970	45
FIGURA 14 – Lista de Consultores	56
FIGURA 15 – “Criança para Principiante”	63
FIGURA 16 – Propaganda Calcigenol	67
FIGURA 17 – “A Vida Livre dos Meninos da Fazenda”	74
FIGURA 18 – “Nós Também Temos Direitos”	75
FIGURA 19 – Propaganda Light	76
FIGURA 20 – “Êle Foi Nossa Primeira Capa”	78
FIGURA 21 – “Não Alimente Demais o Bebê: Ele Será um Adulto Eternamente Obeso”	81
FIGURA 22 – Propaganda Beibivit	83
FIGURA 23 – “Porque o Bebê Gosta de Ficar de Barriga para Baixo”	84

FIGURA 24 – “A Difícil Hora de Tomar Banho”	85
FIGURA 25 – “Moda Bang Bang”	86
FIGURA 26 – “Jeans, Um Barato que Está na Moda”	87
FIGURA 27 – “Sarampo: O Perigo das Pintinhas Vermelhas”	97
FIGURA 28 – “Comece Desde Cedo a Guerra à Tuberculose”	97
FIGURA 29 – “Comece Desde Cedo a Guerra à Tuberculose”	99
FIGURA 30 – “A Cura do Câncer Infantil”	99
FIGURA 31 – Tabela de Desenvolvimento	105
FIGURA 32 – “Assim Cresce Seu Filho”	110
FIGURA 33 – “Como Ajudar uma Criança Excepcional”	113
FIGURA 34 – “O que Fazem os Incríveis Bisturis dos Cirurgiões Plásticos”	114

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Consultores Científicos da <i>Pais & Filhos</i> (1968-1998)	55
--	----

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	12
1.1 – As Representações Sociais	16
1.2 – Metodologia	18
2 – PAIS & FILHOS: A REVISTA MENSAL DA FAMÍLIA MODERNA	22
3 – O CONHECIMENTO ESPECIALIZADO DA INFÂNCIA	51
4 – OS CORPOS INFANTIS NA PAIS & FILHOS: NATURAIS E BELOS ...	65
4.1 – Os Corpos Infantis: Minifábricas Naturais	65
4.2 – “O Corpo: Ele Vai Crescer na Vida. E que Seja Lindo!”	72
5 – CLASSIFICANDO OS CORPOS INFANTIS: NORMALIDADES E PATOLOGIAS	89
5.1 – Corpos Sadios Versus Corpos Doentes	91
5.2 – Corpos Normais Versus Corpos Anormais	104
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	124
REFERÊNCIAS DOS EXCERTOS	129
APÊNDICE	140

1 – INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se propõe a analisar a educação dos corpos infantis na revista *Pais & Filhos*, fundamentando-se na teoria das representações sociais. Ela visa compreender que representações sociais dos corpos infantis são veiculadas pela revista e, nesse sentido, que ideal de infância é legitimado pela mesma.

Educar uma criança nos dias atuais pode ser uma tarefa complexa e trabalhosa, mas não desconhecida. Afinal, não faltam informações a respeito na televisão, nas revistas, nos livros, na internet. Somos bombardeados por conhecimentos advindos de especialistas de diversas áreas, como medicina, psicologia, pedagogia, nutrição, dentre outras, que nos ditam o que fazer para que nossas crianças superem o período da infância da forma mais *normal* possível. Essas informações chegam até nós como verdades prontas, que não precisam ser refletidas ou questionadas. Elas trazem representações de uma infância ideal, de um modelo que deve ser seguido ou, pelo menos, almejado. Mas que infância é essa?

Lúcia Rabello de Castro (1998) destaca que as formas de representar a infância parecem se diferenciar não apenas de sociedade para sociedade, mas, principalmente, de um período histórico para outro. Podemos compreender os significados atribuídos à infância por uma determinada formação social ao analisar as diversas representações de infância que no imaginário social se articulam com o conjunto de representações dos outros momentos da vida. Nesse sentido é que a infância é entendida como uma construção social e histórica.

O sentido da infância, em cada contexto, é sempre uma construção humana e, conseqüentemente, uma construção discursiva. Entretanto, os discursos não são neutros, mas constituídos a partir de condições de materialidade e posições de poder: “as definições do que seja a criança e o adulto estão sempre enquistadas nas lutas, nos embates, nos confrontos e atritos entre os vários grupos de interesse da sociedade” (CASTRO, 2002, p.49). Os discursos resultantes desses confrontos – tornados hegemônicos – têm conseqüências constitutivas sobre o sujeito em formação:

a produção e o consumo de conceitos sobre a infância pelo conjunto da sociedade interferem diretamente no comportamento de crianças, adolescentes e adultos, modelando formas de ser e agir de acordo com as expectativas criadas nos discursos que passam a circular entre as pessoas (JOBIM E SOUZA; PEREIRA, 1997).

Assim, as representações de infância presentes, por exemplo, nos meios de

comunicação, ao ditar padrões de conduta, de beleza, de saúde, dentre outros, apesar de não retratarem a diversidade de infâncias existentes, acabam elegendo modelos ideais e, conseqüentemente, excluindo ou desvalorizando o que não se encaixa nestes padrões. Nesse sentido, essas representações constroem no imaginário social uma infância idealizada, padronizada.

As representações sociais veiculadas pela revista *Pais & Filhos* são ricas fontes para entender como um ideal de infância pode ser anunciado por um meio de comunicação, principalmente se tomarmos como referência de análise a educação dos corpos infantis nela presente.

O corpo é educado por saberes, práticas e pela materialidade do mundo que o cerca. Segundo Carmen Lúcia Soares (2003), moda, comida, religiões, arquitetura, mídia, medicina, ginástica, dentre muitas outras coisas, contribuem para essa educação que é onipresente, diuturna, intermitente e que se manifesta em tudo o que envolve indivíduos, grupos e sociedades. Essa educação marca os corpos desde a infância – ou sobretudo nela, conforme destaca a autora ao citar Georges Vigarello:

o corpo é o primeiro lugar onde a mão do adulto marca a criança, ele é o primeiro espaço onde se impõem os limites sociais e psicológicos destinados a sua conduta, ele é o emblema onde a cultura vem inscrever seus signos como também seus brasões (VIGARELLO, 1978, apud SOARES, 1996, p.1)

Cabe dizer que não se trata de um processo acidental ou desinteressado, pois, no que se refere à educação do corpo, “há formas específicas, codificadas, cognoscíveis, elaboradas com requinte e junção de saberes, de práticas e de vontade política que se impõem a cada época e que, talvez, hoje, o façam com uma velocidade sem precedentes” (SOARES, 2003). Nesse sentido, os corpos são “datados” e “endereçados”, ou seja, pode-se pensá-los como representações de uma época e de uma sociedade.

Pensar o corpo como representação requer considerar a sua constituição enquanto construção cultural, em oposição a entendimentos que o reduzem a seu aparato biológico. É através dos seus corpos que homens e mulheres assimilam e se apropriam de valores, normas e costumes sociais, em um permanente processo de *incorporação*. Dessa forma, é por meio de seu corpo que os seres humanos aprendem, constroem e ressignificam a cultura (DAOLIO, 1994). Ou, como afirma Carmem Lúcia Soares (2001), os corpos são lugares de inscrição da cultura. Por esses motivos, a análise das representações sobre o corpo oferece uma via de acesso à estrutura de uma sociedade particular, já que cada sociedade elege os atributos que

configuram o seu ideal de homem, tanto do ponto de vista intelectual ou moral quanto do ponto de vista físico (DAOLIO, 1994).

Assim, o corpo é, antes de tudo, linguagem. É uma palavra polissêmica e, conseqüentemente, um objeto histórico. O corpo, enquanto linguagem, como todas as dimensões da cultura, está em constante transformação. Nesse sentido é que ele deve ser entendido como um processo: “memória mutante das leis e dos códigos de cada cultura, registro das soluções e dos limites científicos e tecnológicos de cada época, o corpo não cessa de ser (re)fabricado ao longo do tempo.”(SANT’ANNA, 2005, p.12).

Se considerarmos o corpo na contemporaneidade, a sua dimensão de linguagem se exacerba, haja vista que a exposição dos corpos está em alta e que vivemos em uma sociedade fascinada pela comunicação. O corpo é coagido a produzir informação, é chamado a se expressar e a ter seus gestos traduzidos, como se tudo devesse ser comunicado, interpretado, esclarecido pela linguagem. E diante dessa exposição do corpo – que é principalmente midiática – surge a exigência de ser fotogênico. O corpo, atualmente, tornou-se a principal marca identitária. Os sujeitos são identificados com o que os seus corpos demonstram ser (SANT’ANNA, 2001).

Guacira Lopes Louro (2001) atenta para o perigo dessas identificações, argumentando que elas são complexas e podem ser, muitas vezes, equivocadas, posto que o corpo é inconstante em seus desejos e necessidades, e se altera de acordo com vários fatores. O importante talvez seja questionar como determinada característica passou a ser significada como uma marca definidora da identidade e que significados, em determinada cultura, estão sendo atribuídos a certas aparências. De qualquer forma, a autora concorda que o investimento no corpo tem sido grande, a fim de adequá-los a diversos critérios estéticos, higiênicos e morais, construídos culturalmente.

E nesse processo de construções identitárias a partir das aparências são gerados sentimentos de pertencimento ou de exclusão, de acordo com a possibilidade de proximidade ou distanciamento dos modelos socialmente aceitos. Para a construção destes modelos há uma tensão entre as diversas representações, numa espécie de jogo de poder, mas esse jogo está longe de ser equilibrado, sendo que as representações vencedoras acabam por ditar a moda, produzindo efeitos ligados à produção de identidades, reforçando as relações de poder. “Distintas e divergentes representações podem, pois, circular e produzir efeitos sociais. Algumas delas, contudo, ganham uma visibilidade e uma força tão grandes que deixam de ser percebidas como representações e são tomadas como sendo a realidade.” (LOURO, 2001, p.16). Esta realidade, construída a partir das representações predominantes, acaba sendo

incorporada pelos sujeitos. Não se trata de uma assimilação mecânica dos valores dominantes, pois os sujeitos possuem a capacidade de reconstrução desses valores. Mas, o embate entre o corpo ideal e os corpos dos sujeitos gera conflitos, valores, sentimentos e práticas; isso, sim, é *incorporado*.

Assim, o corpo é entendido como uma categoria fundamental ao se analisar as representações sociais da infância na revista, pois é entendido em um duplo sentido: em primeiro lugar, como representação, através dos discursos sobre ele – seja textos ou imagens – presentes na revista; por último, como o lugar onde os significados expressos por estes discursos vão encontrar ressonância, já que, conforme destacamos, as representações são *incorporadas* pelos sujeitos. Nesse sentido é que entendo que a *Pais & Filhos* se constitui como um veículo de educação dos corpos infantis.

Assim, essa pesquisa nasce a partir de alguns questionamentos. Considerando que a infância atualmente tem sido revelada por uma série de especialistas, que possuem autoridade para falar sobre ela com base na legitimidade que os saberes científicos lhes conferem, e que estes saberes são divulgados ou vulgarizados através de diversos meios, dentre eles as revistas voltadas para o cuidado e a educação das crianças, faz-se necessário perguntar: Que saberes sobre a infância estas revistas divulgam? Quem ou que áreas do conhecimento estão nelas autorizadas a falar sobre a infância e, dessa forma, participar da sua construção? Considerando, ainda, os corpos enquanto lugares de representação e incorporação da cultura, cabe também questionar: Que representações sobre os corpos infantis estas revistas trazem e, nesse sentido, que concepções de infância elas ajudam a legitimar?

Tendo como base estas questões, investigo neste estudo que representações sociais dos corpos infantis a revista *Pais & Filhos* veicula e, ao fazê-lo, que infâncias ela ajuda a construir e/ou legitimar, tendo como foco de análise a educação dos corpos infantis na revista, o que se constitui como o objetivo geral da pesquisa. Os objetivos específicos foram: a) Compreender as representações sobre os corpos infantis na revista, no sentido de identificar que aparências ou marcas se constituem como referências consideradas desejáveis e indesejáveis nas crianças; b) Analisar que áreas do conhecimento estão autorizadas a legislar sobre a infância; c) Investigar os saberes, sujeitos, práticas e instituições que participam dos processos de educação dos corpos infantis veiculados pela revista.

A escolha da revista *Pais & Filhos* se justifica por fatores diversos. *Pais & Filhos* é, dentre as revistas sobre cuidados e educação das crianças circulantes atualmente, a mais antiga. O primeiro número da publicação data de 1968. O Brasil vivia, naquele ano, em regime ditatorial, com grande repressão por parte do governo militar, o que culminou com o

decreto do AI-5, que suspendeu os direitos políticos e aumentou a censura. Por outro lado, eram intensos os movimentos de contestação, tais como as entidades estudantis clandestinas, expressões culturais como a música e o teatro, e o avanço do feminismo. Em meio a esse contexto, o que significava a criação de uma revista como a *Pais & Filhos*? De que forma ela dialogava com os valores da época? Estes questionamentos foram tomados como ponto de partida do estudo.

Outro fator que justifica a escolha da revista é o seu prestígio atual. É provável que suas reportagens circulem em salas de espera de consultórios médicos, escolas de educação infantil, maternidades e lares diversos. De acordo com uma pesquisa realizada no ano de 2004, divulgada pelo departamento comercial da revista, *Pais & Filhos* é lida por aproximadamente 772.560 leitores. Destes, 79% são do sexo feminino e 30% possuem de 20 a 29 anos. Atualmente, a revista *Pais & Filhos* se coloca como uma publicação voltada para a família, direcionada principalmente aos pais de crianças de até sete anos. Sua missão é auxiliar os pais no cuidado e educação dos filhos: “Acreditamos também que ninguém educa sozinho: precisamos da ajuda de avós, tios, compadres, amigos, pediatras, professores e... revista! Cada um com o seu papel”¹.

Podemos ponderar a respeito da revista tal como Maria Cristina Gouvêa (2006) o faz sobre a literatura. A autora argumenta que os textos indicam-nos expectativas sociais em relação à infância num determinado período histórico, revelando as representações sociais que informam a produção de tais textos.

Nesse sentido, entendo a publicação como um importante veículo de saberes especializados sobre a infância, direcionado a um público específico – os responsáveis diretos pela educação das crianças, – que traz, portanto, um projeto de construção da infância ideal.

1.1 - As Representações Sociais

Segundo Serge Moscovici (1978), o conceito de representação social não é tão fácil de apreender, como o reconhecimento da presença das representações sociais na vida cotidiana: “a maioria das relações sociais estabelecidas, os objetos produzidos ou consumidos, as comunicações trocadas, delas estão impregnados” (MOSCOVICI, 1978, p.41). Wilhelm Doise (1985) entende que o conceito é polissêmico, no sentido de que denota um grande

¹ <http://revistapaisefilhos.terra.com.br>

número de fenômenos e de processos, e faz um apanhado sobre os seus sentidos na obra de Moscovici:

É uma instância intermediária entre conceito e percepção; [...] se situa nas dimensões de atitude, de informação e de imagem; [...] contribui na formação das condutas e na orientação das comunicações sociais; [...] chega aos processos de objetivação, de classificação e de ancoragem; [...] se caracteriza pela focalização sobre uma relação social e uma pressão à inferência; e sobretudo [...] se elabora em diferentes modalidades de comunicação: a difusão, a propagação e a propaganda (DOISE, 1985, p.2).

Entretanto, para esta pesquisa interessa, especialmente, uma das funções das representações sociais, que é tornar acessíveis os conhecimentos da ciência, transferindo-os de um universo reificado para um universo consensual:

Nossos mundos reificados aumentam com a proliferação das ciências. Na medida em que as teorias, informações e acontecimentos se multiplicam, os mundos devem ser duplicados e reproduzidos a um nível mais imediato e acessível, através de uma forma e energia próprias. Com outras palavras, são transferidos a um mundo consensual, circunscrito e re-apresentado (MOSCOVICI, 2003, p.60).

Nesse sentido, Moscovici nos auxilia a compreender que as representações sociais têm grande importância na construção de um senso comum que, segundo o autor, nada mais é do que “a ciência tornada comum” (MOSCOVICI, 2003, p.60).

Na construção das representações sociais, dois processos estão envolvidos: a ancoragem e a objetivação (MOSCOVICI, 2003). Ancorar significa, basicamente, classificar e nomear o objeto representado, que deve ser alocado em categorias disponíveis no imaginário da sociedade na qual ele é pensado. Objetivar significa atribuir a uma ideia abstrata uma qualidade icônica, a fim de torná-la palpável, familiar.

Outra importante questão para este trabalho é a ideia de que as representações sociais são elaboradas na e através das relações de comunicação (DOISE, 1985). Para Moscovici, o adjetivo “social” do conceito diz respeito à sua função de direcionamento das comunicações e relações sociais: “a representação contribui exclusivamente para os processos de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais” (MOSCOVICI, 1978, p.77). É a partir desse entendimento de Moscovici, que Doise propõe que “as representações sociais são princípios geradores de tomadas de posição ligadas a inserções específicas em um conjunto de relações sociais e organizando os processos simbólicos que intervêm nessas relações” (DOISE, 1985, p.3).

Com base nessas reflexões, a revista *Pais & Filhos* pode ser pensada como um meio de tornar acessíveis às famílias os conhecimentos advindos das ciências que têm como objeto de estudo a criança, haja vista que ela apresenta discursos de diversos especialistas. Ela constrói e veicula representações sociais da infância que, por sua vez, circulam na sociedade e se tornam referência nos processos subjetivos de apropriação do conhecimento e de tomada de decisão. Assim, é importante enfatizar que as representações sociais não apenas refletem a realidade, mas participam da sua construção, conforme o entendimento de Moscovici, que não as considera “como “opiniões sobre” ou “imagens de”, mas como “teorias”, “ciências coletivas” sui generis, destinadas à interpretação e elaboração do real” (MOSCOVICI, 1978, p.50).

Portanto, justifica-se a análise das representações sociais da infância na revista à medida que estas não apenas possibilitam a aproximação do contexto de sua produção, mas, principalmente, elucidam intenções e projetos de construção da realidade da infância, ao orientar as famílias no cuidado e educação das crianças. Estas orientações são apresentadas no tratamento de diversos assuntos, tais como saúde, comportamento, educação, moda, literatura, lazer, etc., por pessoas autorizadas a fazê-lo. Elas têm como suporte e como propósito os corpos infantis, já que o corpo é portador de significados e que toda educação pressupõe uma dimensão corporal.

1.2 – Metodologia

Trata-se de uma pesquisa documental de caráter qualitativo. A partir de uma análise geral preliminar da revista ao longo do tempo e da busca de informações sobre a editora e o contexto da publicação foi estabelecido um primeiro recorte: de 1968, ano da criação da revista, até 1998, quando a publicação completava 30 anos.

A justificativa desse recorte está relacionada com a própria situação da Editora Bloch no final da década de 1990. A partir de 1983, as Empresas Bloch lançaram a Rede Manchete de Televisão e o setor editorial acabou relegado a segundo plano. No entanto, a TV entrou em grande crise financeira, que acabou arrastando a editora. Em 1998, a empresa se encontrava em uma situação econômica delicada, com grandes dívidas, inclusive trabalhistas. Em 1999, devido a uma dívida de 250 milhões de reais, pediu concordata, o que culminaria com a falência um ano depois, por não conseguir pagar a primeira parcela da dívida. No final de 2000, um grupo de ex-funcionários ganhou na justiça o direito de publicar alguns títulos da

editora, inclusive *Pais & Filhos*, por meio da empresa Massa Falida Bloch Editores S.A. Entretanto, no final de 2002 os títulos da editora falida foram leiloados. Marcos Dvoskin, ex-diretor geral da Editora Globo comprou-os e publicou o número 400 da *Pais & Filhos* em julho de 2003 através da Manchete Editora, que continua a publicação até a atualidade².

A crise financeira e a mudança de editora certamente foram acontecimentos significativos que ocasionaram transformações na revista. Uma delas, percebida através de uma análise panorâmica da publicação ao longo dos tempos, é a menor relação com a ciência, o que pode ser concluído pela exclusão da lista de consultores científicos da revista, o que era anunciado no período da Editora Bloch como fator de seriedade e de confiabilidade da publicação. Além disso, nos períodos de crise e de mudança muitos exemplares deixaram de ser publicados. Assim, levada pela necessidade de fazer um recorte pelas próprias limitações temporais que uma pesquisa de mestrado comporta, optei por circunscrever a análise inicial aos trinta primeiros anos – 1968 a 1998.

Mesmo utilizando este recorte, o volume de material a ser analisado continuava sendo bem superior à possibilidade de uma análise aprofundada, já que se trata de uma revista mensal³. Assim, outro recorte foi estabelecido a partir da análise inicial, na qual foi realizado um levantamento geral da publicação, observando aspectos da materialidade da revista e de sua estrutura, tais como seções, assuntos recorrentes, dentre outros que se mostraram relevantes. Elegi também os artigos que pareciam tratar mais especificamente da educação dos corpos infantis, identificados a partir de palavras-chave definidas a priori e também surgidas a partir do trato com a fonte, como higiene, desenvolvimento, moda, esporte, brincar, sexualidade, saúde, beleza, deficiência, reflexos, correção, dentre outras.

A partir dos dados levantados, foi identificado um grande apelo a práticas modernas de educação das crianças na primeira década da publicação – 1968 a 1977. Assim, interessou-me centrar o exame mais aprofundado nesse período, no intuito de compreender as representações dos corpos infantis ancoradas nesse discurso moderno. Nesse sentido, elenquei 10 revistas – sendo uma por ano – para uma análise mais minuciosa. Foram escolhidas revistas que pareciam representar bem o conjunto de edições de cada ano em relação aos assuntos tratados.

Selecionado esse material, foi realizada a leitura e primeira análise das revistas que compõem a amostra. Noventa e quatro artigos foram escolhidos, tomando como critério o

² Informações obtidas a partir do trabalho de PIETRANTI (2006) e do site Tele História: <<http://www.telehistoria.com.br/canais/emissoras/manchete/manchete.htm>>.

³ Foram encontradas 318 revistas das 362 publicadas durante o período de 1968 a 1998.

fato de trazerem explícitos no texto elementos que procuram descrever ou caracterizar o corpo infantil⁴. Essa forma de seleção permitiu analisar as representações sociais em artigos sobre uma gama variada de assuntos, e não apenas nos que tratam da educação do corpo, o que a meu ver possibilita um exame mais ampliado.

A análise dos artigos obedeceu ao seguinte procedimento: realização de uma primeira leitura completa de cada artigo; a partir dessa leitura levantamento dos trechos que descreviam o corpo, buscando as palavras e termos relacionados a tais descrições. Em seguida, foi feita uma análise qualitativa dos dados obtidos, levando em consideração as categorias encontradas e utilizando a teoria das representações sociais como principal referencial para a interpretação dos resultados. As imagens dos artigos foram utilizadas como suporte e examinadas em conjunto com a análise do texto, tendo em vista que as imagens podem ser consideradas como fazendo parte do discurso de cada artigo e, portanto, como portadoras de representações sociais acerca do corpo infantil.

As categorias encontradas foram agrupadas em quatro grandes grupos de representações: 1) corpo infantil significado como natural (organismo biológico, portador de instintos e sentidos); 2) estética do corpo (aparência, características físicas); 3) classificação do corpo infantil em relação à dualidade saúde *versus* doença; 4) classificação do corpo infantil em relação à dualidade normal *versus* anormal. O APÊNDICE traz um exemplo de categorização dentro de cada um dos grupos construídos. Os quadros apresentados contêm trechos que podem ir além da categoria que eles representam, pois o mesmo texto pode se enquadrar em mais de uma categoria. Optei por não segregá-los para que o contexto do artigo como um todo não fosse perdido.

A dissertação está organizada em seis capítulos. Este primeiro capítulo introduz o problema da pesquisa e explicita o referencial teórico adotado e a metodologia utilizada. O segundo capítulo descreve a revista *Pais & Filhos* no período de 1968 a 1998, destacando aspectos da sua materialidade e de sua história, além de levantar dados referentes a circulação, tiragem, perfil dos leitores, seções, assuntos e objetivos. O foco do capítulo, entretanto, é explicitar a pretensão da publicação de se constituir como uma revista moderna, buscando analisar em que medida esse discurso moderno se aproxima do projeto de modernização brasileira do início do século XX.

O terceiro capítulo trata da captura da criança por seus diversos especialistas a

⁴ Entendo que praticamente todos os artigos sobre a criança trazem uma caracterização do corpo infantil, mesmo que somente a partir das imagens ou implícitos no texto. Assim, o fato dessa descrição ser feita de forma explícita se configurou como o recorte de seleção.

partir da modernidade e a conseqüente associação da infância à noção de desenvolvimento, o que resultou na preponderância da autoridade dos especialistas sobre a dos pais. Com base nessa ideia de uma construção da infância ideal a partir dos conhecimentos científicos, e considerando de grande importância o papel da revista no processo de vulgarização desses conhecimentos, descrevo nesse capítulo a relação da *Pais & Filhos* com a ciência, analisada a partir da primeira fase da pesquisa, relativa aos 30 primeiros anos da publicação. Procuo avaliar também a dimensão da presença dos discursos dos diferentes sujeitos na publicação: especialistas, redatores, pais e crianças.

No quarto capítulo inicio a descrição das representações sociais dos corpos infantis na *Pais & Filhos* no contexto em que a revista se julga como portadora de uma concepção moderna de educação das crianças (1968 - 1977) e apresento os dois primeiros grandes grupos de representações. Na primeira parte são discutidas as significações do corpo infantil como natural e ocupante de uma posição hierarquicamente inferior à mente e, portanto, objeto a ser controlado por ela. Assim, analiso sua acepção como reduzido ao caráter biológico, como lugar dos sentidos e instintos e objetivado pela imagem da máquina, especificamente da máquina fabril. Na segunda parte, trato da questão estética desse corpo, apresentando a sua aparência idealizada nas páginas da *Pais & Filhos*, que perpassa a questão das características físicas, como cor da pele, a cor dos olhos e composição corporal, e da apresentação do corpo, como a limpeza e as vestimentas.

Continuando a descrição das representações no contexto moderno, o quinto capítulo traz o terceiro e o quarto grupos de representações, discutindo as representações sociais dos corpos infantis construídas a partir da oposição das categorias sadio *versus* doente e normal *versus* anormal. Essas comparações são tratadas de forma separada para melhor consideração das particularidades desses termos, entretanto elas se emaranham no discurso da revista, haja vista que a questão da norma perpassa também tanto as questões da saúde quanto as da aparência. Na primeira parte analiso as representações que explicitam o ideal de corpo sadio na publicação. Na *Pais & Filhos* o tema da normalidade se vincula mais ao tema do desenvolvimento infantil, aspecto abordado na segunda parte do capítulo.

O último capítulo traz as considerações finais, não no sentido de uma conclusão do trabalho, mas buscando articular as diferentes representações da *Pais & Filhos* sobre os corpos infantis e analisar em que medidas elas se aproximam do projeto da modernidade, e, principalmente, procurando indicar novas possibilidades de exploração do tema e da publicação, que se constitui como uma rica fonte de pesquisas sobre a educação da infância e da família.

2 – PAIS & FILHOS: A REVISTA MENSAL DA FAMÍLIA MODERNA

Pais & Filhos é uma revista mensal voltada para família, principalmente para as mães, que trata de diversos assuntos relacionados primordialmente à criação dos filhos, desde o útero materno até a adolescência. A publicação é a mais antiga sobre o assunto circulante na atualidade, contando com mais de 40 anos de existência. Este capítulo trata das características da revista nos primeiros 30 anos: 1968 a 1998.

Pais & Filhos traz em sua capa imagens de crianças, algumas vezes ao lado da figura da mãe ou do pai (o que era mais raro). Geralmente, as páginas seguintes contêm um índice dos artigos e seções e, a partir do final de 1974, um editorial, apresentando e comentando os assuntos tratados na edição. A revista possui também várias peças publicitárias. As seções, sobre diversos assuntos, variam bastante durante o período estudado e serão explicitadas ao longo do capítulo.

Em relação à sua materialidade, *Pais & Filhos* sofre poucas mudanças durante os anos analisados. O formato, durante quase todo o período é de 28 cm x 21,5 cm. Apenas em meados de 1996 muda para 26 cm x 20 cm. O número de páginas varia entre 108, no início dos anos 1990, a 172, em 1989. No final do período analisado – ano de 1998 – *Pais & Filhos* conta com 124 páginas. A qualidade do papel, da impressão e das imagens parece acompanhar os avanços tecnológicos ao longo do tempo estudado. Mas, desde os primeiros números, a publicação já conta com várias ilustrações coloridas, que se constituem como maioria em relação às preto e brancas. Em meados da década de 1980 estas praticamente não aparecem mais. As cores da revista de uma forma geral também se fazem cada vez mais presentes. O editorial da edição de agosto de 1990 anuncia⁵: “Aí está PAIS & FILHOS totalmente nova. Muito mais colorida, emocionante, bonita”⁶. O apelo visual ganha cada vez mais importância. De uma revista com uma quantidade significativa de imagens, porém repleta de textos relativamente extensos, a revista vai ganhando cada vez mais imagens, que começam a ocupar o espaço dos textos, que vão ficando menores.

A revista é publicada pela primeira vez em setembro de 1968, pela Editora Bloch, situada no Rio de Janeiro. A Editora era de propriedade da família Bloch, que iniciou seus negócios com uma gráfica em seu país de origem – a Ucrânia. Em 1922 a família vem para o

⁵ As referências dos trechos retirados da revista, ao contrário das outras referências, serão colocadas em notas de rodapé, para se diferenciarem e não comprometerem a fluidez do texto.

⁶ LEAL, 1990b, p. 3.

Brasil, devido às dificuldades vivenciadas após a revolução socialista na Rússia. Aqui, os Bloch reabrem sua gráfica – Joseph Bloch e Filhos – comandada pelo patriarca, Joseph, com a ajuda de seus três filhos homens: Bóris, Arnaldo e Adolpho. Posteriormente, os irmãos assumem os negócios da família e em 1952 se lançam no mercado editorial através da publicação de *Manchete*, a revista semanal que se torna a mais importante publicação da editora durante toda a sua existência. Com a morte dos irmãos no final da década de 1950, Adolpho assume o comando da empresa. Vários de seus familiares também se inserem na editora, entre eles o sobrinho Pedro Jack – o Jaquito – idealizador da *Pais & Filhos*. (BLOCH, 2008).

Não foram encontrados indícios da existência de outra publicação do gênero de grande expressão naquele contexto. Maria Simone Schwengber (2006) destaca que *Pais & Filhos* foi pioneira em relação às outras revistas existentes atualmente, reinando quase sozinha nas bancas até a década de 1990. Entretanto, os assuntos tratados pela *Pais & Filhos* já estão presentes em outros periódicos mais antigos. Dulcília Buitoni (1990) destaca que a grande imprensa feminina no Brasil tem início em 1952, com a revista *Capricho*, da Editora Abril, que se constituía primordialmente por fotonovelas. A própria Bloch lança *Sétimo Céu*, no mesmo estilo, em 1958. No ano seguinte, nasce *Manequim*, da Abril, uma revista de moldes para costura. Em 1961 a mesma editora publica *Cláudia*, que tratava principalmente de moda, beleza, culinária, decoração. Não é o caso de enquadrar *Pais & Filhos* na categoria de imprensa feminina, pois, apesar de seu discurso ser voltado sobretudo para as mulheres, ela se intitula como uma revista para a família. A própria autora problematiza essa relação, dizendo que se alguns autores considerariam revistas desse tipo como imprensa feminina, outros a entenderiam como imprensa especializada sobre a família. Mas, apesar de não abordar especificamente as publicações sobre família, a autora dá um panorama sobre as revistas femininas da época, que possuem certa proximidade com a *Pais & Filhos*, seja no conteúdo ou no público a que se destina, o que auxilia a perceber o contexto no qual a publicação se insere (BUITONI, 1990).

A publicação nasce com a proposta de ser uma alternativa moderna de orientação às famílias. Traz o slogan “A Revista Mensal da Família Moderna”, estampado na capa desde a sua criação até o final de 1972. Monica Pimenta Velloso (2006) auxilia a pensar o sentido controverso do termo moderno ao tratar das percepções do mesmo nas revistas cariocas do período de 1900 a 1930:

Se de um lado ele é prontamente associado à materialidade das conquistas

tecnológicas e ao desenvolvimento do processo urbano-industrial, de outro é marcante sua vinculação à esfera das idéias e das representações, enfatizando-se a urgência de construir um “modo de ser nacional”, capaz de traduzir o pensamento brasileiro e seu lugar no concerto civilizatório. As revistas apresentam-se como órgão de ponta na construção, na veiculação e na difusão do ideário moderno, compreendido em sua mais ampla acepção. (p. 316)

Apesar de a autora analisar periódicos de pelo menos quatro décadas anteriores, o discurso moderno continua presente na *Pais & Filhos* e esse duplo sentido do termo é claramente percebido na publicação. De um lado, as conquistas da ciência e da tecnologia são amplamente vangloriadas, como a aparelhagem para novos exames, as conquistas da genética e da obstetrícia. Por outro lado, todo um ideal civilizatório é veiculado através dos saberes científicos e das práticas que visam a educação dos corpos das crianças, como a medicina, a higiene, a moda e a psicologia.

A construção de um “modo de ser nacional”, atrelada à ideia de modernidade, também se expressa na *Pais & Filhos*. A partir de depoimentos publicados na própria revista, é possível concluir que a inspiração para a sua criação parece ter partido de outras publicações do gênero existentes em outros países, como Alemanha e Estados Unidos. Outras revistas do mesmo tipo são lançadas também na Itália e na França, o que acontece simultaneamente ao lançamento da *Pais & Filhos*, conforme o depoimento da jornalista Lila May Bueno⁷. O depoimento de José-Itamar de Freitas, no entanto, confirma a existência de tais publicações em outros países, mas defende a ideia de que “não se fizera nada igual, ainda, no jornalismo brasileiro, nem lá fora”. Completa, dizendo que as revistas estrangeiras “podiam ter servido de modelo, de ponto de partida, de parâmetro, de idéia de mercado [...] só que a revista nascia nossa, Brasil, universal”⁸. Na matéria comemorativa dos seus 13 anos, a revista ratifica que o desafio maior da equipe “foi encontrar o jeitinho brasileiro de tratar os mesmos assuntos”⁹. Assim, embora inspirada em publicações estrangeiras, de países considerados “desenvolvidos”, *Pais & Filhos* se orgulha de ser brasileira e defende a sua originalidade em relação às demais.

Em algumas edições da segunda metade da década de 1970, a revista traz frases nacionalistas na última folha, próximas aos dados sobre a editora, como as que se seguem:

Petróleo brasileiro – caminho da auto-suficiência, economia de divisas,

⁷ 10 ANOS, 1978.

⁸ 10 ANOS, 1978, p.86.

⁹ QUEREMOS, 1981, p.47.

gerador de riquezas e de segurança, motivo de júbilo nacional.¹⁰

Exército Brasileiro. Escola de civismo e fator de segurança e de integração nacional.¹¹

Patriotismo e austeridade.¹²

Tendo em vista que as frases ocupam um espaço de pouco destaque – espaço inferior da última página – pode-se pensar que elas podem estar presentes para que a revista escape da censura à imprensa, forte naquele contexto. Entretanto, os dados expressos acima sobre a inserção da *Pais & Filhos* em um projeto civilizatório brasileiro levam a crer que as frases parecem expressar o ponto de vista da Editora Bloch.

Mesmo nas edições mais recentes da *Pais & Filhos* o discurso modernizador continua presente. Dulcília Buitoni (1990), ao analisar revistas voltadas para a mulher, problematiza esse discurso que, no entendimento da autora, está relacionado mais recentemente com o apelo a gozar dos bens e valores produzidos por uma sociedade desenvolvida: bem-estar, liberação, poder de consumo – tudo envolto em um clima de novidade. Entretanto, recorrendo ao pensamento de Micèle Mattelart (1977), a autora defende que “o “moderno”, fundado no desenvolvimento tecnológico e nos modismos que se sucedem, apenas cria o simulacro da novidade e da mudança. Não há renovação; há, sim, acomodação” (BUITONI, 1990, p. 70). O entendimento de Cynthia Greive Veiga (2004), baseado nas discussões de Baudrillard, parece bastante adequado para esclarecer essa ideia e discutir o sentido do termo presente na revista. A autora não acredita ser possível tomar a noção de modernidade como conceito, mas pode-se pensar em uma lógica da modernidade, que consiste em uma “moral canônica da mudança”, oposta à “moral canônica da tradição”, porém com a preocupação de se resguardar da mudança radical. Nesse sentido, a modernidade assume uma função de regulação cultural, em associação com a tradição. Esse movimento pode ser percebido na *Pais & Filhos*: há uma grande valorização do conhecimento científico (como será explicitado mais à frente) e uma frequente desvalorização de saberes tradicionais, como os das parteiras e das avós. Mas, ao mesmo tempo, esses conhecimentos de senso comum são constantemente trazidos à tona, através de depoimentos de mães, grávidas, etc.

Muitas matérias publicadas em ocasião de aniversários da *Pais & Filhos* apresentam depoimentos de várias pessoas envolvidas na história da revista que ilustram como, no contexto em que surgiu, a publicação é considerada inovadora. Vários testemunhos

¹⁰ Pais & Filhos, mar. 1975.

¹¹ Pais & Filhos, ago. 1975.

¹² Pais & Filhos, fev. 1977.

demonstram que há certa hesitação por parte da editora em lançar uma revista “inteiramente dedicada à família”, conforme a própria revista se descreve, projeto que foi considerado “arrojado demais” para a época¹³. Havia dúvidas em relação à aceitação da revista pelo público, conforme a matéria publicada na edição de aniversário do ano de 1981¹⁴ e o depoimento de José-Itamar de Freitas, primeiro editor da revista, publicado em 1987:

Quando começamos a fazer a PAIS & FILHOS, ficamos perguntando para nós mesmos se o Brasil estava pronto para uma revista que falasse de amor, casamento, embrião, feto, bebê, adolescente, escola, educação sexual, psicologia, universo familiar.¹⁵

Por outro lado, Pedro Jack Kapeller, o Jackito, considera na abertura da edição comemorativa de 30 anos da revista que o contexto da época demandava uma publicação do gênero: “[...] num momento em que o mundo passava por transformações radicais. Todos os movimentos políticos, sociais e culturais que mudaram nossa sociedade estavam em plena ebulição. PAIS & FILHOS chegou na hora certa, tornando-se indispensável”¹⁶.

A forma encontrada para abordar temas controversos na época - considerados tabus, mas constantemente abalados por movimentos contestatórios, como o feminismo e os movimentos estudantis - a meu ver, foi buscar o respaldo da ciência e mesmo da religião¹⁷, instituições poderosas vistas como detentoras de uma verdade indubitável naquele contexto. Segundo o depoimento da jornalista Lila May Bueno, que fez parte da primeira equipe da *Pais & Filhos*, a revista acreditava que havia chegado a hora de tratar desses temas, “respaldada num corpo de consultores selecionados entre as maiores autoridades nacionais nas diversas especialidades: psicologia, clínica geral, pediatria, religião, sociologia, ginecologia, obstetrícia, cardiologia”¹⁸. Segundo Roberto Barreira, diretor editorial em 1983, “nenhuma outra revista pesquisa tanto os assuntos que aborda, avalizando-os através de consultores escolhidos entre os mais respeitados especialistas do país”¹⁹. Nos anos de 1984 e 1985, em propagandas sobre os seus 16 anos, a publicação anuncia: “os melhores pediatras e

¹³ 10 ANOS, 1978.

¹⁴ QUEREMOS, 1981.

¹⁵ 20 ANOS, 1987, p.55.

¹⁶ KAPELLER, 1997, p. 3.

¹⁷ Pais & Filhos contou com consultores no assunto até o final de 1977. Tratava-se de freis da igreja católica, mas que eram também doutores em teologia e professores. Entretanto, os consultores atuavam mais emitindo a visão religiosa sobre assuntos abordados do que propriamente tratando de assuntos específicos sobre religião.

¹⁸ 10 ANOS, 1978, p.86.

¹⁹ PAIS, 1983, p.48.

especialistas do Brasil estão na Revista Pais & Filhos”²⁰. Na matéria comemorativa de 19 anos, declara: “consultores: a fonte da credibilidade”²¹.

Se a revista, para adquirir confiabilidade e seriedade, se apoia na ciência, esta também sai lucrando nessa relação. Afinal, como avalia Bernardo Jeferson de Oliveira (2003), a questão da divulgação é essencial para a legitimação da ciência. Um dos pediatras consultores da revista, o Dr. Luis Eduardo Vaz Miranda, ao ressaltar a importância que o respaldo científico traz a *Pais & Filhos*, em depoimento sobre os 25 anos da publicação, traz à tona a questão da divulgação:

Como consultor da revista, considero importante não só a possibilidade de divulgação do conhecimento científico, bem como – o mais importante e incomum – o cuidado e a fidelidade com que o registra. [...] A meu ver, esses são alguns dos aspectos que justificam a aceitação de PAIS & FILHOS, há tanto tempo, pelo público, certamente o maior testemunho de sua credibilidade.²²

O Dr. Rinaldo De Lamare, conceituado consultor da revista durante todo o período analisado, considera que “publicando a PAIS & FILHOS, a Editora Bloch contribui, de forma substancial, para o progresso da puericultura em nosso país”²³, depoimento que elucida a relação de mão dupla entre revista e ciência. Já o Dr. Euclésio Bragança, representante da Integralmédica S.A., destaca a importância social da divulgação científica e a contribuição da revista nesse processo, ao ponderar que “através desses anos, o conhecimento médico e nutricional deixou de ser privilégio exclusivo dos médicos e paramédicos, para chegar àqueles que, efetivamente, cuidam da criança por toda a vida”²⁴.

Alguns depoimentos, dentre eles o da editora Ângela Teresa, que na ocasião do lançamento da *Pais & Filhos* era estudante de Comunicação, mostra que a campanha publicitária realizada pela editora provavelmente tinha grandes intenções de surpreender, de espantar, de aguçar a curiosidade do público:

Uma das coisas que mais me marcaram foi a campanha de lançamento da revista, com cartazes – que nós, estudantes de Comunicação, chamávamos pomposamente de out-doors – espalhados pela cidade inteira. Eles traziam uma foto inédita, sensacional, com um bebê dependurado numa corda.²⁵

²⁰ PAIS & FILHOS, 1984a, p.102; PAIS & FILHOS, 1984b, p.96; PAIS & FILHOS, 1984c, p.91; PAIS & FILHOS, 1985, p.115.

²¹ PAIS, 1986, p.67.

²² PAIS, 1992, p.30.

²³ 25 VEZES, 1992, p.16.

²⁴ 25 VEZES, 1992, p.17.

²⁵ 10 ANOS, 1978, p.84.

A foto citada refere-se à matéria de abertura da primeira edição, intitulada “Êste Bebê É um Gênio? Não, Seu Filho Também Faz Isso”²⁶, que trata dos reflexos dos bebês. A foto traz um recém-nascido que, segundo a matéria, é impelido por um instinto primário a segurar-se firmemente em uma corda de secar roupas (FIG. 1).



FIGURA 1 – “Êste Bebê É um Gênio? Não, Seu Filho Também Faz Isso”. GUIDO MANGOLD. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 1, p. 4-5, set. 1968.

E podemos acreditar que o objetivo foi alcançado. O depoimento de Nélio Barbosa Horta²⁷, diretor de arte na ocasião do lançamento, relata que, devido à campanha promocional, o primeiro número se esgotou rapidamente, o que é confirmado por várias cartas com pedidos de informação sobre como conseguir o exemplar, o que levou a editora a reeditá-lo, assim como o fez com outros números subsequentes, também esgotados. Mauro Salles, conselheiro da Salles Inter-Americana de Publicidade, agência responsável pelo lançamento da revista, também descreve que as vendas superaram a expectativa e que a campanha de

²⁶ PINHO, 1968.

²⁷ PAIS, 1983.

lançamento rendeu prêmios e elogios²⁸. A repercussão da foto leva a revista a publicar uma matéria em maio de 1969 explicando os detalhes da criação da imagem que tanta surpresa causara aos leitores²⁹. Em vários números posteriores a imagem volta em cena. Em agosto de 1978, na edição comemorativa dos 10 anos da revista, toda a matéria é republicada³⁰. Em 1983, no aniversário de 15 anos, a matéria novamente está presente, porém com um texto atualizado³¹. Já em 1991, em outra matéria sobre reflexos dos bebês³², uma foto imita a primeira (FIG. 2). É interessante notar, entretanto, que o bebê da segunda foto traz em seu corpo as particularidades da sua época. A faixa no umbigo não está mais presente, apesar de se tratar de um bebê aparentemente da mesma idade. Ao invés dela, a criança traz na boca uma chupeta. Essa diferença entre as duas imagens nos remete ao poder das ideias, tratado por Moscovici:

[...] o estudo de como, e por que, as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum, de como eles transformam idéias em prática – numa palavra, o poder das idéias – é o problema específico da psicologia social (MOSCOVICI, 2003, p.8).

Nesse sentido, o autor enfatiza o processo de transformação das ideias em práticas. A *Pais & Filhos* apresenta uma mesma imagem em épocas diferentes, certamente nas quais as práticas com os bebês se modificaram em decorrência das alterações nos conhecimentos sobre a criança, o que se expressa nas figuras da chupeta e da faixa. Como a revista se considera moderna, ela deve acompanhar tais mudanças.

Pais & Filhos parece ter circulado por todo o país e, até mesmo, no exterior. As seções com participação dos leitores trazem cartas vindas de vários estados brasileiros, mas com grande predominância dos estados da Região Sudeste, principalmente o Rio de Janeiro. Outros países frequentam essas seções esporadicamente, tais como Portugal, Estados Unidos, Angola, Japão e Itália. O “Concurso Superbebê”, promovido em 1993, demonstra por onde a revista circulava: “Chegaram cartas de todo o Brasil e até algumas do exterior”³³. Entre 1970 e 1973 e durante o ano de 1981, a revista traz impressos na capa preços diferenciados para Portugal e Brasil, o que parece demonstrar que há uma circulação efetiva naquele país. Em março de 1975, uma carta vinda de New Jersey, EUA, relata a presença – embora limitada –

²⁸ PAIS, 1988.

²⁹ GROTHE, 1969.

³⁰ ESTE, 1978.

³¹ ESTE, 1983.

³² COUTINHO, 1991.

³³ GRANDE, 1993, p.30.

e, principalmente, a demanda pela *Pais & Filhos* naquele lugar: “apesar de me ser muito difícil comprar a revista todo mês, pois aqui chegam poucos exemplares e acabam logo [...]”³⁴.



FIGURA 2 – “Reflexos de um Acrobata”. ELTERN. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 271, p. 4-5, mar. 1991.

Em relação à tiragem, poucas informações podem ser obtidas a partir da análise da revista. Apenas nos anos de 1980 e 1981 ela explicita sua tiragem, que variava entre 130 mil e 160 mil exemplares. Em setembro de 1988, o depoimento de Mauro Salles, conselheiro da agência responsável pelo lançamento da *Pais & Filhos* relata que o número de leitores por exemplar “deve” estar acima de dez, o que elevaria o número de leitores a 1.800.000 a cada mês³⁵. O autor do depoimento não menciona a fonte de sua especulação, mas pelos dados apresentados podemos concluir que a tiragem da revista naquele período provavelmente

³⁴ CARTAS, 1975, p.108.

³⁵ PAIS, 1988.

chegava a 180 mil exemplares. Maria Simone Schwengber (2006), entretanto, afirma que nos primeiros 27 anos, este número girava em torno de 300 mil exemplares. Talvez a tiragem das décadas de 1970 e 1990 seja bem superior à da década de 1980, o que explicaria o número encontrado pela autora.

Dulcília Buitoni (1990) considera que as revistas femininas brasileiras têm tiragens que variam entre 200 e 300 mil exemplares, considerando as maiores. As menos expressivas mal chegam a 100 mil. Considerando que o texto da autora é do início da década de 1990 e que ela considera que na década de 1980 (da qual são os dados das tiragens da *Pais & Filhos*) há uma estagnação no crescimento das editoras, podemos considerar que a publicação é bastante expressiva, haja vista que não se trata propriamente de uma revista feminina, mas voltada para esse público, porém com um recorte mais específico. Na edição de setembro de 1992, a editora Sylvia Leal cita o resultado de uma pesquisa que coloca a *Pais & Filhos* como uma publicação recorde de credibilidade, prestígio e público, com um número de leitores estimado em 595 milhões ao longo dos seus 25 anos³⁶.

Pais & Filhos parece se constituir como uma importante publicação durante todo o período analisado, o que é evidenciado por suas amplas circulação e tiragem e também pelo reconhecimento de importantes organizações daquele contexto:

Falamos do Ano Internacional da Criança numa série de reportagens e recebemos carta de agradecimento do Unicef, órgão internacional ligado à ONU. Publicamos uma extensa matéria sobre amamentação e a Sociedade Brasileira de Pediatria nos escreveu agradecendo a colaboração à Campanha de Aleitamento Materno. Recentemente, recebemos a Comenda do Mérito Infantil da Sociedade Internacional Criança Sorriso, homenagem prestada aos que contribuíram para o bem-estar físico, mental e social da criança.³⁷

O reconhecimento destas organizações pode ser exemplificado pelo relato de convites e prêmios recebidos pela revista. Em janeiro de 1994, a revista relata que esteve no Vaticano, a convite do UNICEF, para participar da VIII Conferência Internacional, que teve como tema “A Criança é o Futuro da Sociedade”³⁸. Na edição de outubro de 1993³⁹ *Pais & Filhos* exhibe o Prêmio Professor Luiz Torres Barbosa, que lhe foi conferido pela Sociedade Brasileira de Pediatria e entregue na abertura do XXVIII Congresso Brasileiro de Pediatria, em Salvador (FIG. 3).

³⁶ LEAL, 1992, p. 3.

³⁷ QUEREMOS, 1981, p.47.

³⁸ LEAL, 1994, p.5.

³⁹ LEAL, 1993, p.57.

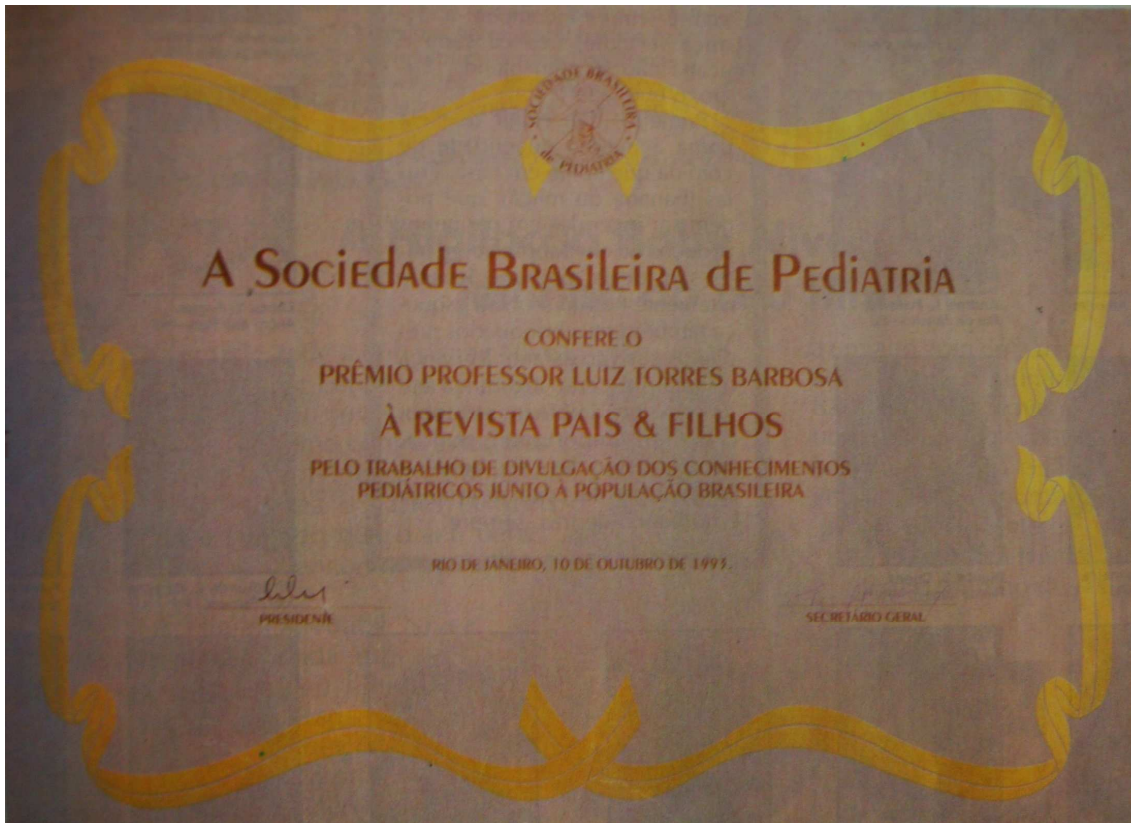


FIGURA 3 – “Um Prêmios para Pais & Filhos”. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 301, p. 57, out. 1993.

Em relação ao perfil dos leitores, *Pais & Filhos* se mostra voltada primordialmente para as mulheres, especialmente esposas, mães e grávidas, apesar de se autointitular várias vezes como uma revista direcionada à família. Apesar de predominarem as matérias sobre os filhos, que teoricamente interessam tanto a mães quanto a pais, o discurso é voltado para as mulheres na maioria das vezes, principalmente nas edições mais recentes. Nos primeiros anos a revista é muitas vezes impessoal, se dirigindo aos “pais” de uma forma genérica, na terceira pessoa, não só nas matérias quanto nos editoriais (que começam a ser escritos a partir de novembro de 1974). É a partir de maio de 1985, quando o editorial começa a ser redigido por Sylvia Leal – que continua na função até o final do período analisado – que passa a predominar o discurso mais informal, dirigido diretamente aos leitores (ou às leitoras, na maioria das vezes), conforme mostra o trecho a seguir:

Desde os tempos em que você brincava de boneca que sonha em ter nos braços um bebezinho de verdade, seu filho. [...] Será que uma incapacidade física sua ou de seu marido vai impedi-la de ser mãe? [...] É, amiga, neste

número vamos falar de uma solução [...].⁴⁰

A figura do pai aparece nos editoriais em geral apenas nos meses de julho, como uma homenagem ao dia dos pais que se comemora no mês seguinte. Às vezes o discurso é dirigido a eles: “O mês dos pais se anuncia. Parabéns a vocês”⁴¹. Em outras, eles são apenas citados, em um diálogo entre mulheres: “A PAIS & FILHOS de julho é dedicada aos pais que já foram durões, mas que hoje trocam fraldas, [...] Esforço nem sempre reconhecido por nós, mães [...]”⁴². Considerando as seções de cartas enviadas por leitores, fica evidente a maior participação das mulheres. Nas edições mais antigas – até aproximadamente meados da década de 1970 – encontramos algumas cartas enviadas por homens. Mas, nas edições posteriores essa presença começa a ficar cada vez menos frequente.

Em todo o período da análise são encontradas matérias sobre os pais ou voltadas para eles, mas estas se configuram como minoria diante das dirigidas às mulheres e/ou mães. Mesmo nos artigos supostamente voltados para ambos os sexos e na publicidade, as imagens atreladas constantemente trazem mulheres assumindo o papel de cuidado dos filhos. Algumas seções eram claramente dirigidas às mulheres até mesmo no nome, como a coluna “Heloneida Studart e a Libertação da Mulher”, redigida por esta romancista, jornalista e representante brasileira do movimento de libertação da mulher, que marca presença na revista nos anos de 1972 e 1973; a seção “Faça Você Mesma”, que trata de trabalhos manuais e, apesar de passar a se chamar “Faça com Carinho” a partir de 1977, continua voltada para as mulheres; e a seção “Nós Mulheres”, que circula de 1990 a 1995 e trata de assuntos diversos. Além disso, os diversos artigos sobre beleza, ginástica e moda trazem a figura da mulher como referência. Entretanto, é importante salientar que através dessa análise mais geral da revista pude perceber que a representação predominante é a da mulher como esposa, mãe (ou futura mãe, no caso da grávida) e responsável pelo lar e pelo cuidado da família. Na revista de maio de 1972 podemos perceber esta representação na chamada para a próxima edição presente na última página: “O inverno vem aí. Você precisa saber como vestir seu marido, alimentar seu filho e não perder sua beleza. PAIS & FILHOS vai lhe ensinar tudo isso”⁴³.

Em relação aos assuntos tratados, o slogan da *Pais & Filhos* entre 1983 e 1985 passa a ser “Saúde e Psicologia para Toda a Família”, evidenciando os principais temas abordados pela revista durante todo o período analisado. As matérias sobre saúde e psicologia

⁴⁰ LEAL, 1987, p.3.

⁴¹ LEAL, 1988a, p.3.

⁴² LEAL, 1991, p.3.

⁴³ PAIS & FILHOS, 1972, p.130.

são predominantes, o que é ratificado pela maior participação de médicos e psicólogos como consultores da revista. Entretanto, outros assuntos também estão fortemente presentes, tais como: alimentação, moda, lazer, educação, sexo, beleza, decoração, dentre outros.

O tema saúde se faz presente na revista através de matérias sobre doenças infantis diversas, cuidados com a saúde, e procedimentos médicos de forma mais específica. Geralmente, tratam da criança ou da mulher, especialmente a grávida. São frequentes também as matérias sobre infertilidade, feminina ou masculina. Várias matérias sobre higiene e também uma seção intitulada “Higiene Infantil” (de 1973 a 1982) são publicadas na revista, principalmente até meados da década de 1980.

A medicina como ciência moderna e suas inovações tecnológicas são amplamente exaltadas. Os novos exames, a vida intrauterina, a genética, as inovações do parto são reiteradamente exibidos nas páginas da *Pais & Filhos*. Desde o início da revista, já estão presentes reportagens sobre as maravilhas da genética, como o artigo “Com Quem Se Parece Seu Filho”⁴⁴, que explica didaticamente como as características físicas e intelectuais são herdadas, em um texto repleto de termos científicos, como *cromossomos*, *genes*, *DNA*, *leis de Mendel*.

A gravidez também deixa de ser um mistério, graças à ciência moderna, conforme declara o editorial de junho de 1989: “[...] A gestação deixa de ser algo misterioso, restrito ao escuro silencioso do útero. Seus riscos podem ser avaliados, medidos, controlados. [...]”⁴⁵. Entretanto, as matérias sobre a vida intrauterina já estão presentes na revista desde a década de 1970. A intromissão da ciência no corpo desde o útero materno é exaltada pela edição de maio de 1971: “Penetrar nos mistérios da existência intra-uterina é uma aventura recente da ciência, uma indiscrição que se torna necessária para prever e corrigir anormalidades”⁴⁶. Imagens mostram o momento da fecundação (FIG. 4) e anunciam: “O maior espetáculo da Terra. Nessas fotos, o flagrante da vida, o instante em que se dá a fecundação do óvulo por um espermatozóide”⁴⁷. Outras mostram a vida do feto no útero, através de fotos (FIG. 5) ou de imagens de exames que se tornam possíveis através da medicina moderna, como a ultrassonografia (FIG. 6).

⁴⁴ PINTO, 1973.

⁴⁵ LEAL, 1989, p.4.

⁴⁶ RACHEL, 1971, p.4.

⁴⁷ FERNANDES, 1983, p.23.



FIGURA 4 – “No Encontro de Duas Células Tem Início o Show da Vida”. DAVID M. PHILLIPS E RUTH SHALGI. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 15, n. 12, p.26, ago. 1983.



FIGURA 5 – “Uma Vida que Tem Pressa de se Desenvolver”. LENNART NILSSON. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 268, p.11, dez. 1990.



FIGURA 6 – “Estes Exames Salvam Muitas Vidas”. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 15, n. 7, p.26, mar. 1983.

O corpo também é exposto em fotos muito detalhadas, em meio a cirurgias ou no momento do parto. Relatos e imagens de cirurgias (FIG. 7) circulam na revista desde meados da década de 1970. O editorial de setembro de 1995 anuncia uma matéria sobre cirurgia cardíaca:

Uma menina de 13 anos apenas, que precisava operar o coração para viver. Alessandra Vitória, a mais (ou única?) valente da redação topou o desafio de acompanhar a cirurgia. Esteve por muitas horas num Centro Cirúrgico, junto com João Cordeiro, dono de fotos simplesmente geniais. O que viram foi um verdadeiro *show* de técnica e competência.⁴⁸

⁴⁸ LEAL, 1995a, p.3.

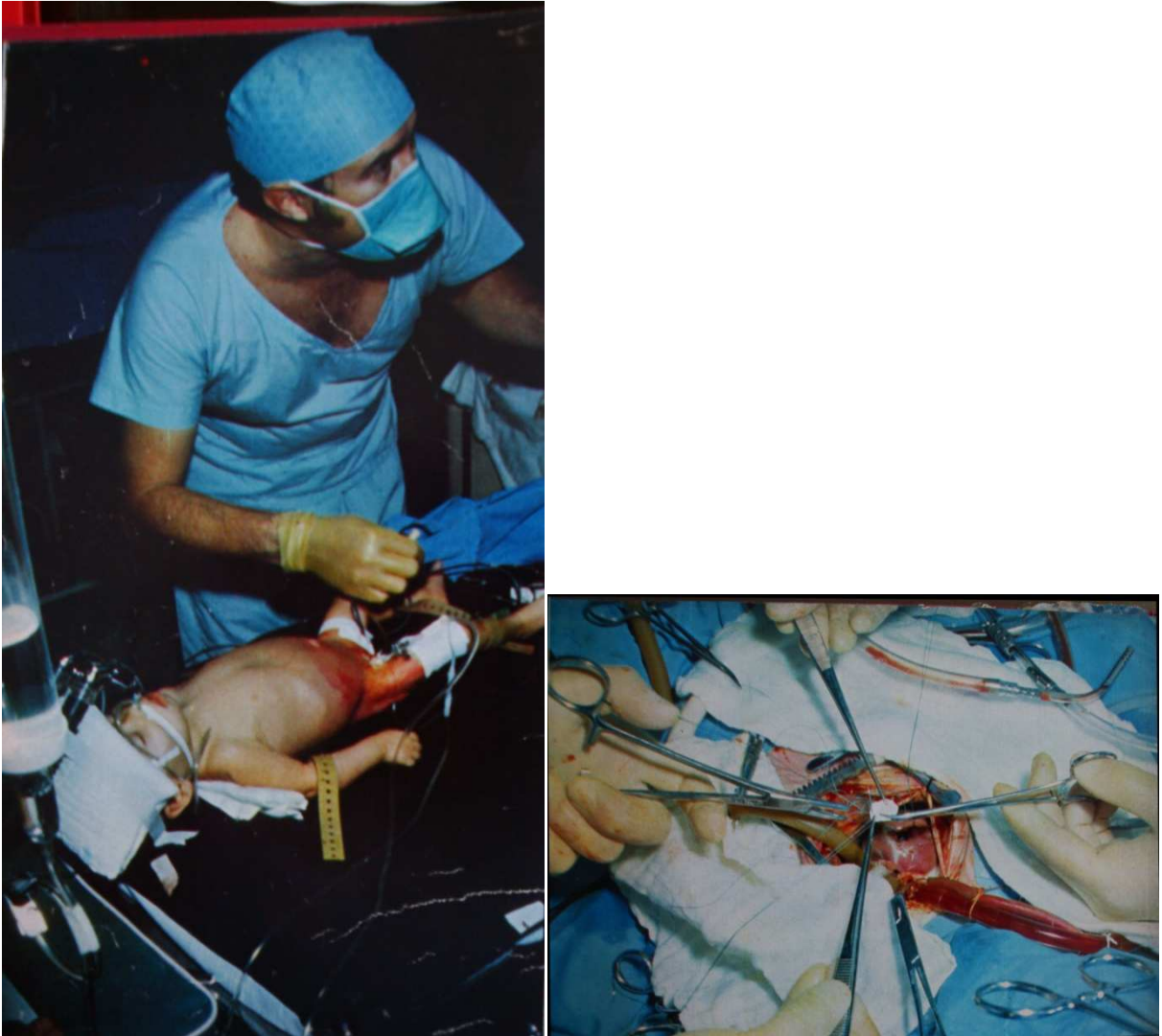


FIGURA 7 – “O Coração Não Bate Nem Há Respiração: o Bebê Está Sendo Operado”. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 6, n. 9, p.20-21, mai. 1974.

O parto é retratado através de fotos nas quais a superexposição do corpo feminino causa espanto aos olhos de hoje. A edição de abril de 1971 traz na capa o anúncio das fotos sensacionalistas: “A mais espetacular seqüência de fotos já feita de um parto”⁴⁹. Os partos, tanto normais (FIG. 8) quanto cesarianas (FIG. 9) ou alternativos - como o de cócoras (FIG. 10), são exibidos nas páginas da *Pais & Filhos* constantemente. Até meados da década de 1980 as fotos são mais detalhadas e os corpos mais expostos; a partir daí começam a se tornar mais discretas, com uma reserva maior do corpo feminino.

⁴⁹ PAIS & FILHOS, 1971, p.1.



FIGURA 8 – “O Instante em que Êste Bebê Nasceu”. UWE AHRENS. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 3, n. 8, p.8-9, abr. 1971.



FIGURA 9 – “Uma Vez Cesária, Sempre Cesária?”. ELTERN. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 14, n. 10, p.10-11, jun. 1982.



FIGURA 10 – “Um Jeito Suave de Vir ao Mundo”. GUILHERME ROZENBAUM. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 17, n. 2, p.32, out. 1984.

A psicologia marca presença na revista através de diferentes assuntos: comportamento, desenvolvimento humano, deficiências mentais e sexualidade. Em relação às matérias sobre comportamento, até o final da década de 1970 elas tratam muito dos adolescentes. Títulos como “Uma Mulher Nua na Carteira de Meu Filho”⁵⁰, “Como Anda a “Cuca” dos Jovens”⁵¹ e “Como o Jovem de Hoje Vê o Sexo”⁵² trazem exemplos dos temas abordados em uma época de muitas transformações e, conseqüentemente, de grande preocupação com o comportamento dos jovens. Após esse período, as matérias sobre os adolescentes diminuem e a publicação passa a tratar mais da criança e do bebê. Mais relacionados à infância aparecem os temas mais diversificados, desde a prática da psicologia com crianças (“Criança Não Deita em Divã. Brincando Ela Conta Seus Problemas”⁵³) até a

⁵⁰ NOLASCO-FERREIRA, 1969.

⁵¹ STERNICK, 1972.

⁵² JORGE, 1976.

⁵³ RODRIGUES, 1975.

forma de educá-las (“Repressão/ Liberdade em Excesso a Vítima Pode Ser Seu Filho”⁵⁴) e de lidar com elas em situações difíceis (“Pais Separados, Filhos Sem Problemas”⁵⁵), passando por assuntos corriqueiros (“Xixi na Cama, Outra Vez!”⁵⁶) e pelo relacionamento entre irmãos (“É Briga, Quer Apostar?”⁵⁷). Os testes baseados em conhecimentos da psicologia também marcam presença esporadicamente na revista. Na edição de fevereiro de 1996, por exemplo, há um que pretende antever a personalidade da criança: “Sociável e generoso, prepotente e egocêntrico? O comportamento atual da criança permite prever qual será sua personalidade no futuro. Faça nosso teste”⁵⁸. Esses testes se constituem como um exemplo de conhecimento vulgarizado, ou seja, de como saberes específicos – os teste psicológicos, nesse caso – são apropriados pelo senso comum de uma forma menos elaborada, adaptada a ele.

O tema desenvolvimento é muito frequente na *Pais & Filhos*. Vários artigos sobre o comportamento – motor, social, psíquico - esperado para cada idade são publicados ao longo de todo o período analisado. Descrições mês a mês da gravidez ou do primeiro ano do bebê são muito comuns. Assim, os tempos da vida se configuram na revista como bem demarcados e portadores de características específicas. Matérias inteiras sobre tempos particulares são habituais (1º mês de gravidez, 1ª semana do bebê, criança aos 2 anos, bebê de 0 a 3 meses, etc.). A própria revista, em suas primeiras edições (até início de 1970), após listar as matérias no sumário traz um pequeno guia com uma divisão das mesmas por etapas da vida:

Se você espera um bebê, leia nas páginas 4, 44 e 149. Se você já tem um bebê, não deixe de ler as páginas [...] Se seu filho tem menos de 10 anos, veja as páginas [...] Se você tem um filho adolescente, páginas [...] E mais, matérias de interesse geral, páginas [...]⁵⁹

Matérias especiais sobre o assunto também são publicadas pela revista, como o especial “O 1º Ano do Bebê”⁶⁰, publicado em fevereiro de 1990, e também “O Desenvolvimento de Seu Filho de 0 a 15 Anos”⁶¹, publicado em quatro fascículos para encadernar, em 1981, que aborda vários aspectos do desenvolvimento motor, social e psíquico, além de conter um espaço para anotações dos pais e fotos de seus filhos. A

⁵⁴ VENTURA, 1990.

⁵⁵ JUCÁ, 1996.

⁵⁶ VENTURA, 1984.

⁵⁷ NIELSEN, 1993.

⁵⁸ BRAGA, 1996b, p.96.

⁵⁹ PAIS & FILHOS, 1969, p.3.

⁶⁰ ALVARENGA, COUTINHO, VENTURA, 1990.

⁶¹ EM QUATRO, 1981

apresentação da coleção, que acompanha o primeiro fascículo, ilustra bem o discurso desenvolvimentista, que caracteriza a criança como o *menor* – significação à qual está atrelado um juízo de valor: “Ele [o álbum da coleção] se tornará, num futuro não muito longínquo, um documento precioso sobre essa sua hoje **querida coisinha** que, logo logo, vai transformar-se num belo rapaz ou numa linda moça”⁶². Assim, a infância não é valorizada por si mesma, mas como idade de preparação para o futuro adulto.

Pais & Filhos chega a publicar inclusive testes de desenvolvimento para os pais realizarem com seus filhos. Dividido em duas edições – a primeira tratando do desenvolvimento mental e motor, e a segunda dos aspectos de linguagem, socialização e conquista da independência – o teste publicado em agosto e setembro de 1989 traz a seguinte nota:

Observar as primeiras conquistas do bebê é uma experiência realmente deslumbrante. Mas, ao lado do prazer de acompanhar o desenvolvimento do filho, existe também a preocupação de saber se seus progressos estão de acordo com a idade que tem. Para tirar as dúvidas, faça o teste e veja como o bebê está progredindo.⁶³

Além disso, em toda a revista predomina o discurso sobre uma criança marcada por etapas do desenvolvimento, sendo frequentes as expressões como “fase do não”, “idade dos porquês”, “fase egoísta”, dentre outras. Vários outros assuntos são tratados tendo como referência as idades ou etapas da vida, como o brincar, que aparece, por exemplo, nas matérias “Brinquedos uma Escolha Levada a Sério”⁶⁴, que apresenta brinquedos adequados a cada faixa etária, e “Hora de Brincar”⁶⁵, que também divide os brinquedos por faixas de idade, mas atrela estas a etapas de desenvolvimento: “a fase do fazer e desfazer”, “desenvolvimento motor”, “a idade dos porquês”, “a lógica passa a operar”. O tema saúde também aparece vinculado às idades, como no artigo “Receita de Saúde”⁶⁶, que trata da saúde da mulher de 0 a 59 anos. Outro exemplo é a seção “Seu Filho e Você”, publicada desde 1982 até o final do período estudado, que traz os mais diversos assuntos, tratados de forma rápida, considerados específicos de cada etapa, que vai da gravidez à adolescência.

Sobre deficiências em geral são poucos os artigos publicados pela *Pais & Filhos*. Comumente aparecem matérias sobre crianças “excepcionais”, portadoras de mongolismo

⁶² EM QUATRO, 1981, p58.

⁶³ MORAES, 1989, p.73.

⁶⁴ FERNANDES, 1984.

⁶⁵ CASTILHO, 1997.

⁶⁶ BOECHAT, 1997.

(mais tarde utilizando a nomenclatura atual: síndrome de Down), de autismo ou de deficiências físicas. Elas trazem explicações sobre a deficiência e, algumas vezes, apresentam o trabalho de pessoas – como Helena Antipoff⁶⁷ – e de instituições – como a Associação de Assistência à Criança Defeituosa⁶⁸ – envolvidas no assunto, ou mostram o relato de famílias de crianças com essas deficiências.

A sexualidade infantil é um tema bastante presente nas páginas da *Pais & Filhos*, sobretudo até o início da década de 1980. As primeiras matérias tratam predominantemente da questão da nudez e da curiosidade sobre o sexo oposto. Levantam questões sobre a nudez das crianças e dos pais na frente dos filhos, como nos artigos “Veste Essa Roupa, Menina”⁶⁹ e “Nossos Filhos Podem Nos Ver Nus?”⁷⁰. Tocam no assunto das brincadeiras entre crianças de sexo diferentes e da curiosidade que elas envolvem, como em “Vamos Brincar de Doutor?”⁷¹ e “A Alegria de Tomar Banho Juntos”⁷².

Outros temas são tratados em relação à sexualidade infantil, como masturbação, homossexualismo e a própria sexualidade de uma forma geral, levantando pontos como o entendimento e a reação dos pais diante do assunto. A própria revista traz fotos de crianças nuas, principalmente nessas matérias e nas capas. Trata-se, na maioria das vezes, de uma nudez insinuada, com as crianças em posições que não deixam aparecer suas genitálias. Em outras, as crianças são exibidas completamente nuas. A tendência geral parece ser considerar essas questões como naturais. Busca-se chamar a atenção dos pais para o assunto, sob o argumento de que a falta de cuidado com a questão pode trazer prejuízo para as crianças. Como exemplo, o artigo publicado em junho de 1982 traz a foto de um bebê tocando o pênis ereto (FIG. 11), com o seguinte alerta:

[...] Quem disse que um bebê não tem impulsos sexuais, na mesma intensidade que os dos adultos? [...] Todo carinho e toda indiferença, todo afeto e toda rejeição, toda compreensão e toda repressão causam marcas indeléveis no corpo e na personalidade da criança.⁷³

⁶⁷ LÔBO, 1969.

⁶⁸ HELENA, FERREIRA, 1972.

⁶⁹ MAZZOLENIS, 1969.

⁷⁰ MACHADO, 1968.

⁷¹ FERREIRA, 1969.

⁷² WERNECK, 1984.

⁷³ MENDONÇA, 1982b, p.37.



FIGURA 11 – “A Sensualidade Instintiva do Bebê Tem Muito a Nos Ensinar”. CIBELE CLARK. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 14, n. 10, p. 36-37, jun. 1982.

As imagens de crianças despidas são mais frequentes até o final da década de 1970. Entretanto, após esse período elas ainda aparecem, embora em menor número e cada vez mais discretas. Com o passar do tempo, a nudez passa a ser exclusividade dos bebês, sendo raras as fotos de crianças maiores. Na edição de setembro de 1987, *Pais & Filhos* publica um artigo que ajuda a pensar esse contexto dos costumes em relação à sexualidade:

Antes, era a repressão. Sexo era tabu, o corpo vivia escondido, trocar de roupa na frente das crianças, nem pensar. Depois, houve a merecida liberalização. Só que, como em todos os processos revolucionários, surgiu um certo exagero. [...] Sem dúvida, chegou a hora do meio-termo, do equilíbrio [...] ⁷⁴

Se a presença da nudez infantil é prontamente associada a um contexto de intensas mudanças sociais, a presença de imagens de crianças nuas durante todo o período – mesmo que de forma cada vez mais velada – talvez possa sugerir que, além desse sentido, a nudez

⁷⁴ ALVARENGA, 1987, p.129.

apareça na *Pais & Filhos* como uma metáfora de “conhecimento”. Os artigos escritos de forma mais didática frequentemente são acompanhados dessas imagens, como é o caso de “Consulte e Depois Chame um Médico”⁷⁵ que traz um encarte com uma foto de uma criança nua com linhas que ligam várias partes do seu corpo a explicações sobre a saúde das mesmas (FIG. 12). Além disso, a presença dessas fotos logo na capa da publicação parece anunciar a pretensão de desnudar não apenas os corpos infantis, mas tudo que envolve o ser criança. Um exemplo bastante claro disso é a capa da edição de janeiro de 1970 (FIG. 13), que parece sintetizar todo o ideal da *Pais & Filhos*. Trata-se da imagem de um menino e uma menina, totalmente despídos – a não ser pelo laço cor-de-rosa que a menina traz atado à perna (a marca cultural que complementa a diferenciação anatômica dos sexos) – segurados por mãos adultas. Estas representam as mãos dos pais ou, quem sabe, as dos especialistas.



FIGURA 12 – “Consulte e Depois Chame um Médico”. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 5, p. 18, jan. 1969.

⁷⁵ CONSULTE, 1969.



FIGURA 13 – Capa Jan. 1970. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 2, n. 5, p.1, jan. 1970.

Também é comum a publicação de artigos sobre a sexualidade do casal ao longo de todo o período analisado. Por diversas vezes a revista traz encartes lacrados sobre o assunto, com a seguinte recomendação:

Este suplemento foi escrito especialmente para adultos. Por essa razão, ele vem com as páginas lacradas. Se os pais acham que seu filho ou filha não tem idade ou maturidade suficiente para lê-lo, podem destacá-lo, pois não prejudicará a revista.⁷⁶

Segundo o levantamento realizado pela Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, localizada em Belo Horizonte - MG, esses encartes são publicados já no ano de 1969. Entretanto, eles só são encontrados nos exemplares da coleção dessa biblioteca anos depois. Como vários encartes podem ter sido arrancados e em algumas edições eles não são

⁷⁶ SEXUALIDADE, 1977 (encarte).

relacionados no índice, fica difícil precisar até que período eles são publicados. Os dados disponíveis levam a crer que tenham sido até meados da década de 1980. Sobre o relacionamento do casal, outros temas também são frequentes, como casamento, divórcio, conflitos, terapia de casal, fidelidade, dentre outros.

Em relação aos assuntos mais direcionados para as mulheres, marcam presença tanto matérias relacionadas a saúde, moda e beleza, quanto as de utilidades domésticas, trabalhos manuais e decoração. Durante todo o período circulam seções sobre esses temas: “Pequenos Segredos Caseiros” (1969 a 1990), que traz dicas rápidas sobre os cuidados com a casa, “Faça Você Mesma” (1970 a 1994), que passa a se chamar “Faça com Carinho” a partir de 1977 e ensina trabalhos manuais diversos; “Nós Mulheres” (1990 a 1995), na forma de uma série especial, tratando de vários assuntos do universo feminino; “Você” (1996 a 1998), que aborda culinária, moda, beleza, etc.

São encontrados artigos sobre nutrição e alimentação durante todo o período estudado. Alimentação da criança, do bebê e da grávida, julgamento do valor de determinados alimentos para a saúde, receitas, problemas de apetite e amamentação são alguns dos assuntos em pauta, dentre tantos outros presentes. Várias seções abordam o tema: “Consultório Alimentar”, publicada de 1972 a 1989, traz perguntas enviadas por leitores e respondidas por nutricionistas integrantes do corpo de consultores da *Pais & Filhos*. Em “Menu do Bebê”, presente de 1976 a 1995, são publicadas receitas para bebês e crianças. A partir de 1991 até 1994, nas “Fichas de Culinária”, os pratos ensinados são voltados para toda a família. Além dessas seções, várias vezes são editados especiais sobre o tema, como o “Caderno de Alimentação” em setembro de 1982 que promete às leitoras: “tudo isso [o conteúdo do especial] fará com que, ao final deste caderno, estejam esclarecidas todas aquelas dúvidas que nós, donas-de-casa, temos na hora de organizar o cardápio da família”⁷⁷.

Em relação à moda, várias matérias são publicadas durante todo o período. Fazem referência, principalmente, à moda infantil. As mulheres, especialmente as grávidas e as mães acompanhadas dos filhos, também frequentam a seção. Os pais aparecem esporadicamente, normalmente no mês dedicado a eles. Na grande maioria das vezes, trazem fotos de crianças com vestuários selecionados – em geral sobre um mesmo tema, como uma estação do ano, uma cor específica, etc. - acompanhadas de uma pequena legenda indicando o fabricante das roupas.

Entre 1981 e 1996, *Pais & Filhos* promoveu dezenas de concursos infantis de

⁷⁷ FALBO, 1982, p.41.

beleza, em conjunto com empresas de produtos infantis, como Nívea, Puc, Pampili, Proderm, dentre outras. Os pais são convidados a enviar fotos de seus filhos e uma comissão julgadora, representada por pessoas da revista e das empresas parceiras, escolhe as crianças vencedoras. Conforme o relato da publicação, os concursos são sempre um sucesso, chegando milhares de cartas à redação. Os vencedores ganham prêmios, como produtos e viagens, almoços com a redação, reportagens na revista e o direito de serem os modelos das marcas patrocinadoras e dos editoriais de moda da *Pais & Filhos*.

Outro tema bastante recorrente na revista é o lazer. Vários artigos sobre o brincar são publicados, às vezes como simples experiência de lazer, outras ressaltando o seu papel no desenvolvimento infantil. Diversos encartes com jogos e brinquedos para montar estão presentes até meados da década de 1970, assim como cadernos com passatempos e a seção “Palavras Cruzadas”, publicada até 1990 para adultos e crianças. Outras práticas e momentos de lazer merecem reportagens ao longo de todo o período, como viagens, festas, esportes, férias, televisão, literatura, etc. Diferentes seções com dicas culturais para adultos e crianças também circulam ao longo de todo o período.

A educação escolar é um assunto presente na publicação, apesar de ser minoritário em relação aos demais e não apresentar grande centralidade. Muitos artigos são publicados até o final da década de 1970 e, após esse período, eles continuam presentes, mas em número bem reduzido. Essa diminuição pode estar ligada à ausência de um consultor da área de pedagogia após o ano de 1977. Após esse ano, entra na lista de consultores a especialidade da psicomotricidade, que talvez passe a tratar do assunto. Entretanto, seria necessária uma análise mais aprofundada no sentido de verificar essas possíveis causas. Questões como a participação dos pais nos estudos dos filhos, a alfabetização, os diferentes métodos e concepções de ensino, os problemas e dificuldades das crianças com relação à escola, as creches, a reprovação, a entrada na escola ou a mudança para outra, dentre outros, estão na pauta da revista. Além disso, alguns cadernos especiais de volta às aulas e matérias sobre especialistas como Maria Montessori e Jean Piaget.

A informação publicitária é comum nas páginas da *Pais & Filhos*. Seções divulgando produtos, especialmente os voltados para crianças, são publicadas durante todo o período, embora não de forma contínua, com diferentes nomenclaturas: “Novidades”, “Encontro”, “Informação Publicitária”, “*Pais & Filhos* Testou”, “Compre Bem”. Várias matérias trazendo produtos específicos como brinquedos, carrinhos de bebê, dentre outros, também estão presentes, principalmente a partir da década de 1990.

A revista geralmente se mostra à parte dos acontecimentos nacionais ou mundiais,

exceto os relacionados às atualidades da ciência, da medicina, e dos assuntos acerca da infância e da família. Seções como “Atualidades” e “Acontece” abordam as notícias do momento de forma superficial. Entre 1974 e 1980 é publicado um jornal no meio da revista, que traz, além das notícias, classificados, horóscopo, programação cultural, dentre outros pontos. As notícias sobre a questão política do contexto são completamente ausentes das páginas da publicação, tanto no período ditatorial quanto depois da redemocratização do país.

A presença de pessoas famosas – atores, cantores, esportistas, etc. – é constante na *Pais & Filhos*. São colocados como modelos de mãe e pai, ou trazem recordações de sua infância. “Jane Fonda a Mãe Moderna”⁷⁸, em abril de 1969, assim como “Ana Carolina o Melhor Gol de Edmundo”⁷⁹, em julho de 1995 são alguns exemplos de artigos. A partir de 1989, é publicada a seção “Gente Grande”, que traz pequenas entrevistas com essas celebridades, além de especialistas da ciência.

Quanto aos objetivos, o material analisado indica que a *Pais & Filhos* se propõe a tratar de diversos aspectos do universo familiar, apoiando-se em conhecimentos científicos, principalmente os advindos da medicina e da psicologia. Procura traduzi-los para uma linguagem simples e direta, mais acessível aos leitores. Nesse sentido, é possível pensar a *Pais & Filhos* como portadora não propriamente conhecimentos científicos, mas de representações sociais. A função das representações de tornar familiares os conteúdos de um universo reificado, do qual fazem parte os conhecimentos científicos, fica evidente nesse objetivo proposto pela revista. Os representantes da ciência - os especialistas - e os divulgadores científicos - a mídia - produzem e transmitem essas representações, mas elas se transformam no processo de apropriação e passam a constituir uma realidade *sui generis* (MOSCOVICI, 2003).

Assim, a *Pais & Filhos* traz suas representações sociais e, concomitantemente, busca mediar o processo de construção das representações de seus leitores. O artigo em comemoração ao aniversário de 15 anos da revista exemplifica bem esse aspecto:

Cada repórter ou redator é sempre um orientador preciso que apura a informação até eliminar todas as dúvidas, transformando a árida linguagem científica em leitura simples e agradável, colocando sempre boa dose de carinho ao leitor.⁸⁰

A dose de carinho referida na citação insere-se em um clima de cumplicidade com

⁷⁸ ADLER, 1969.

⁷⁹ BARBOSA, 1995.

⁸⁰ PAIS, 1983, p.48.

o leitor, fator presente em vários discursos sobre os objetivos da revista, anunciada por expressões como “lado a lado”, “diálogo com os pais”, “viver com”, “apoiar”, “ajudar”, “colaborar”, dentre outras.

Por outro lado, apesar dessa parceria, a revista advoga como seu papel principal ser uma referência em assuntos relacionados à família, ser autoridade no assunto, o que se expressa em verbos tais como: “analisar”, “contrapor”, “discutir”, “explicar”, “esclarecer”, “orientar”, “informar”, “prestar serviço”, “desvendar”, “revelar”, “formar opinião”, “comentar”, “solucionar”, “conduzir”, “criar”, “inovar”, “divulgar”, “apontar”... *Pais & Filhos* acredita no seu papel formador e transformador da realidade: “sempre estive ao lado dos pais na tarefa de trazer uma vida ao mundo e de guiá-la, passo a passo, no caminho do crescimento e na certeza de um futuro melhor”⁸¹. Esse papel é justificado pela publicação através do argumento, banalizado até mesmo na atualidade, de que a criança – principal objeto da revista – é o futuro da sociedade. Cuidar da criança é cuidar, sobretudo, de uma garantia de futuro e de continuidade do mundo, como mostram as passagens: “Estamos certos de colaborarmos em grande parte para a criação de um mundo melhor. Afinal, lidamos com o esteio de tudo”⁸² e “a saída para um mundo melhor começa pelo carinho, respeito e cuidado com a saúde de nossas crianças”⁸³.

Jorge Larrosa (2006) problematiza essa ideia de continuidade do mundo, associando-a ao totalitarismo que, segundo o autor, “supõe a pretensão de projetar, planificar e fabricar o futuro, ainda que para isso tenha de antecipar e produzir, também, as pessoas que viverão no futuro, de modo que a continuidade do mundo permaneça garantida” (LARROSA, 2006, p. 190). Para ele, a pretensão do adulto de guiar todos os passos das crianças, de orientá-las em direção a um futuro já planejado impede a ascensão da novidade e da possibilidade de mudança que o nascimento de cada criança traz em si. Essa pretensão, por outro lado, está associada à própria emergência da preocupação com a criança como alguém diferente do adulto. Sandra Corazza (2000) argumenta que esta se deu a partir da introdução moderna da ideia de contingência da vida, que acarretou a percepção para o humano de sua própria finitude: “nele [o infantil], o humano se perpetuaria, evitando a Morte, fazendo-se outra vez partícipe da infinitude, driblando o Derradeiro; seria o espelho que, secretamente, reflete o sonho da presunção infinita do humano que se descobrira finito” (CORAZZA, 2000, p.21).

⁸¹ PAIS, 1988, p. 67.

⁸² NOSSOS, 1985, p. 49.

⁸³ PAIS, 1988, p.68.

A partir dessa preocupação, as crianças passam a ter seus corpos sujeitados e suas vidas calculadas pelo campo de controle do saber e de intervenção do poder, os quais se deixarão implicar em sua saúde, alimentação, condições de existência, necessidades, interesses, desejos, identidade (CORAZZA, 2000). Nesse sentido, a ideia de continuidade do mundo está associada ao moderno ideal de civilização, descrito mais acima. Cynthia Veiga (2006) identifica um ideal de infância adequado a uma nação que se pretendia civilizada, forjado a partir da interferência da ciência nas famílias, principalmente pelos conhecimentos da medicina e do higienismo, a partir de uma ampliação da circulação de produções escritas destinadas às mães com orientações a respeito da criação dos filhos já no século XVII. Na *Pais & Filhos*, essa ideia de controle da infância a partir dos conhecimentos científicos continua presente.

Mas, mesmo que frequentemente através de uma perspectiva de preocupação com o futuro, pode-se considerar que a criança está no centro dos objetivos da *Pais & Filhos*. Em alguns momentos esse discurso se apresenta de uma forma indireta, quando a revista anuncia a sua missão de auxiliar os pais ou a família no cuidado com os filhos. Em outros, a criança se constituía como objeto central da revista, quando esta proclamava a preocupação com a saúde, o conforto, a educação, a felicidade e a inteligência da criança, dentre outros aspectos. O editorial da edição de outubro de 1977 elucida bem esse objetivo: “Pensamos nela [a criança] o ano inteiro, nos preocupamos todos os dias em vê-la mais saudável, mais amada, mais feliz”⁸⁴.

Essa centralidade da criança na publicação se desdobra em uma gama de orientações em relação a seu cuidado e sua educação, referenciada principalmente nos conhecimentos científicos a respeito da infância. Os especialistas da infância, nesse sentido, são os principais porta-vozes dessas prescrições e o conhecimento especializado sobre a criança se configura como o conhecimento legitimado pela *Pais & Filhos*, conforme será explicitado no próximo capítulo.

⁸⁴ TERESA, 1977, p.3.

3 – O CONHECIMENTO ESPECIALIZADO DA INFÂNCIA

Pensar a infância hoje enquanto objeto de conhecimento significa resgatar as representações construídas sobre ela a partir da modernidade, quando surgem os especialistas sobre a infância. O projeto da modernidade teve como característica a necessidade de controlar a natureza através da razão e, conseqüentemente, a supervalorização da ciência, a quem coube explicar, organizar e racionalizar o “real” e o “ser” na sua totalidade. Nesse contexto, a infância assume o significado de objeto digno de ser investigado, representada como uma etapa a ser trabalhada a fim de alcançar a idade da razão. (JOBIM E SOUZA; PEREIRA, 1997).

As ciências da saúde infantil e da psicologia, ou o que pode ser chamado de “puericultura”, constituem os domínios no qual os estudos sobre a criança adquirem especial relevância a partir do ideário moderno. A psicologia – especialmente a psicologia do desenvolvimento – entretanto, apropriou-se de forma preponderante das investigações sobre o sujeito infantil, configurando um campo próprio de estudos (SARMENTO, GOUVÊA, 2008).

Lúcia Rabello de Castro (1998) trata dos saberes relacionados ao desenvolvimento humano engendrados pela psicologia do desenvolvimento à luz do projeto da modernidade. Em suas origens, o estudo do desenvolvimento humano no âmbito da psicologia esteve associado à classificação e mensuração das condutas, atendendo a necessidade de organização das crianças dentro do sistema escolar, que se tornava obrigatório. A partir dessa necessidade, estabeleceu-se a classificação de comportamentos normais de acordo com a idade. Nesse sentido, a noção de “criança normal” se refere a uma abstração, cuja função se insere na demanda do projeto de escolarização da infância, iniciado na modernidade.

Regina Helena Campos (2003) destaca que o início do desenvolvimento da chamada psicologia científica teve forte conexão com a expansão dos modernos sistemas de ensino de massa. Segundo a autora, dois movimentos ocorridos a partir do final do século XIX vieram se reunir no início do século XX na área da psicologia educacional: em primeiro lugar, o próprio desenvolvimento da psicologia científica, nascida nos laboratórios universitários da Europa, que visava compreender a mente humana através de dados objetivos; concomitantemente, a organização do saber médico no movimento da higiene mental, que visava desenvolver dispositivos de prevenção dos distúrbios mentais e difundi-los amplamente para as modernas populações urbanas.

Tratava-se de colocar à disposição das instituições educativas e das famílias os novos conhecimentos produzidos nos laboratórios e hospitais psiquiátricos, visando, ao mesmo tempo, intervir no planejamento e na gestão dos sistemas de ensino ampliados e prevenir os distúrbios mentais e desvios psicossociais provocados pelas intensas mudanças culturais que as modernas sociedades urbano-industriais vinham experimentando (CAMPOS, 2003, p.129).

Assim, observa-se a preocupação com a difusão e a aplicação desses saberes nas diversas instituições educativas, como a escola e a família, e, como a infância se constitui como o principal alvo de todo projeto educativo, o estudo do desenvolvimento infantil adquiriu especial relevância nesse contexto.

Regina Helena Caldana e Zélia Maria Alves (1996), ao pesquisarem as concepções sobre educação de filhos divulgadas pela revista Família Cristã no período de 1935 a 1988, constataram que os porta-vozes dos saberes sobre a educação da infância mudaram ao longo do período estudado. Se na primeira metade do século XX estes conhecimentos vinham diretamente da sabedoria popular, após este período eles começaram a emanar da fala de diversos especialistas. Nesse sentido, passaram a ser enfatizadas as orientações técnicas ligadas à puericultura e à psicologia, baseadas em estudos sobre o desenvolvimento infantil, que eram bastante divulgados nessa época.

De acordo com Solange Jobim e Souza (1996), a Psicologia do Desenvolvimento, inserida no projeto da modernidade, ao formular ideais para o desenvolvimento e inspirar caminhos para atingi-los, contribui para a construção, no imaginário social, do que é ser criança, o que é ser adulto, o que é ser *normal*. Assim, os saberes sobre a infância “carregam” um ideal dessa etapa de vida, do ponto de vista do adulto, que culmina na necessidade de controlar a infância a fim de que ela atinja tal ideal. A infância foi naturalizada através das práticas sociais modernas voltadas para ela: ser criança é ir à escola, é brincar, é não ter responsabilidades, é morar com sua família. Essa infância natural, confinada em tempos e espaços previsíveis, pode ser controlada mais facilmente (CASTRO, 1998, 2002).

Nesse sentido, a infância foi colocada em situação de menoridade e necessita ser tutelada para atingir os objetivos previstos para ela, no intuito de cumprir um projeto de sociedade: “a relação de tutela e dependência a que foi submetida tornou-se um índice do percurso civilizatório universal a ser apoteoticamente realizada no adulto, branco, independente, individualizado, senhor da vontade e da razão” (CASTRO, 2002, p.50).

As autoras Solange Jobim e Souza e Rita Marisa Pereira (1997) afirmam que essa pretensão de revelar e controlar a infância, característica da modernidade, acarretou a

transferência da autoridade dos pais sobre a educação dos filhos para os especialistas da infância:

Como um desdobramento da máxima que a ciência é o critério da verdade, ao especialista é conferida a autoridade da produção de “verdades” sobre a educação da criança na época moderna. Portanto, o psicólogo, o psicopedagogo, o fonoaudiólogo, o psicomotricista, o pediatra e até mesmo **os profissionais da mídia** assumem a função de caracterizar a criança e suas necessidades, definindo metas para sua educação e seu desenvolvimento. À família resta a insegurança e a incerteza, cada dia maior, do seu papel frente à orientação da educação dos filhos (JOBIM E SOUZA; PEREIRA, 1997, p.6, grifo nosso).

A apropriação da infância pelos especialistas data do século XIX no Brasil e ocorre a partir do movimento médico-higienista, em estreita relação com o desenvolvimento urbano e a formação do Estado nacional. O alto índice de mortalidade infantil – preocupante por influenciar negativamente na política demográfica que começava a ser adotada - é explicado pelos médicos utilizando a ideia de nocividade do meio familiar, o que se torna o seu maior trunfo na luta pela hegemonia educativa das crianças (COSTA, 2004).

O amor paterno e materno e a dedicação dos pais à educação dos filhos, sonhada pela higiene e quase inconcebível nos tempos do Brasil colonial, é uma realidade atualmente. Entretanto, perante os especialistas, os pais continuam a ser vistos como ignorantes:

Amar e cuidar dos filhos tornou-se um trabalho sobrehumano, mais precisamente, “científico”. Na família burguesa os pais jamais estão seguros do que sentem ou fazem com suas crianças. Nunca sabem se estão agindo certo ou errado. Os especialistas estão sempre ao lado, revelando os excessos e deficiências do amor paterno e materno (COSTA, 2004, p.15).

Nesse sentido, diante da valorização do conhecimento especializado e respaldado pelos métodos científicos, os conhecimentos tradicionais como os da parteira e das mães começam a ser desvalorizados e questionados como saberes realmente válidos sobre a infância. A grande quantidade de revistas especializadas circulantes atualmente que abordam questões relacionadas aos cuidados com bebês, crianças e adolescentes parece demonstrar que, cada vez mais, os pais buscam auxílio especializado para criar seus filhos. O desejo de ter filhos é acompanhado de dúvidas e ansiedade em relação a vários aspectos, a começar pelo parto, passando pela amamentação, além das atitudes em relação ao comportamento dos bebês e da melhor forma de educar as crianças e lidar com as mudanças da adolescência (MARTINS, 2008).

Assim, a infância que conhecemos atualmente foi apropriada por seus estudiosos que a partir da modernidade se tornaram seus porta-vozes, através da legitimidade que o saber científico lhes confere. Nesse movimento, a infância passou a ser associada principalmente a desenvolvimento e adquiriu o sentido de uma etapa para se chegar à vida adulta, obtendo no caminho as habilidades necessárias e sendo alvo de cuidados diversos em relação a saúde, educação, comportamento, dentre outros aspectos, visando tornar seu desenvolvimento o mais completo e controlável possível. Para tornar esse projeto viável, tornou-se necessária a intervenção dos especialistas da infância, que têm autoridade para falar sobre ela e, dessa forma, participar da sua construção.

Os saberes construídos por estes especialistas no âmbito das diferentes áreas do conhecimento muitas vezes se transformam em prescrições, no sentido de orientar as famílias na educação dos filhos. Eles chegam ao imaginário social de diversas formas, dentre elas através da mídia impressa.

Bernardo Jefferson de Oliveira (2003) atenta para a importância da dimensão da representação pública da ciência que, segundo o autor, foi geralmente vista como algo exterior à atividade científica, mas que tem tanta importância quanto a argumentação teórica e a demonstração experimental no seu processo de produção. Nesse importante processo para a legitimação das ciências, a questão da divulgação científica é essencial. Assim, destaca-se a importância de estudar os veículos de vulgarização científica, no intuito de compreender quais conhecimentos são divulgados, ou melhor, que discursos são legitimados e fazem-se ouvir. O próprio autor destaca a possibilidade de fazê-lo tendo como fundamento o conceito de representação social, que pode ser pesquisado enquanto princípio gerador de tomadas de posição. Assim, as representações sociais da infância veiculadas pela revista *Pais & Filhos* podem ser compreendidas como discursos carregados de uma clara intenção de guiar as ações e, nesse sentido, construir e/ou transformar a realidade.

A partir da análise inicial mais geral da *Pais & Filhos* ao longo dos 30 primeiros anos – 1968 a 1998 – fica evidente a importância do conhecimento científico como o maior referencial ao tratar a educação da infância.

As matérias publicadas geralmente levam a assinatura de três tipos de profissionais: redatores, fotógrafos e consultores científicos. A presença dos consultores científicos é marcante na revista, sendo valorizada pela mesma e anunciada como um dos fatores responsáveis por sua credibilidade. A revista destaca na edição de aniversário:

Um dos segredos de PAIS & FILHOS é contar com uma equipe de

consultores, especialistas do mais alto gabarito. Eles são, em boa parte, os responsáveis pela credibilidade e o sucesso alcançados pela revista nesses 21 anos.⁸⁵

Pais & Filhos traz em todas as edições uma lista de seu corpo de consultores (FIG. 14), na qual predomina a presença da medicina e suas diversas especialidades. A presença da psicologia e da psicanálise também é marcante, embora em menor número. Esta configuração prevalece em todo o período da análise, mas outras especialidades frequentam o rol de consultores, conforme explicitado no QUADRO 1.

QUADRO 1
Consultores Científicos da *Pais & Filhos* (1968-1998)

	1968 – 1972	1973 – 1977	1978 – 1982	1983 – 1987	1988 – 1992	1993 - 1998
Direito de Família	1969 em diante	x	x	x	x	x
Homeopatia						1994 em diante
Literatura	x	Apenas em 1973				
Nutrição		1974 em diante	x	x	x	x
Odontologia	x	x	x	x	x	x
Pedagogia	x	x				
Psicomotricidade			x	x	x	x
Reprodução Humana						1994 em diante
Sexologia				1984 em diante	x	Apenas em 1993
Teologia	x	x				
Terapia de Casais						1994 em diante

⁸⁵ PAIS, 1988, p.68.

CONSELHO CIENTIFICO

Obstetrícia e Ginecologia: DR. JORGE DE REZENDE, catedrático de Clínica Obstétrica e diretor do Instituto de Maternidade da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro; professor titular de Obstetrícia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e Chefe da 33.^a Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

Pediatria — DR. RINALDO DE LAMARE, diretor do Departamento Nacional da Criança.

Psicologia — DR. CARLOS PAES DE BARROS, psicólogo e psiquiatra, professor de Psicologia da PUC - GB, diretor de Pesquisa do Instituto de Medicina Psicológica da Guanabara.

Clínica Geral — DR. JAYME LANDMAN, catedrático de Clínica Médica da Faculdade de Ciências Médicas da UEG, diretor do Hospital das Clínicas da FMCUEG e vice-diretor da FAMUEG.

Neurologia — DR. ABRAHAO AKERMAN, chefe do Serviço de Neurologia da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro.

Teologia — Frei PEDRO SECONDI, doutor em Teologia pela Faculdade de Saint Maximin, bacharel em Letras pela Universidade de Nancy, França, e professor de Filosofia da PUC - GB — Frei FRANCISCO AUGUSTO FARMIL CATAO, doutor em Teologia pela Universidade de Estrasburgo, França; provincial dos Dominicanos da Província Brasileira; ex-professor de Lógica e Textos de Filosofia Antiga e Medieval e de Teologia Dogmática, na Escola Dominicana de Teologia de São Paulo, e de Cultura Religiosa, na FFCL de São Bento — São Paulo.

Cirurgia Plástica — DR. IVO PITANGUY, professor de Cirurgia Plástica da Pontifícia Universidade Católica - GB e Chefe da 38.^a Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

Pedagogia — ESTER OZON-MONFORT, professora de Psicologia Educacional do Curso de Formação de Professores de Ensino Normal (CFPEN), da Secretaria de Educação da GB; professora de Filosofia do Colégio Pedro II da GB. Curso de Supervisão e Planejamento de Ensino Médio no S. Diego State College, da Califórnia — JACYRA CALAZANS CAMPOS, diretora da Escola de Demonstração, do Centro Regional de Pesquisas Educacionais Prof. Queiroz Filho (MEC-INEP), São Paulo.

Psiquiatria — DR. JURANDYR MANFREDINI, professor-adjunto da Faculdade de Medicina da UFRJ; diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais; assistente de Medicina Legal da Faculdade de Direito da UFRJ; psiquiatra chefe da seção psiquiátrica da Casa de Saúde Dr. Eiras; professor de Psiquiatria do Curso de Saúde Mental da Escola Nacional de Saúde Pública.

CONSULTORES PRINCIPAIS

Reprodução Humana: DR. JEAN-CLAUDE NAHOUM, docente de Ginecologia da Faculdade de Medicina da UFRJ; docente de Obstetrícia da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

Pediatria: DR. HÉLIO DE MARTINO, professor-adjunto de Pediatria da Faculdade de Ciências Médicas do Rio de Janeiro, e diretor do Instituto Fernandes Figueira. — DR. PAULO ROSA, médico do Hospital do Servidor do Estado. — DR. JAYME VAISMAN, professor-adjunto do Departamento de Pediatria e Puericultura da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho.

Neuropediatria: DR. ELIASZ ENGELHARDT, neurologista do Hospital Infantil Jesus da Guanabara e chefe de clínica do Serviço de Neurologia da Santa Casa Estadual do Rio.

Endocrinologia: DR. JOSÉ SCHERMANN, professor-adjunto e livre-docente de Clínica médica da UFRJ; professor da Escola de Pós-Graduação Carlos Chagas. **Laboratório de Hormônios:** DR. ERICSSON LINHARES, professor-adjunto da Faculdade de Medicina da UFRJ; chefe do laboratório de Hormônios do Instituto de Endocrinologia da Santa Casa (serviço do prof. Clementino Fraga Filho).

Tisiologia e Pneumologia: DR. EDMUNDO BLUNDI, professor de Doenças Pulmonares da Escola Médica de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; do Departamento de Doenças do Tórax da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.

Cancerologia: DR. MOACIR SANTOS SILVA, membro titular da Academia Nacional de Medicina e chefe do Departamento de Medicina do Instituto Nacional do Câncer.

Foniatría: DR. PEDRO BLOCH, da diretoria da Associação Internacional de Foniatria (IALP)

Gastroenterologia: DR. FIGUEIREDO MENDES, professor-adjunto de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da UFRJ, professor de Gastroenterologia da Escola Central de Nutrição do MEC.

Cardiologia: DR. ISAAC FAERCHEIN, chefe do Serviço de Cardiologia do Hospital Sousa Aguiar, Rio, e professor-assistente da FMUFRJ.

Otorrinolaringologia: DR. HÉLIO HUNGRIA, professor catedrático da FCMUEG e livre-docente da FMCUFRJ, da Fundação Escola de Medicina e Cirurgia da FCMRJ.

Dermatologia: DR. SILVIO FRAGA, dermatologista da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

Odontologia: EFRAIM DINES, cirurgião-dentista do Serviço Dentário da Fundação IBGE; pós-graduado pela Universidade de Nova Iorque e pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Ortopedia: DR. JOSÉ ALBANO DA NOVA MONTEIRO, catedrático da UFRJ, membro titular da Academia Nacional de Medicina, chefe do Serviço de Ortopedia e Traumatologia do Hospital Miguel Couto.

Psicologia: MARIA IMELDE FARAH, LÉA LERNER, ELISA VELOSO, ELIESER SCHNEIDER, JOSÉ TEITELROIT, MARIA ALICE LISBOA.

Psicanálise: DR. HORUS VITAL BRASIL, Diretor-Presidente do Instituto de Medicina Psicológica. — DR. DÉCIO DE SOUZA, membro da Sociedade Psicanalítica Britânica, Londres, e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Psiquiatria: DR. TALVANE MARINS DE MORAIS, assistente da Clínica Psiquiátrica da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, psiquiatra da Casa de Saúde Dr. Eiras da GB. — DR. WASHINGTON LOVELLO, do Serviço Nacional de Doenças Mentais do Ministério da Saúde.

Primeiros Socorros: DR. ORLANDO JOSÉ ALVES, professor de primeiros socorros da Cruz Vermelha Brasileira e do Centro de Orientação e Proteção Comunitária do MEC.

Literatura: MARQUES REBELO, da Academia Brasileira de Letras.

FIGURA 14 – Lista de Consultores. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 1, p. 130, set. 1968.

A relação da revista com os especialistas parece ser bem próxima e em uma via de mão dupla: da mesma forma que a publicação busca valorizar seu conteúdo através do aval da ciência, os consultores também parecem acreditar na revista como um veículo de divulgação da ciência e de educação da população. Esta relação pode ser percebida na passagem que se segue, que relata uma matéria que é escrita a partir de um convite de um consultor:

A redação ainda estava no ritmo das festas de fim de ano quando recebemos um telefonema do neurocirurgião Luiz Cláudio M. Rocha [...], nosso consultor, para que fotografássemos uma operação que seria realizada horas depois pela equipe do Hospital Jesus, no Rio de Janeiro. [...] A repórter Simone Fernandes e o fotógrafo Carlos Hungria assistiram à operação e fizeram a matéria que está na página 42.⁸⁶

Em várias passagens, *Pais & Filhos* faz referência a eventos científicos. No editorial de dezembro de 1988, por exemplo, a editora relata que a redação da revista ainda está “vivendo sob o clima do XII Congresso Mundial de Ginecologia e Obstetrícia que se realizou recentemente no Rio de Janeiro, reunindo centenas de especialistas famosos”⁸⁷. Nesse sentido, é significativa a proximidade que a publicação procura manter das atividades científicas, fator que acentua o seu papel de divulgação da ciência.

O trabalho dos consultores é descrito no depoimento do Dr. Fernando Estellita Lins, ginecologista e obstetra, na edição comemorativa de 21 anos da publicação e demonstra outra faceta da relação com a ciência – a sua vulgarização, ou seja, o processo de popularização dos conhecimentos:

O papo com o jornalista é simples, longo, descontraído. Às vezes, levamos horas conversando. Tento usar uma linguagem coloquial, evitando jargões científicos e técnicos, ou seja, o famoso *mediquês*. Sobre o que foi dito o redator ainda faz o miraculoso trabalho de síntese, adaptando tudo à linguagem da revista. Mais tarde, o texto volta às minhas mãos para ser avaliado, revisto e até corrigido, quando é o caso.⁸⁸

Além desse trabalho de consultoria, os especialistas frequentam as páginas da *Pais & Filhos* também através de entrevistas e de matérias a seu respeito. Isto ocorre tanto com consultores da revista quanto com outros profissionais, muitas vezes referências importantes em sua área de conhecimento. Em 1984, por exemplo, há uma série de artigos intitulada “A Criança e os Grandes Nomes da História”, com matérias a respeito de

⁸⁶ JORGE, 1981, p.4.

⁸⁷ LEAL, 1988b, p.3.

⁸⁸ PAIS, 1988, p.68.

especialistas selecionados: Sigmund Freud, Jean Piaget, Albert Sabin, Melanie Klein, Walt Disney, Monteiro Lobato, Maria Montessori, Jesus de Nazaré e Cecília Meireles. Um exemplo de entrevista é encontrado na edição de setembro de 1988, com a presença de especialistas de várias áreas. O título do artigo é bem sugestivo dos papéis atribuídos aos especialistas e aos leitores nessa relação: “Pergunte a Quem Entende do Assunto”:

Estas e outras perguntas polêmicas, que todos os pais querem fazer, merecem, neste número, a opinião de grandes especialistas. E aqui estão eles: Dr. Walter Pinto Jr., geneticista; Dr. Rinaldo De Lamare, pediatra; Maria Tereza Maldonado, psicóloga; Prof. Arnaldo Niskier, educador; Maurício de Souza, desenhista, escritor, criador da Turma da Mônica⁸⁹.

Pais & Filhos relata a promoção constante de eventos de encontro e homenagem aos seus consultores, principalmente em épocas de comemoração do aniversário da publicação: “Reunimos nossos consultores para um almoço, no 12º andar do Edifício Manchete, aproveitando a oportunidade para prestar uma homenagem a estes profissionais [...] que a cada mês estão nas páginas da revista, orientando você sobre os mais diversos assuntos”⁹⁰. O editorial de outubro de 1995 também se refere a uma reunião com os consultores de São Paulo⁹¹ e anuncia um encontro a ser realizado com os especialistas do Rio de Janeiro⁹². Encontro este que é relatado na seção “Acontece” de janeiro de 1996⁹³.

Alguns consultores se constituem como importantes destaques na revista através de seções próprias que se fazem presentes durante praticamente todos os trinta anos analisados. O Dr. Rinaldo de Lamare⁹⁴ assina a seção “Os Conselhos do Dr. De Lamare”, que tem início em 1971 e permanece durante todo o restante do período analisado. Na seção, o pediatra trata de assuntos diversos relativos ao cuidado e à educação das crianças. Além de sua coluna, ele frequenta sempre as páginas da revista, seja em entrevistas, artigos ou através de anúncios publicitários do seu livro. Em junho de 1989, quando a *Pais & Filhos* lança a seção “Gente Grande”, caracterizada por entrevistas. “com pessoas que vêm se destacando,

⁸⁹ PERGUNTE, 1988, p.97.

⁹⁰ ALVARENGA, 1989, p.121.

⁹¹ Parece ter havido uma edição paulista e outra carioca da *Pais & Filhos*, a julgar por essa distinção entre especialistas do Rio de Janeiro e de São Paulo e pelo trabalho de Maria Simone Schwengber (2006), que analisa a educação dos corpos grávidos na revista. As referências dos artigos citados por essa autora não conferem com as edições que analisei. Nas referências, ela cita edições publicadas em São Paulo, enquanto os exemplares que analisei são provenientes do Rio de Janeiro.

⁹² LEAL, 1995b, p.3.

⁹³ BRAGA, 1996a, p.100.

⁹⁴ Rinaldo de Lamare (1910 - 2002) é um dos principais consultores da *Pais & Filhos*. Médico pediatra, presidiu a Sociedade Brasileira de Pediatria e atuou no Departamento Nacional da Criança. Seu livro – “A Vida do Bebê”, publicado em 1941 – é o mais famoso manual de puericultura brasileiro, circulando até hoje, já em sua 41ª edição.

com seus trabalhos, no universo infantil”⁹⁵, é o Dr. De Lamare que estreia a seção, juntamente com o obstetra Simão Colovsky, com quem publicou um livro. Já em junho de 1991, a *Pais & Filhos* publica uma entrevista resultante de uma mesa-redonda com o Dr. De Lamare, que contava então com 81 anos e na ocasião comemorava 50 anos de seu livro “A Vida do Bebê”, publicado pela Editora Bloch, que já estava em sua 38ª edição.

O Dr. Haroldo Lins e Silva, apesar de não ser propriamente um especialista da infância, tem uma presença constante nas páginas da *Pais & Filhos*. Advogado, especialista em direito de família, ele responde dúvidas enviadas por leitores à sua seção, que começa a ser publicada em maio de 1970. No final de 1986 o Dr. Haroldo falece e o seu filho – Dr. Paulo Lins e Silva – assume a seção, conforme comunica a revista ao informar sobre o ocorrido:

Nossa revista deve grande parte de seu sucesso editorial à credibilidade de consultores do porte do Dr. Haroldo Lins e Silva. Como ele desejava, porém, seu trabalho vai ser continuado por seu filho, que também assumiu o escritório do pai. A partir do próximo mês, seu advogado de família passa a ser o Dr. Paulo Lins e Silva, que responderá com a mesma atenção de sempre às cartas de nossos leitores.⁹⁶

A seção do Dr. Paulo é publicada até março de 1991. Entretanto, mesmo após este término, o advogado continua a ser consultor da revista e a responder dúvidas na seção de cartas.

Já o Dr. Pedro Bloch – primo de Adolpho Bloch - é consultor da revista durante todo o período analisado e mantém uma seção própria desde janeiro de 1970 até o final do referido período. Médico fonoatira, ele não trata especificamente de sua especialidade na seção. Esta se chama “Criança Diz Cada Uma” e traz histórias centradas nas falas de crianças. Na entrevista com esse especialista, publicada na seção “Gente Grande” de outubro de 1990, a revista complementa seu currículo: Pedro Bloch é também dramaturgo e escritor, autor de peças de teatro e de livros infantis.

Ao longo do período analisado, os leitores participam da revista por meio de diversas seções. A seção destinada à publicação de cartas enviadas é publicada desde os primeiros números. No início se chama “Pais e Filhos Escrevem” e é destinada a divulgar elogios, críticas, comentários e dúvidas. Algumas questões demandam a consulta dos especialistas, mas a revista se limita a pedir que o leitor enderece a carta a um de seus

⁹⁵ MOURA, 1989, p.33.

⁹⁶ SILVA, 1986, p.92.

consultores, quando se trata de uma questão mais individual, ou a responder de forma breve, sem entrar muito em detalhes. Além das cartas, a partir de 1972 a seção passa a publicar fotos de crianças em preto e branco enviadas por seus leitores. A partir de 1975, a seção passa a se chamar simplesmente “Cartas” e a responder dúvidas enviadas aos consultores com maior frequência. O número de fotos publicadas também aumenta. De 1980 a 1990 a seção recebe o nome de “Caixa Postal 285” e é dividida por especialidades: pediatria, psicologia, ginecologia, dentre outras, além de “redação” – destinada a questões sobre a revista – e das fotos das crianças. A seção traz a seguinte chamada:

O espaço desta seção é reservado às dúvidas e consultas dos nossos leitores. Dificuldades que parecem intransponíveis podem receber a orientação segura de um especialista. Também a redatora-chefe responde aqui às questões de interesse geral. Além disso, você pode ver publicada a foto de seu filho. [...] ⁹⁷

Entretanto, a partir de março de 1982 as fotos não são mais publicadas junto à seção de cartas, mas passam a ser coloridas e a constituir a seção “Galeria do Mês”. Em agosto de 1990, a seção de cartas passa a se chamar “P & F Responde” e, acompanhando o novo layout da revista, torna-se mais colorida. A “Galeria do Mês” continua presente até 1995. Mas, em 1997 a mesma seção volta com um novo nome: “Olha Eu Aqui”.

Além das acima citadas, outras seções são destinadas a responder as dúvidas dos leitores. “Advogado de Família” é publicada entre 1970 e 1991, conforme exposto anteriormente, mas passa a responder os questionamentos dos leitores a partir do final de 1972. Já “Consultório Alimentar” traz respostas para perguntas relativas a nutrição e alimentação e é publicada de 1971 a 1989, mas a partir de abril de 1979 passa a contar com a participação dos leitores através do envio de cartas. Além disso, a seção “Criança Diz Cada Uma” começa a pedir a participação dos leitores a partir de 1972:

Toda criança é muito espontânea e engraçada. Seu filho não foge à regra, é claro. Por isso, quando ele disser alguma coisa bacana, anote num papel, para não se esquecer. E envie para PEDRO BLOCH [...]. ⁹⁸

Porém, ao publicar as histórias das crianças, o consultor não faz menção à autoria das mesmas, o que torna difícil saber a dimensão da colaboração dos leitores na seção.

Além disso, a *Pais & Filhos* conta esporadicamente com seções organizadas a

⁹⁷ CAIXA, 1983, p.93.

⁹⁸ BLOCH, 1972, p.78.

partir de dúvidas de seus leitores. É o caso de “Os Problemas de Pais e Filhos”, publicada até 1971, que se configura como uma consulta por parte de um leitor a um especialista da revista, que trata do tema pedido em, geralmente, duas páginas. Em meados da década de 1980 uma seção similar é algumas vezes publicada, mas com o nome “Pais e Filhos Responde” e, eventualmente, com uma maior quantidade de texto a respeito do assunto.

Se na maior parte das vezes a participação dos leitores ocorre por meio de uma consulta a um especialista através da revista, por outro lado, os depoimentos também se configuram como uma prática comum da publicação. A seção “Casos que Servem de Exemplo”, publicada algumas vezes na década de 1970, valoriza essa contribuição:

A sua experiência de mãe tem mais importância do que você imagina. Ela poderá ser útil a outras famílias, que por vezes vivem problemas idênticos aos seus. Muitas mães não conseguem resolvê-los porque não conhecem como outras mulheres iguais a elas puderam superá-los. [...] Se você teve um problema dessa natureza e conseguiu que tudo terminasse bem, conte sua experiência através de PAIS & FILHOS [...] Nós sabemos que podemos contar com você. E as mães também: elas querem conhecer e aproveitar o exemplo de gente como elas.⁹⁹

Esta seção traz histórias contando a experiência de suas leitoras na educação dos filhos. Entretanto, elas não possuem voz ativa: os casos não são reproduzidos, mas narrados na terceira pessoa. Esporadicamente, algumas matérias trazem depoimentos dos leitores. O editorial de junho de 1985 anuncia um desses artigos:

Este mês, uma leitora nos dá o seu emocionante depoimento sobre a luta que travou durante dez anos e em toda uma gravidez difícil para realizar o sonho de ser mãe. Esta é PAIS & FILHOS, nova em seus quase dezoito anos. Mais do que nunca preocupada em abordar os temas de seu interesse e em ouvir suas experiências, ajudando-a também a esclarecer as dúvidas que sempre surgem no caminho [...]¹⁰⁰

A passagem acima exemplifica a relação (desigual) existente na revista entre orientação aos leitores e valorização da experiência dos mesmos. Na maioria das vezes prevalece o tom de ensinamento nas matérias, mas a consideração dos saberes das mães também está presente. Às vezes, está relacionada a um apelo sentimental, como no editorial de novembro de 1986:

⁹⁹ CASOS, 1971, p.50.

¹⁰⁰ LEAL, 1985, p.3.

[...] Ensinaamentos valem, sim. Para isto, aqui estamos nós neste número, cheio de dicas tão úteis. Mas, acima de todas as normas, de todos os conselhos, existe este seu coração cheio de ternura, a mão que embala o berço e afasta os perigos do mundo. Assim, você vai descobrir os caminhos para cuidar de seu bebê. Fique certa disso, mamãe.¹⁰¹

Também é comum a presença de depoimentos de pessoas famosas e da equipe da revista. Na edição de maio de 1988, por exemplo, duas redatoras que acabaram de voltar ao trabalho após a licença-maternidade dão seus depoimentos sobre a relação entre trabalho e maternidade. A revista esclarece: “Na redação de PAIS & FILHOS é assim. Sempre que possível, procuramos partir de nossa própria experiência ao elaborarmos cada edição da revista”¹⁰². Em maio de 1991, na matéria em homenagem ao dia das mães, algumas mulheres da redação apresentam aos leitores sua família, através de fotos e depoimentos¹⁰³.

Assim, ao representar a infância, *Pais & Filhos* assume uma atitude moderna: elege como principal referencial os conhecimentos científicos e como interlocutores privilegiados os especialistas. Aos pais resta pedir conselhos e seguir as prescrições daqueles, mas a sua voz não é totalmente silenciada: a sua experiência é considerada, embora minoritariamente. À criança – o *infans*, ou seja, o etimologicamente significado como “sem voz” – entretanto, é pouco possibilitada a expressão.

Nesse sentido, em relação ao discurso sobre a infância, a revista assume diversas posturas. Na maioria das vezes, ela o profere do seu lugar de especialista, tratando a criança como seu objeto, como no caso do artigo “Criança para Principiante”¹⁰⁴, que cita informações diversas sobre o modo de ser das crianças e traz uma ilustração que configura bem o entendimento da criança como o diferente, o primitivo a ser entendido e domesticado: uma criança ao lado de chimpanzés (FIG. 15).

Em poucas oportunidades a revista traz a fala das crianças. Os artigos “A Realidade do Sonho no Mundo Infantil”¹⁰⁵, que publica uma entrevista com quatro crianças, e “O Vencedor é...”¹⁰⁶, que relata uma pesquisa realizada com 1400 crianças sobre os melhores do ano em várias categorias, como cinema, esporte, televisão, música, teatro, literatura, etc., são alguns dos escassos exemplos. A seção “Criança Diz Cada Uma”, presente durante quase todo o período analisado, traz as falas de crianças, mas em uma configuração humorística, na

¹⁰¹ LEAL, 1986, p.3.

¹⁰² COM A PALAVRA, 1988, p.107.

¹⁰³ E COM VOCÊS, 1991.

¹⁰⁴ SILVA, 1969.

¹⁰⁵ FERNANDES, 1981.

¹⁰⁶ O VENCEDOR, 1994.



FIGURA 15 – “Criança para Principiante”. ELTERN E THREE LIONS. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 11, p. 4-5, jul. 1969.

qual o discurso infantil é considerado como algo sem seriedade. As chamadas da seção demonstram uma mistura de comicidade e de valorização dessas falas:

No convívio diário com a criança, você certamente já ouviu coisas engraçadíssimas. Mande a última de seu filho para Pedro Bloch [...] ¹⁰⁷

As crianças estão sempre dizendo coisas engraçadas ou reveladoras da alma infantil. Por isso, vale a pena ter ouvidos para ouvir as crianças. Mas quando a gente não anota as coisas formidáveis que elas dizem, acabamos esquecendo. Anote, portanto, a última de seu filho e mande para o Dr. Pedro Bloch publicar nesta seção. [...] ¹⁰⁸

Em casos frequentes, a *Pais & Filhos* se coloca no lugar da criança, assumindo a sua fala, a partir de um discurso idealizador de um modelo de infância, como exemplifica a matéria publicada em junho de 1972, intitulada “Protesto!”: “Estamos aqui representando a Liga dos Bebês. Queremos mostrar aos adultos o que consideramos nossos direitos,

¹⁰⁷ BLOCH, 1974, p.64.

¹⁰⁸ BLOCH, 1975, p.92.

explicando, em 10 itens, o que esperamos deles”¹⁰⁹. Outros exemplos podem ser dados: “Diário de um Bebê Dentro do Útero”¹¹⁰, que traz a história de um bebê no ventre materno contada na voz do mesmo ou “Se Recém-Nascido Falasse...”¹¹¹, que conta as primeiras sensações de um recém-nascido da mesma forma. Em outros casos, a revista publica a fala ou a expressão da criança, mas procura traduzi-la, como nos vários artigos sobre grafologia¹¹² publicados ao longo do período ou na matéria “Um Recado Para Mamãe”¹¹³ que traz as respostas de várias crianças quando perguntadas sobre o que gostariam de dizer às suas mães e a interpretação das mesmas por uma psicóloga.

A publicação, ao apresentar a fala de especialistas, os conhecimentos da ciência e os saberes e práticas relativos à infância vigentes nos variados contextos, não apenas orienta os pais em relação aos cuidados e educação de seus filhos, mas legisla sobre a infância, até mesmo em questões aparentemente subjetivas, como é o caso da felicidade. Em fevereiro de 1981, publica o artigo “Como Seu Filho Pode Ser Feliz”¹¹⁴ que enumera as condições necessárias para a felicidade de uma criança. Já em agosto de 1998, publica o teste “Seu Filho É Feliz?”¹¹⁵ que auxilia os pais, a partir de respostas a perguntas selecionadas, a diagnosticar o nível de felicidade de seus filhos. Assim, a criança assume um papel de dependência, vivendo uma infância em constante conflito com a idealizada pelos especialistas, em um mundo construído por adultos, como mostra o editorial de janeiro de 1984: “As crianças de amanhã viverão o que pudermos construir para elas”¹¹⁶.

A revista *Pais & Filhos*, idealizada para contribuir com o projeto de construção de um modo de ser moderno através da orientação das famílias, auxilia na construção de um ideal de criança. Nesse sentido, pode ser considerada como herdeira e participante de um projeto de normatização da infância. Considerando que o corpo é um lugar privilegiado desse processo educativo, passo a descrever a seguir as representações sociais dos corpos infantis na revista, no sentido de buscar entender esse projeto.

¹⁰⁹ PROTESTO, 1972, p.20.

¹¹⁰ MENDONÇA, 1982a.

¹¹¹ BOECHAT, 1998.

¹¹² A grafologia é o estudo da personalidade através da análise da escrita.

¹¹³ FERREIRA, 1997.

¹¹⁴ GONZALEZ, 1981.

¹¹⁵ SEU FILHO, 1998.

¹¹⁶ ALCURE, 1984, p.3.

4 – OS CORPOS INFANTIS NA *PAIS & FILHOS*: NATURAIS E BELOS

4.1 – Os Corpos Infantis: Minifábricas Naturais

As representações dos corpos infantis presentes na *Pais & Filhos* são construídas a partir de um referencial predominantemente biológico. A partir dele, o corpo é entendido como um conjunto de órgãos, arranjados em sistemas e portadores de funções específicas. Muitas vezes, ele é nomeado *organismo*:

O organismo da criança, com o sistema de imunidades ainda imaturo, não tem os instrumentos necessários para combater o crescimento patológico de células cancerosas [...] ¹¹⁷

Eles [os alimentos] são absolutamente importantes para suprir as necessidades do pequeno organismo em fase de rápida evolução. ¹¹⁸

Dessa forma, o corpo infantil, sujeito às leis do desenvolvimento, é visto como um pequeno organismo, ainda imaturo. Por um lado, é limitado por sua condição biológica, mas, por outro, pode ser beneficiado por práticas sociais, como os esportes e a alimentação adequada.

O corpo infantil enquanto organismo biológico é objeto de estudo e de intervenção das ciências desde o útero materno. Neste, entretanto, após passar pela fase de *ovo* e de *embrião*, recebe a denominação de *feto*:

[...] a gestação atinge a metade de sua escala: o ovo, feito embrião, mudou novamente de nome e já se chama feto, um ser completo e de relativa autonomia, com seus órgãos e glândulas capazes, inclusive, de produzir hormônios. ¹¹⁹

O corpo infantil durante a vida intrauterina – o feto – deve receber diversos cuidados, como exames preventivos, acompanhamento médico e controle dos hábitos maternos. A existência do feto e o cuidado com a sua saúde são visões modernas, pois a medicina da época passa a afirmar a existência da vida desde o momento da fecundação. Com base nesse entendimento, somente nos séculos XIX e XX - época da profissionalização da

¹¹⁷ TÁVORA, 1975, p.106.

¹¹⁸ NORÕES, 1976a, p.20.

¹¹⁹ FERNANDES, 1975, p.32.

medicina e da intensificação da divulgação das práticas médicas – o aborto começa a ser condenado (SCHWENGBER, 2006). Assim, o feto – e até mesmo o embrião – já possuem status de sujeito e, em alguns países, de sujeito de direitos (MEYER, 2005). Se o bebê que se esperava se confundia com o corpo da mãe, a partir da modernidade ele passa a ser um indivíduo específico, portador de um corpo que precisa ser cuidado e monitorado.

Entendido como organismo biológico, a revista representa o corpo infantil objetivado pela imagem da fábrica, como mostra um artigo da série “A Escola em Casa¹²⁰”, sobre o corpo humano:

Do momento do nascimento em diante, quando entram em pleno funcionamento todos os órgãos, o bebê passa a ser uma minifábrica, que se especializa e se torna diferente dos pais a cada dia.¹²¹

Essa objetivação expressa bem o contexto moderno ao qual as representações da revista se vinculam, marcado pelo desenvolvimento industrial. João Manuel Mello e Fernando Novais (1998) relatam que no Brasil, entre a década de 1950 e o final da década de 1970, pairava no ar um grande otimismo e uma crença na modernização do país, alimentados pela aceleração da industrialização e da urbanização. Os autores destacam que nesse período o Brasil foi capaz de construir uma economia moderna, incorporando os padrões de produção e consumo próprios dos países desenvolvidos, o que chamam de capitalismo tardio. Este forja uma sociabilidade moderna, que perpassa as relações, os modos de ser e os discursos.

O corpo “minifábrica” tem suas funções divididas pelos diversos órgãos e sistemas. Essa associação do corpo à fábrica confere a ele a ideia de eficiência. A representação do corpo, nesse sentido, é ancorado na ideia da máquina.

Assim, o corpo máquina carrega os princípios da sociedade industrial. As ciências do trabalho no século XIX introduzem a ideia de eficiência corporal. A fisiologia também trabalha com essa ideia, em pesquisas sobre os soldados em possíveis situações de guerra e os atletas em competições. Pesquisas sobre a movimentação da máquina humana se intensificam, procurando melhor conhecê-la para melhor dominá-la. Eficiente é o organismo que produz grande quantidade de trabalho com o mínimo de fadiga (VIMIEIRO GOMES, 2009, SILVA, 1999).

O artigo publicitário do produto “Calcigenol” – um suplemento de cálcio que prometia propiciar às crianças uma estrutura óssea sadia – é um exemplo de classificação do

¹²⁰ Nessa série o conhecimento a respeito dos assuntos tratados era organizado de forma bastante didática, para auxiliar os pais no acompanhamento escolar dos filhos.

¹²¹ COUTINHO, 1970, p.28.

corpo como máquina, que na propaganda se dá através de um diálogo entre pai e filho. O primeiro explica ao segundo que a máquina que observam tem uma estrutura forte e sólida, como deve ser o corpo humano (FIG. 16).



FIGURA 16 – Propaganda Calcigenol. ENGENHO & ARTE. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 1, p. 35, set. 1968.

Le Breton destaca que a assimilação mecânica do corpo traduz na modernidade a única dignidade que é possível conferir ao corpo:

O mecanicismo dá paradoxalmente ao corpo seus duvidosos títulos de nobreza, sinal incontestável da proveniência dos valores para a modernidade. Se não é subordinado ou acoplado à máquina, o corpo nada é (LE BRETON, 2003, p. 19).

A relação entre corpo humano e máquina não é nova, pois para a filosofia mecanicista cartesiana do século XVII a máquina se constitui como o modelo do corpo. O

corpo humano se distingue das outras máquinas apenas pela natureza de suas engrenagens, sendo representado como invólucro para a essência do homem, isto é, a inteligência, o *cogito* (LE BRETON, 2003). Entretanto, na *Pais & Filhos* a relação entre o corpo e a máquina assume um caráter novo, que expressa o contexto de desenvolvimento industrial brasileiro da época: o modelo da máquina que inspira o ideal de corpo é o da fábrica.

Assim, na *Pais & Filhos* o corpo é compreendido como uma organização em que os diversos sistemas desempenham funções próprias, em uma verdadeira divisão do trabalho. No comando dessas funções se encontra o sistema nervoso, reduzido à figura do cérebro que, ao se desenvolver, possibilita o surgimento da vontade, ou seja, das ações praticadas voluntariamente:

[...] os bebês não têm vontade nem contrôlo do corpo. [...] Desenvolvido o cérebro, a vontade ocupa o lugar do automatismo.¹²²

Seguindo essa linha de entendimento, o corpo é frequentemente reduzido a sua materialidade, sendo considerado como o envoltório do sujeito. Nesse sentido, ele pode assumir o significado de um objeto dissociado do indivíduo, que deve ser controlado, carregado por este:

Um dia eles [os bebês] tentam fazê-lo e, depois de longa hesitação, largam o corpo.¹²³

Assim, o sujeito autônomo e consciente não está associado ao corpo, mas ao cérebro, à cabeça. Essa dicotomia se expressa nas representações da revista quando, por exemplo, essas partes aparecem segregadas no discurso, como se não fizessem parte do mesmo corpo:

[...] na praia, não se arriscam além dos primeiros cinco metros de água e, por isso, não molham o corpo e a cabeça o suficiente para combater o calor.¹²⁴

A cabeça do bebê é muito pesada em relação ao corpo [...].¹²⁵

As representações dos corpos infantis na *Pais & Filhos*, nesse sentido, trazem a marca de uma velha dicotomia: corpo e mente. Roy Porter (1992) destaca que a história do

¹²² PINHO, 1968, p.9.

¹²³ CARRILHO, 1970, p.10.

¹²⁴ MACHADO, 1970, p.18.

¹²⁵ A PERIGOSA, 1975, p.4 (encarte).

corpo foi por muito tempo negligenciada. Dentre os motivos apontados, o autor destaca a visão fundamentalmente dualista do homem, entendida como a aliança entre a mente e o corpo, e enfatiza que esse dualismo tem se constituído como uma força profundamente modeladora dos esquemas classificatórios, da ética, dos sistemas de valor e do uso linguístico. É o caso, por exemplo, da divisão semântica entre corpo e cabeça, presente na *Pais & Filhos*.

Stephen Gould (1999) explica essa divisão a partir da ideia de reificação. Segundo o autor, a ciência moderna possui a tendência a reificar seus objetos, ou seja, transformar conceitos abstratos em entidades, em coisas palpáveis. A reificação da inteligência pela ciência moderna, tratada pelo autor, exige que lhe seja atribuída uma localização. Como o cérebro é caracterizado como a fonte da atividade mental, a inteligência passa a residir lá. Assim, na *Pais & Filhos* encontramos a divisão entre a cabeça (ou o cérebro) consciente e inteligente e o resto do corpo, objeto a ser controlado.

Além da representação do corpo reduzido à sua materialidade, a revista traz também a representação do corpo como o lugar de expressão dos sentidos e do instinto, embora com menor frequência. Os sentidos são entendidos como espécies de ferramentas através das quais o corpo infantil apreende o mundo à sua volta:

E os bichinhos de borracha, que ele examina com todos os seus sentidos. Aperta, cheira, morde, escuta os ruídos que produz.¹²⁶

Eles são desenvolvidos ao longo da infância e, dessa forma, precisam ser aprendidos e exercitados:

Há também aulas especiais, com jeito de brincadeira, em que as crianças aprendem a [...] desenvolver a percepção visual, gustativa, olfativa e tátil.¹²⁷

No Núcleo, as crianças são levadas a exercitar os seus diversos sentidos [...]¹²⁸

Na mesma direção, *Pais & Filhos* representa o corpo infantil como portador de instintos. Estes são conceituados como ações involuntárias:

[...] se não tiver chupeta, levará instintivamente o dedo à boca, ou chupará a ponta da franha ou a manga da camisa. Tudo isso é normal, pois trata-se

¹²⁶ OLÍVIA, 1973, p.68.

¹²⁷ LÔBO, 1969, p.129.

¹²⁸ NORÕES, 1976b, p.31.

apenas da manifestação do seu instinto de sucção.¹²⁹

Para caracterizar o instinto, é também recorrente na publicação a referência à sexualidade infantil, tomando como base a teoria psicanalítica, principalmente as ideias de Freud. Nesse caso, o corpo é o lugar do instinto:

A sexualidade, segundo Freud, se expressa na criança em fases distintas, nas quais o instinto sexual se localiza, sucessivamente, em diferentes zonas erógenas, que são partes da epiderme ou das mucosas onde o estímulo do prazer emite suas sensações.¹³⁰

Assim, o instinto aparece na revista geralmente associado aos reflexos motores ou à sexualidade infantil, tratada a partir da teoria freudiana. O instinto é caracterizado como contraposto à inteligência e pode ser a origem das ações da criança:

Os psicólogos franceses ainda não chegaram a uma conclusão definitiva sobre a natureza do nado da criança: inteligente ou instintiva.¹³¹

Tanto o instinto ligado à sexualidade, definido como libido, quanto aos reflexos motores são descritos como mais característicos da criança menor e devem, ao longo do desenvolvimento, ceder lugar à inteligência, ser controlados pela consciência:

Por volta dos cinco anos, quando segundo Sigmund Freud, terá passado por todas as fases de desenvolvimento de sua libido, a criança dispõe de todo o instrumental lingüístico, sendo capaz de expressar em palavras o que vê e sente e está igualmente apta a movimentar conscientemente todo o seu corpo.¹³²

Portanto, se as representações dos corpos infantis na *Pais & Filhos* trazem a marca da dicotomia corpo e mente, a última ocupa um lugar de superioridade em relação ao primeiro. Ao longo do desenvolvimento infantil, o corpo deve ser cada vez mais silenciado em seus instintos e desejos, precisa ser controlado pela consciência para se tornar um corpo educado, civilizado. As representações da revista expressam as características da cultura ocidental que, a partir dessa visão dualista, acabou colocando a mente em uma posição hierárquica superior em relação ao corpo:

¹²⁹ MELLO, 1975, p.16.

¹³⁰ O UNIVERSO, 1975, p.78.

¹³¹ PELLEGRINI, 1969, p.34.

¹³² NORÕES, 1976b, p.31.

A mente é canonicamente superior à matéria. Ontologicamente, por isso, a mente, o desejo, a consciência ou o ego têm sido indicados como os guardiães e governantes do corpo, e o corpo deve ser seu criado (PORTER, 1992, p. 303).

A superioridade da mente em relação ao corpo remete ao projeto moderno de sociedade. A modernidade tem como marca fundamental a crença na razão objetiva como instrumento de controle sobre a natureza (Castro, 1998). Nesse sentido, a consciência é também instrumento de controle sobre a natureza imprevisível do corpo. Assim, seja nas representações do corpo como organismo biológico, como mera materialidade ou como lugar de instintos e de sentidos, o corpo é representado na *Pais & Filhos* como algo natural.

Madel Luz (1988) corrobora com essa questão ao afirmar que data do Renascimento a origem da cisão entre homem e natureza, que se constitui como o primeiro traço constitutivo discernível da racionalidade moderna. O humanismo renascentista tem como marca o antropocentrismo. Dessa forma, o homem passa a assumir o papel de proprietário da natureza, que deve ser desvendada, controlada. A partir desse contexto, começa a se instalar o caráter de alteridade da natureza em relação ao homem, que se expressa na constituição daquela como objeto e desse como sujeito. A razão se constitui como o instrumento do homem para controle da natureza (LUZ, 1988). Assim, o corpo natural também deve ser controlado.

Para Maria Rita Kehl (2003), esse controle está relacionado ao longo processo civilizador no ocidente, que produziu um aumento crescente do controle sobre o corpo através de uma autoconsciência vigilante. A autora argumenta que na modernidade a sede do “ser” se desloca do corpo para o pensamento, potência que se pretende autônoma, soberana e individual.

Portanto, é a partir da ideia moderna de razão que tem origem um conjunto de dualidades que a ciência assume no seu trajeto histórico— e a principal delas é a citada separação entre homem e natureza -, e que dará origem a uma série consecutiva de novas dualidades. A ruptura mais significativa da racionalidade moderna, entretanto, é a ruptura do próprio sujeito, seu estilhaçamento em compartimentos: razão, paixões, sentimento e vontades. Esta divisão

terá o efeito de “negar” socialmente o sujeito humano e de “neutralizá-lo” epistemologicamente, criando condições históricas para torná-lo, como a *Natureza, objeto de ciência*, isto é, para naturalizá-lo, torná-lo coisa passível de intervenção, de transformação, de modelação, de *produção* (LUZ, 1988, p.26).

É nesse sentido que o corpo natural se torna objeto da ciência e deve ser controlado, educado.

Mas, as representações na *Pais e Filhos* não são homogêneas. Se a representação predominante é a do corpo como algo natural, há também lugar para a problematização da influência da cultura no corpo, embora raramente:

Verificou-se que, principalmente nas grandes cidades, as crianças tendem a crescer mais, talvez por influência de certos aspectos da civilização moderna sobre o cérebro e as glândulas endócrinas.¹³³

Entretanto, se no contexto da *Pais & Filhos* o corpo como construção cultural não é uma concepção tão recorrente, a revista estampa e discursa sobre corpos infantis - e propõe práticas de educação desses corpos - que claramente trazem marcas da cultura e da sociedade na qual está inserida. Buscando perceber essas características, em seguida trato mais detalhadamente das representações dos corpos infantis na *Pais & Filhos*, a partir do seguinte eixo de análise: a aparência dos corpos; a oposição entre corpos saudáveis e doentes; a oposição entre corpos normais e anormais.

4.2 - “O Corpo: Ele Vai Crescer na Vida. E que Seja Lindo!”¹³⁴

A beleza dos corpos infantis é exaltada nas páginas da *Pais & Filhos*. O discurso valoriza-a como um atributo desejável e textos e imagens contribuem para a formação de um padrão de corpo considerado bonito.

A beleza assume o sentido de uma virtude do sujeito, geralmente ligada a outros ideais, como saúde, felicidade, etc.:

Adalberto é um garoto bonito e forte.¹³⁵

Jaime era uma criança bonita, feliz e sem nenhum problema de saúde.¹³⁶

Denise Sant’Anna (2001), ao tratar da beleza feminina por um viés histórico,

¹³³ ELIAS, 1974, p.28.

¹³⁴ Esse título é uma referência ao artigo de mesmo nome publicado na edição de outubro de 1976 (NORÕES, 1976b).

¹³⁵ RACHEL, 1971b, p.14.

¹³⁶ AZEVEDO, 1974, p.33.

considera que as revistas e a publicidade contribuíram para dar ao corpo o direito de exposição. Entretanto, quando esse direito é garantido, o corpo passa a adquirir dois deveres: ser civilizado e ser fotogênico. Nesse sentido, percebemos também na *Pais & Filhos* essa exposição dos corpos infantis, acompanhada de uma idealização do corpo. Isso ocorre a partir de dois processos identificados pela autora: o totalitarismo fotogênico – todos os corpos devem ser belos – e a homogeneização das aparências – existe um ideal único de beleza a ser atingido por todos os corpos (Sant’Anna, 2001).

Assim, esse corpo bonito ideal é bem delineado pela revista. Esta descreve características desejáveis e indesejáveis de olhos, cabelos e até dos dentes:

Quando uma criança nasce, toda a família espera que ela herde os melhores traços de todas as gerações: os olhos azuis do avô, o narizinho arrebitado da tia, os dentes perfeitos do pai.¹³⁷

A criança ideal da *Pais & Filhos* remete mais a um modelo europeu do que propriamente brasileiro: é branca, tem olhos claros e os cabelos loiros. Essas são as três principais características exaltadas pela publicação. As imagens de crianças estampadas em suas páginas ilustram bem esse padrão.

Em relação à etnia, é rara a presença de crianças negras e de outras etnias. Contudo, na *Pais & Filhos* a questão do preconceito racial já estava em pauta. Em resposta à carta de uma mãe que se enaltece da inteligência do filho, mas que lamenta o fato dele namorar uma “pretinha que mora em frente de casa”, a revista declara:

Minha senhora, acreditamos que seu filho seja realmente inteligente. O bastante para reivindicar a escola e saber escolher os seus amigos. Pena que, tão cedo, já comece a receber doses tão violentas de racismo e discriminação.¹³⁸

Em 1971, a revista publica a matéria “Você É Racista?”¹³⁹, que debate a questão do racismo e traz um teste para avaliar o nível de preconceito dos leitores. No entanto, a *Pais & Filhos* não passa no próprio teste: a imagem da criança do artigo é a única de pessoa negra nessa edição.

Outro artigo ilustra bem a questão: “A Vida Livre dos Meninos da Fazenda”. Nele a revista justifica o apelido de uma criança:

¹³⁷ PINTO, 1973, p.55

¹³⁸ CARTAS, 1975, p.109.

¹³⁹ PINTO, 1971, p.50-54.

[...] Expedito Geraldo, o Branco, por causa do cabelo louro e pele muito clara, coisa rara na região de tipos quase sempre caboclos.¹⁴⁰

Mas, apesar das características descritas dos habitantes da região, a matéria estampa fotos de crianças loiras e de pele clara, demonstrando não se tratar das crianças que protagonizam a reportagem (FIG. 17).

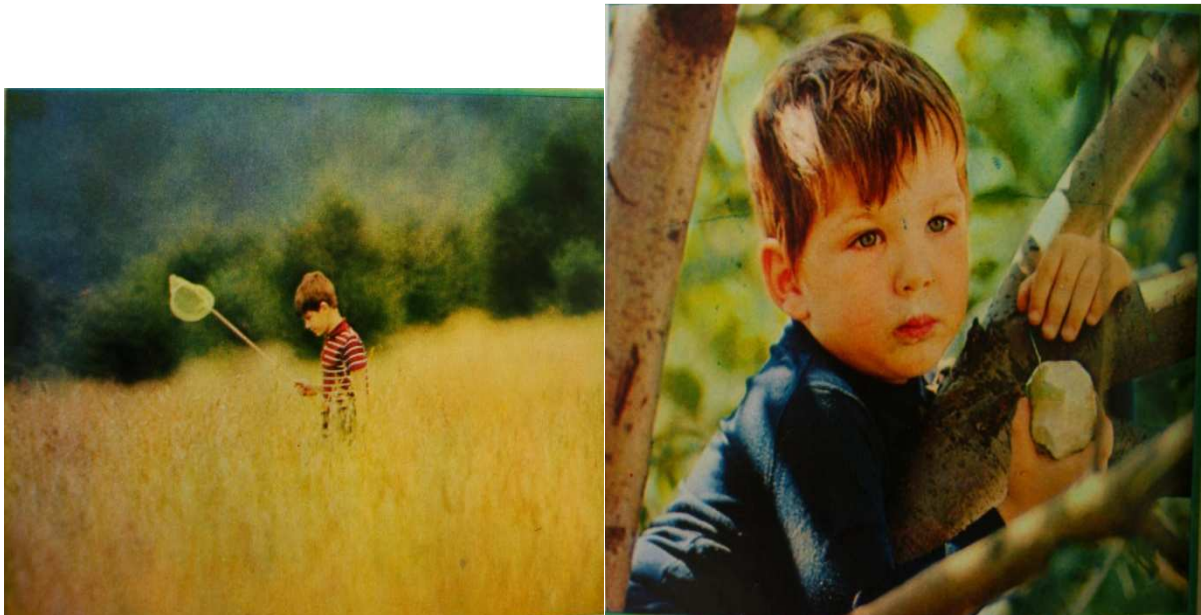


FIGURA 17 – “A Vida Livre dos Meninos da Fazenda”. ICAPRESS, ELTERN E GUINALDO NICOLAIEWSK. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 2, n. 3, p. 71-72, nov. 1969.

Lilia Schwarcz (1993) analisa a questão do preconceito racial no Brasil a partir das teorias raciais do final do século XIX e início do século XX, que foram apropriadas pelos intelectuais brasileiros. Estas visavam explicar a inferioridade dos negros. A hierarquização era organizada segundo argumentos fundamentados na capacidade mental ou na estética (GOULD, 1999). No Brasil, buscando explicar cientificamente a inferioridade de negros e mestiços, durante um bom período de tempo elas serviram para justificar ideias como o pessimismo em relação ao futuro da nação e a defesa de práticas de cunho eugenista. Entretanto, as teorias raciais começam a ser combatidas a partir da década de 1930, principalmente a partir das teses de Gilberto Freyre, inspirado na antropologia cultural, que

¹⁴⁰ FERREIRA, 1969, p.72.

substituiu a noção de raça pela ideia de cultura. A partir daí, a questão do preconceito passa a ser cada vez mais problematizada pelos estudiosos brasileiros (SCHWARCZ, 1993).

Assim, *Pais & Filhos* está inserida em um contexto no qual o preconceito racial já é discutido, entretanto parece ainda deixar marcas no senso comum (inclusive nas representações da revista) e nas ações.

Geralmente, as escassas imagens de crianças negras ilustram artigos que ressaltam a questão da igualdade de direitos, como o teste citado acima, uma matéria sobre a Declaração dos Direitos das Crianças (FIG. 18) e a propaganda da *Light* (companhia energética), que destaca: “Estamos trabalhando pelo futuro de cada um destes cidadãos”¹⁴¹. A publicidade enfatiza a contribuição da companhia para o progresso brasileiro que, a seu ver, possibilitará melhores oportunidades para as crianças no futuro. É forte nesse artigo o sentido da infância como um vir a ser, como um tempo de preparação para o futuro. No caso, para o futuro de todas as crianças, como ressaltam o texto e a imagem (FIG. 19)



FIGURA 18 – “Nós Também Temos Direitos”. ANDRÉ KRAJCSI. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 9, n. 2, p. 4-5, out. 1976.

¹⁴¹ ESTAMOS, 1968, p.65.

**Estamos trabalhando
pelo futuro de cada um
dêstes cidadãos.**



Mais de dois milhões de crianças estão nascendo a cada ano no Brasil. E para que cresçam num País, onde tôdas tenham melhores oportunidades, realiza-se hoje, em todos os setôres, um esforço gigantesco para lançar e ampliar cada vez mais as bases do progresso brasileiro. Com o seu Plano de Expansão, que duplicará até 1970 a capacidade de distribuição de energia na região Rio-São Paulo, a Light está dando a sua contribuição para que seu filho cresça num País em franco desenvolvimento. E encontre no futuro as melhores oportunidades. A Light está também contribuindo para que êle - e você - tenham sempre todo o conforto e bem-estar que só a energia elétrica pode proporcionar.

LIGHT
A SERVIÇO DO PROGRESSO DO BRASIL

FIGURA 19 – Propaganda Light. DENISON. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 1, p. 65, set. 1968.

Se na FIG. 18 a criança negra ocupa um lugar na foto de não destaque (canto inferior esquerdo) e possui um semblante triste, na FIG. 19 as crianças negras ocupam um lugar central e expressam alegria. Talvez essa evidência na segunda foto esteja associada ao fato da publicidade destacar a preparação para o mercado de trabalho. No caso, a parcela do mercado mais beneficiada pela ampliação da oferta de energia elétrica, como as indústrias, onde a mão de obra utilizada no Brasil historicamente tem sido composta por um conjunto de sujeitos com pouca escolaridade e de baixo nível socioeconômico, o qual é composto por um número significativo de negros.

Se as imagens presentes na revista representam e legitimam determinados

padrões, as imagens das capas são ainda mais expressivas nessa função, tendo em vista o fato de se constituírem como a impressão inicial, o primeiro contato do leitor com a publicação. As capas das edições analisadas trazem fotos de dez crianças. Dessas, todas são brancas e tem os cabelos loiros ou claros. Três possuem os olhos azuis ou verdes, quatro tem os olhos castanhos e no restante não é possível perceber claramente a cor dos olhos.

A capa da primeira edição traz uma criança portadora dessas características consideradas ideais e um artigo publicado dois anos depois sobre o menino da capa exalta seus atributos:

Quando a revista foi lançada e o cartaz mostrando um menino louro de enormes olhos azuis foi espalhado pelo país inteiro, Igor não podia nem ir à pracinha [...]¹⁴²

É interessante notar que, ao contrário da capa da primeira edição, na reportagem posterior Igor tem os olhos castanhos (FIG. 20), o que demonstra que houve tratamento da imagem na primeira capa. Assim, a *Pais & Filhos* não apenas seleciona crianças de determinado padrão de beleza para estampar suas páginas, como ainda trata as imagens para que expressem bem esse ideal. Nesse sentido, podemos até mesmo questionar: a criança ideal não existe? Talvez ela não passe de um ideal distante, do qual algumas crianças podem apenas se aproximar, mas que está longe de ser alcançado para a maioria delas.

Pais & Filhos legitima, assim, um padrão de beleza que não condiz com o perfil da maioria da população brasileira. Esse processo leva a uma desvalorização das crianças que não se encaixam nesse ideal. A própria revista relata os problemas ocasionados por essa comparação e não identificação com o modelo estabelecido:

Tarcísio é um menino de 8 anos, moreno. Seu irmão é louro como o pai e tem olhos azuis. Os comentários sobre a beleza dos olhos do irmão e do tom de seus cabelos foram provocando uma mudança no comportamento escolar de Tarcísio.¹⁴³

¹⁴² AUTRAN, 1970, p.71.

¹⁴³ CALDAS, 1972, p.60.



FIGURA 20 – “Êle Foi Nossa Primeira Capa”. VIEIRA DE QUEIROZ. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 3, n. 1, p. 68-69, set. 1970.

A distância do ideal de corpo infantil é considerada como problemática. As crianças distantes do modelo são alvos de recriminação e se tornam isoladas das outras:

Existem casos, porém, em que elas são influenciadas em seu comportamento, de maneira bastante particular, por certas características especiais, que as tornam diferentes da maioria, como as gordas demais, magras, míopes ou portadoras de alguma deformação física. Nesses casos, a criança tem uma tendência a se sentir recriminada pelos outros e se isola para evitar brincadeiras que ressaltem seus sentimentos de inadequação.¹⁴⁴

Além disso, quando essa distância é exacerbada, as características diferentes são consideradas como deformações ou disformias:

Um nariz disforme, muito aquilino ou mesmo torto, pode também trazer

¹⁴⁴ RITTER, 1969, p.92.

problemas para uma criança.¹⁴⁵

A *orelha em abano* é uma pequena disformia, mas acarreta sempre problemas psicológicos. Principalmente na idade escolar, quando a criança recebe o apelido desagradável de *orelha de burro, diabinho*, etc.¹⁴⁶

As crianças portadoras de deformidades adquirem o *status* de anormais na publicação¹⁴⁷. Jean-Jacques Courtine (2008) destaca que até o final do século XIX era comum a exibição do homem considerado anormal, como uma das primeiras formas da indústria moderna de diversão de massas. Gêmeos siameses, crianças microcéfalas, mulheres barbadas, dentre vários tipos de teratologias eram exibidos em feiras, ruas e teatros.

A exibição, entretanto, cumpre o papel essencial de formação do poder de normalização na virada do século XIX para o XX. A norma é legitimada a partir da exibição do seu contrário, da sua imagem invertida. É nesse contexto que o poder médico entra em cena e a exibição das teratologias em espaços de divertimento passa a ser condenada. O saltimbanco perde para o médico a posse das deformidades e elas passam a ser alojadas no espaço medicalizado da investigação científica (COURTINE, 2008). Lilia Schwarcz (1993), entretanto, destaca que no contexto brasileiro a medicina também adota a postura de uma espetacularização da doença, utilizando como veículos a imprensa médica nascente e os congressos científicos. A exposição das doenças e a demonstração das monstruosidades cumpriam um duplo papel: serviam como provas vivas, como demonstração do trabalho médico no Brasil que começava a se legitimar; alertavam para o perigo iminente de degeneração, ilustrando destinos futuros que podiam e deviam ser evitados.

Pais & Filhos está inserida em um contexto no qual as deformidades não são mais exibidas, como será explicitado no próximo capítulo, mas se constituem como um problema médico, a ser evitado ou corrigido. A revista publica vários artigos referentes a cirurgias plásticas em crianças para corrigir disformias, que vão desde as orelhas de abano até o lábio leporino. O corpo infantil é o *corpo rascunho*, como indica David Le Breton (2003), máquina imperfeita a ser reparada pela ciência moderna. Assim, as deformações podem e precisam ser corrigidas em prol de uma normalidade:

Recorre-se à plástica para reparar anormalidades congênicas ou provocadas por acidentes. É neste campo que está sua importância. É mais importante se torna quando é aplicada para corrigir deformidades em uma criança,

¹⁴⁵ MARREIRO, 1977, p.35.

¹⁴⁶ AZEVEDO, 1974, p.30.

¹⁴⁷ A questão da normalidade será tratada no próximo capítulo. Opto por descrever as questões referentes a essas deformidades nesse capítulo, por serem mais relativas à questão da aparência.

fazendo-a normal e impedindo a formação de complexos que só prejudicariam seu desenvolvimento.¹⁴⁸

Entretanto, mesmo em relação a atributos que não costumam ser corrigidos – porque não chegam a ser considerados anormais –, como a cor dos olhos, observa-se o desejo de pertencer ao padrão de beleza. É o que aponta a carta enviada por uma mãe a *Pais & Filhos*:

Gostaria de que me esclarecessem como deveria fazer para que os meus filhos nascessem com os olhos da cor de minha preferência (verde ou azul).¹⁴⁹

Além das características descritas acima, os corpos infantis representados pela revista possuem tamanhos e pesos ideais, de acordo com a idade. A revista se refere, muitas vezes, às tabelas de peso e altura como uma referência para diagnosticar se o corpo infantil é normal:

E para saber se a criança está dentro de uma faixa de normalidade, há muitas tabelas à disposição. A mais comum é a que determina que o peso ideal equivale à altura, menos dez.¹⁵⁰

Há certa aversão à gordura corporal. As imagens mostram quase sempre crianças magras. As crianças gordas ilustram apenas as matérias a respeito do perigo de se ter tal constituição (FIG. 21).

O texto também deixa explícita a questão da gordura corporal como algo indesejável, dentre outras formas, a partir de depoimentos de pessoas que passaram pelo problema:

Compreendi que devia emagrecer e permanecer magra, pois ela me dizia: “Criança que passa obesa para a adolescência será mais tarde um adulto obeso para o resto da vida.” A palavra *obesa* soava nos meus ouvidos como o pior dos nomes feios.¹⁵¹

¹⁴⁸ MARREIRO, 1977, p.33.

¹⁴⁹ CARTAS, 1975, p.108.

¹⁵⁰ ELIAS, 1974, p.65.

¹⁵¹ ELIAS, 1974, p.66.



FIGURA 21 – “Não Alimente Demais o Bebê: Ele Será um Adulto Eternamente Obeso”.
ANDRÉ KRAJCSI. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 6, n. 11, p. 62, jul. 1974.

O excesso de gordura é, muitas vezes, considerado uma doença. Nesse caso, conforme ilustra a passagem acima, recebe a denominação de obesidade. Com o *status* de doença, a gordura vislumbra a possibilidade de cura:

Queria tentar um tratamento, saber se, na verdade, sua gordura era curável.¹⁵²

Nesse sentido, de acordo com *Pais & Filhos*, os corpos gordos são opostos à saúde e precisam ser curados. Além disso, a gordura corporal é contraposta a força e energia:

A diferença entre uma criança simplesmente gordinha e uma criança forte, saudável, dura de doer, está dentro de um vidro de Beibivit.¹⁵³

¹⁵² ELIAS, 1974, p.64.

¹⁵³ BEIBIVIT, 1973, p.102.

Os bebês magros têm mais energia e impetuosidade; os gordos preferem a calma.¹⁵⁴

Sem energia, o corpo gordo também sofre o ônus de um atraso em seu desenvolvimento:

Os bebês começam a ficar de pé a partir do 9º mês de vida, embora os mais magros sejam capazes de fazê-lo aos sete meses.¹⁵⁵

Assim, o corpo infantil ideal da *Pais & Filhos* é magro. Entretanto, não o pode ser em excesso. A criança muito magra é motivo de preocupação, expressa principalmente nos relatos das mães:

“Tenho uma filha de sete anos que, apesar de aparentemente sadia, não cresce e é bem magrinha, aparentando ter quatro anos. [...]”¹⁵⁶

A revista também demonstra essa preocupação. O ganho de peso é considerado como positivo, principalmente nos bebês.

Os bebês que ouviram estes sons choraram bem menos, ficaram com a respiração mais regular e profunda, tiveram menores dificuldades gastro-intestinais, além de ganharem muito mais peso do que os bebês do berçário ao lado, que não participaram da experiência.¹⁵⁷

Entretanto, apesar de a revista opor ao corpo magro o corpo gordo, o ideal de corpo infantil presente na publicação é o musculoso, robusto. A montagem fotográfica do anúncio do Complemento Nutritivo Beibivit mostra uma criança com os músculos desenvolvidos, o “menino duro de roer” (FIG. 22).

Entretanto, trata-se claramente do físico de um adulto. A infância, no entendimento de *Pais & Filhos*, é o tempo de formação, de início do desenvolvimento da musculatura, que se concretizará na idade adulta. Entretanto, algumas passagens exaltam o corpo infantil musculoso:

Alexander tem sete meses e já está pesando 11 quilos. Nada de gordura. É todo músculos porque, diariamente, êle faz esporte.¹⁵⁸

¹⁵⁴ CARRILHO, 1970, p.10.

¹⁵⁵ CARRILHO, 1970, p.8.

¹⁵⁶ PAIS, 1970, p.117.

¹⁵⁷ VENTURA, 1975, p.4.

¹⁵⁸ DEIXE, 1969, p.9.



FIGURA 22 – Propaganda Beibivit. DPZ. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 6, n. 1, p. 102-103, set. 1973.

As imagens também exibem alguns bebês mais robustos ou mesmo “gordinhos” como o bebê da direita na FIG. 23. Entretanto, a preocupação maior da *Pais & Filhos* consiste no excesso de peso, chegando a criticar a falta de cuidado das mães nesse sentido:

Na verdade, a mãe só se preocupa em saber se o bebê está abaixo da tabela, porque geralmente as medidas que excedem são encaradas como positivas para a criança e se constituem motivo de alegria para a família. Todavia é bom saber que há também um limite máximo para peso e altura, cujo excesso poderá indicar sérios distúrbios.¹⁵⁹

Pais & Filhos parece retratar um contexto de mudanças, no qual as ciências como a medicina e a nutrição já trabalham com um corpo ideal magro, mas essas representações não são predominantes no senso comum. A revista, então, contribui com esse processo de transformação nas representações.

¹⁵⁹ ELIAS, 1974, p.28.



FIGURA 23 – “Porque o Bebê Gosta de Ficar de Barriga para Baixo”. SEBASTIÃO BARBOSA. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 3, n. 1, p. 76-77, set. 1970.

Outra característica desejável nos corpos infantis, de acordo com a revista, é a limpeza. Os hábitos de higiene são constantemente lembrados na publicação, como meio de manter os corpos infantis limpos:

Mas cuide também para que ele próprio vá adquirindo o hábito de manter-se limpo, banhando-se, escovando os dentes, lavando as mãos antes das refeições, penteando-se.¹⁶⁰

A limpeza é também associada à beleza. Isso pode ser percebido, por exemplo, através de uma conversa entre grávidas, sobre o primeiro encontro com o recém-nascido:

Maria — Os meus eu sempre quis ver depois, quando já estão limpinhos, bonitinhos.¹⁶¹

¹⁶⁰ SANTOS, 1976, p.24.

¹⁶¹ LEMOS, 1970, p.137.

A sujeira é vista como uma ameaça ao corpo, tanto em relação à questão estética quanto em relação à saúde. Por isso, ela torna-se motivo de preocupação das mães:

Eliane, 28 anos, mãe de Andréa, uma bonita garota de quatro anos, conta que a filha agora "está parecendo hippie, mas um desses andarilhos bem sujos". Não está gostando mais do banho e algumas vezes chora muito para se banhar.¹⁶²

As imagens de crianças na *Pais & Filhos* estampam corpos sempre limpos. Mesmo quando o artigo trata da falta dessa característica, a sujeira retratada é bem discreta. É o caso do menino da matéria “A Dificil Hora de Tomar Banho” (FIG. 24), que tem apenas algumas manchas de sujeira nos joelhos e nos braços. Seu rosto e suas roupas se encontram impecavelmente limpos.



FIGURA 24 – “A Dificil Hora de Tomar Banho”. LUIZ GARRIDO. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 6, n. 11, p. 80-81, jul. 1974.

Outra forma de perceber as representações dos corpos infantis presentes na *Pais &*

¹⁶² BARBALHO, 1974, p.82.

Filhos é através do envoltório desses corpos, ou seja, através de suas roupas. Os artigos sobre moda propõem que as roupas infantis devem ser bonitas, mas também precisam permitir a atividade própria da criança: a brincadeira:

A gente miúda também gosta de usar roupa nova e sentir-se elegante. Mas não basta: elas exigem modelos que se adaptem as suas múltiplas atividades.¹⁶³

Em relação à aparência, as roupas são descritas como *bonitas, graciosas, charmosas* e, no dizer da época, *cheias de bossa* ou *um barato*. Precisam *estar na moda* e ser *modernas*. Em alguns casos, se dizem inspiradas na moda adulta. Também devem ser *alegres* e *coloridas*, como é possível perceber pelas imagens (FIG. 25).



FIGURA 25 – “Moda Bang Bang”. LUIZ GARRIDO. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 6, n. 1, p. 22-23, set. 1973.

¹⁶³ DUARTE, LA PORTA, 1975, p.50.

Essa relação das roupas infantis com alegria e cores está associada com o entendimento da infância como o tempo da não obrigação, do prazer, da brincadeira. Trata-se de uma idealização da infância, traduzida em uma visão romântica desse tempo da vida, como livre de preocupações, de medos ou de tristezas.

Seguindo esse mesmo entendimento, a revista descreve que as roupas infantis devem ser confortáveis, leves, que facilitem os movimentos e deixem as crianças à vontade nas brincadeiras. As imagens também mostram as crianças nesses momentos de descontração (FIG. 26). A brincadeira e a livre movimentação, entretanto, servem a um propósito: possibilitar o desenvolvimento infantil.



FIGURA 26 – “Jeans, Um Barato que Está na Moda”. NILTON RICARDO. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 9, n. 2, p. 73, out. 1976.

Assim, as representações sociais dos corpos infantis na *Pais & Filhos*, expressas em textos e imagens, constroem um modelo de criança: branca, magra ou robusta, limpa e envolta por roupas alegres e modernas. A aproximação desse modelo possibilita à criança o pertencimento ao ideal estético da infância. Mas, essas e outras características também compõem outros tipos de classificação dos corpos infantis. A seguir, apresento as duas

predominantes na publicação: corpos sadios *versus* corpos doentes e corpos normais *versus* corpos anormais.

5 – CLASSIFICANDO OS CORPOS INFANTIS: NORMALIDADES E PATOLOGIAS

Na *Pais & Filhos* predominam as representações sociais dos corpos infantis ancoradas em saberes da psicologia e da medicina, o que pode ser explicado pela maior expressão das vozes dessas ciências na publicação, conforme demonstra a sua maior participação no rol de consultores da revista. Em decorrência dessa prevalência, as duas principais formas de classificação dos corpos infantis são: a) corpos sadios ou doentes; b) corpos normais ou anormais.

É importante ressaltar que essa divisão não é tão objetiva nas páginas da publicação. Comumente, os corpos sadios são também corpos normais e os corpos doentes são considerados anormais. Afinal, o discurso da norma perpassa também as questões da saúde, e mesmo da aparência, abordada no capítulo anterior.

Segundo Madel Luz (1988), a medicina moderna ordena os seus objetos de discurso em termos de categorias específicas, como normalidade e patologia, equilíbrio e desvio. A psicologia e outras ciências estão imbricadas no mesmo movimento classificatório, o que explica o fato desses termos se confundirem nas páginas da revista.

Recorro ao epistemólogo Georges Canguilhem (2009), que problematiza a questão da normalidade e sua relação com a patologia em uma de suas principais obras. Segundo o autor, o termo *normal* passa a se expressar na linguagem popular a partir do vocabulário específico de duas instituições, a pedagógica e a sanitária: “Normal é o termo pelo qual o século XIX vai designar o protótipo escolar e o estado de saúde orgânica” (CANGUILHEM, 2009, p.199). A reforma ocorrida nessas duas instituições exprime uma exigência de racionalização que se expressa também na política e na economia, sob a influência de um maquinismo industrial nascente, o que levou ao processo de normalização. Assim os meios técnicos da educação, da saúde, da fabricação de mercadorias, dentre outros, passam a ser padronizados. Esse processo obedece a uma exigência de uniformização e, principalmente, de classificação:

[...] o que caracteriza um objeto ou um fato dito normal, em referência a uma norma externa ou imanente, é poder ser, por sua vez, tomado como ponto de referência em relação a objetos ou fatos ainda à espera de serem classificados como tais. Portanto, o normal é, ao mesmo tempo, a extensão e a exibição da norma (CANGUILHEM, 2009, p.201).

A relação entre o normal e o anormal é, para Canguilhem (2009), não de contradição, mas de inversão e de polaridade. Uma norma instituída é sempre a expressão de uma vontade de substituir, de inverter um estado insatisfatório, repellido. Nesse sentido, as normas comparam o real a valores, exprimindo discriminações qualitativas de acordo com a oposição entre um pólo positivo e um negativo.

Na *Pais & Filhos* essa polaridade é expressa, sendo que os corpos sadios e normais recebem a qualificação positiva e os doentes e anormais recebem a conotação negativa. Há também essa relação de inversão de um estado por outro, quando a publicação destaca vários dispositivos de educação e de correção dos corpos, que vão desde a alimentação à cirurgia plástica.

O significado etimológico do termo *norma* é esquadro, o que não se inclina nem pra direita, nem pra esquerda, ou seja, o que está em um meio-termo. Mais à frente, essa ideia será expressa, ao se tratar da conceituação das doenças como excesso ou falta em relação a um padrão normal, e também ao refletir sobre o sentido estatístico que o desenvolvimento infantil encerra. O significado etimológico da palavra também remete à ideia de retidão:

Uma norma, uma regra, é aquilo que serve para retificar, pôr de pé, endireitar. “Normar”, normalizar é impor uma exigência a uma existência, a um dado, cuja variedade e disparidade se apresentam, em relação à exigência, como um indeterminado hostil, mais ainda que estranho (CANGUILHEM, 2009, p.201).

Portanto, o papel da medicina – principal ciência autorizada a tratar a questão da saúde – é garantir o estado sadio dos indivíduos, o que se relaciona com a ideia de normalidade: “apesar de tantos esforços louváveis para introduzir métodos de racionalização científica, o essencial dessa ciência [a medicina] ainda era a clínica e a terapêutica, isto é, uma técnica de instauração e de restauração do normal [...]” (CANGUILHEM, 2009, p.7)

É nesse sentido que medicina, psicologia, dentre outras ciências, apropriam-se mutuamente da ideia de normalidade. Entretanto, na *Pais & Filhos* a norma surge mais vinculada à questão do desenvolvimento. Opto, nesse sentido, por tratar das representações dos corpos infantis na revista segregando esses termos, a partir da classificação corpos sadios *versus* corpos doentes e corpos normais *versus* corpos anormais, para melhor considerar as particularidades dos mesmos.

5.1 – Corpos Sadios *Versus* Corpos Doentes

Os corpos sadios, amplamente presentes no discurso da *Pais & Filhos*, se inserem no modelo de corpo infantil da publicação. A saúde assume o sentido de uma condição ideal do corpo, de um estado desejável que este deve procurar alcançar.

- Vocês querem menino ou menina?
 - Tanto faz, queremos é um bebê sadio, pois êle fará 30 anos na passagem do século.¹⁶⁴

Sinto que é agora que nossa aventura vai começar. Sei que vou enfrentar probleminhas como todas as mães, mas estou segura e confiante: Camila é alegre, esperta e sadia.¹⁶⁵

Os excertos acima ilustram a importância dada à questão da saúde por parte dos pais, principalmente das mães. Eles trazem relatos nos quais se percebe claramente a importância da saúde como um atributo almejado nos filhos, como uma qualidade que traz segurança e confiança à mãe. A publicidade também utiliza essa centralidade da saúde como forma de apelo, como demonstra o trecho seguinte, tirado de uma propaganda de alimentos para bebês:

Nada pode dar mais alegria a uma mãe do que ver o seu bebê se desenvolvendo dia após dia.
 Principalmente se ela tiver a certeza de estar dando ao bebê uma alimentação saudável que o faça crescer sadio e resistente.¹⁶⁶

Nem sempre a revista trata a questão da saúde atrelada à questão da doença. A apologia do corpo sadio ocorre em artigos sobre assuntos diversos, tais como alimentação, higiene, esportes, desenvolvimento e comportamento. Nesse sentido, na *Pais & Filhos* o termo saúde não assume apenas o significado de ausência de doenças. O corpo infantil sadio também precisa atender a outros quesitos: ser limpo, se alimentar bem, brincar e se movimentar, assumir um comportamento padrão e se desenvolver de acordo com a norma.

De acordo com Moulin (2008), no século XX a preocupação com a saúde passa a ser taticamente superior à preocupação com a doença. Em 1949 a saúde passa a se constituir como um direito universal, definido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como um estado de completo bem-estar físico, mental e social. Entretanto, ao colocar a noção positiva

¹⁶⁴ PEREIRA, 1969, p.60.

¹⁶⁵ CAVALCANTI, 1975, p.72.

¹⁶⁶ GERBER, 1975, p.2.

de saúde no lugar da ausência de enfermidades, a OMS propõe um ideal dificilmente atingível, caracterizando, dessa forma, a saúde como a verdade e a utopia do corpo. Utopia descrita também por Lucien Sfez (1996) como fundada no imaginário moderno, e que tende na atualidade a se tornar o grande projeto mundial: a utopia da saúde perfeita.

Assim, na *Pais & Filhos* a saúde define um estilo de vida. Esse viver saudável inclui, além dos quesitos descritos acima, as experiências infantis em contato com a natureza, ao ar livre.

Rosa mora em Bangu. Tem 11 anos e estuda na escola pública do bairro. No tempo livre vive solta pela vizinhança. Conversa com Deus e todo mundo. Conhece desde o padeiro até o último bebê que nasceu por lá. Sobe em árvore, anda de bicicleta pela rua, joga futebol com os garotos e brinca de boneca com as meninas. Sempre de pé descalço, camiseta de malha e calça comprida. Rosa tem as maçãs do rosto rosadas, os olhos azuis arregalados e as tranças eternamente desfeitas. Ela tem uma vida saudável que poucas crianças da Zona Sul conhecem.¹⁶⁷

Sua prevenção [das cáries] exige medidas fundamentais: uma dieta apropriada e um método de vida saudável, ao ar livre [...]¹⁶⁸

O estilo de vida saudável deve ser alcançado através da incorporação de hábitos vistos como saudáveis e, nesse sentido, necessita ser incutido desde a infância, através de práticas como alimentação, higiene e esportes:

Mas que o esforço seja recreação antes de ser um dever, principalmente no primeiro encontro de uma criança com o seu esporte. Os jogos existem exatamente para isso. E convém lembrar: é de pequeno que se descobre a saúde.¹⁶⁹

Assim, o significado do corpo infantil sadio na revista vai além da simples ausência de doenças. Já as doenças são representadas como desvios temporários do estado sadio, o que pode ser evidenciado pela maior presença de artigos que fazem apologia a um estilo de vida saudável em relação aos que abordam as doenças infantis. De acordo com Georges Canguilhem (2009), a enfermidade adquire o *status* de uma prova inevitável, com o objetivo de testar e reforçar as defesas do organismo. Isso pode ser observado na *Pais & Filhos* em alguns artigos, como na citação abaixo:

¹⁶⁷ HELENA, 1972, p.124.

¹⁶⁸ HIGIENE, 1977, p.71.

¹⁶⁹ LUCAS, 1968, p.105.

Mas, ao contrário do que se possa imaginar, esta primo-infecção, ou tuberculose primária, não traz muitos inconvenientes, a não ser uma certa fadiga, suores noturnos, perda de apetite e emagrecimento. Ela até imuniza a criança contra ataques posteriores.¹⁷⁰

Na mesma direção, a criança sadia é representada pela publicação como a que deve resistir às doenças.

Quando bem tratada, com adequada percentagem de produtos químicos, a piscina não oferece perigo, principalmente se se considerar que as crianças e adultos que praticam a natação têm o organismo muito mais resistente às doenças, porque se alimentam bem e têm contato constante com o sol.¹⁷¹

O remédio é mais eficaz quando a criança vem comendo bem. Neste caso, ela tem maior resistência ao sarampo e consegue se curar mais depressa.¹⁷²

Nas passagens acima percebemos que o corpo mais resistente é aquele que segue o estilo de vida saudável, através, por exemplo, da prática de esportes e da boa alimentação. Essas práticas adquirem grande importância como forma de prevenção, pois o corpo infantil, principalmente o da criança menor, é representado pela revista como frágil, ou seja, com os meios de defesa contra doenças ainda em processo de desenvolvimento.

E quanto menor a criança, maiores são os danos causados, já que suas defesas naturais contra infecções são ainda deficientes.¹⁷³

Nesse sentido, o corpo infantil - ainda frágil - deve ser protegido contra as doenças. A receita apropriada é fortificá-lo através do estilo de vida saudável:

As crianças são mais ameaçadas pelas doenças infecciosas do que os adultos. Elas se contaminam com maior facilidade e seus meios de defesa são pouco desenvolvidos. Para protegê-las é necessário afastar a fonte de contaminação, se é conhecida. Mas a contaminação é muitas vezes desconhecida e inevitável — nas creches, nas escolas, etc. Melhor é fortificar seus organismos para que se possam defender: boa higiene, regime regular e equilibrado, ventilação adequada e sobretudo vacinações.¹⁷⁴

Mas, apesar desse estilo de vida saudável pressupor o contato com o mundo, proteger o corpo infantil significa também regular esse contato, pois ele é igualmente visto

¹⁷⁰ BARCELLOS, 1977, p.49.

¹⁷¹ MACHADO, 1970, p.20.

¹⁷² BRAGA, 1970, p.82.

¹⁷³ GROPILO, 1975, p.103.

¹⁷⁴ GUIA, 1971 (encarte).

como fonte de contaminação.

E não só por isso o bebê deve ter o seu quarto: como ele é um ser frágil, não deve ficar exposto a um ambiente adulto já bastante explorado e contaminado.¹⁷⁵

Felizmente ninguém aqui em casa contraiu a doença, mas as crianças estão em constante contato com outras – no colégio, no clube ou na praia – e sempre há o perigo de contaminação.¹⁷⁶

Entretanto, o contato com o mundo definido como saudável está relacionado a uma aproximação da natureza. Experiências ao ar livre, conforme explicitado mais acima, ou respirar ar puro, de acordo com a próxima citação, fazem parte do rol de prescrições para se evitar doenças e, portanto, para uma vida saudável.

As janelas devem permanecer abertas durante o dia, facilitando a circulação do ar e permitindo que o bebê esteja sempre respirando ar puro. Muitas mães, por falta de informação, deixam as janelas fechadas pensando que assim estão protegendo seus filhos das impurezas do ar, o que não passa de um engano. Um quarto permanentemente fechado impede que o organismo do bebê crie defesas e o predispõe às infecções respiratórias.¹⁷⁷

Nesse sentido, o ambiente explorado pelo homem – o adulto – é que é visto como fonte de contaminação. Podemos pensar essa questão a partir da reflexão sobre a urbanização, característica da modernidade. *Pais & Filhos* publica vários artigos que refletem uma preocupação com o crescimento urbano e até certa nostalgia da vida no campo, como “Qual Será o Futuro de Nossos Filhos Neste Mundo Neurótico e Poluído?”¹⁷⁸ e “A Vida Livre dos Meninos da Fazenda”¹⁷⁹. A publicação destaca:

Não há dúvida: estamos em plena crise. Uma crise provocada pela sociedade urbana, que não mede sacrifícios para se desenvolver industrialmente e que trocou pelos modernos blocos de apartamento as antigas e pacatas casas com quintais.¹⁸⁰

A qualidade de vida das crianças das cidades urbanizadas – as “crianças de apartamento” - é questionada e a proximidade das pessoas em um espaço reduzido e a

¹⁷⁵ HELENA, 1973, p.15.

¹⁷⁶ PROBLEMAS, 1970, p.128.

¹⁷⁷ HELENA, 1973, p.16.

¹⁷⁸ TAVES, 1974.

¹⁷⁹ FERREIRA, 1969.

¹⁸⁰ TAVES, 1974, p.11.

poluição do ar parecem ser os maiores problemas apontados:

Todos os prédios de apartamento se parecem. São pequenas cidades verticais, com suas vistas, ruas, vidas, angústias, neuroses e medos, sobrepostos pela *segurança* dos incríveis cálculos da Engenharia moderna. De modo geral, seus habitantes não convivem: coexistem.¹⁸¹

A poluição ambiental reverterá os benefícios que o progresso trouxe à população, minando sua saúde.¹⁸²

Assim, é interessante notar a coexistência de pontos de vista ambivalentes sobre o assunto. A modernidade, exaltada por seus avanços científicos, também é representada pela *Pais & Filhos* em seus aspectos negativos, como o distanciamento da natureza ou da vida natural. Em contrapartida, algumas consequências da urbanização moderna, como as doenças respiratórias e a falta de espaços para brincar¹⁸³, se tornam problemas para ciências igualmente modernas, como a medicina e a psicologia.

Em relação aos artigos sobre doenças infantis, vários tipos de doenças são tratados: gripes, resfriados, problemas respiratórios, diabetes, tuberculose, sarampo, hepatite, encefalite, meningite, câncer, dentre outras. Normalmente, a doença é descrita e são apresentados os sintomas que a caracterizam.

A diabetes é uma doença crônica do metabolismo, hereditária, que se caracteriza por uma deficiência dos tecidos na utilização da glicose. Em consequência disso, este açúcar se eleva no sangue, ultrapassando os níveis normais de 80 a 120 mg% em jejum ou de até 170mg% após as refeições. Esta elevação, que pode superar os 500mg% provoca um transbordamento de glicose para a urina, que normalmente não contém açúcar.¹⁸⁴

Na descrição das doenças, é comum a alusão a dados quantitativos que se tornam referência na classificação do estado do corpo como sadio ou doente, conforme podemos observar na citação acima. Canguilhem (2009) destaca que a evolução das ideias médicas resultou na formulação de uma teoria¹⁸⁵ sobre o normal e o patológico segundo a qual os fenômenos patológicos no organismo humano nada mais são do que variações quantitativas, para mais ou para menos, dos fenômenos fisiológicos correspondentes. Nesse sentido, o

¹⁸¹ TAVES, 1974, p.13.

¹⁸² COUTINHO, 1976, p.38.

¹⁸³ A falta de espaços para brincar, característica da urbanização já é lamentada no periódico “Vida Doméstica”, na década de 1940 (BRITES, 2000).

¹⁸⁴ ARDUINO, 1969, p.52.

¹⁸⁵ O autor refere-se à teoria positivista e utiliza as ideias de Augusto Comte e de François-Joseph-Victor Broussais para exemplificar essa teoria, a qual tece várias críticas.

patológico é designado semanticamente a partir do normal, não tanto como *a* ou *dis*, mas predominantemente como *hipo* ou *hiper*:

É em relação a uma medida considerada válida e desejável – e, portanto, em relação a uma norma – que há excesso ou falta. Definir o anormal por meio do que é de mais ou de menos é reconhecer o caráter normativo do estado dito normal (CANGUILHEM, 2009, p. 25).

Pais & Filhos procura elucidar os sintomas das diversas doenças, mesclando a utilização de termos técnicos, conforme o excerto anterior, com uma linguagem mais simples, familiar:

Estava enjoadinha, com um pouco de febre, tinha vomitado algumas vezes, queixava-se de um *dodói* na cabeça e volta e meia adormecia. [...] Mas a mãe de Beatriz achou um pouco estranha aquela sonolência de sua filha, já que de outras vezes, com febre mais alta, jamais ficara tão caidinha. Embora fosse domingo, preferiu incomodar o médico da menina para ficar tranqüila. E foi ótimo não ter protelado; Beatriz estava com encefalite, um tipo de doença que, por sua gravidade, exige diagnóstico rápido e correto.¹⁸⁶

A revista pretende alertar os pais para os sinais que se constituem como motivo de preocupação. Entretanto, o papel dos pais consiste em identificar essas evidências e encaminhar a criança para o cuidado do especialista – autoridade responsável pelo diagnóstico correto e tratamento adequado. Do mesmo modo, os pais – ou melhor, as mães - também são responsáveis pelo cuidado da criança enferma. Algumas imagens (FIG. 27 e FIG. 28) e o fragmento abaixo ilustram bem esses papéis de médicos e mães em relação às doenças infantis.

Ele [o guia das doenças infantis] se destina a orientar os pais e todos os que lidam com crianças, contendo informações sobre os principais distúrbios e como observá-los. Orienta também sobre o que fazer enquanto o médico não vem, e qual o momento exato de chamá-lo. E não se esqueça de que você não deve se preocupar à toa, mas nem negligenciar quando surgirem os primeiros sintomas de uma doença. A última palavra fica, sempre, com o médico.¹⁸⁷

¹⁸⁶ GROPILO, 1975, p.102.

¹⁸⁷ GUIA, 1971 (encarte).



FIGURA 27 – “Sarampo: O Perigo das Pintinhas Vermelhas”. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 3, n. 1, p. 84, set. 1970.



FIGURA 28 – “Comece Desde Cedo a Guerra à Tuberculose”. PAULO ARTHUR. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 9, n. 5, p. 46-47, jan. 1977.

A FIG. 27 expressa o papel de cuidado da mãe, que apenas ministra ao filho o remédio prescrito pelo médico. A FIG. 28 é um modelo da superioridade do papel do médico: este aplica na criança uma vacina¹⁸⁸ e a examina de um lugar de dominação, com um olhar de superioridade que a sua ciência lhe autoriza; a criança o encara, desconfiada.

Pais & Filhos também trata das causas das doenças e, conseqüentemente, dos cuidados para evitá-las.

Os pais devem se preocupar com a limpeza dos órgãos genitais de seus filhos da mesma forma que se preocupam em vê-los com o rosto, nariz e boca bem asseados. A falta de higiene destes órgãos pode causar infecções; [...]O pediatra ressalta, finalmente, o perigo de se deixar sujos os órgãos genitais das crianças, pois isso implica em riscos de doenças infecciosas.¹⁸⁹

Os números também falam a favor das crianças alimentadas ao peito que sofrem muito menos de raquitismo e de anemia do que as nutridas com leite artificial.¹⁹⁰

Dessa maneira, a prevenção assume um papel importante e até preponderante em relação ao tratamento. A principal prescrição nesse sentido é a adoção do estilo de vida saudável, descrito anteriormente, mas também outras práticas médicas modernas, como a vacinação e outras técnicas que propiciem um diagnóstico precoce:

Antibióticos são elementos fundamentais no tratamento da doença para reduzir seu curso e prevenir complicações; mesmo assim é muito menos trabalhoso vacinar as crianças periodicamente e submetê-las com certa freqüência ao teste de Mantoux para, em caso de contágio, haver o necessário diagnóstico precoce.¹⁹¹

Ao representar o corpo infantil a partir da dualidade saúde *versus* doença, *Pais & Filhos* toma como referência a ciência legitimada como apta a tratar a questão: a medicina. A medicina moderna é exaltada na *Pais & Filhos* pelas suas técnicas inovadoras que se colocam a serviço da promoção da saúde e do controle das doenças. Através, por exemplo, dos exames modernos os corpos são escrutinados e controlados em nome da saúde. Imagens desses exames (FIG. 29) e das máquinas que os realizam (FIG 30) e descrições de suas utilidades são estampadas nas páginas da revista:

¹⁸⁸ A forma como as revistas foram encadernadas prejudicou a qualidade da foto. Ela retrata o médico aplicando na criança a vacina contra tuberculose.

¹⁸⁹ BARBALHO, 1974, p.83.

¹⁹⁰ HASSELMAN, 1975, p.24.

¹⁹¹ LEMOS, 1969, p.63.

Nos últimos anos foi descoberto um processo de vital importância que permite – por meio da retirada de uma amostra do líquido amniótico (o líquido que banha o bebê) – determinar, muito tempo antes do nascimento, se a criança nascerá sadia ou não.¹⁹²

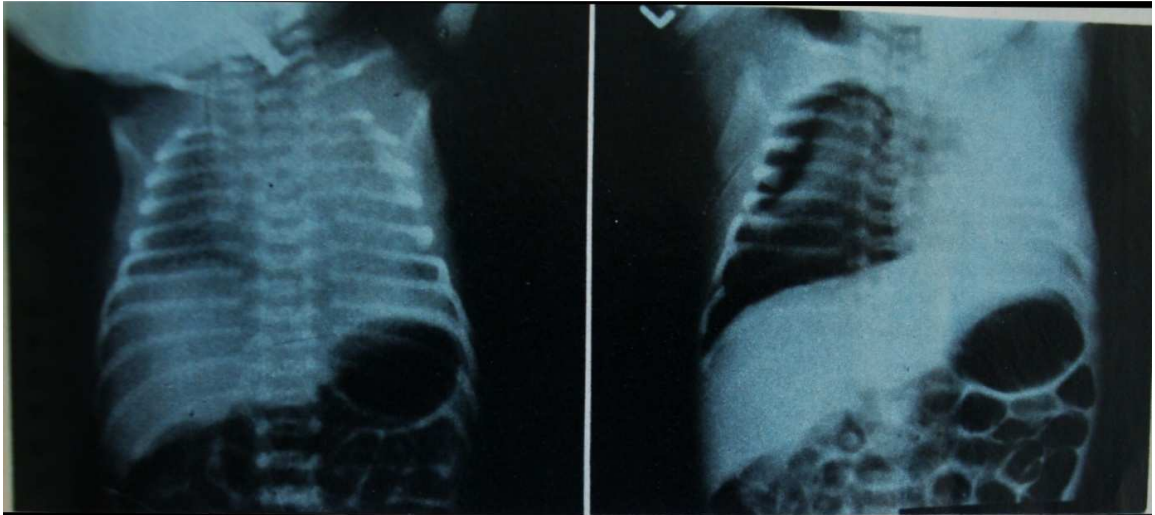


FIGURA 29 – “Comece Desde Cedo a Guerra à Tuberculose”. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 9, n. 5, p.49, jan. 1977.



FIGURA 30 – “A Cura do Câncer Infantil”. JOSÉ MOURE. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 6, n. 1, p. 104-105, mar. 1975.

¹⁹² PINTO, 1973, p.59.

Nesse sentido, é possível, a partir dos saberes médicos, perceber a preocupação com a educação e o controle dos corpos infantis. A autora Anne Marie Moulin auxilia a pensar a questão a partir do argumento de que a crescente medicalização da sociedade trouxe consigo um aumento nas prescrições de regras para uma vida saudável:

A história do corpo no século XX é a de uma medicalização sem equivalente. Ao assumir e enquadrar um sem-número de atos ordinários da vida, indo além daquilo que fora anteriormente imaginável, a assim chamada medicina ocidental tornou-se não apenas o principal recurso em caso de doença, mas um guia de vida concorrente das tradicionais direções de consciência. Ela promulga regras de comportamento, censura os prazeres, aprisiona o cotidiano em uma rede de recomendações. Sua justificação reside no progresso de seus conhecimentos sobre o funcionamento do organismo e a vitória sem precedentes que reivindica sobre as enfermidades, atestada pelo aumento regular da longevidade. (MOULIN, 2008, p. 15)

A medicalização da sociedade é entendida pela autora como o processo, iniciado a partir do século XIX e intensificado no século XX, que fez dos médicos os intermediários obrigatórios da gestão dos corpos. A atuação desses profissionais ocorre intimamente ligada ao controle do Estado, e influencia desde os grandes acontecimentos da socialização, como a entrada na escola, o serviço militar e a escolha da profissão, até a suspensão de algumas liberdades privadas, como no caso da vacinação obrigatória (MOULIN, 2008).

No Brasil, esse processo não ocorre sem uma dose de resistência por parte da população. Um exemplo a ser considerado é a Revolta da Vacina, ocorrida em 1904. O grande surto de doenças contagiosas naquele contexto leva os médicos, amparados pelo poder estatal, a prescrever a vacinação em massa e obrigatória. Não havia espaço para o esclarecimento da população ou explicação das medidas, que eram tomadas em caráter emergencial. O discurso médico autoritário nega a liberdade individual em nome do conhecimento científico, ocasionando uma reação da população contra a figura do médico e as medidas adotadas (SCHWARCZ, 1993).

Nesse sentido, a partir do século XIX, a medicina incorpora a sociedade como um novo objeto, configurando-se como um poderoso dispositivo de controle de indivíduos e populações (MASSIMI, 1990).

Dessa forma, a incessante busca pela utopia do corpo saudável envolve processos educativos e de controle e coerção. Mas, no contexto da *Pais & Filhos* as ações médicas já não possuem o mesmo caráter autoritário. Mesmo em relação às práticas obrigatórias, é necessária uma dose de persuasão e, desse modo, ações educativas. A revista se insere nesse processo, assumindo o discurso médico e utilizando não só argumentos que buscam legitimá-

lo como representante da ciência moderna, mas até mesmo que incutem medo nos leitores:

Se o sarampo começar a se manifestar em sua casa, não perca tempo. Leve a criança imediatamente para a cama e corra atrás do médico. Mas, se o vírus não apareceu por lá ainda, não espere que êle se decida. Uma única dose de vacina imuniza seu filho, impede que êle sofra tôdas aquelas conseqüências e surjam todos os traumas de ter em casa uma criança inválida, anormal, ou mesmo de não ter mais esta criança.¹⁹³

Para pensar essa relação entre coerção e legitimação, mais uma vez recorro a Moulin (2008), que problematiza a afinidade entre ciência e Estado a partir da modernidade:

Propõe-se ao homem de bem da modernidade, intimado a uma prestação de contas de seu corpo, tal como antigamente da alma, um cálculo de probabilidades. Como o Estado ocidental instituiu uma ordem dos corpos, cujas energias e competências contabiliza, pretende otimizar o seu funcionamento. Se a intervenção dos poderes em matéria de saúde pública comprova aquilo que Michel Foucault denominava a governamentalidade da vida, estimula também o cuidado consigo mesmo. O cidadão de bem não deve reformar seu comportamento em função dos decretos da ciência? (MOULIN, 2008, p. 21)

Na mesma direção, podemos questionar: não deve a cidadã de bem educar os seus filhos conforme os decretos da ciência moderna? Jurandir Freire Costa (2004) argumenta que o poder médico cria uma nova organização doméstica: os filhos, que até o século XIX eram criados para servir a família, passam a ser educados para servir a humanidade. Nesse sentido, a família deve seguir os decretos da ciência e prestar conta também dos corpos de seus filhos.

Ainda em relação às práticas obrigatórias, cujo maior exemplo é a vacinação em massa, *Pais & Filhos* parece estar inserida em um contexto de valorização dessas práticas. A publicação relata o esforço do governo brasileiro nesse sentido, mas tece críticas à lentidão do mesmo em efetivar as ações. Em 1976 denuncia:

O suprimento de vacinas no Brasil é ainda muito baixo, e a disponibilidade não permite que se exija obrigatoriedade como previa o Programa Nacional de Imunizações, traçado pelo Ministério da Saúde. A partir de 1977 deverá haver vacinas suficientes para toda a população brasileira.¹⁹⁴

Assim, apesar de difundir e defender o discurso da medicina preventiva, *Pais & Filhos* deixa indícios que esta ainda não se constituía como uma prática comum naquele

¹⁹³ BRAGA, 1970, p.84.

¹⁹⁴ PEREIRA, 1976, p.85.

contexto:

Infelizmente, no Brasil, a medicina preventiva não é ainda difundida e a imunização em massa não chega a ser uma realidade.¹⁹⁵

Se a publicação exalta os avanços científicos que colaboram para o controle e a promoção de corpos infantis sadios, em certos momentos ela sugere que eles são exclusivos de países mais desenvolvidos. É constante na revista a comparação da saúde no Brasil e em outros países:

Nos países desenvolvidos, o câncer ocupa o segundo lugar nas causas de mortalidade infantil, perdendo apenas para os acidentes. Isso porque, naqueles países, outros fatores de mortalidade infantil estão praticamente controlados, o que não acontece nos países subdesenvolvidos, onde a desnutrição, debilitando o organismo da criança, favorece o aparecimento de infecções que causam a morte em quantidade superior ao câncer. No Brasil, que em 1972 tinha 38 milhões de crianças na faixa de cinco a 14 anos, o câncer infantil não tem o aspecto *alarmante* dos países desenvolvidos, porque é superado por muitas outras doenças no índice de mortalidade infantil.¹⁹⁶

Os progressos da ciência são relatados na revista ainda como exclusividade de grupos sociais privilegiados, não representando uma realidade para todas as crianças brasileiras, embora isso seja feito poucas vezes, haja vista que grande parte do público da *Pais & Filhos* goza desses privilégios. A contabilidade de corpos sadios e doentes de um país pode, de acordo com esse ponto de vista, indicar o seu índice de desenvolvimento:

O grande problema do sarampo não surge por si só, mas pelo estado em que a criança se encontra quando o contrai e pelos cuidados que lhe são dispensados. Êle exige tamanha resistência que um menino ou uma menina, criados em favelas, subnutridos e vivendo em promiscuidade, dificilmente conseguem escapar de suas conseqüências fatais. Numa classe mais elevada, com mais recursos, isto já não acontece pois, além da possibilidade de uma assistência médica, a criança bem alimentada tem grande resistência e consegue superar a doença. Desta forma, é tão nítida a sua relação com o nível cultural e sócio-econômico do meio, que torna-se possível, para vários especialistas, estimar com precisão o padrão de vida de um povo baseando-se apenas nos coeficientes de mortalidade por sarampo.¹⁹⁷

Podemos considerar que a *Pais & Filhos*, ao representar os corpos infantis, opera com a dualidade saúde *versus* doença. Entretanto, são os corpos sadios que possuem

¹⁹⁵ BRAGA, 1970, p.84.

¹⁹⁶ TÁVORA, 1975, p.107.

¹⁹⁷ BRAGA, 1970, p.82.

visibilidade na publicação. A classificação “corpo doente” não parece apropriada para todos os casos, já que no século XX a experiência da doença se dilui, podendo ser considerada um estado passageiro. O uso sistemático de antibióticos encurta o tempo de convalescência, com a justificativa da necessidade de uma rápida volta à escola e ao trabalho (MOULIN, 2003).

Além do mais, a relação entre saúde e doença não é totalmente de contradição. A doença, como estado passageiro, é um modo de atestar a saúde do organismo, ou seja, de comprovar que o corpo é resistente à doença e pode subjugar-la:

O homem normal só sabe que é normal em um mundo em que nem todo homem o é, e sabe, por conseguinte, que é capaz de ficar doente, assim como um bom piloto sabe que é capaz de encalhar seu barco, ou como um homem educado sabe que é capaz de cometer uma gafe. O homem normal se sente capaz de adoecer, mas experimenta a certeza de afastar essa eventualidade. Tratando-se da doença, o homem normal é aquele que experimenta a certeza de poder frear, nele mesmo, um processo que, em outros, iria até o fim da linha. Portanto, para que o homem normal possa se considerar como tal, e crer na sua normalidade, precisa não do antegosto da doença, mas de sua sombra projetada (CANGUILHEM, 2009, p.247).

Apenas no caso das doenças crônicas pode-se pensar na ideia de um estado mais permanente, embora não definitivo. A revista, nesses casos, utiliza a classificação mencionada, discursando sobre crianças diabéticas, asmáticas, dentre outras. A obesidade, considerada uma doença, é um exemplo de patologia significada a partir dessa noção de uma maior durabilidade. A citação abaixo mostra como ela pode levar a outras doenças com esse mesmo significado, o que parece ser uma característica das doenças crônicas, imersas em uma espécie de círculo vicioso.

Obesidade significa excesso de peso. Embora alguns médicos achem que a própria constituição do indivíduo pode ser uma de suas causas (outros não acreditam nessa predisposição), o fato é que ela quase sempre traz consigo complicações. [...] A longo prazo, a criança acaba se transformando num adulto com hipertensão arterial, diabete, degeneração nas articulações (coluna, tornozelo) dislipidose (alterações profundas no metabolismo químico da gordura no sangue), suscetibilidade a infecções de pele e, por fim, sujeito à doença do século: o infarto do miocárdio.¹⁹⁸

Assim, corpos infantis sadios e doentes (ou temporariamente doentes) se misturam nas páginas da *Pais & Filhos*. Mas, se podemos pensar em uma dicotomia que visa ordenar e classificar os corpos das crianças segundo o viés da saúde, esta não é tão forte como

¹⁹⁸ ELIAS, 1974, p.65.

a dualidade apresentada a seguir.

5.2 – Corpos Normais Versus Corpos Anormais

A classificação dos corpos infantis em normais ou anormais é também uma prática recorrente na *Pais & Filhos*. O corpo normal assume dois significados principais: a) o que não possui deformações físicas; b) o que se desenvolve conforme o esperado.

O corpo normal oposto ao corpo deformado ou disforme está relacionado à aparência física, e foi tratado no capítulo anterior. A principal referência, entretanto, para classificar o corpo como normal é o desenvolvimento. Nesse caso, o corpo normal é o que cresce e se desenvolve conforme o esperado.

O corpo em desenvolvimento é localizado no tempo. A infância é dividida e não se configura mais como uma idade homogênea: não se fala sobre a criança, mas sobre a criança de 5 anos, de 7 anos, o bebê de 3 meses. Essa especialização é um prolongamento do desenvolvimento do que Ariès chama de moderno sentimento da infância, que substitui um estado no qual a infância nem mesmo se configurava como uma idade distinta da adulta. A vida já foi dividida de acordo com o número de planetas, os meses do ano ou os signos do zodíaco (ARIÈS, 1981). Entretanto, é a partir da modernidade, com o crescente interesse pela educação e o investimento médico na infância, que se forja uma racionalidade que, sem desconsiderar um percurso traduzido pelas idades da vida, se deteve na infância para delimitar fases ainda mais específicas, no intuito de guiar essas intervenções (FERREIRA, GONDRA, 2006). Vários artigos da *Pais & Filhos* trazem essa divisão por idades, mesmo os que não tratam especificamente do desenvolvimento, enfatizando que há formas de cuidar da criança distintas de acordo com a idade. Assim, os corpos infantis passam por estágios, fases ou etapas:

Aos sete anos, a criança já pode iniciar o tratamento, com possibilidade de melhores resultados, em virtude de seu estágio de desenvolvimento, que lhe permite se convencer da importância do regime alimentar.¹⁹⁹

Engatinhar é uma fase da maior importância. Quando a criança começa a ter maior coordenação motora.²⁰⁰

O reflexo cego foi substituído pelo movimento consciente. É uma etapa

¹⁹⁹ ELIAS, 1974, p.65.

²⁰⁰ NORÕES, 1976b, p.30.

importante do seu desenvolvimento.²⁰¹

Em cada período de tempo – ou estágio – são esperados determinados comportamentos das crianças e são criadas expectativas em relação às características dos seus corpos. Na revista, isso se expressa primordialmente a partir das famosas tabelas de desenvolvimento, que descrevem os diversos aspectos do desenvolvimento (motores, psicológicos, sociais) ao longo do tempo. A FIG. 31 ilustra parte de uma dessas tabelas. À frente de cada comportamento esperado da criança, há um quadro para que os leitores assinalem se seu filho já alcançou aquele desempenho, cumprindo seu papel de controlar o desenvolvimento infantil.

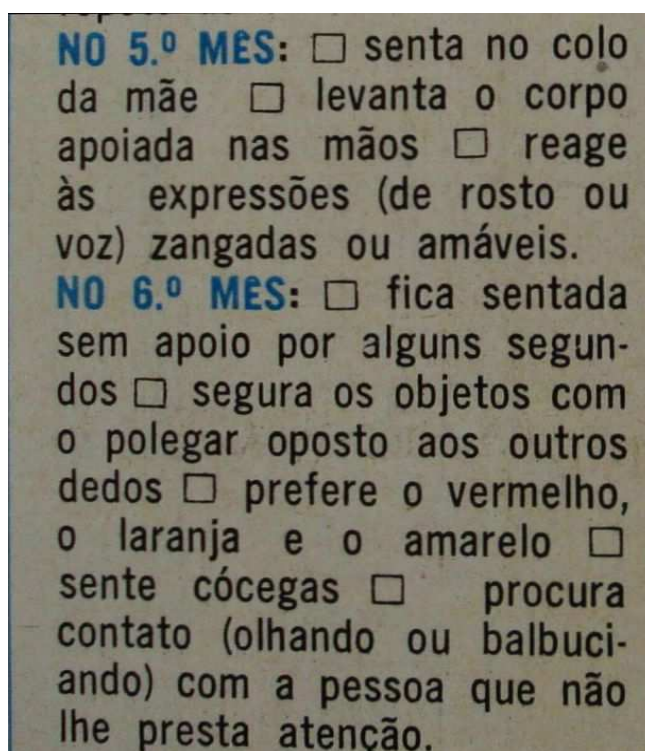


FIGURA 31 – Tabela de Desenvolvimento. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 2, n. 3, p.130, nov. 1969.

Madel Luz (1988) considera que foi a construção de toda uma tecnologia de artefatos e automatismos, a partir do século XII na Europa, que deu origem às imagens e metáforas mecânicas no Renascimento, que por sua vez influenciaram a concepção mecanicista do século XVII e as teorias científicas dos dois séculos seguintes. Entre esses

²⁰¹ DEIXE, 1969, p.10.

artefatos, a autora destaca o relógio mecânico. A sua invenção ocasiona uma mutação considerável na percepção social do tempo, que antes era regulado pela natureza – pelas estações, pelo sol – e passa a impor um ritmo mecânico à passagem do tempo, fragmentado em horas, minutos, segundos.

As teorias do desenvolvimento operam com essa concepção mecânica do tempo, fragmentando a vida dos sujeitos em etapas. O tempo da infância incorpora também a ideia da produção industrial: os corpos das crianças devem adquirir habilidades, força, dentre outras características, rumo ao produto final: o adulto.

Nesse sentido, o desenvolvimento infantil assume o sentido de previsibilidade, na medida em que os desempenhos e as características das crianças passam a ter uma ordem determinada pela ciência. Afinal, a explicação própria da ciência moderna deve prever os movimentos dos objetos que tematiza e se antecipar a tais movimentos (LUZ, 1988). A criança é avaliada como normal quando se comporta da forma esperada para sua idade. Há certa flexibilidade no período de tempo no qual ela precisa adquirir determinadas habilidades ou comportamentos, embora muito reduzida:

Assim, cada bebê aprende a agarrar entre o 4º e o 5º mês, mais ou menos com oito meses começa a engatinhar e, dois ou três meses mais tarde, poderá enguer-se segurando a grade de sua cama.²⁰²

O corpo em desenvolvimento na *Pais & Filhos* tem modificado ao longo do tempo vários de seus aspectos: seus movimentos, sentidos, instintos e sua forma. O desenvolvimento motor é o mais recorrente nas representações da revista:

Antes mesmo do bebê começar a falar, êle já se mexe, engatinha e anda. Embora ao nascer já tenha todos os músculos e ossos necessários para sua locomoção, o sistema nervoso ainda não é capaz de controlar tanta coisa ao mesmo tempo. No princípio, os movimentos são todos bagunçados, sem nenhuma coordenação. Depois começam a se tornar mais precisos: a mão se fecha para segurar as grades da cama e o corpo se levanta um pouco.²⁰³

O desenvolvimento dos sentidos aparece na publicação primordialmente em matérias que descrevem o desenvolvimento do bebê durante a gravidez e nos primeiros meses de vida. Esse fato parece expressar a ideia de certa curiosidade sobre o que o bebê é capaz ou não de fazer no sentido de se comunicar com o mundo externo:

²⁰² DEIXE, 1969, p.12.

²⁰³ COUTINHO, 1970, p.28.

Algumas gestantes pensam que o bebê que está esperando fica completamente isolado em sua barriga. Nada disso. A partir da 2ª semana, por exemplo, seu órgão de audição está plenamente desenvolvido e exercendo todas as suas funções [...] Já o olfato, no entanto, não está suficientemente desenvolvido no feto, devido à sua permanência constante debaixo d'água. Assim, só por volta do nono ou décimo mês após o nascimento é que os bebês têm capacidade de reagir plenamente aos odores do mundo. Em compensação, o seu paladar é incrivelmente apurado.²⁰⁴

Em relação ao desenvolvimento dos instintos ou da sexualidade, a principal referência é novamente os preceitos freudianos. A revista descreve os estágios do desenvolvimento psicosssexual da criança, segundo a teoria formulada por Freud:

A primeira fase especificada por Freud foi a oral, em que a boca não representa apenas um meio de saciar a fome, mas uma constante fonte de prazer, desde a amamentação. A sucção, por si mesma, dá prazer ao bebê pela excitação da boca e dos lábios, também zona erógena. A segunda fase, denominada anal, está relacionada às excreções de urina e fezes, uma outra fonte de prazer para a criança. A terceira foi compreendida, então, como a genital, aquela que vai determinar, com maior propriedade, a futura vida sexual, dependendo das satisfações ou bloqueios registrados nesta fase.²⁰⁵

Em relação à forma do corpo, o desenvolvimento está ligado ao crescimento, ou seja, à evolução do físico da criança.

Seu filho não é mais aquele garotinho frágil, pequenininho, que em tudo dependia de você. Agora ele já tem mais de cinco anos, vai à escola e sua alimentação mudou. Todas essas transformações são reflexos de um crescimento rápido e saudável. É neste momento da vida de seu filho que as atividades esportivas se tornam desejáveis, afinal com tanta energia seu menino precisa libertá-la. Os esportes, como práticas planejadas de educação física, são muito importantes na fase de crescimento, na medida em que fortalecem a musculatura, promovem a boa postura, aumentam a capacidade pulmonar, desenvolvendo os reflexos e a coordenação motora.²⁰⁶

O crescimento do corpo infantil é descrito e analisado ainda no útero. O desenvolvimento físico é descrito em pormenores, desde a fase de embrião:

O embrião completa agora seu segundo mês de vida: a incurvação diminui e seus olhos, embora ainda sem pálpebras, são visíveis. Mas continua pequenino: mede quatro centímetros de comprimento. O sexo, embora

²⁰⁴ VENTURA, 1975, p.6.

²⁰⁵ O UNIVERSO, 1975, p.78.

²⁰⁶ CARNEIRO, 1973, p.86.

determinado desde a concepção, só se torna visível em torno do terceiro ou quarto mês. Ele está atravessando uma fase decisiva: o período da organogênese, isto é, o embrião organiza seus tecidos formando os órgãos finais; os ossos já estão delineados embora não formados. Se continuar com o desenvolvimento normal, no terceiro mês – quando seu aspecto externo de ser humano fica reconhecível – ele passará a ser designado feto.²⁰⁷

A representação sobre o desenvolvimento físico da criança também está relacionada ao conceito de maturação dos diversos órgãos corporais:

Muitas vezes é em torno dos 15 meses que a mãe nota que seu filho já se mantém sequinho durante duas horas, normalmente durante o sono da tarde. Trata-se da maturação da bexiga do bebê.²⁰⁸

Portanto, a representação de corpo em desenvolvimento é ancorada em paradigmas biologicistas, na medida em que a maturação do corpo é um pré-requisito para o desenvolvimento de outros aspectos, sejam psicológicos, motores ou sociais.

A ideia de evolução expressa o fato de o estudo sobre o desenvolvimento infantil estar ancorado também em paradigmas evolucionistas. Lilia Schwarcz (1993) enfatiza que a partir da publicação de “A Origem das Espécies”, por Charles Darwin em 1859, que causou um grande impacto na época, conceitos como “evolução” e “hereditariedade” passam a ser apropriados por vários ramos do conhecimento, como nos estudos do desenvolvimento infantil. Assim, as ideias de evolução e maturação estão associadas, na medida em que o desenvolvimento é compreendido como resultante de processos maturacionais de características da espécie humana, visando a adaptação ao meio em que vive (VASCONCELOS, 2008).

O próprio Darwin parte de observações de seu filho com o objetivo de relacionar o desenvolvimento do indivíduo (ontogênese) e a história da espécie (filogênese) (VASCONCELOS, 2008). O fragmento a seguir exemplifica essa ancoragem presente na revista, ao comparar o desenvolvimento intrauterino do bebê ao desenvolvimento da espécie humana ao longo dos tempos:

Entre o momento em que está imerso no líquido amniótico e os três, quatro anos de idade, o bebê refaz, por etapas, todo o desenvolvimento do homem. Como um peixe, ele movimenta-se inicialmente através de movimentos ondulatórios, arrastando-se depois como um réptil, para enfim engatinhar como um mamífero, antes de adotar a posição vertical típica dos bípedes,

²⁰⁷ PEREIRA, 1969, p.60-61.

²⁰⁸ CAVALCANTI, 1977, p.6.

que ele assume através de um modelo, da mesma maneira que assume a linguagem.²⁰⁹

A passagem acima é um exemplo claro de concepção do desenvolvimento humano tomando como base a Teoria da Recapitulação, que está dentre as teorias mais influentes do século XIX. Naquele contexto, após a teoria de Darwin, os estudiosos ficam obcecados em reconstruir as linhagens evolutivas da espécie humana. Essa teoria, então, postula que a ontogenia recapitula a filogenia (GOULD, 1999). Essa ideia fica clara na descrição que a *Pais & Filhos* elabora do desenvolvimento embrionário.

Assim, observando as representações sobre o corpo infantil normal, que se encontra em desenvolvimento durante a infância, é possível perceber que o desenvolvimento assume também o ideal de progresso, que se configura como uma das marcas do projeto da modernidade. Este se apoiou na crença no aperfeiçoamento do indivíduo e da espécie ao longo do contínuo temporal (CASTRO, 1999).

Os corpos normais seguem um longo caminho evolutivo, rumo à idade adulta. Essa ideia de evolução pode ser observada na imagem (FIG. 32) presente no artigo “Assim Cresce seu Filho” (1968), que traz uma tabela de crescimento, e em uma tabela de desenvolvimento publicada no artigo “Primeiro Ano o Começo das Descobertas”, na descrição do 10º mês de vida do bebê:

A criança vai evoluindo normalmente. A cada mês mais uma gracinha, mais uma palavra, um gesto ou uma careta poderão ser observados. Com dez meses, ela se levantará com algum apoio. Já pode segurar firme os brinquedos, pois o seu polegar já se oporá aos outros dedos.²¹⁰

A infância entendida como um tempo de desenvolvimento passa a ter o significado de uma etapa de preparação, com pouca importância em si, mas significada principalmente como um vir a ser. Ela representa um longo caminho a ser percorrido da melhor forma e o mais rápido possível:

Entre estas fotos há um longo caminho que o bebê pode percorrer bem depressa.²¹¹

²⁰⁹ NORÕES, 1977, p.28.

²¹⁰ CAVALCANTI, 1976, p.11.

²¹¹ DEIXE, 1969, p.10.



FIGURA 32 – “Assim Cresce Seu Filho”. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 1, p. 18-19, set. 1968.

Nesse sentido, a infância incorpora o sentido de uma fase preparatória, analisada pelos especialistas a partir de critérios de desenvolvimento e encarada, sobretudo, a partir da noção de possibilidade. “Para uns e para outros, a criança é fundamentalmente o que pode vir a ser ou mesmo o que deve vir a ser” (FERREIRA, GONDRA, 2006, p. 154). Assim, a criança adquire o sentido do que ainda não é, e o corpo infantil representa o imaturo:

Todos vêm ao mundo imaturos, inacabados, desamparados. É que nosso cérebro não estava bastante desenvolvido. Isso é óbvio. Mas há 100 anos, os médicos ainda não sabiam como proceder em relação ao “despreparo” dos recém-nascidos. Hoje já se tem a medida exata de como agir diante das possibilidades, lesões e deficiências do cérebro do bebê, antes que ele atinja a maturidade.²¹²

À medida que o organismo da criança se desenvolve e amadurece, a alimentação é modificada.²¹³

²¹² PINHO, 1968, p.8.

²¹³ NORÕES, 1976a, p.20.

A sequência do desenvolvimento infantil está definida a priori, sem influências da cultura. Entretanto, para que seja garantido e ocorra adequadamente, ele precisa ser guiado, assegurado:

Leite Ninho: o melhor que você lhe pode dar. Puro leite integral, Ninho é gostoso, nutritivo. Tem tudo para assegurar o bom desenvolvimento de seus filhos.²¹⁴

Para se desenvolver adequadamente, o corpo infantil na *Pais & Filhos* precisa ainda receber estímulos externos:

Há muitas provas de que justamente a **idade de bebê**, à qual até agora foi dada pouca importância, tem um papel decisivo no desenvolvimento da pessoa. No primeiro ano de vida a criança deve receber muitos e determinados estímulos para que possa desenvolver-se tão bem quanto possível.²¹⁵

Assim, embora o desenvolvimento seja natural, é de responsabilidade dos pais, com a ajuda dos especialistas, assegurá-lo. Isso deve ser feito através da garantia de oportunidades à criança para que ela se desenvolva adequadamente:

O pré-escolar está na fase do desenvolvimento dos grandes músculos. Ele precisa movimentar-se. Será bom que o pai lhe proporcione oportunidades para brincar com caixas, escadas e em trepa-trepa ou “gaiolas”. Um velocípede também é um ótimo presente para uma criança de três anos. Representa uma nova experiência motora: pedalar, guiar, tudo ao mesmo tempo.²¹⁶

O desenvolvimento, embora considerado como um caminho único, expresso minuciosamente em tabelas, pode ser desviado se não for guiado corretamente. Dessa forma, é feito um juízo de valor e passa-se a falar em bom ou mau desenvolvimento:

A criança atravessa, durante seus primeiros anos de vida, todo um processo de formação — física e psíquica — que determinará os fundamentos de sua futura estrutura. E aí a alimentação entra como um fator de maior importância, pois dela vai depender um bom ou mau desenvolvimento.²¹⁷

O corpo infantil normal na *Pais & Filhos* é, desse modo, o corpo que obedece a

²¹⁴ NINHO, 1970, p.35.

²¹⁵ DEIXE, 1969, p.12.

²¹⁶ LUCAS, 1968, p.106.

²¹⁷ NORÕES, 1976a, p.20.

normas, ou seja, às leis do desenvolvimento. Algumas dessas leis são expressas pela publicação, como por exemplo a seguinte, que trata do desenvolvimento motor:

Uma das leis do desenvolvimento é que as crianças primeiro utilizam os grandes músculos e fazem movimentos largos, para depois aprender a usar os pequenos músculos e produzir movimentos menores.²¹⁸

Mas a essência dessas normas pode ser resumida nas ideias de progresso e de tempo. O corpo infantil normal está em constante evolução, até chegar ao seu ideal – o adulto – e precisa se desenvolver dentro de um período de tempo estabelecido.

Considerando que os saberes sobre o desenvolvimento advindos de ciências como a psicologia e a medicina foram construídos também a partir da observação de crianças, o corpo normal assume ainda um sentido estatístico: o corpo normal é o que se comporta dentro da média, é o que acompanha a maioria:

A maioria dos bebês aprende a andar entre os 12 e os 15 meses, mas alguns começam antes.²¹⁹

Na mesma linha de entendimento, os desvios da média são aceitáveis apenas até certos limites, a partir dos quais passam a ser considerados anormais:

Por isso, é necessário lembrar que as várias etapas da dentição não são iguais para todos os bebês. Mesmo quando a saúde da criança esta ótima, existem em todos os setores desenvolvimento infantil as variações individuais, que não têm maior importância quando o atraso não é excessivo.²²⁰

Já o corpo anormal é representado pela *Pais & Filhos* a partir de várias nomenclaturas, que designam uma variedade de anormalidades. Retardados, deficientes, excepcionais, inválidos, abobados, mongoloides, defeituosos, paralisados, diferentes são formas da publicação se referir aos corpos infantis anormais, dentre outros modos genéricos. Em muitos casos, é ainda utilizado um nome mais específico para designar a anomalia, como paralisia cerebral, surdez, cegueira, etc.

Entretanto, a presença do corpo anormal na publicação é escassa. Ele aparece em momentos em que a referência ao padrão de normalidade está presente, principalmente nas matérias sobre desenvolvimento infantil. O número de artigos que tratam especificamente de

²¹⁸ LUCAS, 1968, p.107.

²¹⁹ CARRILHO, 1970, p.8.

²²⁰ HIGIENE, 1977, p.71.

crianças portadoras de alguma deficiência chega a ser insignificante. As imagens também expressam o silêncio em relação ao anormal. Fotos dessas crianças aparecem somente nas escassas reportagens a respeito do assunto, e em uma perspectiva de correção ou tratamento, ou seja, de necessidade de aproximação com o padrão de normalidade. É o caso das imagens do artigo “Como Ajudar uma Criança Excepcional”²²¹, que expõem crianças sendo cuidadas pelos especialistas ou realizando atividades pedagógicas (FIG. 33), e das fotos do artigo “O que Fazem os Incríveis Bisturis dos Cirurgiões Plásticos”²²², que mostra um jovem submetido a uma operação de correção de suas “orelhas de abano” e sua foto quando criança, quando ainda portava a deformidade (FIG. 34). É importante notar que as fotos são preto e brancas, o que denota um aspecto triste, ao contrário das alegres imagens coloridas que ilustram a maioria das revistas.

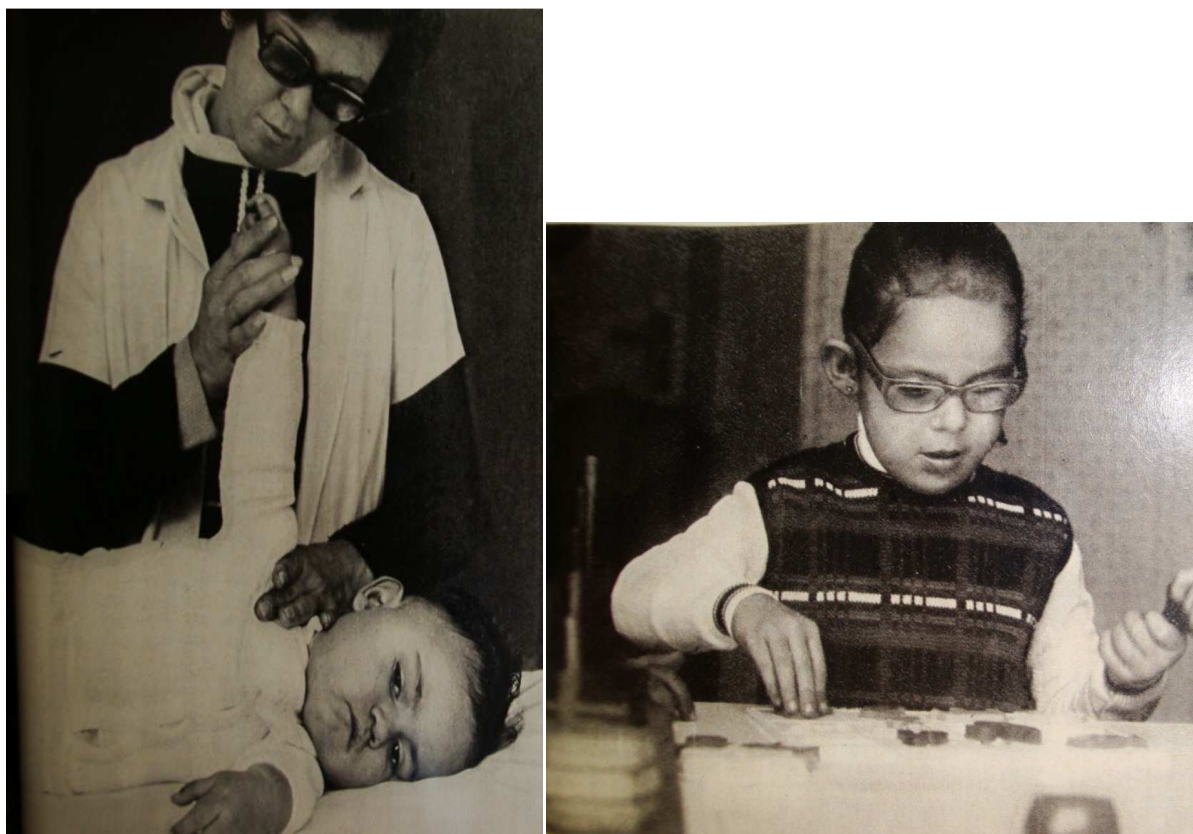


FIGURA 33 – “Como Ajudar uma Criança Excepcional”. GUINALDO NICOLAEVSK E FRANCISCO NELSON. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 2, n. 3, p. 127, nov. 1969.

²²¹ LÔBO, 1969.

²²² AZEVEDO, 1974.



FIGURA 34 - “O que Fazem os Incríveis Bisturis dos Cirurgiões Plásticos”. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 6, n. 11, p.33, jul. 1974.

Ao especialista é outorgada a responsabilidade de correção ou tratamento do corpo anormal e até mesmo de sua educação. Os pais são encarregados somente do acompanhamento do desenvolvimento infantil e, conseqüentemente, do encaminhamento ao especialista, caso necessário. A educação das crianças deficientes pelos pais é considerada até mesmo prejudicial:

Reconhecer as deficiências de um filho não é fácil, mas é o único caminho. Muitas crianças deixam de ser recuperadas ou perdem as melhores oportunidades porque os pais se recusam a aceitar o diagnóstico por vergonha ou sentimento de culpa. Não sabem que um tratamento tardio é

impotente para agir sobre seu comportamento, pois já terão cristalizado hábitos, atitudes e posturas viciados, distanciando-se muito da realidade exterior. Há ainda os que fazem pior, incumbindo-se de sua educação em casa mesmo e quase sempre da maneira mais perniciosa.²²³

Assim, o corpo anormal é representado como uma ameaça, algo a ser evitado e temido desde a gravidez:

P&F — Vocês pensam em vir a ter outros filhos?

Sandra — Querer, eu quero, mas tenho um pouco de medo. Eu já vou fazer 30 anos no fim do ano e morro de medo de ter um filho abobado, anormal.²²⁴

Evitar o corpo infantil anormal é a tônica dos artigos que trazem representações sobre ele na *Pais & Filhos*. As estratégias vão desde o acompanhamento do desenvolvimento infantil e a adoção de ações que o assegurem, até o controle de natalidade:

Quanto ao receio expressado por Sandra de vir a ter um filho anormal, é mais justificado em se tratando de casais idosos, pois nestes é que a possibilidade é realmente maior. Existe um ramo da Medicina, chamado Aconselhamento Genético, que procura julgar cada caso e examinar os fatores de risco. Quando se trata, por exemplo, de casal idoso, que já tenha a sua família constituída, pode-se chegar à conclusão de que o melhor será não ter um novo filho.²²⁵

Podemos considerar o controle de natalidade relacionado à possibilidade de geração de crianças anormais, realizado a partir dos conhecimentos da genética, como de inspiração eugenista. O movimento eugenista foi iniciado no final do século XIX e fortemente propagado até meados do século XX. Lilia Schwarcz (1993) considera a eugenia como uma espécie de prática avançada do darwinismo social²²⁶, que objetiva intervir na reprodução das populações. Francis Galton, seu criador, se baseava em um método estatístico e genealógico para defender que a capacidade humana é função da hereditariedade, e não da educação²²⁷. A eugenia tem como fundamento o medo da “degenerescência” da raça humana e a sua fórmula é simples, como resume brutalmente o discípulo de Galton, Karl Pearson: “Livrar-se dos indesejáveis, multiplicar os desejáveis” (COURTINE, 2008, p. 307).

²²³ LÔBO, 1969, p.128.

²²⁴ LEMOS, 1970, p.137.

²²⁵ LEMOS, 1970, p.138.

²²⁶ Também conhecido como “Teoria das Raças”, considerava negativa qualquer miscigenação racial, defendendo a ideia de raças puras e de uma hierarquia entre elas. No contexto brasileiro, essa teoria é apropriada de uma forma particular. Como a mestiçagem é uma realidade intransponível, ela é utilizada como uma aliada ao branqueamento da raça, em prol de sua evolução (SCHWARCZ, 1993).

²²⁷ Em “Hereditary Genius”, de 1869, considerado o texto fundador da eugenia.

Basicamente a revista trata de três tipos de anormalidades: deficiências dos sentidos, defeitos físicos e deficiências mentais. Em relação às deficiências dos sentidos, as crianças com deficiências visuais e auditivas, por exemplo, são citadas em alguns artigos, embora de uma forma bem escassa.

Entre os defeitos físicos podemos listar as disformias relativas à aparência e os desvios no crescimento. A deficiência dos movimentos corporais, ou seja, crianças que possuem os movimentos comprometidos, não foi significativa nos exemplares analisados.

As disformias relativas à aparência foram explicitadas anteriormente. Em relação aos desvios no crescimento, estes podem ser de dois tipos: o desenvolvimento físico aquém ou além da média:

Segundo o Dr. Schermann, o caso de sua filha deve ser tratado por um endocrinologista, já que, aparentemente, ela não apresenta qualquer outra doença não glandular que justifique o retardamento do crescimento e magreza. Observações dessa natureza podem depender de um distúrbio endócrino ou não, o que será verificado pelo especialista. Na maioria das vezes, esse estado é causado por desnutrição, por deficiência alimentar ou outra origem, acarretando atraso evolutivo do esqueleto e pouco pêso.²²⁸

Segundo o nosso consultor de endocrinologia, Dr. José Scherman, sua filha parece normal. Ela é muito desenvolvida porque, provavelmente, herdou essa característica de compleição física de alguém próximo da família (pais, avós, tios...). O fato dela haver menstruado relativamente cedo, mas na faixa normal, entre os 9 e os 15 anos de idade, vem a favor dessa impressão.²²⁹

Nos dois casos, está presente a ideia do desenvolvimento médio e a referência considerada são as tabelas de desenvolvimento. Estas explicitam médias das medidas corporais (peso, altura, medidas de partes do corpo) de acordo com a idade, estabelecendo limites mínimos e máximos. A fuga desses limites pode indicar uma anormalidade:

Todavia, é bom saber que há também um limite máximo para peso e altura, cujo excesso poderá indicar sérios distúrbios. E, como tratamos aqui de um fenômeno que não se caracteriza por defeitos físicos de desproporção - perímetro cefálico (médio de 54 cm) e perímetro torácico (médio de 32 cm) -, estes, sim, de mais fácil verificação de uma possível anormalidade, interessa apenas saber que desvios consideráveis de peso e estatura poderão significar distúrbios no desenvolvimento normal da criança.²³⁰

As deficiências mentais são as anormalidades mais presentes na *Pais & Filhos*. É

²²⁸ PAIS, 1970, p.117.

²²⁹ PAIS, 1969, p.120.

²³⁰ ELIAS, 1974, p.28.

interessante observar que mesmo essas deficiências possuem uma ancoragem corporal. Por um lado, elas são causadas por uma deficiência no corpo, por exemplo, uma deficiência metabólica ou – o que aparece com mais frequência - uma lesão ou paralisia no cérebro:

Isto porque 3% das crianças que nascem todos os dias são ou se tornam mais tarde excepcionais, e cada uma delas tem uma espécie diferente de comprometimento, embora de maneira geral tôdas sejam criaturas por assim dizer inacabadas, portadoras de uma paralisia cerebral que impede a idade mental de acompanhar a idade cronológica. Têm mortas definitivamente as células de uma parte do cérebro e suas deficiências dependem da região atingida, da extensão e da profundidade da lesão.²³¹

Por outro lado, as deficiências mentais trazem consigo consequências no desenvolvimento corporal da criança. Isso se expressa em um atraso no desenvolvimento motor e físico e mesmo nas características do corpo infantil:

Os excepcionais, no entanto, apresentam sintomas em comum: quando bebês custam a manter a cabeça ereta e a sentar-se, as moleiras permanecem abertas muito mais que o normal e geralmente não conseguem andar antes dos três anos, mantendo por tôda a vida um andar vacilante e desgracioso. Também demoram a falar, e a voz é gutural e pouco clara. Rapidez e movimento são adquiridos muito devagar; têm pouca habilidade de fechar os lábios e mantêm até bem tarde hábitos como o de chupar o dedo, provavelmente como um condicionamento de sua idade mental. Suas estruturas dentárias são sujeitas a malformações e há ausência congênita de dentes.²³²

Enfim, a classificação dos corpos infantis como normais ou anormais pela *Pais & Filhos* toma como referência um padrão de desenvolvimento estabelecido pela ciência, forjado a partir da média de comportamento das crianças, seja em relação ao desenvolvimento mental, o motor ou ao crescimento. O tempo é um fator imprescindível nesse processo, já que a infância é datada e é preciso desenvolver o sujeito produtivo o mais rápido possível. Tanto, que uma das formas de se referir ao anormal é como *retardado*, numa clara alusão ao fator tempo:

As crianças cujos músculos foram paralisados por movimentos espásticos (os provocados por espasmos) não têm controle dos braços e das pernas. E devido a tais defeitos físicos, também ficam retardadas em seu desenvolvimento mental.²³³

²³¹ LÔBO, 1969, p.126.

²³² LÔBO, 1969, p.126.

²³³ PINHO, 1969, p.8.

Nessa construção de padrões, entretanto, os diferentes, ou seja, os que escapam ao padrão ou tardam a atingi-lo, ganham o *status* de anormais.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo, busco identificar o ideal de infância veiculado pela revista *Pais & Filhos*, a partir das prescrições de educação dos corpos das crianças assumidas pela mesma, que revelam expectativas sociais em relação à infância no final da década de 1960 e grande parte da década de 1970 no Brasil. As representações sociais dos corpos infantis da revista explicitam um modo “moderno” de educação e cuidado das crianças, construído principalmente a partir do diálogo com a ciência.

O sentido do termo moderno na *Pais & Filhos* remete às características da modernidade entendida como o processo crescente de racionalização das sociedades que acompanha a expansão capitalista nos séculos XVIII e XIX e suas conseqüentes transformações socioculturais, mas também assume o sentido de modernidade como uma lógica de oposição à tradição. As características da revista e as representações sociais dos corpos infantis nela presentes explicitam essas relações.

Em primeiro lugar, se destaca a autoridade do discurso científico, principalmente dos saberes da medicina e da psicologia, no tratamento das questões referentes à infância. A presença de um grande rol de consultores científicos com a participação de profissionais de renome, como o Dr. Rinaldo De Lamare, é a maior expressão dessa centralidade.

Nesse sentido, *Pais & Filhos* incorpora os atributos da ciência moderna ao representar os corpos infantis. Para se tornar objeto da ciência, o corpo passa a ser naturalizado e a se constituir como independente da mente, que é o “lugar” da razão. O corpo infantil na revista é fragmentado em compartimentos como cérebro, emoções, sentidos, e instintos, dualidades decorrentes da racionalidade moderna, que cinde homem e natureza. Esse corpo dual é significado como natural e, nesse sentido, deve ser controlado pela razão objetiva, tanto no nível do sujeito – a inteligência deve substituir os instintos –, quanto em relação a um contexto mais ampliado – a razão científica moderna deve conhecer o corpo, no sentido de prevê-lo, controlá-lo e produzi-lo.

A ciência moderna, entendida como um modo de produção de verdades, possui um sentido construtivista: não apenas explica a realidade, mas modela-a. Para tal, intervém nela, classificando-a e ordenando-a. Isso também se expressam nas representações sociais da revista. O corpo infantil obedece aos critérios de ordenação e de classificação: tem o seu comportamento ordenado em uma sequência lógica ao longo do contínuo temporal – o desenvolvimento – e é classificado de acordo com categorias constituídas a partir do

conhecimento científico – sadio, doente, normal, anormal. Além disso, a infância compreendida como tempo de desenvolvimento tem na ideia moderna de progresso sua principal ancoragem, no sentido de que a criança evolui continuamente com vistas a alcançar seu objetivo final: o futuro adulto.

Ainda em relação às características da ciência moderna, na *Pais & Filhos* se expressa a questão da quantificação como critério de verdade. Seja em relação às medidas do corpo, como peso e altura, ou aos dados fisiológicos, como nível de glicose no sangue, os números são citados na revista como parâmetro objetivo para definir se o corpo é normal ou anormal, se está doente ou sadio. A estatística adquire especial relevância no sentido de definir um ideal de desenvolvimento, expresso em tabelas que relacionam as variáveis tempo e comportamento (motor, psicológico, social) da criança e que constroem a noção de criança normal como “a que está dentro da média”.

Stephen Gould (1999) tece críticas à questão da quantificação como critério científico de verdade. O autor trata mais especificamente da sua utilização para a medição da inteligência, entretanto acredito que seus argumentos podem ser estendidos para a ciência como um todo. A obsessão pelos números faz com que o objeto da ciência – no caso da *Pais & Filhos*, o corpo infantil – seja naturalizado, colocado a parte de qualquer influência cultural, assim como a própria construção de conhecimento:

A ciência tem raízes na interpretação criativa. Os números sugerem, limitam e refutam mas, por si sós, não especificam o conteúdo das teorias científicas. Estas são construídas sobre a base da interpretação desses números, e os que os interpretam são com frequência aprisionados pela sua própria retórica. Estão convencidos de sua própria objetividade, e são incapazes de discernir o preconceito que os leva a escolher apenas uma das muitas interpretações que seus números admitem (GOULD, 1999, p.66).

A caracterização da publicação como moderna também está relacionada às conquistas tecnológicas, principalmente no campo da medicina, largamente exibidas em suas páginas. O corpo é escrutinado através de exames sofisticados que produzem imagens do seu interior, a vida intrauterina passa a ser desvendada, a genética promete indicar caminhos para evitar os corpos indesejáveis.

Mas se por um lado as máquinas modernas permitem essa explosão de conhecimentos a respeito do corpo, por outro elas se tornam o próprio modelo para entender e significar esse corpo, conforme ilustra a ancoragem da representação do corpo infantil na ideia da máquina. Na *Pais & Filhos* a máquina que serve de modelo para essa representação é

a da indústria – o corpo é objetivado como uma minifábrica, atrelado à ideia de eficiência -, que também se torna referência para a significação do sentido do tempo – o tempo da infância é fragmentado, demarcado por etapas a serem rapidamente superadas, rumo à idade adulta. Maria Rita Kehl (2003) enfatiza que uma das modalidades predominantes da organização dos corpos nas sociedades industriais é a temporalidade ritmada, demarcada e veloz. Essas representações explicitam, nesse sentido, também o contexto brasileiro da época, marcado pelo grande crescimento da industrialização brasileira.

A conjuntura brasileira é também revelada pelo objetivo de civilizar a infância e a família brasileira através dos conhecimentos científicos em nome do progresso do país que, embora de forma menos evidente do que relatado nas publicações das primeiras décadas do século XX (BRITES, 2000; CALDANA, 1996; MARTINS, 2008; VELLOSO, 2006), ainda está presente na *Pais & Filhos*, o que pode ser exemplificado pelas frase nacionalistas na última página e pela pretensão de ser original em relação às publicações estrangeiras do gênero. Entretanto, concomitantemente, há uma referência ao projeto civilizatório mundial, através da comparação entre a saúde no Brasil e em países desenvolvidos e da adoção de um modelo estético para o corpo infantil que remete ao padrão europeu.

A noção de modernidade como o novo, o que vem para superar o tradicional, também se constitui como um significado do adjetivo “moderna”, associado à revista. A novidade é representada pela ciência, autoridade maior, que vem para substituir as práticas ultrapassadas de mães, avós e parteiras, por exemplo. Entretanto, conforme explicitado anteriormente, o moderno dialoga com o tradicional exercendo a função de regulação cultural. Assim, embora desvalorizado, o discurso leigo está presente na publicação, através de cartas e depoimentos.

Para parecer moderna, a revista necessita expressar “ares de novidade”. É a estratégia usada na campanha de lançamento, com a divulgação da foto inusitada de um recém-nascido pendurado em uma corda. É também o discurso assumido nos editoriais de moda e no trato de alguns assuntos voltados para a mulher, como beleza e trabalho. A exibição do corpo infantil, seja na ostentação da sua nudez ou na sua apropriação pelas modernas tecnologias médicas como exames e cirurgias, também se constitui como uma tática no mesmo sentido.

Ademais, é interessante observar que, embora em uma relação de submissão – seja à mente ou à ciência – o corpo é amplamente exibido e destacado na revista. O corpo mostrado, entretanto, é o normal, sadio e belo. Os que escapam à norma são silenciados, ou às vezes trazidos à tona apenas para reforçar o ideal. A apropriação do corpo pelas novas

tecnologias, desde a fase uterina, e a conseqüente exibição tanto do seu exterior quanto do seu interior, vem reforçar a ideia de um ser humano perfeito, sempre presente e indissociável do ideal de progresso, e que traz consigo a sombra dos que escapam à norma.

A *Pais & Filhos* traz em suas páginas esse ideal de criança perfeita, como alguma coisa que está sempre além, como algo a ser buscado. O corpo infantil, assim, assume o sentido de *corpo rascunho* (LE BRETON, 2003) a ser educado e corrigido – tanto por cirurgias quanto por tratamento da imagem, como ocorre na primeira capa da revista - para se aproximar do ideal.

Essa busca do corpo sadio, normal e belo, entretanto, começa desde o planejamento da gravidez. Cabe às mães, com o auxílio da ciência, a responsabilidade de garantir que seus filhos estejam – ou pelo menos tenham grandes chances de estar – dentro do padrão, obedecendo à idade considerada correta para a reprodução, se cuidando durante a gravidez, dentre outras coisas. Assim, o corpo fora da norma, antes de educado e corrigido, precisa ser evitado.

Ao divulgar um modelo de corpo infantil a ser alcançado através de práticas de prevenção, educação e correção, a revista *Pais & Filhos* expressa o ideal do que deve ser a criança e a infância, vinculando-se a um projeto moderno de governo dos corpos. Pensar a infância a partir desse projeto implica operar com a ideia de vida fragmentada, identificando marcos que delimitam o começo e o término de diferentes fases, constituindo nesse sentido um gradiente de idades, evolutivo e linear.

Como destacam Ferreira e Gondra (2006), estamos sujeitos a uma “ditadura da cronologia”. Essa divisão da infância em fases universais, por um lado, corre o risco de desconsiderar as experiências socioculturais dos sujeitos concretos, mas por outro lado resulta em um amplo movimento de busca de compreensão da infância a partir de suas particularidades, marcado por uma mudança de racionalidade, que se torna mais sofisticada e derivada de uma maior atenção com as crianças. Historicamente, esse processo foi fundamental para uma organização de cuidados de saúde e educação que tem marcado a qualidade de vida da população contemporânea.

De qualquer forma, na *Pais & Filhos* o discurso da criança é pouco considerado. Seu processo de socialização é representado como marcado por uma política de verdades a seu respeito, construídas por adultos especialistas. Este estudo se concentrou mais nos discursos sobre a infância, não permitindo avaliar a sua influência real nas práticas dirigidas às crianças concretas, criadas a partir da influência de tais discursos, apesar de algumas práticas se expressarem na revista.

Práticas de educação dos corpos infantis foram citadas ao longo de todo o trabalho, mas pouco exploradas devido à necessidade de um recorte mais específico. Assim, temas como alimentação, esporte, moda, significado do brincar, educação escolar, higiene, dentre outros, merecem estudos mais aprofundados na *Pais & Filhos* que, ao meu ver, se constitui como uma rica fonte de estudos para a compreensão da infância e da família.

Além disso, esta pesquisa abre outras possibilidades de investigação que também não foram aprofundadas devido às exigências do tempo e da especificidade do objeto. Entre esses temas encontra-se a possibilidade de estudar o percurso teórico dos diversos especialistas ao longo das publicações, as relações entre corpo e psiquismo na infância, as mudanças nas representações do corpo infantil ao longo do tempo, dentre outros.

Mesmo considerando a existência de múltiplas formas de se viver a infância e entendendo a criança como um sujeito ativo no processo de socialização, acredito que o conjunto de práticas e discursos que se dirigem a ela, forma um imaginário sobre a infância e produz modelos de gestos, hábitos e comportamentos que se tornam referência na formação das diferentes crianças, com maior ou menor intensidade. É justamente a partir desse ponto que se justifica o estudo do discurso dos especialistas da infância, no sentido de problematizá-lo.

O adulto fala da criança como o outro, a ser desvendado e colonizado. Não se reconhece nesse outro e entende a sua própria infância apenas como uma fase “que já passou”. Os discursos sobre a criança são a expressão do adulto maduro e racional. Nesse sentido, não resisto a finalizar este texto com a mesma questão de Jorge Larrosa que me inquieta desde o início do projeto de mestrado: “Não serão nossas verdades a expressão de uma relação com a infância em que essa, já completamente apropriada e sem enigma algum, possa converter-se no objeto e no ponto de partida de nossa vontade de dominação?” (LARROSA, 1998, p.84).

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981. 279p.
- BLOCH, Arnaldo. *Os Irmãos Karamabloch: ascensão e queda de um império familiar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 339 p.
- BRITES, Olga. Crianças de revistas (1930/1950). *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.26, n.1, p. 161-176, jan.-jun. 2000.
- BUITONI, Dulcília S. *Imprensa Feminina*. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1990. 96 p.
- CALDANA, Regina Helena Lima; ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli. Família e Educação de Filhos no Brasil: orientações numa revista católica (1935- 1988). In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes; IOKOI, Zilda Márcia Gricoli (Coord.). *Educação na América Latina*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1996. p.189- 200.
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas. História da Psicologia e História da Educação – Conexões. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nivia de Lima e (Orgs.). *História e Historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 129-158.
- CANGUILHEM, Georges. *O Normal e o Patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. 293p.
- CASTRO, Lucia Rabello de. Uma Teoria da Infância na Contemporaneidade. In: _____. *Infância e Adolescência na Cultura do Consumo*. Rio de Janeiro: Nau, 1998. p. 23-53.
- CASTRO, Lúcia Rabello de. A Infância e seus Destinos no Contemporâneo. *Psicologia em Revista*. Belo Horizonte, v.8, n.11, p. 47-58, Jun. 2002.
- CORAZZA, Sandra Mara. *História da Infância Sem Fim*. Ijuí: UNIJUÍ, 2000. 390p.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004. 282p.
- COURTINE, Jean-Jacques. O Corpo Anormal: história e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, A., COURTINE, J., VIGARELLO, G. *História do Corpo*.

Petrópolis: Vozes, 2008. p. 253-340.

DAOLIO, Jocimar. *Da Cultura do Corpo*. Campinas: Papirus, 1994. 104 p.

DOISE, Wilhelm. As Representações Sociais: definição de um conceito. *Connexions*. n.45, 1985. p. 243- 253. Mimeografado (tradução de Regina Helena de Freitas Campos).

FERREIRA, António Gomes; GONDRA, José G. Idades da Vida, Infância e a Racionalidade Médico-Higiênica em Portugal e no Brasil (Séculos XVII-XIX). In: FERNANDES, Rogério; LOPES, Alberto; FARIA FILHO, Luciano Mendes (Orgs.). *Para a Compreensão Histórica da Infância*. Porto: Campo das Letras, 2006. p. 153-177.

GOULD, Stephen Jay. *A Falsa Medida do Homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 369 p.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. A Literatura como Fonte para a História da Infância: possibilidades e limites. In: FERNANDES, Rogério; LOPES, Alberto; FARIA FILHO, Luciano Mendes (Orgs.). *Para a Compreensão Histórica da Infância*. Porto: Campo das Letras, 2006. p. 21-42.

JOBIM E SOUZA, Solange. Re-Significando a Psicologia do Desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância. In: KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. *Infância: Fios e Desafios da Pesquisa*. Campinas: Papirus, 1996. p. 39- 55.

JOBIM E SOUZA, Solange; PEREIRA, Rita Marisa R. Infância, Conhecimento e Contemporaneidade. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 20., 1997, Caxambu. Disponível em: <<http://www.gips.psi.puc-rio.br/gips/links/artigosonline.html>>. Acesso em: 08 set. 2007.

KEHL, Maria Rita. As Máquinas Falantes. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O Homem-Máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 243-259.

LARROSA, Jorge. O Enigma da Infância ou o que Vai do Impossível ao Verdadeiro. In: LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 183 – 198.

LE BRETON, David. *Adeus ao Corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus, 2003. 240p.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: _____. *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-34.

LUZ, Madel. *Natural Racional Social: razão médica e racionalidade científica moderna*. Rio de Janeiro: Campus, 1988. 152p.

MARTINS, Ana Paula Vosne. “Vamos criar seu filho”: os médicos puericultores e a pedagogia materna no século XX. *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.135-154, jan.-mar. 2008.

MASSIMI, Marina. *História da Psicologia Brasileira: da época colonial até 1934*. São Paulo: EPU, 1990. 82p.

MATTELART, Micèle. Apuntes sobre el moderno: uma lectura de la revista femenina. In: MATTELART, M. *La cultura de la opresión femenina*. México: Nueva Era, 1977 *apud* BUITONI, Dulcília S. *Imprensa Feminina*. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1990. 96 p.

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo Tardio e Sociabilidade Moderna. In: SCHWARCZ, Lilia (Org.). *História da Vida Privada no Brasil* (vol. 4). São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 560-657.

MEYER, Dagmar E. Estermann. A Politização Contemporânea da Maternidade: construindo um argumento. *Gênero*. Niterói, v.6, n.1, p.61-80, 2. sem. 2005.

MOSCOVICI, Serge. A Representação Social: um conceito perdido. In: _____. *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p.41- 81.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003. 404 p.

MOULIN, Anne Marie. O Corpo Diante da Medicina. In: CORBIN, A., COURTINE, J., VIGARELLO, G. *História do Corpo*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 15-82.

OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. Imaginário Científico e a História da Educação. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nivia de Lima e (Orgs.). *História e Historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 101-128.

PIERANTI, Octavio Penna. Políticas para a Mídia: dos militares ao governo Lula. *Lua Nova: revista de cultura e política*, n. 68, 2006. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452006000300004&lng=&nrm=iso >. Acesso em: 10 out. 2008.

PORTER, Roy. História do Corpo. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p. 291-326.

Revista Pais & Filhos. Disponível em <<http://revistapaisefilhos.terra.com.br>>. Acesso em: 18 ago. 2007.

SÁ, Celso Pereira de. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary Jane (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 19-45.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. 127 p.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Políticas do Corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SARMENTO, Manuel; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Apresentação: olhares sobre a infância e a criança. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 62-81.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 – 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 387p.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. *Donas de Si? A Educação de Corpos Grávidos no Contexto da Pais & Filhos*. 2006. 192 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SFEZ, Lucien. *A Saúde Perfeita: crítica de uma nova utopia*. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 407p.

SILVA, Ana Márcia. Elementos para Compreender a Modernidade do Corpo numa Sociedade Racional. *Caderno Cedes*. Campinas, v.19, n.48, p.7-29, Ago. 1999.

SOARES, Carmen Lúcia. *Imagens da Educação no Corpo: estudo a partir da Ginástica Francesa no século XIX*. 1996. 119 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

SOARES, Carmen Lúcia (Org.). *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2001. 180p.

SOARES, Carmen Lúcia. Pedagogias do Corpo. *Labrys Estudos Feministas*, n. 4, ago - dez, 2003. Disponível em: < <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/car1.htm>> Acesso em: 14 out. 2008.

Tele História. Desenvolvido por Thell de Castro, 2001. Disponível em <<http://www.telehistoria.com.br/canais/emissoras/manchete/manchete.htm>>. Acesso em: 10 out. 2008.

VASCONCELOS, Vera Maria Ramos de. Infância e Psicologia: marcos teóricos da compreensão do desenvolvimento da criança pequena. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 62-81.

VEIGA, Cynthia Greive. Infância e Modernidade: ações, saberes e sujeitos. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (Org.). *A Infância e Sua Educação: materiais, práticas e representações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 35-82.

VEIGA, Cynthia Greive. Cultura Escrita e Educação: representações de criança e imaginário de infância, Brasil, século XIX. In: FERNANDES, Rogério; LOPES, Alberto; FARIA FILHO, Luciano Mendes (Orgs.). *Para a Compreensão Histórica da Infância*. Porto: Campo das Letras, 2006. p. 43-78.

VELLOSO, Monica Pimenta. Percepções do Moderno: as revistas do Rio de Janeiro. In: NEVES, M. B. P.; MOREL, M.; FERREIRA, T. M. B. (Orgs.). *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006. p. 312-331.

VIGARELLO, Georges. *Les Corps Redressé*. Paris: Jean Pierre Delarge, 1978 *apud* SOARES, Carmen Lúcia. *Imagens da Educação no Corpo: estudo a partir da Ginástica Francesa no século XIX*. 1996. 119 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

VIMIEIRO GOMES, Ana Carolina. A Fadiga como Mal e o Exercício Físico como Solução: indícios da circulação dessas concepções científicas no Brasil de início do século XX. *XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/III Congresso Internacional de Ciências do Esporte* [Online], 8 Jul 2009.

REFERÊNCIAS DOS EXCERTOS

10 ANOS! *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 10, n. 12, p. 83-86, ago. 1978.

20 ANOS Pais & Filhos. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 229, p. 54-56, set. 1987.

25 VEZES, Parabéns. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 288, p. 16-17, set. 1992.

A PERIGOSA Brincadeira com o Bebê. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 7, n. 7, p. 4 (encarte), mar. 1975.

ADLER, James. Jane Fonda a Mãe Moderna. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 8, p. 92-96, abr. 1969.

ALCURE, Lenira. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 16, n. 5, p. 3, jan. 1984.

ALVARENGA, Telma. Da Repressão ao Vale-Tudo, a Saída É o Equilíbrio. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 229, p. 128-130, set. 1987.

ALVARENGA, Telma. Em Clima de Festa. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 245, p. 121, jan. 1989.

ALVARENGA, Telma; COUTINHO, Myrian; VENTURA, Dalva. O 1º Ano do Bebê. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 258, p. 69-77, fev. 1990.

ARDUINO, Dr. Francisco. Conversa com os Pais: veja como se vive bem com o diabetes. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 2, n. 3, p. 52-53, nov. 1969.

AUTRAN, Margarida. Êle Foi Nossa Primeira Capa. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 3, n. 1, p. 68-71, set. 1970.

AZEVEDO, Mario. O Que Fazem os Incríveis Bisturis dos Cirurgiões Plásticos. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 6, n. 11, p. 30-33, jul. 1974.

BARBALHO, Carlos. A Difícil Hora de Tomar Banho. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 6,

n. 11, p. 80-83, jul. 1974.

BARBOSA, Emilse. Ana Carolina o Melhor Gol de Edmundo. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 321, p. 26-30, jul. 1995.

BARCELLOS, Jalusa. Comece Desde Cedo a Guerra à Tuberculose. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 9, n. 5, p. 46-49, jan. 1977.

BEIBIVIT. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 6, n. 1, p. 102-103, set. 1973.

BLOCH, Pedro. Criança Diz Cada Uma. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 5, n. 4, p. 78-79, dez. 1972.

BLOCH, Pedro. Criança Diz Cada Uma... *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 7, n. 4, p. 64-65, dez. 1974.

BLOCH, Pedro. Criança Diz Cada Uma... *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 7, n. 12, p. 92-93, ago. 1975.

BOECHAT, Andrea. Receita de Saúde. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 349, p. 190-199, nov. 1997.

BOECHAT, Andrea. Se Recém-Nascido Falasse... *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 352, p. 18-24, fev. 1998.

BRAGA, Maria Beatriz. Sarampo: o perigo das pintinhas vermelhas. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 3, n. 1, p. 80-84, set. 1970.

BRAGA, Regina Stela. Nossos Consultores. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 327, p. 100, jan. 1996a.

BRAGA, Regina Stela. E no Futuro, Como Será? *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 328, p. 96-98, fev. 1996b.

CAIXA Postal 285. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 15, n. 10, p. 93-95, jun. 1983.

CALDAS, Gracinha. Eles Dois São Rivais Amam a Mesma Mulher. *Pais & Filhos*. Rio de

Janeiro, Ano 4, n. 7, p. 58-62, mar. 1972.

CARNEIRO, Maria Luiza. Seu Filho Precisa de Atividade Física. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 7, n. 7, p. 84-87, mar. 1973.

CARRILHO, Wanda. Aventuras do Bebê Dentro de Casa. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 3, n. 1, p. 6-14, set. 1970.

CARTAS. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 7, n. 7, p. 108-109, mar. 1975.

CASOS que Servem de Exemplo. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 3, n. 11, p. 50-53, jul. 1971.

CASTILHO, Alessandra. Hora de Brincar. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 348, p. 26-34, out. 1997.

CAVALCANTI, Helly Goldberg. Camila Nasceu. Ela Vai Ter Muita Coisa para nos Contar. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 6, n. 1, p. 70-72, mar. 1975.

CAVALCANTI, Tallita. Primeiro Ano: o começo das descobertas. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 9, n. 2, p. 8-11, out. 1976.

CAVALCANTI, Tallita. Chegou a Hora de Aprender. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 9, n. 5, p. 4-6, jan. 1977.

COUTINHO, Ana Lúcia. Estão no Ar os Perigos da Poluição. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 9, n. 2, p. 38-42, out. 1976.

COM A PALAVRA, Nossas Redatoras. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 237, p. 107-110, mai. 1988.

CONSULTE e Depois Chame um Médico. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 5, p. 18, jan. 1969.

COUTINHO, Mariza. Cérebro, o Comandante Perfeito. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 3, n. 1, p. 22-28, set. 1970.

COUTINHO, Myrian. Reflexos de um Acrobata. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 271, p. 4-10, mar. 1991.

DEIXE a criança livre e veja o que ela é capaz de fazer. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 2, n. 3, p. 4-12, nov. 1969.

DUARTE, Cláudia de Azevedo, LA PORTA, Cleo. Cores Alegres e Tecidos Leves na Hora do Colégio. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 6, n. 1, p. 48-50, mar. 1975.

E COM VOCÊS, os Nossos Filhos. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 272, p. 76-80, abr. 1991.

ELIAS, Margarethe. Não Alimente Demais o Bebê: ele será um adulto eternamente obeso. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 6, n. 11, p. 62-66, jul. 1974.

ELIAS, Margarethe. Aos 9 anos, Ela Já Tem Tamanho de Adulto e É Tratada como Adulto. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 6, n. 11, p. 26-29, jul. 1974.

EM QUATRO Fascículos, Seu Filho de 0 a 15 Anos. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 13, n. 5, p. 58, jan. 1981.

ESTAMOS Trabalhando pelo futuro... *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 1, p. 65, set. 1968.

ESTE Bebê É um Gênio? Não, Seu Filho Também Faz Isso. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 10, n. 12, p. 4-8, ago. 1978.

ESTE Bebê É um Gênio? Não, Seu Filho Também Faz Isso. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 15, n. 12, p. 8-12, ago. 1983.

FALBO, Bia. Caderno de Alimentação. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 15, n. 1, p. 41-50, set. 1982.

FERNANDES, Silvia Leal. Dosagem Hormonal o Exame que Pode Evitar um Aborto. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 7, n. 7, p. 30-33, mar. 1975.

FERNANDES, Simone. A Realidade do Sonho no Mundo Infantil. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 14, n. 2, p. 27-33, out. 1981.

FERNANDES, Simone. No Encontro de Duas Células, Tem Início o Show da Vida. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 15, n. 12, p. 22-26, ago. 1983.

FERNANDES, Sylvia Leal. Brinquedos: uma escolha levada a sério. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 17, n. 1, p. 41-48, set. 1984.

FERREIRA, Lúcia. Vamos Brincar de Doutor? *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 9, p. 30-32, mai. 1969.

FERREIRA, Sônia Nolasco. A Vida Livre dos Meninos da Fazenda. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 2, n. 3, p. 68-78, nov. 1969.

FERREIRA, Zilda. Um Recado Para Mamãe. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 343, p. 4-7, mai. 1997.

GERBER. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 6, n. 1, p. 2, mar. 1975.

GONZALEZ, Amelia. Como Seu Filho Pode Ser Feliz. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 13, n. 6, p. 36-40, fev. 1981.

GRANDE Concurso Superbebê Pais & Filhos. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 292, p. 30-32, jan. 1993.

GROPILLO, Ciléa. A Encefalite Tem Cura. Conheça Então os Sintomas. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 6, n. 1, p. 100-103, mar. 1975.

GROTHER, Hans. Você Também Não Acreditou? Então Veja Como Eles Fazem Isto. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 9, p. 4-11, mai. 1969.

GUIA das doenças infantis. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 3, n. 12, encarte, ago. 1971.

HASSELMANN, Maria Eliza. Bebê Sabe Mais que Você Imagina e Exige Liberdade. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 6, n. 1, p. 22-24, mar. 1975.

HELENA, Luiza. Como Enrolar Papai e Mamãe. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 4, n. 7, p. 122-128, mar. 1972.

HELENA, Luiza. O Quarto do Bebê. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 6, n. 1, p. 12-17, set. 1973.

HELENA, Luíza, FERREIRA, Ana Maria. O Longo Caminho da Recuperação. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 5, n. 4, p. 14-18, dez. 1972.

HIGIENE Infantil. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 9, n. 5, p. 71, jan. 1977.

JORGE, Thereza. Como o Jovem de Hoje Vê o Sexo. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 8, n. 12, p. 95-97, ago. 1976.

JORGE, Thereza. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 13, n. 6, p. 4, fev. 1981.

JUCÁ, Simone. Pais Separados, Filhos Sem Problemas. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 328, p. 62-64, fev. 1996.

KAPELLER, Pedro Jack. A Revista da Família Brasileira. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 349, p. 3, nov. 1997.

LEAL, Sylvia. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 17, n. 10, p. 3, jun. 1985.

LEAL, Sylvia. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 219, p. 3, nov. 1986.

LEAL, Sylvia. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 221, p. 3, jan. 1987.

LEAL, Sylvia. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 239, p. 3, jul. 1988a.

LEAL, Sylvia. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 244, p. 3, dez. 1988b.

LEAL, Sylvia. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 250, p. 4, jun. 1989.

LEAL, Sylvia. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 264, p. 3, ago. 1990.

LEAL, Sylvia. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 275, p. 3, jul. 1991.

LEAL, Sylvia. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 288, p. 3, set. 1992.

LEAL, Sylvia. Um Prêmio para Pais & Filhos. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 301, p. 57, out. 1993.

LEAL, Sylvia. 1994 Um Olhar Sobre o Futuro. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 304, p. 4-5, jan. 1994.

LEAL, Sylvia. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 323, p. 3, set. 1995a.

LEAL, Sylvia. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 324, p. 3, out. 1995b.

LEMOS, Cláudia. As Grandes Doenças Infantis: tuberculose. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 2, n. 3, p. 62-64, nov. 1969.

LEMOS, Cláudia. O que as Mulheres Grávidas Conversam Entre Si. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 3, n. 1, p. 135-138, set. 1970.

LÔBO, Márcia. Como Ajudar uma Criança Excepcional. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 2, n. 3, p. 124-130, nov. 1969.

LUCAS, Fernando. Que Esporte e em que Idade? *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 1, p. 104-107, set. 1968.

MACHADO, Dilze. Nossos Filhos Podem Nos Ver Nus? *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 3, p. 52-56, nov. 1968.

MACHADO, Sônia. Jogue seu Filho N'Água. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 3, n. 1, p. 16-21, set. 1970.

MARREIRO, Miriam. Na Infância, a Plástica. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 9, n. 5, p. 32-35, jan. 1977.

MAZZOLENIS, Sheila. Veste Essa Roupa, Menina. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 5, p. 104-107, jan. 1969.

MELLO, Maria Cristina B. de. Criança Deve Usar Chupeta? *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 7, n. 7, p. 14-17, mar. 1975.

MENDONÇA, Thais de. Diário de um Bebê Dentro do Útero. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 14, n. 7, p. 41-46, mar. 1982a.

MENDONÇA, Thais de. A Sensualidade Instintiva do Bebê Tem Muito a nos Ensinar. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 14, n. 10, p. 36-40, jun. 1982b.

MORAES, Denise. Desenvolvimento Ponto por Ponto. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 252, p. 73-79, ago. 1989.

MOURA, Sheila. Gente Grande. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 250, p. 33, jun. 1989.

NIELSEN, Annie. É Briga, Quer Apostar? *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 298, p. 52-55, jul. 1993.

NINHO. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 3, n. 1, p. 35, set. 1970.

NOLASCO-FERREIRA, Sônia. Uma Mulher Nua na Carteira de Meu Filho. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 9, p. 34-38, mai. 1969.

NORÕES, Clano. Na Mesa, Tudo que Ele Gosta e Deve Comer. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 9, n. 2, p. 18-22, out. 1976a.

NORÕES, Clano. O Corpo: Ele Vai Crescer na Vida. E que Seja Lindo. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 9, n. 2, p. 28-31, out. 1976b.

NORÕES, Clano. Aprendizagem: na limitação do corpo, a origem dos problemas. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 9, n. 5, p. 26-30, jan. 1977.

NOSSOS Melhores Momentos. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 18, n. 7, p. 48-49, set. 1985.

O UNIVERSO Sexual da Criança Segundo Freud. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 7, n. 7, p. 77-79, mar. 1975.

O VENCEDOR É... *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 315, p. 26-31, dez. 1994.

OLÍVIA, Maria. Criança Precisa Brincar. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 6, n. 1, p. 67-74, set. 1973.

PAIS & filhos escrevem. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 2, n. 3, p. 120-121, nov. 1969.

PAIS & filhos escrevem. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 3, n. 1, p. 117, set. 1970.

PAIS & Filhos 15 Anos: parabéns pra você. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 15, n. 12, p. 47-52, ago. 1983.

PAIS & Filhos 19 Anos! *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 217, p. 64-67, set. 1986.

PAIS & Filhos 21 Anos. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 241, p. 67-69, set. 1988.

PAIS & Filhos 25 anos. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 285, p. 30-31, jun. 1992.

PAIS & FILHOS. Rio de Janeiro, Ano 2, n. 4, p. 3, dez. 1969.

PAIS & FILHOS. Rio de Janeiro, Ano 3, n. 8, p. 1, abr. 1971.

PAIS & FILHOS. Rio de Janeiro, Ano 4, n. 9, p. 130, mai. 1972.

PAIS & FILHOS. Rio de Janeiro, Ano 16, n. 12, p. 102, ago. 1984a.

PAIS & FILHOS. Rio de Janeiro, Ano 17, n. 1, p. 96, set. 1984b.

PAIS & FILHOS. Rio de Janeiro, Ano 17, n. 3, p. 91, nov. 1984c.

PAIS & FILHOS. Rio de Janeiro, Ano 17, n. 5, p. 115, jan. 1985.

PELLEGRINI, Luis. Na Banheira Também se Faz um Campeão. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 2, n. 3, p. 32-34, nov. 1969.

PEREIRA, Ilva Ribeiro. Minha Gravidez Não Passa dos Três Meses. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 2, n. 3, p. 58-61, nov. 1969.

PEREIRA, Maria Helena. Faltam Vacinas para Imunização. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 9, n. 2, p. 85, out. 1976.

PERGUNTE a Quem Entende do Assunto. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 241, p. 97-106, set. 1988c.

PINHO, Evandro. Êste Bebê É um Gênio? Não, Seu Filho Também Faz Isso. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 1, p. 4-10, set. 1968.

PINTO, Maria Costa. Você É Racista? *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 3, n. 12, p. 50-54, ago. 1971.

PINTO, Maria Costa. Com Quem Se Parece Seu Filho? *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 6, n. 1, p. 54-60, set. 1973.

PROBLEMAS de pais e filhos. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 3, n. 1, p. 128-129, set. 1970.

PROTESTO! *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 4, n. 10, p. 20-21, jun. 1972b.

QUEREMOS Comemorar com Vocês! *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 13, n. 12, p. 47-50, ago. 1981.

RACHEL, Vera. Este Bebê Ainda Não Nasceu. Mas os Médicos Já Cuidam Dêle. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 3, n. 9, p. 4-12, mai. 1971a.

RACHEL, Vera. Está Começando a Cesariana. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 3, n. 12, p. 4-14, ago. 1971b.

RITTER, Vera. Tire a Máscara de Seu Filho. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 2, n. 3, p. 90-94, nov. 1969.

RODRIGUES, Sílvia Helena Vianna. Criança Não Deita em Divã. Brincando Ela Conta Seus Problemas. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 8, n. 3, p. 90-93, nov. 1975.

SANTOS, Edna Maria dos. A Higiene: saiba os primeiros cuidados. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 9, n. 2, p. 24-27, out. 1976.

SEU FILHO É Feliz? *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 358, p. 32-35, ago. 1998.

SEXUALIDADE Infantil (Encarte). *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 9, n. 5, jan. 1977.

SILVA, Haroldo Lins e. Você Frente a Frente com o Advogado de Família. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 220, p. 91-92, dez. 1986.

SILVA, Laís Gama e. Criança Para Principiante. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 11, p. 4-10, jul. 1969.

STERNICK, Paulo. Como Anda a “Cuca” dos Jovens. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 4, n. 9, p. 80-83, mai. 1972.

TAVES, Laura. A Criança nas Grandes Cidades. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 6, n. 11, p. 10-17, jul. 1974.

TÁVORA, Sílvia. A Cura do Câncer Infantil. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 6, n. 1, p. 104-107, mar. 1975.

TERESA, Ângela. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 10, n. 2, p. 3, out. 1977.

VENTURA, Dalva. Silêncio! Ele se Prepara para Enfrentar o Mundo. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 6, n. 1, p. 4-9, mar. 1975.

VENTURA, Dalva. Xixi na Cama, Outra Vez! *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 16, n. 10, p. 81-82, jun. 1984.

VENTURA, Dalva. Repressão/ Liberdade em Excesso: a vítima pode ser seu filho. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, n. 264, p. 88-89, ago. 1990.

WERNECK, Cláudia. A Alegria de Tomar Banho Juntos. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 16, n. 9, p. 56-58, mai. 1984.

APÊNDICE – EXEMPLOS DE CATEGORIAS

GRUPO DE REPRESENTAÇÕES I: CORPO NATURAL

CATEGORIA: INSTINTOS E REFLEXOS (Instinto/ reflexo/ automático/ sexual)

Revista	Título	Tipo/ Autores	Trecho
1968 – Setembro Ano 1, nº 1	Êste Bebê É um Gênio? Não, Seu Filho Também Faz Isso	Artigo Jornalista Consultor: neuropediatra	Êle só tem seis dias de vida. Um instinto primário o impele a segurar-se com firmeza na corda de secar roupa. Há 800 mil anos os recém-nascidos tinham de ficar agarrados assim no pêlo das mães. Esta foto foi feita com o objetivo de esclarecer, no momento certo, se o bebê é ou não sadio. Também porque são poucos os pais bem informados quanto à "prova dos reflexos dos instintos primários". A seguir, mostraremos as reações que você poderá observar em seu bebê. Mas você não precisa pendurá-lo na corda de secar roupa.
1968 – Setembro Ano 1, nº 1	Êste Bebê É um Gênio? Não, Seu Filho Também Faz Isso	Artigo Jornalista Consultor: neuropediatra	O fato de alguém segurar um recém-nascido por baixo dos braços e pô-lo sobre uma mesa, faz com que êle "ande" e queira "subir" no cubo que serve de obstáculo. É um reflexo inconsciente que desaparece depois de algumas semanas. A significação primitiva dêsse "andar", ninguém sabe. Também se pode provocar outras reações parecidas. Quando um bebê está deitado de costas, com as pernas esticadas, e você lhe belisca de leve a planta do pé, êste, erguendo-se, se retrairá com rapidez. Mas, se o bebê estiver com uma pena dobrada e você tocar-lhe a sola do pé, êle a esticará lentamente. Tais reflexos são ativos nos primeiros três meses de vida.
1968 – Setembro Ano 1, nº 1	Êste Bebê É um Gênio? Não, Seu Filho Também Faz Isso	Artigo Jornalista Consultor: neuropediatra	Na 1. ^a semana êle já pode rastejar. O bebê "andou" 20 centímetros ao ser tocado no pé cuja perna estava dobrada. Firmou-se e deu um arranco. O médico ficou sabendo que a região nervosa que comanda êsse movimento está perfeita. Depois do 3. ^o mês essa reação é uma anomalia.
1968 – Setembro Ano 1, nº 1	Êste Bebê É um Gênio? Não, Seu Filho Também Faz Isso	Artigo Jornalista Consultor: neuropediatra	Parece que êle quer abraçar alguém. Mas os bebês não têm vontade nem contrôle do corpo. É que o médico que o segura movimentou a mão para baixo e "assustou-o". Esta reação (reflexo de Moro) vai até o 5. ^o mês. Desenvolvido o cérebro, a vontade ocupa o lugar do automatismo.
1968 – Setembro Ano 1, nº 1	Êste Bebê É um Gênio? Não, Seu Filho Também Faz Isso	Artigo Jornalista Consultor: neuropediatra	Entretanto, está ao seu alcance a possibilidade de contribuir para o futuro dos seus filhos. Você deve permitir que êles sejam examinados precocemente. E verificada alguma deficiência, você mesmo poderá encarregar-se de grande parte do tratamento. A palavra mágica que estabelece tal possibilidade é "reflexo". Já mostramos algumas reações típicas e que podem ser controladas pelas mães. É evidente que se trata de um contrôle parcial. A comprovação final da existência de inúmeros reflexos deverá ser feita por um pediatra experimentado. Não uma, mas pelo menos quatro vezes durante o primeiro ano de vida. No caso de um bebê, isso terá de ocorrer logo após o nascimento. Também depois, quando a criança tiver três, seis e nove meses. Você precisa saber que um só exame não basta para uma análise perfeita, pois os reflexos são de caráter

			<p>evolutivo. Nas primeiras semanas a criança é completamente dominada por essas reações automáticas. Volta a cabeça para o seio materno, quando estimulada. Suga um dedo, quando alguém o introduz na sua boca. E se se virar para um lado a cabeça do bebê, ele voltará o corpo no mesmo sentido. Todas as reações desse tipo ainda são involuntárias. Mas o cérebro da criança se aperfeiçoa a cada semana que passa. Ela adquire sempre mais consciência e domínio voluntário do corpo. Por isso, seus reflexos automáticos devem desaparecer progressivamente. Um recém-nascido não aprenderá a segurar os objetos, enquanto não for eliminado o reflexo de preensão, desencadeado por um leve estímulo sobre a palma da mão. E só se manterá de pé, apoiado nas duas pernas, quando já não houver o reflexo de marcha. Isto é, aquele que o impele a levantar um pé sempre que o outro tocar no solo. Portanto, os reflexos são de grande valor para o controle das lesões do sistema nervoso da criança.</p>
1968 – Setembro Ano 1, nº 1	Este Bebê É um Gênio? Não, Seu Filho Também Faz Isso	Artigo Jornalista Consultor: neuropediatra	<p>Um médico de Londres, o Dr. Karl Bobath, e sua mulher, criaram um método que permite tratar com êxito as crianças de mais idade portadoras de graves perturbações. Logo depois, a Dra. Elisabeth Kong, de Berna, aperfeiçoou o método e o aplicou em recém-nascidos. Eles são submetidos a uma ginástica suave, através da qual as partes sadias do cérebro são levadas a exercer as funções das partes doentes. O princípio dessa ginástica reabilitadora se baseia na tendência das crianças perfeitas de adquirirem, pouco a pouco, o domínio do corpo. Todos os movimentos devem ser exercitados, e controladas todas as articulações. Uma criança que não for capaz de levantar a cabeça, mais tarde não estará em condições de erguer-se. E a que não houver aprendido a ficar de pé, não poderá andar bem.</p> <p>Também no caso de crianças que apresentam deficiências, essa ginástica lhes permitirá alcançar o domínio do corpo. Cada etapa do desenvolvimento é aperfeiçoada. E treinado cada movimento. Com isso, eliminam-se os reflexos que perdurarem além do tempo normal. Há muito, na Suíça, as parteiras e assistentes sociais são especializadas no controle dos principais reflexos. Nos diversos centros de reabilitação do país, médicos e fisioterapeutas cuidam das crianças com perturbações motoras e ensinam às mães como lidarem com elas.</p>
1968 – Setembro Ano 1, nº 1	Que esporte e em que idade?	Artigo Jornalista Consultor: professor da Escola de Educação Física (anatomia e higiene)	<p>Até os dois anos de vida Nos dois primeiros anos de vida a criança normal faz, ela própria, a sua ginástica e o seu programa de movimentos. Gosta de lugares onde possa subir, carrinhos para puxar e outros brinquedos pequenos. Também se interessa por um caixote de areia, para encher e esvaziar vários recipientes, e todos os objetos que puderem ser contidos dentro de outros despertarão sua atenção. É através dessas atividades que o criança vai melhorar suas habilidades motoras, aprender as formas e os tamanhos, e começar a descobrir as diferenças entre água, areia, madeira, papel. Entretanto, não são unânimes os pensamentos</p>

			<p>de pediatras e educadores quanto ao assunto. Há os que indicam a ginástica passiva, a partir do quarto mês de vida: opõem resistência aos movimentos normais, seriando exercícios de pernas, pés, braços, mãos e tronco. Justificam a indicação como capaz de favorecer o desenvolvimento físico e orientar a formação normal das centros nervosos da criança. Mas não é essa a opinião da quase totalidade dos especialistas. Os eventuais benefícios desses exercícios podem ser neutralizados por uma repercussão desfavorável sobre os ossos, cartilagens articulares e músculos. Ainda débeis e incapazes para o trabalho que lhes foi atribuído. Além disso, o sistema nervoso não está estruturado e suficientemente desenvolvido para receber certas excitações do meio exterior. No período da lactância e até o segundo ano de vida, não há necessidade de exercícios específicos. E dentro do mesmo raciocínio, não há vantagem em precipitar o sentido do equilíbrio e a marcha, que dependem da existência de um determinado tônus muscular.</p> <p>A criança tem a evolução de seus reflexos motores na dependência da evolução de sua estrutura física. Os brinquedos próprios da idade (principalmente a bola) ajudam o início das ações coordenadas. Em consequência, o melhor equilíbrio e segurança da marcha. A praia pode ser permitida após o primeiro ano, mas com os cuidados naturais quanto à temperatura da água, tempo de permanência e, sobretudo, a intensidade das irradiações solares. Muitas crianças flutuam e nadam em piscinas rasas já aos dois anos de idade. Contudo, não se deve ter a preocupação de ensiná-las a nadar corretamente.</p>
1969 Novembro Ano 2, nº 3	– Deixe a criança livre e veja o que ela é capaz de fazer	Artigo Dr. Jaroslaw Koch (Tchecoslováquia)	Com sua própria fôrça o bebê se pendura em aros. Por vontade própria, ao contrário do recém-nascido (foto menor), que instintivamente se agarra à corda. Ele não sabe o que faz, mas a criança nos aros quer e pode agarrar-se. O reflexo cego foi substituído pelo movimento consciente. É uma etapa importante do seu desenvolvimento.
1969 Novembro Ano 2, nº 3	– Deixe a criança livre e veja o que ela é capaz de fazer	Artigo Dr. Jaroslaw Koch (Tchecoslováquia)	Todo bebê sadio tem necessidade de se mexer: nasce com muitos reflexos de movimentos que mostram não ser o bebê destinado por natureza a permanecer quietinho e sossegado em sua cama.
1969 Novembro Ano 2, nº 3	– Na banheira também se faz um campeão	Artigo Jornalista (artigo “importado”?)	O Professor Jacques Vallet, da Escola Nacional Superior de Educação Física e Esportiva da França, um dos idealizadores do método, explica como se processam as sessões de imersão: - O monitor entra na piscina com a criança e inicia um movimento de levantá-la e baixá-la, dentro e fora da água, até a altura do pescoço. Depois ela é submergida a um metro de profundidade. A princípio estávamos inquietos, pensando que o bebê fôsse beber muita água, mas essa era uma preocupação inútil. Assim que é submergida, a criança instintivamente fecha a bôca e abre os olhos. Já na segunda sessão, ela compreende que o balanço inicial dentro e fora da água é sinal de imersão.
1969 Novembro	– Na banheira também se faz	Artigo Jornalista (artigo	Os psicólogos franceses ainda não chegaram a uma conclusão definitiva sobre a natureza do nado da

Ano 2, nº 3	um campeão	“importado”?)	criança: inteligente ou instintiva. A opinião geral pende para o instinto: o bebê nadador utiliza apenas as pernas, parecendo um castor. Um dos objetivos da experiência é justamente esse: despertar e desenvolver no bebê sua atividade e iniciativa instintivas. E agora prepare-se para ter um campeão olímpico dentro de sua banheira. Mas cuidado: o treinamento só pode ser feito por especialista na matéria.
1969 – Novembro Ano 2, nº 3	Como ajudar uma criança excepcional	Artigo Jornalista Consultores: “Helena Antipoff e obras publicadas pela Sociedade Pestalozzi do Brasil”	<p>AO NASCER: <input type="checkbox"/> esboça movimentos de sucção quando tocamos seus lábios <input type="checkbox"/> move braços, mãos e ombros ao segurarmos seu nariz <input type="checkbox"/> distende os artelhos em leque ao sentir um toque na sola do pé <input type="checkbox"/> agarra o dedo que lhe toca a mão <input type="checkbox"/> volta a cabeça quando se toca sua face <input type="checkbox"/> de bruços, levanta a cabeça por momentos <input type="checkbox"/> fixa os olhos numa contemplação vaga <input type="checkbox"/> estremece e pisca os olhos ao ouvir um som forte <input type="checkbox"/> evita a luz forte fechando os olhos ou virando a cabeça.</p> <p>NO 1.º MÊS: <input type="checkbox"/> fixa os objetos sem seguir seus movimentos <input type="checkbox"/> reage lentamente à dor <input type="checkbox"/> reage com uma careta quando tocamos sua testa com um algodão umedecido em água fria <input type="checkbox"/> reage negativamente aos cheiros fortes e desagradáveis, ao amargo (vomita), ao azêdo e ao salgado <input type="checkbox"/> reage positivamente ao doce, à temperatura morna do banho, à música suave <input type="checkbox"/> sons agudos lhe provocam mau-humor e gritos <input type="checkbox"/> segue com o olhar um fósforo aceso movido em seu campo de visão direta <input type="checkbox"/> grita quando sente fome, cansaço, frio ou quando há luz intensa.</p> <p>NO 2.º MÊS: <input type="checkbox"/> volta a cabeça ao ouvir um ruído <input type="checkbox"/> pode mantê-la ereta por segundos quando deitada de bruços <input type="checkbox"/> acompanha o movimento de um objeto para trás <input type="checkbox"/> a pupila reage à distância contraindo-se e abrindo-se <input type="checkbox"/> colocada na posição de mamar, automaticamente abre a bôca, volta a cabeça para trás e chupa <input type="checkbox"/> ainda não reconhece a mãe <input type="checkbox"/> aparecem os gritos de satisfação <input type="checkbox"/> responde ao olhar sorrindo e balbuciando.</p> <p>NO 3.º MÊS: <input type="checkbox"/> segura os objetos e os sacode sem olhar para eles <input type="checkbox"/> leva a mão à bôca sem se desviar muito <input type="checkbox"/> deitada de costas, levanta pernas e braços <input type="checkbox"/> distingue objetos volumosos e pessoas a uma distância de 5 metros <input type="checkbox"/> reconhece os familiares e coisas usuais <input type="checkbox"/> continua olhando as coisas desaparecidas <input type="checkbox"/> ao chorar com fome, tranqüiliza-se assim que vê a mamadeira ou os preparativos da mãe <input type="checkbox"/> inicia o balbucio <input type="checkbox"/> reclama quando a pessoa que brincava com ela se afasta.</p> <p>NO 4.º MES: <input type="checkbox"/> apalpa as coisas <input type="checkbox"/> deitada de costas, mantém cabeça e tronco eretos <input type="checkbox"/> reage diferentemente às diversas vozes conhecidas <input type="checkbox"/> reconhece imediatamente os estranhos <input type="checkbox"/> nota a mudança de ambiente <input type="checkbox"/> prefere olhar os objetos novos a levá-los à bôca <input type="checkbox"/> não conhece os pais depois de 4 dias <input type="checkbox"/> repete as sílabas. NO 5.º MÊS: <input type="checkbox"/> Senta no colo da mãe <input type="checkbox"/> levanta o corpo apoiada nas mãos <input type="checkbox"/> reage às expressões (de rosto ou voz) zangadas ou amáveis.</p>

			<p>NO 8.º MÊS: <input type="checkbox"/> fica sentada sem apoio por alguns segundos <input type="checkbox"/> segura os objetos com o polegar oposto aos outros dedos <input type="checkbox"/> prefere o vermelho, o laranja e o amarelo <input type="checkbox"/> sente cócegas <input type="checkbox"/> procura contato (olhando ou balbuciando) com a pessoa que não lhe presta atenção.</p> <p>NO 7.º MÊS: <input type="checkbox"/> começa os movimentos de imitação <input type="checkbox"/> procura um brinquedo perdido <input type="checkbox"/> não reconhece as pessoas depois de uma semana <input type="checkbox"/> compreende as primeiras palavras e frases <input type="checkbox"/> perde o medo dos estranhos. NO 8.º MÊS: <input type="checkbox"/> estende o braço para um objeto fora de seu alcance <input type="checkbox"/> é capaz de segurar ao mesmo tempo um objeto em cada mão <input type="checkbox"/> deitada de costas, move-se girando o corpo <input type="checkbox"/> reconhece pela voz uma pessoa que não vê <input type="checkbox"/> atrai a atenção dos adultos, puxando-os ou mostrando brinquedos.</p> <p>QUANDO COMPLETA UM ANO: <input type="checkbox"/> senta sem apoio <input type="checkbox"/> fica de pé apoiada <input type="checkbox"/> imita corretamente os movimentos simples <input type="checkbox"/> abre uma caixa com tampa <input type="checkbox"/> coloca um tubo fino dentro de um mais grosso <input type="checkbox"/> faz rabiscos leves <input type="checkbox"/> compreende as perguntas que começam por onde <input type="checkbox"/> expressa desejos e qualifica as coisas <input type="checkbox"/> manifesta ciúme.</p> <p>COM UM ANO E MEIO: <input type="checkbox"/> anda sozinha sem apoio <input type="checkbox"/> de pé, apanha um objeto no chão sem cair <input type="checkbox"/> come sozinha com colher <input type="checkbox"/> corre, foge e se esconde <input type="checkbox"/> diferencia retas e curvas <input type="checkbox"/> reconhece pessoas, objetos e animais em gravuras <input type="checkbox"/> reconhece a própria imagem no espelho <input type="checkbox"/> começa o período das perguntas <input type="checkbox"/> corresponde aos beijos das pessoas conhecidas <input type="checkbox"/> compreende ordens verbais, negativas e proibições <input type="checkbox"/> pede auxílio aos adultos em caso de perigo.</p> <p>ATÉ OS DOIS ANOS: <input type="checkbox"/> trepa numa cadeira para alcançar um objeto <input type="checkbox"/> empilha vários dados <input type="checkbox"/> assoa o nariz quando se manda <input type="checkbox"/> come de garfo <input type="checkbox"/> escova os dentes <input type="checkbox"/> tenta dançar <input type="checkbox"/> sobe escada colocando os dois pés em cada degrau <input type="checkbox"/> reconhece pequenas diferenças na expressão fisionômica, músicas e formas geométricas simples <input type="checkbox"/> tem idéia de dimensão (escolhe para si o brinquedo maior) <input type="checkbox"/> identifica côres <input type="checkbox"/> reconhece coisas vistas há dois meses <input type="checkbox"/> conhece o próprio nome <input type="checkbox"/> conta até três <input type="checkbox"/> faz os primeiros julgamentos <input type="checkbox"/> emprega o futuro, as preposições, frases afirmativas, negativas e interrogativas <input type="checkbox"/> dá um beijo como sinal de boa disposição.</p> <p>AOS DOIS ANOS E MEIO: <input type="checkbox"/> veste-se sem auxílio <input type="checkbox"/> recorda o que aconteceu há um mês <input type="checkbox"/> emprega o pronome eu <input type="checkbox"/> sente mágoa quando excluída do grupo <input type="checkbox"/> começa a crise de desobediência.</p> <p>COM TRÊS ANOS: <input type="checkbox"/> toma banho sozinha <input type="checkbox"/> anda em linha reta uns 4 metros <input type="checkbox"/> o menino urina de pé <input type="checkbox"/> já se concentra intencionalmente para se recordar de uma coisa <input type="checkbox"/> repete uma frase de 7/8 sílabas <input type="checkbox"/> conhece os nomes das partes do corpo e mostra quando se pergunta <input type="checkbox"/> não se comporta bem em grupo e gosta de destruir o jogo dos outros.</p> <p>ATÉ TRÊS ANOS E MEIO: <input type="checkbox"/> desabotoa a roupa <input type="checkbox"/> recorda coisas que viu há 9 meses.</p> <p>AOS QUATRO ANOS: <input type="checkbox"/> sabe pentear-se,</p>
--	--	--	--

			<p>gargarejar e usar a faca □ salta num pé só □ lava as mãos □ sobe escadas sem apoio e sem colocar os dois pés no mesmo degrau □ termina o desenho incompleto de um homem ou animal □ repete uma frase de 15 sílabas □ lembra fatos passados há um ano □ tem boa memória mecânica e decora músicas e poesias.</p> <p>AOS CINCO ANOS: □ anda na ponta dos pés □ lava o rosto sem molhar a roupa □ sobe escada correndo □ usa a tesoura □ abre uma porta fechada a chave □ desenha um homem reconhecível □ distingue os pesos □ sabe dizer a idade □ relaciona um objeto à sua utilidade.</p> <p>AOS SEIS ANOS: □ desce escada correndo □ salta de uma cadeira □ de olhos fechados toca a ponta do nariz com o dedo indicador □ discrimina direita de esquerda, alto de baixo □ repete frases de 16/18 sílabas □ distingue manhã de tarde, hoje de ontem e amanhã, antes de depois, cedo de tarde.</p> <p>AOS SETE ANOS: □ recorta uma figura seguindo o traçado □ apara uma bola com uma das mãos □ faz um nó □ dobra uma folha de pape e a introduz num envelope □ descobre pela primeira vez os defeitos dos pais.</p>
1973 – Setembro Ano 6, nº 1	Seu filho precisa de atividade física	Artigo Jornalista Consultores: professores de educação física	<p>Seu filho não é mais aquele garotinho frágil, pequenininho, que em tudo dependia de você. Agora ele já tem mais de cinco anos, vai à escola e sua alimentação mudou. Todas essas transformações são reflexos de um crescimento rápido e saudável. É neste momento da vida de seu filho que as atividades esportivas se tornam desejáveis, afinal com tanta energia seu menino precisa libertá-la. Os esportes, como práticas planejadas de educação física, são muito importantes na fase de crescimento, na medida em que fortalecem a musculatura, promovem a boa postura, aumentam a capacidade pulmonar, desenvolvendo os reflexos e a coordenação motora. Além disso, a prática de esportes na infância ensina a criança a dominar o corpo e ajuda no funcionamento total do organismo.</p>
1975 – Março Ano 7, nº 7	Criança deve usar chupeta?	Artigo Jornalista Consultores: odontopediatra	<p>Se fosse promovida uma discussão sobre se os pais devem ou não dar chupeta para seus filhos, certamente o resultado seria o mesmo das discussões sobre futebol, política, religião ou escola de samba: cada um considerando a sua opinião como a correta, ninguém chegaria a um acordo. Embora esse tema não seja apaixonante como os demais, ele é muito importante para o seu filho. E você deve decidir já, antes do seu bebê nascer. Mas uma coisa é certa: o bebê tem necessidade de sugar, antes e depois das mamadas. E a chupeta o satisfaz plenamente.</p>
1975 – Março Ano 7, nº 7	Criança deve usar chupeta?	Artigo Jornalista Consultores: odontopediatra	<p>Além do apetite natural, o bebê gosta muito de sugar. Mesmo depois de mamar, ele sente necessidade de continuar sugando. Por isso, se não tiver chupeta, levará instintivamente o dedo à boca, ou chupará a ponta da franha ou a manga da camisa. Tudo isso é normal, pois trata-se apenas da manifestação do seu instinto de sucção. Não tendo chupeta, é quase certo que ele criará o hábito de chupar o dedo.</p>
1975 – Março	Criança deve	Artigo	Se a chupeta for dada ao bebê toda vez que ele

Ano 7, nº 7	usar chupeta?	Jornalista Consultores: odonto pediatra	<p>mostrar necessidade, principalmente nos três primeiros meses, quando o instinto de sucção está mais aguçado, ele começará a se desinteressar por ela, abandonando-a até mesmo antes de completar um ano. Mas isso depende de cada criança. Algumas insistem no hábito até os dois anos ou mais, outras preferem chupar o dedo, mesmo se for oferecida a chupeta.</p> <p>A maioria dos bebês que usam a chupeta livremente nos primeiros meses de vida, nunca chupam os dedos, mesmo que abandonem a chupeta aos três ou quatro meses.</p> <p>A opção pela chupeta deve ser feita pelos pais nas primeiras semanas. Se o bebê descobrir os seus dedinhos antes disso, aprenderá a se deleitar com as sensações de sua boca e dos dedos, e depois disso a chupeta não será bem aceita.</p>
1975 – Março Ano 7, nº 7	Criança deve usar chupeta?	Artigo Jornalista Consultores: odonto pediatra	<p>Mesmo antes do bebê saber que seu corpo existe, ele já tem fortes sensações sexuais. Primeiro na boca, depois nas funções de excreção, e só mais tarde nos órgãos genitais. Para que no futuro a criança tenha bom equilíbrio emocional e sexual, é necessário que ela satisfaça essas primeiras sensações.</p> <p>Por isso, não se deve frustrar o seu instinto de sugar. A vida do neném começa na boca e todo o seu prazer vem daí. Sugando o seio ou a mamadeira, ele acalma a fome e a sede, além de seu instinto. Porém, como a fome e a sede são menores que este último, ele precisa de algo mais. Isso justifica a necessidade da chupeta toda vez que ele sentir vontade de sugar alguma coisa.</p>
1975 – Março Ano 7, nº 7	O universo sexual da criança segundo Freud	Artigo Autor indefinido	<p>A sexualidade, segundo Freud, se expressa na criança em fases distintas, nas quais o instinto sexual se localiza, sucessivamente, em diferentes zonas erógenas, que são partes da epiderme ou das mucosas onde o estímulo do prazer emite suas sensações. Como, na criança, este instinto consiste em fazer surgir a sensação pelo estímulo a esta ou àquela zona erógena, compreende-se o objetivo sexual infantil como o da gratificação.</p>
1975 – Março Ano 7, nº 7	O universo sexual da criança segundo Freud	Artigo Autor indefinido	<p>A primeira fase especificada por Freud foi a oral, em que a boca não representa apenas um meio de saciar a fome, mas uma constante fonte de prazer, desde a amamentação. A sucção, por si mesma, dá prazer ao bebê pela excitação da boca e dos lábios, também zona erógena. A segunda fase, denominada anal, está relacionada às excreções de urina e fezes, uma outra fonte de prazer para a criança. A terceira foi compreendida, então, como a genital, aquela que vai determinar, com maior propriedade, a futura vida sexual, dependendo das satisfações ou bloqueios registrados nesta fase.</p> <p>A maior ou menor dependência da criança, a uma ou outra dessas fases, está diretamente vinculada ao grau de satisfação ou depreciação que tenha sentido em cada uma delas. Uma criança que, na fase oral (até quase um ano) usufrui grande prazer e pouca frustração pela boca poderá preferir, por exemplo, se deter nesta fase se, durante a fase anal sentir-se pressionada por exigências do tipo “estabelecer-se</p>

			hábitos de limpeza”, retendo-se, assim, em seu desenvolvimento.
1975 – Março Ano 7, nº 7	O universo sexual da criança segundo Freud	Artigo Autor indefinido	O pênis, no menino, e o cltóris, na menina, são aquelas zonas erógenas reservadas às satisfações da vida sexual mais amadurecida, uma vez que são partes do corpo infantil ainda sem função, comparado ao papel que posteriormente desempenharão. O menino se orgulha de seu órgão sexual e o expõe com superioridade, em particular diante das meninas. Freud explica que a falta do pênis, comparada à importância com que o percebe, pode dar às meninas um sentimento de castração que, se intenso, poderá ser a causa de problemas inconscientes e de dificuldades futuras da mulher, em sua sexualidade e maternidade.
1975 – Março Ano 7, nº 7	O universo sexual da criança segundo Freud	Artigo Autor indefinido	Freud compreende o ato da masturbação como natural na evolução do processo de crescimento e distingue sua incidência em três fases principais. A primeira ainda na época da lactância, quando o bebê brinca com órgãos genitais com um interesse que pode desaparecer, pelo menos aparentemente, após breve período. A excitação sexual da lactância retona, mais tarde, por volta dos quatro anos, manifestando-se na criança na forma de um prurido que leva à satisfação onanística, ou de um processo capaz de alcançar a satisfação sem qualquer tipo de ato.
1975 – Março Ano 7, nº 7	O universo sexual da criança segundo Freud	Artigo Autor indefinido	Mas, qualquer que seja a fase, reprimir a espontaneidade dessas manifestações, tentar abafar a sexualidade da criança ou deturpá-la com noções de pecado, vício, impureza, imoralidade, risco de loucura e outras conotações deformadas, equivale a encaminhá-la a sérios problemas futuros. As experiências em torno das potencialidades do próprio corpo são expectativas normais do crescimento. Considerá-las anormais, ameaçando ou reprimindo seus filhos quando há suspeitas ou evidências dessa prática, é um contra-senso próprio de pais mal-informados e preconceituosos, incapazes eles mesmos de encarar e vivenciar o sexo com naturalidade. Neste, como em outros casos, a melhor solução não está nos extremos. Um tratamento autoritário e rígido, assim como um comportamento demasiado indulgente, sobre a prática e o interesse sexual das crianças, podem levá-las a bloqueios futuros, perversões e transtornos mentais.
1976 – Outubro Ano 9, nº 2	Primeiro ano o começo das descobertas	Artigo Jornalista Consultor: pediatra	1º mês O recém-nascido vira a cabeça, geralmente em direção à luz. Suas mãozinhas estão sempre fechadas, com o polegar para dentro, e os joelhos dobrados. Seus progressos são rápidos. Ao completar um mês de vida o bebê já é atraído por objetos brilhantes e se interessa pelas fisionomias. Quando é solicitada sua atenção visual, cessam os movimentos de braços e pernas. Comanda seu pescoço, preferindo colocar a cabeça de lado. Quanto ao desenvolvimento emocional, chora por sentir fome, dor ou qualquer sensação de desconforto. Embora siga os objetos com o olhar, não consegue retê-los na mão. Emite apenas sons guturais. Conhece a voz e o cheiro da mãe.

			<p>Nessa fase pode-se observar tentativas de defesa. Por exemplo, se colocarmos um cartão dobrado sobre o rosto do bebê, de maneira que cubra o seu nariz, ele fará movimentos procurando girar a cabeça de um lado para outro. Os pequenos ruídos e as conversas em voz baixa têm o poder de tranquilizá-lo.</p> <p>Pode-se observar ainda uma ligeira tentativa para alcançar o alimento: se ele estiver mamando e a mamadeira for afastada, ele a seguirá com o olhar e moverá a cabeça, com a boca aberta, procurando alcançá-la.</p> <p>2º mês</p> <p>O bebê agora mantém a cabeça constantemente para trás, colocado de bruços, levanta o queixo por alguns momentos. Já se pode perceber em sua expressão um esboço de alegria ou angústia.</p> <p>Normalmente, pára de chorar quando vai para o colo. Vira a cabeça para escutar ruídos. Já vocaliza alguns sons. Sorri. Quanto ao desenvolvimento da inteligência, as seguintes provas devem ser positivas:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Se você ficar fora do alcance da vista do bebê, adiado, e fizer um barulho com um brinquedo, ele deve virar logo a cabeça. 2- Se colocarmos uma luz acesa a distância, a criança olhará para ela durante longo tempo. 3- Se você debruçar no berço e ficar mostrando um brinquedo, o bebê acompanhará, chegando a virar a cabeça lentamente para olhar melhor. 4 - Colocando uma fralda sobre o rostinho do bebê, ele fará movimentos incompletos, procurando libertar-se sem conseguir. Seus movimentos são descoordenados. <p>3º mês</p> <p>Se colocarmos a criança de pé, as perninhas continuarão dobradas. No mais tardar, a partir da sexta semana, colocada nesta posição, consegue controlar a cabeça, podendo mantê-la levantada. Fixa o olhar, determinando preferência, e já fica em posição semi-sentada. Quando se brinca com ela, sorri em resposta.</p> <p>Nesse período, ela começa a balbuciar e olha os brinquedos coloridos pendurados em seu berço. Em relação ao seu comportamento, o bebê já se mostra carrancudo ou simpático. Está na hora de se dar o primeiro brinquedinho (guizos ou argolas de borracha). Seus movimentos já não são tão bruscos e totalmente descoordenados como no mês anterior. Você pode mostrar a ele um brinquedo, movimentando-o de um lado para outro, ele acompanhará, e isso o ajudará a controlar a cabeça.</p> <p>4º mês</p> <p>Aos quatro meses, o bebê já procura com o olhar as origens dos ruídos. Se você mexer em algum de seus brinquedos barulhentos de maneira que ele não o veja, observará a busca. Se for colocado de bruços, não só levantará a cabeça mas também os ombros, apoiando-se nos cotovelos. Já sabe dar risadas e tenta utilizar as mãos para alcançar os brinquedos. Se tiver uma ajuda, segura-os. Localiza alguns sons. Nessa idade ainda não é afetado pela presença de estranhos</p>
--	--	--	---

			<p>ou pela solidão. Não deve brincar com objetos pequenos para evitar que os engula.</p> <p>O bebê já percebe a troca de fisionomia. Se a pessoa debruça sobre ele e fita-o tranqüilamente por alguns segundos, e em seguida afasta-se e coloca uma máscara qualquer, perceberá a expressão de surpresa do bebê, fazendo beicinho para chorar ou franzindo a testa. Às vezes, estas alterações são acompanhadas de agitação de braços e pernas ou da interrupção de seus movimentos.</p> <p>5º mês</p> <p>Com cinco meses, a criança tem necessidade de colocar objetos na boca e mastigá-los. Usa a boca e a língua para experimentar os objetos, como os adultos usam as mãos e os olhos. Devem ser deixados, a seu alcance, brinquedos de borracha grandes e limpos. Ele já os troca de uma mão para outra. Nesta fase, começa a estranhar as pessoas, por isso não o force a aceitar alguém. Ele precisa ser conquistado.</p> <p>Cinqüenta por cento das crianças chupam o dedo, isso é normal. Com essa idade, já se pode dar água em copinho, de preferência colorido, mas ele ainda beberá com dificuldade.</p> <p>Quando é colocado de bruços, rola na cama e apóia-se na palma das mãos, tentando levantar-se. Já dará gargalhadas. Se o bebê de cinco meses mudar de quarto, perceberá e olhará espantado o novo ambiente. Aos poucos vai modificando os sons, aumentando a variedade de vogais. Interessa-se pelas cores vivas, segura os objetos tocados e acompanha com o olhar as pessoas que andam pelo quarto.</p> <p>6º mês</p> <p>O bebê senta-se quando apoiado e pode virar-se para frente e para trás. Começa a manifestar desprazer. Usa as mãos para pegar, alcançar e bater nos objetos. Gosta de bichinhos de borracha e panos para brincar e começa a mordê-los. Faz as primeiras tentativas de vocalização e reconhece as pessoas da família.</p> <p>É capaz de segurar um brinquedo firmemente e não é fácil fazê-lo soltar. Faz expressões zangadas ou amáveis e livra-se de pequenas coisas soltas que o aborrecem, como uma fralda ou um lençol.</p> <p>Nessa fase, se você segurar o bebê, levantando-o, fingindo que vai deixá-lo cair, verá que ele estenderá os bracinhos tentando segurar-se. Isto poderá ser feito para exercitar os seus reflexos. O bebê já deve saber agarrar os pés. E, se lhe é dado um espelho, localizará sua imagem.</p> <p>7º mês</p> <p>A maioria dos bebês senta-se com facilidade sozinho, inclinando para a frente. Movimenta-se voluntariamente, arrastando-se ou rolando em direção a algum objeto distante que atraia a sua atenção. Começa a mostrar seu gênio. Chora alto e até grita. Agora já aprende a divertir-se emitindo sons, formando sílabas (pá-pá, má-má). Consegue colocar o pezinho na boca e já esboça gesto de imitação. Quanto aos brinquedos, um animalzinho de pano ou borracha pode lhe despertar interesse. Com essa idade, o bebê já procura seus objetos.</p>
--	--	--	--

			<p>A maioria das crianças engatinha e algumas conseguem até ficar de pé, quando ajudadas. Sabe entender se o papai ou a mamãe estão com expressão zangada com ela e também se alegre quando observa os preparativos para sair a passeio.</p> <p>8º mês</p> <p>As crianças sentam sozinhas, olham os objetos ao seu redor e engatinham. Segurando-se nos móveis ou nas grades do berço já conseguem ficar de pé. Muitas vezes o bebê não aprende a engatinhar, brinca sentadinho até aprender a levantar-se. Curte os seus brinquedos e costuma puxar os cabelos das pessoas que brincam com ele.</p> <p>Por vezes, tenta chamar atenção e estica os bracinhos para alcançar o colo amigo e sabe demonstrar sua ansiedade. Nessa idade, o bebê adora brinquedos flutuantes durante o banho e é capaz de manejar dois ao mesmo tempo. Continua a repetir sílabas e seu vocabulário vai aumentando. Acaricia sua imagem refletida num espelho.</p> <p>Quando é chamado, já atende. Logo que o bebê começa a ficar de pé e ensaiar seus primeiros passos é conveniente deixá-lo descalço a maior parte do tempo. Todo bebê parece ter pés chatos nos primeiros anos de vida e andar torna o arqueamento mais acentuado.</p> <p>Sentado em cadeira alta, joga seus objetos no chão e os observa cair. Ensaia para andar. Rola na cama ou no chão, sentando-se para brincar. À essa altura, começa a imitar expressões faciais e já tem habilidade para diferenciar os tons de voz, imitando as modificações que escutar. Sabe segurar sua mamadeira e levá-la à boca. Aprende a fazer gracinhas, pisca os olhos para <i>namorar</i>, e bebe normalmente na xícara. A criança nessa idade se divertirá muito brincando com uma bola e se estiver na areia, apreciará uma colher ou pazinha. Seu vocabulário continua aumentando e suas predileções também.</p> <p>10º mês</p> <p>A criança vai evoluindo normalmente. A cada mês mais uma gracinha, mais uma palavra, um gesto ou uma careta poderão ser observados. Com dez meses, ela se levantará com algum apoio. Já pode segurar firme os brinquedos, pois o seu polegar já se oporá aos outros dedos. Quando privada da companhia de pessoas que lhe são agradáveis, mostra-se aborrecida. Com dez meses, o bebê bate palmas e sabe acenar com a mão quando nos despedimos dele. Usa o dedinho indicador em suas explorações e é capaz de imitar sons.</p> <p>Nessa idade usa o <i>voador</i>, brinquedo que permite sua locomoção sem a ajuda de ninguém, ao mesmo tempo que o treina para andar. Chama a mamãe, o papai, a vovó e seu vocabulário aumenta a cada dia. Bate com um brinquedo no outro e grita quando deseja atenção.</p> <p>11º mês</p> <p>Alguns bebês com essa idade já dão alguns passos sozinhos, mas a maioria precisa de ajuda para apoiar-</p>
--	--	--	--

			<p>se. Já observa as outras crianças, apreciando sua companhia. Sabe obedecer a certas palavras. Imita o que ouve e diz algumas palavras de acordo com o seu desejo. Compreende as perguntas de situações (onde? aqui?) voltando a olhar para o lugar.</p> <p>Quando quer brincar, puxa o adulto. Nessa fase, devem ser dados a ele brinquedos que estimulem seu espírito, como os grandes cubos plásticos de encaixe. Já pega na colher, tentando comer sozinho e consegue segurar o copo para beber água ou leite, sem ajuda.</p> <p>12º mês</p> <p>O bebê caminha ajudado por alguém. Dá alguns passinhos sozinho. Mostra preferência por uma das mãos. Gosta de música, fica acanhado com a presença de estranhos. Pega alimentos sólidos (torradas, biscoitos) e os leva à boca. Tenta formar frases de duas palavras, como “má-má dá”. Já sabe jogar beijos e gosta de passear. Afinal, já tem um aninho e precisa conquistar o mundo.</p>
1976 – Outubro Ano 9, nº 2	O corpo ele vai crescer na vida. E que seja lindo	Artigo Jornalista Consultores: psicóloga e professoras de dança	<p>Entender o corpo como invólucro, continente e limite não é inato, mas resultado de um processo de maturação que só será concluído na idade adulta. Este processo começa nos primeiros dias de vida do bebe, permitindo-lhe ir descobrindo seu corpo, aos poucos, através de um encadeamento de sensações.</p> <p>O início desse aprendizado desenvolve-se numa fase em que as primeiras satisfações de necessidades vitais se revestem de uma dupla importância. A alimentação, por exemplo, além de sua função de nutrir o organismo, desempenha o papel de veículo das primeiras manifestações da libido infantil.</p>
1976 – Outubro Ano 9, nº 2	O corpo ele vai crescer na vida. E que seja lindo	Artigo Jornalista Consultores: psicóloga e professoras de dança	<p>Por volta dos cinco anos, quando, segundo Sigmund Freud, terá passado por todas as fases de desenvolvimento de sua libido, a criança dispõe de todo o instrumental lingüístico, sendo capaz de expressar em palavras o que vê e sente e está igualmente apta a movimentar conscientemente todo o seu corpo. Mas é então que se processa uma mudança fundamental: desaparece toda a conotação libidinosa, antes ligada à descoberta de cada parte de seu físico.</p> <p>Neste período, denominado “período de latência”, a criança começa a utilizar o corpo sem nenhum sentido sexual. Esta fase, em que a energia física é comumente dirigida para atividades esportivas, vai prolongar-se até o início da puberdade.</p> <p>Mas, se a criança se desenvolveu plenamente, até então, o processo de conhecimento de seu corpo, em toda a sua dimensão animal, vai sofrer, passivamente, o soterramento de todos os seus sentidos. Isto porque, durante o período de latência, com suas atividades desprovidas de sentido sexual, o corpo vai tendo seus movimentos e sensações minados pelo hábito, pela rotina e pelo meio ambiente. E dentro de pouco tempo a criança, que possui uma clara noção de sua animalidade, de seus membros e de suas vísceras, se esquece do animal que dorme dentro de si e se capacita, deste modo, a ingressar rapidamente no mundo dos adultos.</p>

			Essa dissociação vem sendo observada nos últimos 50 anos e os estudiosos concluíram que seu longo processo foi intensificado na Idade Média e que toda uma cultura, fundamentada quase que exclusivamente na teoria, acabou por esmagar consideravelmente o movimento do corpo. A dança, por exemplo, foi desvirtuada e transformada numa forma de <i>arte</i> , no sentido mais restrito do termo.
1976 – Outubro Ano 9, nº 2	O corpo ele vai crescer na vida. E que seja lindo	Artigo Jornalista Consultores: psicóloga e professoras de dança	<p>No Rio, o Núcleo de Dança Contemporânea, dirigido por Suzana Braga e Hermínia Donato, dedica-se exatamente à correção desta <i>deficiência</i> adquirida pelo homem através dos tempos, libertando seu movimento, devolvendo-lhe e o significado, seu ritmo, e tentando acordá-lo desse sono forçado.</p> <p>Na opinião de Suzana Braga, "quando o homem compreender o quanto seu corpo é manipulado pelos hábitos da rotina, até que ponto ele está subordinado a uma ordem fixa e seus gestos condicionados pelo meio ambiente, estará dando o primeiro passo para descobrir a animalidade que o adulto esqueceu". Esta descoberta, segundo a professora, permitirá à criança e ao adulto tirarem partido de suas potencialidades e acompanharem, sem prejuízos, todas as suas manifestações sensitivas, ampliando-as.</p> <p>O trabalho de Suzana Braga e Hermínia Donato é, portanto, o de refazer todo o processo de descoberta do corpo, impedindo que os condicionamentos façam com que a criança esqueça todo o caminho que percorreu no início da busca de sua própria individualidade, como homem e como animal. Para essa redescoberta do animal adormecido, o Núcleo de Dança Contemporânea procura, antes de mais nada, despertar a noção de ritmo.</p> <p>"O ritmo está ligado ao homem desde antes de seu nascimento, quando seu coração já pulsa no ventre materno. E é através do ritmo que a criança vai chegar a compreensão do mundo do movimento," afirma Suzana.</p> <p>E explica que, no início, os exercícios são feitos na posição horizontal, com a criança buscando trabalhar sua coluna, através da observação e da imitação do movimento dos répteis. Depois, passa aos exercícios executados na posição vertical. A professora acrescenta que esta passagem é difícil para crianças e adultos, pois deixar a posição horizontal parece significar o desligamento da "mãe Terra" para assumir a independência e a individualidade.</p> <p>No Núcleo, as crianças são levadas a exercitar os seus diversos sentidos, unificando-os depois através de uma corrente central; transpondo-os através de várias formas — desenho, pintura etc — e integrando o corpo num universo mais amplo, onde devem caminhar juntos sentimentos e sensações.</p>
1977 – Janeiro Ano 9, nº 5	Chegou a hora de aprender	Artigo (resposta a carta de leitor) Jornalista Consultores: psicólogo e pediatra	<p>Educação Sanitária</p> <p>Significa ensinar à criança, entre outras coisas, a utilizar corretamente o peniquinho. Isto é muito importante, pois ela passará a controlar duas funções de seu corpo. Durante o primeiro ano de vida, o bebê demonstra pouca consciência de suas funções intestinais e não participa no sentido voluntário do</p>

			<p>movimento de seus intestinos.</p> <p>Quando o reto do bebê (porção terminal do intestino) se torna suficientemente cheio, principalmente após uma refeição, quando a atividade muscular de seu estômago estimula todo o trato intestinal, o movimento pressiona o esfíncter anal, fazendo com que ele se abra ligeiramente por intermédio de um reflexo nervoso, o que estimula um movimento de apertar/ empurrar dos músculos abdominais. O bebê não decide fazer força como uma criança maior ou um adulto: ele o faz automaticamente.</p> <p>Durante esse primeiro ano, há um certo comportamento de alguns bebês para a educação sanitária parcial, na medida em que eles têm a evacuação do dia, 5 ou 10 minutos após o café da manhã. Se a mãe quiser, poderá sentá-lo no peniquinho diariamente (a partir dos 7 ou 8 meses), para aproveitar o momento exato da evacuação. Muitos pediatras não vêem porém vantagens nesse treinamento precoce.</p>
1977 – Janeiro Ano 9, nº 5	Chegou a hora de aprender	Artigo (resposta a carta de leitor) Jornalista Consultores: psicólogo e pediatra	Depois de algumas semanas, o sistema nervoso do bebê torna-se condicionado de forma que ele, automaticamente, começará a fazer força logo que o coloquem no troninho. Esta é apenas uma parcela da educação sanitária, porque o bebê não tem consciência de sua evacuação ou do que ele próprio está fazendo.
1977 – Janeiro Ano 9, nº 5	Chegou a hora de aprender	Artigo (resposta a carta de leitor) Jornalista Consultores: psicólogo e pediatra	Entre os 12 e 18 meses a bexiga começa a reter maior quantidade de urina. Na maioria dos bebês ela se esvazia automaticamente e com muita frequência durante o primeiro ano e no princípio do segundo. A partir daí, começam a reter a urina durante períodos mais longos. Muitas vezes é em torno dos 15 meses que a mãe nota que seu filho já se mantém sequinho durante duas horas, normalmente durante o sono da tarde. Trata-se da maturação da bexiga do bebê.

GRUPO DE REPRESENTAÇÕES II: ESTÉTICA DO CORPO

CATEGORIA: CONSTITUIÇÃO FÍSICA (Peso/ gordura/ músculos/ gorda/ magra/ físico/ grande/ altura/ pequeno...)

Revista	Título	Tipo/ Autores	Trecho
1968 – Setembro Ano 1, nº 1	Propaganda Calcigenol	Publicidade	<p>“Papai, será que êle agüenta?”</p> <p>- Claro meu filho, êle não só tem muita força, como tem também uma estrutura muito sólida.</p> <p>- Quando eu crescer vou ser muito forte?</p> <p>- O principal para isso você está conseguindo agora: ossos fortes e saudáveis. Os músculos, você pode desenvolver em qualquer idade. Ossos saudáveis só na infância... ou nunca mais!</p> <p>Calcigenol Irradiado é cálcio para uma estrutura sadia</p>
1968 – Setembro Ano 1, nº 1	Que esporte e em que idade?	Artigo Jornalista Consultor: professor da	Aquela frase segundo a qual menino quieto boa coisa não está fazendo encerra muitas verdades. A criança é uma fonte quase

		Escola de Educação Física (anatomia e higiene)	inesgotável de energia e, por essa razão, o barulho é a única e legítima música de fundo para tôdas as brincadeiras. Utilizar essa energia em proveito da própria criança eis o segredo que a prática de um esporte revela. Porque não há idade – dizem os pediatras – para que um menino inicie o desenvolvimento de sua musculatura em formação. Mas que o esforço seja recreação antes de ser um dever, principalmente no primeiro encontro de uma criança com o seu esporte. Os jogos existem exatamente para isso. E convém lembrar: é de pequeno que se descobre a saúde.
1969 Novembro Ano 2, nº 3	– Deixe a criança livre e veja o que ela é capaz de fazer	Artigo Dr. Jaroslaw Koch (Tchecoslováquia)	Alexander tem sete meses e já está pesando 11 quilos. Nada de gordura. É todo músculos porque, diariamente, êle faz esporte. Saltar num cinto elástico está incluído entre seus exercícios. Isso fortalece as pernas e, além disso, a criança adquire o sentido do ritmo. Alexander fez a primeira tentativa com oito semanas de vida.
1969 Novembro Ano 2, nº 3	– Deixe a criança livre e veja o que ela é capaz de fazer	Artigo Dr. Jaroslaw Koch (Tchecoslováquia)	O aumento de pêso durante os sete meses foi espantoso. No 3º e até o 4º mês elas tinham o dobro do peso com que haviam nascido (normalmente isso acontece no 5º ou 6º mês). O aumento de peso não se manifestou por camadas de gordura, mas pela substância muscular.
1969 Novembro Ano 2, nº 3	– Tire a máscara de seu filho	Artigo Jornalista Consultor: psicologia	A voz do lar é poderosa; a atitude que os pais têm em relação aos filhos costuma ser decisiva. Uma criança querida é mais facilmente conduzida para melhores resultados. Existem casos, porém, em que elas são influenciadas em seu comportamento, de maneira bastante particular, por certas características especiais, que as tornam diferentes da maioria, como as gordas demais, magras, míopes ou portadores de alguma deformação física. Nesses casos, a criança tem uma tendência a se sentir recriminada pelos outros e se isola para evitar brincadeiras que ressaltem seus sentimentos de inadequação. Utilizando-se de disfarces para enfrentar tais problemas, a criança pode se transformar numa criatura agressiva ou, pelo contrário, ficar retraída, de comunicação difícil.
1969 Novembro Ano 2, nº 3	– Como ajudar uma criança excepcional	Artigo Jornalista Consultores: “Helena Antipoff e obras publicadas pela Sociedade Pestalozzi do Brasil”	Resta a desnutrição. Para a maioria dos médicos uma criança subalimentada até os 3 anos fica com o cérebro afetado. Agora mesmo na Fazenda do Rosário, médicos, professores, empregados e até os internos estão lutando contra isso. Êles se apaixonaram por Maria de Lurdes, uma menina de quase três anos e 2,200 Kg, filha de um ex-empregado, que foi deixada lá “para morrer”. Faz quatro meses isso

			aconteceu: a garôta já estava inerte, muito fria e tão magra que seu pulso era da largura de um polegar. Apenas os olhos ainda brilhavam e acompanhavam os movimentos junto do berço. Era um sinal muito fraco, mas para o pessoal de D. Helena foi o bastante. Maria de Lurdes está engordando, já sabe algumas palavras, sorri e fica sentada. Tem também muito carinho, que parece ser o mais importante.
1970 – Setembro Ano 3, nº 1	Aventuras do bebê dentro de casa	Artigo Jornalista	Os bebês começam a ficar de pé a partir do 9º mês de vida, embora os mais magros sejam capazes de fazê-lo aos sete meses. Aí começam as peregrinações pela casa: livros, revistas, quadros, telefone, pratos – tudo será esmiuçado e esquadrinhado pelo nosso desbravador. A vigilância deve ser redobrada quando o bebê pegar livros, pois sua brincadeira é rasgá-los.
1970 – Setembro Ano 3, nº 1	Aventuras do bebê dentro de casa	Artigo Jornalista	Os bebês magros têm mais energia e impetuosidade; os gordos preferem a calma.
1970 – Setembro Ano 3, nº 1	A família em pêso na dieta	Artigo Jornalista Consultores: “equipe da Clínica de Endocrinologia, Nutrição e Diabetes”	É costume se dizer que a obesidade e a magreza podem ser transferidas de pais para filhos. Pai e mãe gordos, filho gorducho; pai e mãe magros, filho magricela. Isto é errado, pois, geralmente, excesso ou deficiência de pêso são mais características adquiridas. Muitas vezes, a existência de famílias inteiras compostas de pessoas obesas ou magrelas refletem muito mais uma educação alimentar falha do que uma tendência herdada. O ideal, nestas situações, é corrigir as falhas da família inteira através da mudança dos hábitos alimentares adquiridos.
1970 – Setembro Ano 3, nº 1	Pais e Filhos Escrevem – Pêso Abaixo da Tabela	Seção de cartas Carta – mãe revista (jornalista e consultor)	“Tenho uma filha de sete anos que, apesar de aparentemente sadia, não cresce e é bem magrinha, aparentando ter quatro anos. Desejo saber do Dr. Schermann se devo tratá-la com um endocrinologista ou não, se o tratamento de hormônios pode ser feito em crianças dessa idade. Faço tal consulta em virtude de não haver um especialista em Aracaju, tendo eu que ir procurá-lo em Salvador.” Maria José Moreira – Aracaju – SE. R: Segundo o Dr. Schermann, o caso de sua filha deve ser tratado por um endocrinologista, já que, aparentemente, ela não apresenta qualquer outra doença não glandular que justifique o retardamento do crescimento e magreza. Observações dessa natureza podem depender de um distúrbio endócrino ou não, o que será verificado pelo especialista. Na maioria das vezes, êsse estado é causado por desnutrição, por deficiência alimentar ou outra origem, acarretando atraso evolutivo do esqueleto e pouco pêso. Em Salvador a

			senhora encontrará, seguramente, bons endocrinologistas que resolverão com êxito o caso de sua filhinha.
1971 – Agosto Ano 3, nº 12	Está começando a cesariana	Artigo Jornalista Consultor: diretor da maternidade-escola universitária	O médico tinha razão, a cesariana era mesmo necessária: o garoto é muito grande, com seus quatro quilos, duzentos e sessenta gramas.
1971 – Agosto Ano 3, nº 12	Casos que servem de exemplo – o menino silencioso	Seção Casos que Servem de Exemplo Jornalista (depoimento dos pais)	Marieta Lima, de 25 anos, professora, e Marcos Lima, seu marido, arquiteto, estavam impressionados com o primeiro filho, Elias. O menino, muito bonito e robusto, completou dois anos sem falar. Sua atividade motora era excelente e até excepcional: ele andara com nove meses, com um ano e meio guiava um pequeno velocípede.
1971 – Agosto Ano 3, nº 12	Propaganda Massinha Buitoni	Publicidade	É só misturar com o caldo, ferver dois minutinhos e a massinha já esta pronta pra seu filhinho comer tudinho e ficar gordinho, coradinho, tão lindinho que êle é. E como ela já vem quase prontinha, você fica mais tempo juntinho dêle, feliz, que é pra ser feliz que êle é o seu filhinho e você a mãezinha dele.
1972 – Março Ano 4, nº 7	Como enrolar papai e mamãe	Artigo Jornalista	Ricardo, com seu jeitinho aparentemente desligado das coisas, não perdoa nada. Faz carinha de menino triste e consegue, sem muito espalhafato, tudo o que tem vontade. Com quase nove anos, um tipinho miúdo, cabelo louro escorrido e dois olhões verdes, ele passa grande parte de seu tempo subindo muros, andando de bicicleta ou fazendo os deveres escolares na prancheta do pai. Ricardo fala baixinho, sem inibição nenhuma. Talvez com a mesma naturalidade com que faz suas estrepolias na ilha do Governador, onde mora desde que nasceu.
1973 – Setembro Ano 6, nº 1	Seu filho precisa de atividade física	Artigo Jornalista Consultores: professores de educação física	Seu filho não é mais aquele garotinho frágil, pequenininho, que em tudo dependia de você. Agora ele já tem mais de cinco anos, vai à escola e sue alimentação mudou. Todas essas transformações são reflexos de um crescimento rápido e saudável. É neste momento da vida de seu filho que es atividades esportivas se tornam desejáveis, afinal com tanta energia seu menino precisa libertá-la. Os esportes, como práticas planejadas de educação física, são muito importantes na fase de crescimento, na medida em que fortalecem a musculatura, promovem a boa postura, aumentam a capacidade pulmonar, desenvolvendo os reflexos e a coordenação motora. Além disso, a prática de esportes na infância ensina a criança a dominar o corpo e ajuda no funcionamento total do organismo.

1973 – Setembro Ano 6, nº 1	Propaganda Beibivit	Publicidade -	Há uma idade em que uma criança em desenvolvimento precisa muito mais de algumas miligramas de vitaminas e sais minerais, do que uma colherada extra de arroz com feijão. Ou de um prato de macarrão. O importante nessa idade não é limpar o prato, mas ter uma nutrição equilibrada. A diferença entre uma criança simplesmente gordinha e uma criança forte, saudável, dura de doer, esta dentro de um vidro de Beibivit. Beibivit é o complemento nutritivo que corrige as distorções de uma alimentação carente e mal equilibrada. Na composição de Beibivit entram aminoácidos essenciais e complexos vitamínicos, que contribuem para o equilíbrio alimentar e atuam na restauração do apetite. Com uma colher de Beibivit antes de cada refeição, você acaba com a falta de apetite, o desânimo e torna os seus filhos conhecidos no bairro como crianças duras de roer. Ou seja: o terror das vidraças, o 1º da classe, o suplício das babás, o craque das peladas, o ídolo das meninas – e meninos – e assim por diante.
1974 – Julho Ano 6, nº 11	Aos 9 anos, ela já tem tamanho de adulto e é tratada como adulto	Artigo Jornalista	Um bebê forte e grande, <i>estourando</i> as tabelas, é uma alegria a mais para os papais, que chegam a se sentir orgulhosos ao pronunciarem o peso e o tamanho da criança, principalmente se o superdesenvolvimento não é devido a nenhuma causa patológica. Mas é preciso estar prevenido para os futuros riscos pelos quais ela, por ser grandona e diferente das demais, poderá passar. E lembrar-se de que ela apenas cresceu demais, mas emocionalmente é uma criança como todas as outras.
1974 – Julho Ano 6, nº 11	Aos 9 anos, ela já tem tamanho de adulto e é tratada como adulto	Artigo Jornalista	Luciana parecia mais um bebê de três meses, de tão enorme. A expressão de seu rosto não era de um recém-nascido. E, se sua mãe não levasse o atestado médico pedido, talvez não tivesse conseguido vacinar a criança, pois somente diante dos documentos é que as pessoas compreenderam, com enorme espanto, que se tratava apenas de um bebê superdesenvolvido.
1974 – Julho Ano 6, nº 11	Aos 9 anos, ela já tem tamanho de adulto e é tratada como adulto	Artigo Jornalista	Ele é normal? Logo depois do parto, essa é a pergunta que toda mãe faz. Em seguida, quer saber se o bebê é forte e saudável, o seu sexo e fatalmente indaga sobre o peso e tamanho. E, diante da resposta, ela mentalmente estabelece uma comparação com a tabela que já tem decorada na cabeça. Na verdade, a mãe só se preocupa em saber se o bebê está abaixo da tabela, porque geralmente as medidas que excedem são encaradas como positivas para a criança e se constituem motivo de alegria para a

			família.
1974 – Julho Ano 6, nº 11	Aos 9 anos, ela já tem tamanho de adulto e é tratada como adulto	Artigo Jornalista	Todavia, é bom saber que há também um limite máximo para peso e altura, cujo excesso poderá indicar sérios distúrbios. E, como tratamos aqui de um fenômeno que não se caracteriza por defeitos físicos de desproporção - perímetro cefálico (médio de 54 cm) e perímetro torácico (médio de 32 cm) -, estes, sim, de mais fácil verificação de uma possível anormalidade, interessa apenas saber que desvios consideráveis de peso e estatura poderão significar distúrbios no desenvolvimento normal da criança.
1974 – Julho Ano 6, nº 11	Aos 9 anos, ela já tem tamanho de adulto e é tratada como adulto	Artigo Jornalista	Quanto ao peso, as tabelas comparativas estabelecem que o comum para meninas é 3,350 kg e para meninos 3,500 kg. No entanto, estar acima ou abaixo desses números frios não é sintoma de anormalidade: esses números são médios e para socorrê-los há os indicadores mínimos e máximos de normalidade, ou seja, os limites dos quais não se pode exceder, porque, aí sim, provavelmente os bebês exigirão cuidados especiais. Para o peso, essa faixa de normalidade se estende de 2,500 kg a 5Kg. Quanto à estatura, a comum é 50 cm para meninos e 48/49 cm para meninas. E, da mesma forma que o peso, as oscilações de estatura (embora menos freqüentes) também são aceitas como normais. É importante salientar, aqui, ao contrário do que muita gente pensa, que uma superalimentação nada tem a ver com superdesenvolvimento. Não é por comer mais que as pessoas crescem mais: o aumento de estatura depende menos de fatores externos do que o aumento de peso.
1974 – Julho Ano 6, nº 11	Aos 9 anos, ela já tem tamanho de adulto e é tratada como adulto	Artigo Jornalista	O caso do <i>bebê-problema</i> tem despertado muito interesse dos biotipologistas, porque, apesar de sua estatura superior ao normal, ele apresenta-se como uma criança normal, de perfeita saúde: suas dimensões são aumentadas, mas harmoniosas, e a inteligência é normal, havendo mesmo tendência para a precocidade. Para eles, o tratamento de maior êxito é a administração do hormônio da hipófise humana – o único eficiente -, cuja industrialização ainda se encontra em estágio embrionário, sendo, portanto, muito difícil.
1974 – Julho Ano 6, nº 11	Aos 9 anos, ela já tem tamanho de adulto e é tratada como adulto	Artigo Jornalista	Todo ituano que se preza tem a mania do exagero. Gosta de tudo muito grande, para atrair a atenção, embora não se deva ver nisso uma atitude exibicionista. É apenas uma influência que Itu exerce sobre seus filhos, como Ezmael Bezerra de Araújo, um pastor da Igreja Batista. E como tudo

			<p>que é gerado em Itu, seu filho Ezmaelzinho nasceu chamando a atenção: 4 kg e 55 cm. E realmente foi um corre-corre na Maternidade de Barra do Pirai (onde nasceu no dia 23 de setembro do ano passado), com todo mundo espantado pelo tamanho do garoto. Mas o seu crescimento ia despertar mais curiosidade ainda: com três semanas de vida, crescera 3 cm e, em determinada época, ele chegou a engordar 1,800 kg em apenas um mês. Hoje, Ezmael Júnior pesa (pelo menos pesava até a semana passada) 13,400 kg, mede 79 cm e suas medidas são as de uma criança de mais de três anos — 16 cm de pulso, 55 cm de cintura, 33 cm de coxa e 26 cm de diâmetro do braço. E isso não tem nada de anormal. Trata-se apenas de um bebê superdesenvolvido, para satisfação de Seu Ezmael, que encontra nas palavras dos próprios médicos uma boa justificativa para seu orgulho de ser um bom cidadão ituano:</p>
1974 – Julho Ano 6, nº 11	Não alimente demais o bebê: ele será um adulto eternamente obeso	Artigo Consultor: nutrólogo	<p>Segundo as últimas pesquisas feitas pelos médicos da Universidade Rockefeller, em Nova Iorque, os pais, superalimentando nos primeiros meses o bebê, podem estar criando na criança uma irremediável predisposição para a obesidade. Isso é causado pelo aumento do número e do tamanho das células adiposas do organismo. E a quantidade das células nunca diminui, por mais milagroso que seja o regime – elas podem se reduzir em tamanho, mas continuam eternamente famintas e propensas a recuperar, ao menor descuido, o volume anterior.</p>
1974 – Julho Ano 6, nº 11	Não alimente demais o bebê: ele será um adulto eternamente obeso	Artigo Consultor: nutrólogo	<p>Mas, no Fundo, Maria Helena sabia perfeitamente por que lhe faltava coragem, por que assumira uma personalidade introvertida e se transformara num verdadeiro bicho-do-mato, a fugir de todos e de tudo: nos seus doze anos, ela mal cabia dentro de suas calças compridas, os vestidos não lhe ficavam bem e, por mais que fizesse regime, não conseguia emagrecer. Sempre fora muito gorda desde pequena e tinha vergonha disso, pois já lhe bastava o tormento pelas gozações na escola. Às vezes conformava-se com sua aparência e, para eximir-se de qualquer culpa, responsabilizava sua mãe, gorda também, achando que ela a fizera nascer predisposta a engordar. Vivia se justificando com um argumento: "Filho de peixe, peixinho é". Até que um dia alguém lhe mostrou que tudo aquilo era bobagem e que ela poderia também ser uma mocinha como todas as outras, cortejada, admirada. Um especialista poderia resolver tudo e acabar com suas frustrações. Resolveu,</p>

			então, confidenciar tudo a sua mãe. Queria tentar um tratamento, saber se, na verdade, sua gordura era curável.
1974 – Julho Ano 6, nº 11	Não alimente demais o bebê: ele será um adulto eternamente obeso	Artigo Consultor: nutrólogo	Muitas outras Maria Helena, no entanto, estão vivendo enormes problemas por aí afora, enfrentando o mesmo tipo de gozações na escola e na rua, vivendo introvertidamente e jogando fora a oportunidade de participar intensamente de uma importante época de sua vida, sem que suas mães saibam que toda obesidade é curável, inclusive num prazo relativamente bem curto. Enfrentar a realidade e levar a menina ou o menino ao médico é o primeiro passo para determinar a causa da gordura em excesso: se é exógena, ou decorrente de distúrbio glandular ou emocional. Dessas causas, a mais comum é a chamada <i>exógena</i> , decorrente da má orientação dos hábitos de alimentação, na qual as mães têm grande parte de culpa. Conseqüentemente, esta é a mais fácil de ser corrigida, pois basta eliminar os vícios alimentares para <i>queimar</i> a gordura em excesso, que é muito prejudicial à criança.
1974 – Julho Ano 6, nº 11	Não alimente demais o bebê: ele será um adulto eternamente obeso	Artigo Consultor: nutrólogo	Má alimentada em virtude da pressa de chegar ao colégio, quase sempre a criança sente necessidade de comer em grande quantidade no almoço, para depois tirar um bom sono. Acontece, então, justamente o inverso. Na escola, onde suas atividades físicas e mentais são maiores, ela estava subnutrida; em compensação, mesmo sem ter nada o que fazer depois do almoço, estava com o estômago <i>forrado</i> . Aí, entrará num círculo vicioso. Com o almoço substancial, ela dormirá demais e, na pressa para não chegar atrasada a uma outra atividade que tenha de realizar à tardinha (aulas particulares, esportes etc.), fará um lanche rápido, para voltar a comer bastante no jantar e depois dormir novamente. Conclusão: nos horários em que sua atividade é bem menor, a criança costuma comer muito e aproveitar para repetir os quitutes gostosos. E, em pouco tempo, poderá estar engordando acima do normal, sobretudo se a quantidade do alimento começa a prevalecer sobre a qualidade.
1974 – Julho Ano 6, nº 11	Não alimente demais o bebê: ele será um adulto eternamente obeso	Artigo Consultor: nutrólogo	Como a alimentação é mais necessidade do que prazer e, por isso, deve variar com o maior ou menor gasto de energias, a qualidade do alimento ingerido pode também se transformar numa das causas da obesidade. Conhecendo o tipo de vida que a criança leva, os alimentos lhe deverão ser fornecidos na medida exata de suas necessidades.

			<p>É lógico que as mães preparam com o maior carinho e cuidado as refeições de seus filhos. Mas nem sempre elas podem estar fazendo o certo, se não conhecerem o teor calórico de cada alimento e a necessidade de estabelecer um regime para cada criança, a fim de manter equilíbrio na alimentação: nem carência de determinadas fontes de energia nem sobrecarga. E para saber se a criança está dentro de uma faixa de normalidade, há muitas tabelas à disposição. A mais comum é a que determina que o peso ideal equivale à altura, menos dez. No entanto, como o menor ou maior peso pode decorrer de complicações de ordem degenerativa ou de distúrbios emocionais, a visita periódica ao médico é o mais recomendável. Ele é quem terá mais condições de estabelecer uma dieta alimentar correta e prevenir algumas complicações.</p>
1974 – Julho Ano 6, nº 11	Não alimente demais o bebê: ele será um adulto eternamente obeso	Artigo Consultor: nutrólogo	<p>Obesidade significa excesso de peso. Embora alguns médicos achem que a própria constituição do indivíduo pode ser uma de suas causas (outros não acreditam nessa predisposição), o fato é que ela quase sempre traz consigo complicações. A que mais ocorre é a ectoscopia deformada da pessoa, isto é, corpo deformado pelo aparecimento de depósitos gordurosos, celulite e estrias, ocasionando também na maioria dos casos problemas psíquicos. Mas também as complicações podem ser de ordem orgânica, como transpiração excessiva, dores nas costas, prisão de ventre. A longo prazo, a criança acaba se transformando num adulto com hipertensão arterial, diabete, degeneração nas articulações (coluna, tornozelo) dislipidose (alterações profundas no metabolismo químico da gordura no sangue), suscetibilidade a infecções de pele e, por fim, sujeito à doença do século: o infarto do miocárdio.</p> <p>Como todos esses problemas poderão surgir a longo prazo, ou seja, mantendo-se a obesidade, o processo mais eficiente de evitá-las é submeter a criança a um tratamento adequado, quando chega a idade apropriada para isso, pois ele será tanto mais eficiente quanto for a capacidade da criança de se autopolicar, de avaliar e colaborar para que a fatia do bolo não seja além do necessário.</p> <p>Aos sete anos, a criança já pode iniciar o tratamento, com possibilidade de melhores resultados, em virtude de seu estágio de desenvolvimento, que lhe permite se convencer da importância do regime alimentar. Ainda mais que é a época em</p>

			que ela talvez esteja entrando para o colégio e, certamente, não gostará de ser apelidada de <i>bolão</i> .
1974 – Julho Ano 6, nº 11	Não alimente demais o bebê: ele será um adulto eternamente obeso	Artigo Consultor: nutrólogo	Eliminado o excesso de peso, isso não quer dizer que terminou o tratamento. Começará, isso sim, o segundo estágio: o da programação alimentar que possibilite a manutenção de um peso adequado e estável, que pode durar até seis meses. E, nessa época, a psicoterapia de apoio será também da maior importância, pois ainda restarão na criança marcas muito profundas daquelas humilhações que a sua gordura lhe provocava, entre os amiguinhos de colégio e de sua própria rua.
1974 – Julho Ano 6, nº 11	Não alimente demais o bebê: ele será um adulto eternamente obeso	Artigo Consultor: nutrólogo	Meu nome é Márcia Paula; tenho agora 11 anos e meio. Aos 10 anos era uma menina obesa, desajeitada e infeliz, que pesava 57 Kg. Achava-me feia, não tinha amigas, e no clube e na escola todos zombavam de mim.
1974 – Julho Ano 6, nº 11	Não alimente demais o bebê: ele será um adulto eternamente obeso	Artigo Consultor: nutrólogo	Compreendi que devia emagrecer e permanecer magra, pois ela me dizia: "Criança que passa obesa para a adolescência será mais tarde um adulto obeso pare o resto da vida." A palavra <i>obesa</i> soava nos meus ouvidos como o pior dos nomes feios. Queria ser igual a todas as meninas da minha idade, queria ser boa aluna e, principalmente, queria me vestir com roupas próprias para mim, ir à praia de biquíni.
1975 – Março Ano 7, nº 7	Silêncio! Ele se prepara para enfrentar o mundo	Artigo Jornalista Consultor: neonatologista	Este mesmo cientista fez outra experiência. Colocou num berçário, usando um amplificador, os sons de batimentos cardíacos gravados em fita magnética. Fez isso sem interrupção durante dia e noite, com um ritmo de 72 batimentos por minuto e ao nível de 85 decibéis. Os resultados foram surpreendentes. Os bebês que ouviram estes sons choraram bem menos, ficaram com a respiração mais regular e profunda, tiveram menores dificuldades gastro-intestinais, além de ganharem muito mais peso do que os bebês do berçário ao lado, que não participaram da experiência. Os sons do mundo externo também atingem os ouvidos do feto. Ginecologistas poloneses registraram, nas proximidades de um campo de treino militar, o aumento das batidas cardíacas dos fetos para 170-180 batidas por minuto a cada vez que soavam tiros no acampamento. Em alguns casos, houve até necessidade de interromper a gravidez através de cesariana, porque os batimentos cardíacos de alguns fetos chegaram até 220, em consequência do barulho. Já o olfato, no entanto, não está suficientemente desenvolvido no feto,

			<p>devido à sua permanência constante debaixo d'água. Assim, só por volta do nono ou décimo mês após o nascimento é que os bebês têm capacidade de reagir plenamente aos odores do mundo.</p> <p>Em compensação, o seu paladar é incrivelmente apurado. A partir da 14.^a semana, o feto engole pequenas quantidades do líquido à sua volta e, nos últimos meses antes do nascimento, chega a beber até 40 ml de líquido amniótico. Examinando mais de perto estes “exercícios” para beber, os cientistas também chegaram a resultados surpreendentes. Injetando no líquido amniótico outro líquido de paladar ruim, os fetos pararam imediatamente de beber. Mas quando adoçaram o líquido amniótico com sacarose, os fetos beberam bem mais que antes.</p>
1975 – Março Ano 7, nº 7	Dosagem hormonal o exame que pode evitar um aborto	Artigo Jornalista Consultor: médico	<p>O <i>estriol</i> - explicou-lhe o médico - é o hormônio que permite conhecer o índice de maturação do feto e suas condições gerais, informações que ajudam a evitar surpresas, como um parto antecipado ou uma cesárea de emergência. E já que sua dosagem de <i>estriol</i> acusara uma taxa abaixo da tabela, disse o médico, Cláudia deveria suplementá-la com doses extras do hormônio e comer, também, bastante glicose (mel de abelha, melado, suspiro), É que tudo indicava que o bebê estivesse muito magrinho para o caso de decidir nascer antes da hora.</p> <p>Mas, resistente como a vontade de Cláudia, Pedrinho só nasceu seis meses depois. Saudável em seus quase quatro quilos, ele representa um sucesso a mais na lista atual dos problemas superados.</p>
1975 – Março Ano 7, nº 7	Criança Diz Cada Uma – Dona Flora Contou	Seção Criança Diz Cada Uma Pedro Bloch	<p>A mãe não tem o costume de festejar aniversário dos filhos. Acha que é perda de tempo, trabalho e dinheiro. A filhinha é menina magrinha, pouco tamanho, crescendo em câmera lenta, mas muito viva.</p> <p>Ouvindo alguém falar de seu físico ela mandou:</p> <p>- <i>Como é que eu posso crescer se mamãe nunca deixa eu fazer anos!!</i></p>
1976 – Outubro Ano 9, nº 2	Na mesa, tudo que ele pode e deve comer	Artigo Jornalista Consultor: nutricionista	<p>Para o Dr. Rinaldo De Lamare “se existe um ato muito importante na infância, esse ato é o da alimentação, pois é através dela que a criança cresce, engorda, resiste às infecções e adquire um bom desempenho mental e motor”.</p>
1976 – Outubro Ano 9, nº 2	Cartas - Pediatria	Seção de cartas Carta – mãe e revista (jornalista e consultor)	<p>Minha filha tem 3 anos e meio e um grande problema de inapetência. Basta perceber que estou preparando seu prato para dizer que não quer comer. Isto acontece em todas as refeições. Só consigo que ela coma bem</p>

			<p>à noite, quando ela toma a mamadeira dormindo. Ela é muito pequena para a idade e franzina. Já lhe dei vários tipos de vitaminas, mas o problema permanece. Desde pequena ela apresenta um problema sério de amigdalite, tendo sido atacada pela doença diversas vezes nestes últimos dois anos. Tomou muito antibiótico, sempre sob prescrição médica, mas nunca consegui que ficasse curada. Quando estava grávida tive uma série de problemas e me alimentava muito pouco; não sei até onde isto poderá ter tido qualquer influência. Ela foi extraída a fórceps e na ocasião tomei anestesia geral. Peço uma orientação no sentido de saber se a mamadeira da noite deverá ser mantida ainda na sua idade e se devo deixá-la comer sozinha (MLBS-RS).</p> <p>A falta de apetite de sua filha nada tem a ver, objetivamente, com os maus momentos que você passou no parto e durante a gestação. Leve-a a um pediatra e ele vai dizer que ela não está com um peso tão baixo assim e pesquisará se existe alguma doença como verminose, por exemplo. Se não houver nada de errado, ele lhe dirá para não dar tanta importância ao problema da inapetência e para não superproteger sua filha. Ofereça comida apenas nas horas certas, e não lhe dê gulodices nos intervalos. Se ela não quiser comer, não insista; um dia ela sentirá fome e comerá. Fora das refeições você deve lhe dar muito carinho e uma medida muito salutar é fazê-la conhecer outras crianças.</p>
--	--	--	--

GRUPO DE REPRESENTAÇÕES III: CORPOS SADIOS *VERSUS* CORPOS DOENTES

CATEGORIA: SAÚDE

Revista	Título	Tipo/ Autores	Trecho
1968 – Setembro Ano 1, nº 1	Êste Bebê É um Gênio? Não, Seu Filho Também Faz Isso	Artigo Jornalista Consultor: neuropediatra	Êle só tem seis dias de vida. Um instinto primário o impele a segurar-se com firmeza na corda de secar roupa. Há 800 mil anos os recém-nascidos tinham de ficar agarrados assim no pêlo das mães. Esta foto foi feita com o objetivo de esclarecer, no momento certo, se o bebê é ou não sadio. Também porque são poucos os pais bem informados quanto à "prova dos reflexos dos instintos primários". A seguir, mostraremos as reações que você poderá observar em seu bebê. Mas você não precisa pendurá-lo na corda de secar roupa.
1968 – Setembro Ano 1, nº 1	Êste Bebê É um Gênio? Não, Seu	Artigo Jornalista	Um médico de Londres, o Dr. Karl Bobath, e sua mulher, criaram um método que permite

	Filho Também Faz Isso	Consultor: neuropediatra	<p>tratar com êxito as crianças de mais idade portadoras de graves perturbações. Logo depois, a Dra. Elisabeth Kong, de Berna, aperfeiçoou o método e o aplicou em recém-nascidos. Eles são submetidos a uma ginástica suave, através da qual as partes sadias do cérebro são levadas a exercer as funções das partes doentes. O princípio dessa ginástica reabilitadora se baseia na tendência das crianças perfeitas de adquirirem, pouco a pouco, o domínio do corpo. Todos os movimentos devem ser exercitados, e controladas tôdas as articulações. Uma criança que não fôr capaz de levantar a cabeça, mais tarde não estará em condições de erguer-se. E a que não houver aprendido a ficar de pé, não poderá andar bem.</p> <p>Também no caso de crianças que apresentam deficiências, essa ginástica lhes permitirá alcançar o domínio do corpo. Cada etapa do desenvolvimento é aperfeiçoada. E treinado cada movimento. Com isso, eliminam-se os reflexos que perdurarem além do tempo normal. Há muito, na Suíça, as parteiras e assistentes sociais são especializadas no contrôle dos principais reflexos. Nos diversos centros de reabilitação do país, médicos e fisioterapeutas cuidam das crianças com perturbações motoras e ensinam às mães como lidarem com elas.</p>
1968 – Setembro Ano 1, nº 1	Propaganda Calcigenol	Publicidade	<p>“Papai, será que ele agüenta?”</p> <p>- Claro meu filho, ele não só tem muita força, como tem também uma estrutura muito sólida.</p> <p>- Quando eu crescer vou ser muito forte?</p> <p>- O principal para isso você está conseguindo agora: ossos fortes e saudáveis. Os músculos, você pode desenvolver em qualquer idade. Ossos sadios só na infância... ou nunca mais!</p> <p>Calcigenol Irradiado é cálcio para uma estrutura sadia</p>
1968 – Setembro Ano 1, nº 1	Que esporte e em que idade?	Artigo Jornalista Consultor: professor da Escola de Educação Física (anatomia e higiene)	<p>Aquela frase segundo a qual menino quieto boa coisa não está fazendo encerra muitas verdades. A criança é uma fonte quase inesgotável de energia e, por essa razão, o barulho é a única e legítima música de fundo para tôdas as brincadeiras. Utilizar essa energia em proveito da própria criança eis o segredo que a prática de um esporte revela. Porque não há idade – dizem os pediatras – para que um menino inicie o desenvolvimento de sua musculatura em formação. Mas que o esforço seja recreação antes de ser um dever, principalmente no primeiro encontro de uma criança com o seu esporte. Os jogos existem exatamente para isso. E convém lembrar: é de pequeno que se descobre a saúde.</p>

1968 – Setembro Ano 1, nº 1	Que esporte e em que idade?	Artigo Jornalista Consultor: professor da Escola de Educação Física (anatomia e higiene)	<p>O período do pré-escolar</p> <p>O pré-escolar está na fase do desenvolvimento dos grandes músculos. Êle precisa movimentar-se. Será bom que o pai lhe proporcione oportunidades para brincar com caixas, escadas e em trepa-trepa ou “gaiolas”. Um velocípede também é um ótimo presente para uma criança de três anos. Representa uma nova experiência motora: pedalar, guiar, tudo ao mesmo tempo. Algumas crianças aprendem a andar de velocípede entre 30 e 36 meses de idade, e cêrca de dois terços delas, na faixa dos três anos, já sabem manobrá-lo muito bem. Embora a atividade de andar de velocípede seja individual, breve passa a concorrer para a participação em atos de socialização.</p> <p>Até aos seis anos, na fase dos jardins de infância, as atividades físicas devem atender particularmente aos aspectos psicológicos, permitindo em liberdade vigiada, brinquedos cantados, jogos dirigidos, natação. É o período dos interesses gerais, do despertar da inteligência. Haveria vantagem em iniciar-se, nessa fase, a vida da criança nos clubes esportivos? Ainda não. Porque ela exige uma assistência mais direta do educador, em pequenos grupos, às vêzes isoladamente. E é das mais importantes a tarefa da professora especializada. Há muitos casos de intolerância pelos esportes em adolescentes que foram mal iniciados e mal conduzidos nos seus programas de educação física, na escola primária.</p> <p>Dos 7 aos 11 anos, as crianças produzem em seu organismo grande quantidade de energia, que se deve exprimir em ação. Seu organismo precisa de muita oportunidade de brincadeira ativa, para que a energia em produção possa encontrar vazão normal, sadia.</p> <p>Uma das leis do desenvolvimento é que as crianças primeiro utilizam os grandes músculos e fazem movimentos largos, para depois aprender a usar os pequenos músculos e produzir movimentos menores. O pré-escolar inicia, nos clubes, as suas práticas desportivo-recreativas, que devem constituir a base da educação física nesse período dos interesses especiais e objetivos. E devem ser evitados os exercícios localizados, artificiais, sem atrativos, que lhes são oferecidos como um dever, uma obrigação a ser cumprida. De um trabalho “forçado”, na expressão do pedagogo francês Paul Claparède.</p>
1969 – Novembro Ano 2, nº 3	Deixe a criança livre e veja o que ela é capaz de fazer	Artigo Dr. Jaroslaw Koch (Tchecoslováquia)	Com sete meses, quando outras crianças começam a engatinhar, êles subiam em escadas. Jamais se viu coisa igual em nenhuma parte do mundo. O Dr. Jaroslaw

			Koch, pediatra do Instituto de Pesquisas Para Mães e Filhos, de Praga, Tchecoslováquia, e autor da façanha, acha que nada fez de fantástico: tôdas as crianças sadias podem fazer isso; basta que tenham mais liberdade.	
1969 Novembro Ano 2, nº 3	-	Deixe a criança livre e veja o que ela é capaz de fazer	Artigo Dr. Jaroslav Koch (Tchecoslováquia)	O Dr. Koch conta como foi sua experiência com oito bebês e conclui: os pais devem dar mais liberdade aos filhos para que eles cresçam com saúde.
1969 Novembro Ano 2, nº 3	-	Deixe a criança livre e veja o que ela é capaz de fazer	Artigo Dr. Jaroslav Koch (Tchecoslováquia)	Todo bebê sadio tem necessidade de se mexer: nasce com muitos reflexos de movimentos que mostram não ser o bebê destinado por natureza a permanecer quietinho e sossegado em sua cama.
1969 Novembro Ano 2, nº 3	-	Deixe a criança livre e veja o que ela é capaz de fazer	Artigo Dr. Jaroslav Koch (Tchecoslováquia)	No nosso instituto queríamos observar como se desenvolve uma criança se nas primeiras semanas de vida lhe fôr dada maior liberdade de movimentos do que habitualmente. Fizemos a experiência, que durou sete meses, com oito bebês sadios em todos os sentidos.
1969 Novembro Ano 2, nº 3	-	Deixe a criança livre e veja o que ela é capaz de fazer	Artigo Dr. Jaroslav Koch (Tchecoslováquia)	Acho que, já depois dos primeiros resultados da minha experiência, posso dar êste conselho a todos os pais: examinem as muitas medidas de segurança com as quais cercam seus bebês. A maioria pode ser abandonada, dando uma maior liberdade de movimentos à criança. E êste conselho para tôdas as mães: tirem seus bebês da cama várias vezes por dia e carreguem-nos durante pelo menos quinze minutos. Façam isso pela saúde das crianças.
1969 Novembro Ano 2, nº 3	-	Minha gravidez não passa dos três meses	Artigo Jornalista Consultores: ginecologista e médico psiquiatra	Antes de chegar ao estágio de bebê vivo e saudável, êle passa por diversas experiências: ôvo, embrião e, só depois do terceiro mês de gestação, feto.
1969 Novembro Ano 2, nº 3	-	Minha gravidez não passa dos três meses	Artigo Jornalista Consultores: ginecologista e médico psiquiatra	- Vocês querem menino ou menina? - Tanto faz, queremos é um bebê sadio, pois êle fará 30 anos na passagem do século.
1969 Novembro Ano 2, nº 3	-	Pais e filhos escrevem – Problemas de crescimento	Artigo Jornalista Dr. Scherman (consultor de endocrinologia)	“Tenho uma filha que, apesar de ter 10 anos, está com 45 quilos e quase da minha altura. Isto me preocupa porque já li sôbre o desenvolvimento da glândula do crescimento e cismo que há alguma coisa errada com ela. Seu corpo é de mocinha, é alta e forte e usa sutiã nº 44. Tem bastante saúde, não sente nada, mas o caso é que perto das meninas da idade dela parece uma môça, fica até um pouco deslocada e eu, como mãe, fico com pena de ver minha família correr assim.” Cristina Alvim – Petrópolis. R. Segundo o nosso consultor de endocrinologia, Dr. José Scherman, sua filha parece normal. Ela é muito desenvolvida porque, provavelmente, herdou essa característica de compleição física de alguém próximo da família (pais, avós,

			<p>tios...). O fato dela haver menstruado relativamente cedo, mas na faixa normal, entre os 9 e os 15 anos de idade, vem a favor dessa impressão. No entanto, caso a senhora tenha ainda alguma dúvida a respeito, leve a sua filha à consulta a um endocrinologista.</p>
1970 – Setembro Ano 3, nº 1	Jogue Seu Filho n'Água	Artigo Jornalista Consultor: médico e professor de educação física	<p>A natação é fundamental como complemento da educação, principalmente em cidades em que o grande passatempo de férias é a praia, como o Rio de Janeiro, Salvador, Recife. Dentre os esportes, é o que mais benefícios faz à saúde. Quem o pratica come muito melhor e, com a fadiga, dorme e descansa mais.</p> <p>Além de ajudar o desenvolvimento geral do corpo e do aparelho cardiovascular, a natação da segurança, coragem e autodomínio. No verão, as pessoas que não sabem nadar estão menos protegidas: na praia, não se arriscam além dos primeiros cinco metros de água e, por isso, não molham o corpo e a cabeça o suficiente para combater o calor. E êsse é com freqüência o caminho para a insolação ou a desidratação.</p>
1970 – Setembro Ano 3, nº 1	Pais e Filhos Escrevem – Pêso Abaixo da Tabela	Seção de cartas Carta – mãe revista (jornalista e consultor)	<p>“Tenho uma filha de sete anos que, apesar de aparentemente sadia, não cresce e é bem magrinha, aparentando ter quatro anos. Desejo saber do Dr. Schermann se devo tratá-la com um endocrinologista ou não, se o tratamento de hormônios pode ser feito em crianças dessa idade. Faço tal consulta em virtude de não haver um especialista em Aracaju, tendo eu que ir procurá-lo em Salvador.” Maria José Moreira – Aracaju – SE.</p> <p>R: Segundo o Dr. Schermann, o caso de sua filha deve ser tratado por um endocrinologista, já que, aparentemente, ela não apresenta qualquer outra doença não glandular que justifique o retardamento do crescimento e magreza. Observações dessa natureza podem depender de um distúrbio endócrino ou não, o que será verificado pelo especialista. Na maioria das vezes, êsse estado é causado por desnutrição, por deficiência alimentar ou outra origem, acarretando atraso evolutivo do esqueleto e pouco pêso. Em Salvador a senhora encontrará, seguramente, bons endocrinologistas que resolverão com êxito o caso de sua filhinha.</p>
1971 – Agosto Ano 3, nº 12	Propaganda Leites Infantis Nestlé	Publicidade -	<p>Por isso, quando falta o leite materno, principalmente durante os seis primeiros meses, há necessidade de fornecer a seu filho um leite especialmente adaptado ao organismo infantil, um leite que o faça forte e sadio. Esta é a razão de ser dos Leites Infantis Nestlé. Seu médico dirá a Você qual dos Leites Infantis Nestlé é o mais indicado para seu filho nessa idade. Consulte-o.</p>

1971 – Agosto Ano 3, nº 12	Propaganda Leite Ninho	Publicidade -	A cada passo, Ninho é saúde e segurança. Seu filho começa a andar. Feliz, saudável, confiante. Porque você está sempre ao seu lado. Com sua proteção, com seu carinho. E a certeza de uma boa alimentação. Leite Ninho: o melhor que você lhe pode dar. Puro leite integral, Ninho é gostoso, nutritivo. Tem tudo para assegurar o bom desenvolvimento de seus filhos. Ninho traz a garantia Nestlé - uma longa experiência em alimentação infantil. Ninho faz crianças saudáveis, mães felizes. Como você. Fique em paz com sua consciência. Exija Leite Ninho.
1971 – Agosto Ano 3, nº 12	Os Conselhos do Dr. De Lamare - Dores nas Pernas	Seção Os Conselhos do Dr. De Lamare Dr. De Lamare	A maioria dos autores se inclina em apontar, como causa das dores noturnas, a fadiga muscular provocada pela agitação e inquietude inevitáveis das crianças sadias, que pulam e brincam o dia inteiro. À noite, o músculo, em repouso súbito, pode apresentar nas primeiras horas um certo espasmo conhecido pelo grande público como câimbra.
1972 – Março Ano 4, nº 7	Como enrolar papai e mamãe	Artigo Jornalista	Rosa mora em Bangu. Tem 11 anos e estuda na escola pública do bairro. No tempo livre vive solta pela vizinhança. Conversa com Deus e todo mundo. Conhece desde o padeiro até o último bebê que nasceu por lá. Sobe em árvore, anda de bicicleta pela rua, joga futebol com os garotos e brinca de boneca com as meninas. Sempre de pé descalço, camiseta de malha e calça comprida. Rosa tem as maçãs do rosto rosadas, os olhos azuis arregalados e as tranças eternamente desfeitas. Ela tem uma vida saudável que poucas crianças da Zona Sul conhecem. Os pais, pessoas tranqüilas, tentam educá-la de uma maneira rígida, mas Rosa bagunça o coreto.
1973 – Setembro Ano 6, nº 1	Com o segundo já foi diferente	Artigo Jornalista (depoimento casais)	E como consequência disso, Bernardo foi um bebê saudável em todos os sentidos. Desde pequenininho fazia os seus próprios horários, dormia a noite toda e o seu apetite era de causar inveja a qualquer um.
1973 – Setembro Ano 6, nº 1	Com quem se parece seu filho	Artigo Jornalista Consultor: ginecologista e obstetra	Nos últimos anos foi descoberto um processo de vital importância que permite – por meio da retirada de uma amostra do líquido amniótico (o líquido que banha o bebê) – determinar, muito tempo antes do nascimento, se a criança nascerá sadia ou não.
1973 – Setembro Ano 6, nº 1	Criança precisa brincar	Artigo Jornalista Consultor: pedagogia	A prática de esportes é muito saudável, mas exige uma série de cuidados. O primeiro é a escolha adequada do esporte, em que a criança vai se iniciar. O ideal é que ela possa frequentar um clube onde tenha oportunidade e conhecer e experimentar diversas modalidades esportivas, para depois escolher uma à qual quer se dedicar.

1973 – Setembro Ano 6, nº 1	Seu filho precisa de atividade física	Artigo Jornalista Consultores: professores de educação física	Seu filho não é mais aquele garotinho frágil, pequenininho, que em tudo dependia de você. Agora ele já tem mais de cinco anos, vai à escola e sua alimentação mudou. Todas essas transformações são reflexos de um crescimento rápido e saudável. É neste momento da vida de seu filho que as atividades esportivas se tornam desejáveis, afinal com tanta energia seu menino precisa libertá-la. Os esportes, como práticas planejadas de educação física, são muito importantes na fase de crescimento, na medida em que fortalecem a musculatura, promovem a boa postura, aumentam a capacidade pulmonar, desenvolvendo os reflexos e a coordenação motora. Além disso, a prática de esportes na infância ensina a criança a dominar o corpo e ajuda no funcionamento total do organismo.
1973 – Setembro Ano 6, nº 1	O corpo do bebê e os delicados cuidados da limpeza com óleo	Artigo da seção Higiene Infantil Educadoras Carmem Rodrigues e Laura Guimarães Supervisão: médico	Deve-se usar óleo infantil de forma correta para que se possa usufruir de seus benefícios. O óleo é muitas vezes usado como agente removedor de fezes e urina embora esse não seja o seu uso correto. A remoção e limpeza das fezes e urina devem ser feitas com água e sabão ou com uma boa loção de limpeza de pele para crianças. O óleo deve ser aplicado depois que a pele estiver limpa e seca e em regiões onde não houver assaduras ou outras lesões. A principal vantagem do uso do óleo é a formação de uma camada impermeabilizante que impede o contato das fezes e urina diretamente com a pele limpa do bebê. Como o óleo é um deslizante, não deixa que a urina se deposite sobre a pele. Se a limpeza não for bem feita e você passar óleo, ficarão resíduos invisíveis de urina e fezes retidos embaixo da camada impermeabilizante que poderão provocar irritações e assaduras. Justamente por esse motivo é que o óleo não é agente de limpeza, mas agente de proteção para uma pele sadia e limpa.
1973 – Setembro Ano 6, nº 1	Propaganda Beibivit	Publicidade -	Há uma idade em que uma criança em desenvolvimento precisa muito mais de algumas miligramas de vitaminas e sais minerais, do que uma colherada extra de arroz com feijão. Ou de um prato de macarrão. O importante nessa idade não é limpar o prato, mas ter uma nutrição equilibrada. A diferença entre uma criança simplesmente gordinha e uma criança forte, saudável, dura de doer, está dentro de um vidro de Beibivit. Beibivit é o complemento nutritivo que corrige as distorções de uma alimentação carente e mal equilibrada. Na composição de Beibivit entram aminoácidos essenciais e complexos vitamínicos, que contribuem para o equilíbrio alimentar e atuam na restauração do apetite. Com uma

			colher de Beibivit antes de cada refeição, você acaba com a falta de apetite, o desânimo e torna os seus filhos conhecidos no bairro como crianças duras de roer. Ou seja: o terror das vidraças, o 1º da classe, o suplício das babás, o craque das peladas, o ídolo das meninas – e meninos – e assim por diante.
1974 – Julho Ano 6, nº 11	Propaganda alimentos infantis Gerber	Publicidade -	Nada pode dar mais alegria a uma mãe do que ver o seu bebê se desenvolvendo dia após dia. Principalmente se ela tiver a certeza de estar dando ao bebê uma alimentação saudável que o faça crescer sadio e resistente.
1974 – Julho Ano 6, nº 11	Aos 9 anos, ela já tem tamanho de adulto e é tratada como adulto	Artigo Jornalista	Ele é normal? Logo depois do parto, essa é a pergunta que toda mãe faz. Em seguida, quer saber se o bebê é forte e saudável, o seu sexo e fatalmente indaga sobre o peso e tamanho. E, diante da resposta, ela mentalmente estabelece uma comparação com a tabela que já tem decorada na cabeça. Na verdade, a mãe só se preocupa em saber se o bebê está abaixo da tabela, porque geralmente as medidas que excedem são encaradas como positivas para a criança e se constituem motivo de alegria para a família.
1974 – Julho Ano 6, nº 11	Aos 9 anos, ela já tem tamanho de adulto e é tratada como adulto	Artigo Jornalista	O caso do <i>bebê-problema</i> tem despertado muito interesse dos biotipologistas, porque, apesar de sua estatura superior ao normal, ele apresenta-se como uma criança normal, de perfeita saúde: suas dimensões são aumentadas, mas harmoniosas, e a inteligência é normal, havendo mesmo tendência para a precocidade. Para eles, o tratamento de maior êxito é a administração do hormônio da hipófise humana – o único eficiente –, cuja industrialização ainda se encontra em estágio embrionário, sendo, portanto, muito difícil.
1974 – Julho Ano 6, nº 11	Aos 9 anos, ela já tem tamanho de adulto e é tratada como adulto	Artigo Jornalista	Mas ela se sente plenamente realizada em despender todo esse esforço. Seu filho é forte, sadio e normal como ela desejava. E, para compensar o desgaste que ela tem, ele a deixa dormir tranquilamente um sono repousante. Ele não mama à noite.
1974 – Julho Ano 6, nº 11	O que fazem os incríveis bisturis dos cirurgiões plásticos	Artigo Jornalista Consultor: médico	Jaime era uma criança bonita, feliz e sem nenhum problema de saúde. Mas, aos quatro anos, quando começou a frequentar a escola, sua mãe, dona Fanny, sentiu que alguma coisa não andava bem com o garoto. Ele, que sempre teve amiguinhos de sobra, na escola e no prédio onde morava, estava começando a se recusar a entrar nas brincadeiras, aborrecido com alguns meninos por causa dos apelidos sem graça que lhe davam. Jaime tinha nascido com as <i>orelhas em abano</i> .
1974 – Julho Ano 6, nº 11	O retrato zodiacal da família - câncer	Horóscopo (jornal) Autor indefinido	Quanto à saúde, o nativo de Câncer, em geral, não tem problemas. Entretanto, tende a ser muito pálido, ressentindo-se de uma

			exposição muito prolongada ao sol. Portanto, levando uma criança de Câncer à praia, cuidado: sua pele é muito sensível.
1975 – Março Ano 7, nº 7	Propaganda alimentos infantis Greber	Publicidade -	<p>Os primeiros resultados dos alimentos infantis Gerber você vai sentir entre seus braços.</p> <p>Nada pode dar mais alegria a uma mãe do que ver o seu bebê se desenvolvendo dia após dia.</p> <p>Principalmente se ela tiver a certeza de estar dando ao bebê uma alimentação saudável que o faça crescer sadio e resistente.</p> <p>Nisso, os alimentos infantis Gerber podem contribuir bastante.</p> <p>Eles são preparados com verduras, legumes, carnes e frutas escolhidos dentro do maior rigor e com todo o cuidado para manter a mais absoluta pureza.</p> <p>Para isso, a Gerber dedica todas as horas do dia e todas as suas atenções aos alimentos que faz.</p> <p>Durante anos, a Gerber reuniu uma grande experiência que conquistou a confiança das mães do mundo inteiro.</p> <p>Nenhum vidrinho sai da Gerber sem uma boa dose de instinto maternal.</p> <p>Em qualquer supermercado você vai encontrar os alimentos Gerber prontinhos, nos tipos Bebê e Júnior, em mais de quarenta variedades que permitem uma alimentação como o seu bebê precisa.</p> <p>Enquanto a Gerber cuida da nutrição dele, você tem mais tempo livre para cuidar do carinho que só você lhe pode dar.</p>
1975 – Março Ano 7, nº 7	Criança deve usar chupeta?	Artigo Jornalista Consultores: odontólogo pediatra	<p>O uso da chupeta geralmente deixa os pais com medo de que seus filhos fiquem dentuços ou com deformações na arcada dentária. Mas este é um problema muito relativo, pois os próprios dentistas, embora afirmem que a chupeta é uma das causas de deformações da arcada, dizem também que não se pode generalizar.</p> <p>Existem crianças dentuças que nunca usaram chupeta, e outras que, mesmo persistindo no hábito durante muito tempo, têm uma arcada dentária perfeita. Teoricamente, a chupeta alteraria a constituição da arcada porque deixa um espaço vazio entre os maxilares, causando dois tipos de deformações: a <i>mordida aberta</i> (quando os dentes não se juntam), e a <i>sobremordida</i> (maxilar superior para a frente). Mas há outros fatores, como a herança genética, o estado de saúde de cada criança, a duração do hábito, a fluência e a forma como ele é praticado.</p>
1975 – Março Ano 7, nº 7	Bebê Sabe Mais que Você Imagina e Exige Liberdade	Artigo Jornalista	<p>Mas, há uma forma de viver livre e de maneira saudável nos berços conservadores. O Dr. Pickler, diretor de uma creche em Budapeste, não partilha, por exemplo, da opinião do Dr. Spock, famoso pediatra</p>

			americano, que aconselha às mães a botarem seus filhos de bruço. Os bebês do Dr. Pickler ficam deitados de costas, participando assim com mais intensidade do movimento da casa. São crianças mais alegres e calmas, ele garante, porque mais distraídas. As outras, diz ele, deitadas de barriga, dispendem toda a energia tentando levantar a cabeça para melhor ver; se essa posição pode ser a mais indicada para as que sofrem de dor de barriga ou se ela ajuda a fortalecer os músculos do pescoço, limita entretanto as explorações da criança à estreita paisagem do lençol e do travesseiro.
1975 – Março Ano 7, nº 7	Dosagem hormonal o exame que pode evitar um aborto	Artigo Jornalista Consultor: médico	O <i>estriol</i> - explicou-lhe o médico - é o hormônio que permite conhecer o índice de maturação do feto e suas condições gerais, informações que ajudam a evitar surpresas, como um parto antecipado ou uma cesárea de emergência. E já que sua dosagem de <i>estriol</i> acusara uma taxa abaixo da tabela, disse o médico, Cláudia deveria suplementá-la com doses extras do hormônio e comer, também, bastante glicose (mel de abelha, melado, suspiro). É que tudo indicava que o bebê estivesse muito magrinho para o caso de decidir nascer antes da hora. Mas, resistente como a vontade de Cláudia, Pedrinho só nasceu seis meses depois. Saudável em seus quase quatro quilos, ele representa um sucesso a mais na lista atual dos problemas superados.
1975 – Março Ano 7, nº 7	Dosagem hormonal o exame que pode evitar um aborto	Artigo Jornalista Consultor: médico	O terceiro hormônio interessante pelo sucesso de uma gravidez se origina justamente, do feto, e pode ser encontrado na urina e no sangue da gestante. Sem precisar fixar ou sustentar mais o processo gravidez, o que já foi feito por companheiros escalados para a ação nas linhas de frente, o <i>estriol</i> se dedica a cuidar das condições gerais do feto. Como um verdadeiro olho mágico da saúde desse pequenino e exigente projeto de gente, o <i>estriol</i> é que informa, seguramente, por meio da dosagem, sobre seu tamanho, índice de maturação e possibilidades de sobrevivência em caso de nascimento antes do tempo.
1975 – Março Ano 7, nº 7	Camila nasceu. Ela vai ter muita coisa para nos contar.	Artigo Depoimento de mãe	Sinto que é agora que nossa aventura vai começar. Sei que vou enfrentar probleminhas como todas as mães, mas estou segura e confiante: Camila é alegre, esperta e sadia.
1975 – Março Ano 7, nº 7	A encefalite tem cura. Conheça então os sintomas.	Artigo Jornalista Consultor: neurologista e neurocirurgião	Ela não é, como muitos pensam, uma doença hereditária: só passa de pai para filho por contágio. Como, por exemplo, quando uma mulher adquire encefalite no período inicial da gestação e o feto é atingido pelo vírus através da placenta. Nesse caso é aconselhável a interrupção da gravidez. Fora disso, não há perigo de transmissão ao feto.

			O receio que muitas mães têm de conceber outro filho, após terem interrompido uma gravidez por causa da encefalite, é natural, mas não se justifica. Não há razão clínica alguma que a impeça de ter outros bebês, lindos e saudáveis, depois de estar completamente curada.
1975 – Março Ano 7, nº 7	A cura do câncer infantil	Artigo Jornalista Consultores: cirurgião pediátrico, pediatra, cancerologista	Sempre que dona Léa carregava sua filha no colo, chamava-a pelo apelido que já estava se tornando familiar: “minha <i>barrigudinha</i> ”. Realmente, Marietinha sempre foi uma criança forte, alegre, ágil e de aparência absolutamente sadia. Para seus pais, a parte superior da sua barriguinha, abaulada, era apenas um sinal do seu apetite, considerado excepcional. Porém, num exame médico, quando Marietinha tinha um ano, constatou-se que a intumescência que lhe dera o apelido carinhoso, nada mais era que um tumor canceroso, do tamanho de uma maçã.
1975 – Março Ano 7, nº 7	Cartas - Meningite	Seção de cartas Carta – grávida e revista (jornalista e consultor)	Meningite "Estou grávida de meu segundo filho e somente depois da tomar vacina contra meningite é que fiquei sabendo que as grávidas não devem tomar essa vacina. Eu estava com dois meses e agora ando preocupada." (Neusa Maria P. Paula. Votuporanga, SP) De fato, alguns médicos estão desaconselhando a aplicação da vacina contra meningite em gestantes, porque não há ainda estudo algum sobre os efeitos dessa vacina em grávidas. Em princípio, explica o Dr. Thales Pontes Luz, a composição da vacina antimeningite leva a crer que não há perigo algum de você ter problemas, pois é diferente da composição da anti-varíotica, por exemplo. Por isso, nosso consultor acha que você deve continuar tranqüila e aguardar um bebê forte e sadio. Mas ele faz ou questão de lembrar-lhe (e a todas as outras gestantes ou não): o maior erro é não consultar um médico logo que surgem as preocupações. O estado de ansiedade, no seu caso, é que pode ser prejudicial à normalidade de sua gravidez. Portanto, quando surgir qualquer dúvida, recorra a quem pode tranqüilizá-la: o médico.
1976 – Outubro Ano 9, nº 2	Primeiro ano o começo das descobertas	Artigo Jornalista Consultor: pediatra	O desenvolvimento é diferente em cada criança, sendo uma mistura de variados padrões, determinados, sobretudo, pela hereditariedade. O andar tardio ou precoce, a dentição e a fala sofrem a influência familiar. Contudo, estas características variam em uma mesma família. O desenvolvimento motor responde por habilidades, tais como manter a cabeça firme, sentar-se, engatinhar, ficar de pé e andar. Existem os padrões médios para cada

			um desses atos, apesar das variações que se observam mesmo entre bebês sadios e normais.
1976 – Outubro Ano 9, nº 2	A higiene saiba os primeiros cuidados	Artigo Jornalista Consultores: pediatras	Cuide, com carinho, da higiene de seu filho, desde os primeiros dias. Mas cuide também para que ele próprio vá adquirindo o hábito de manter-se limpo, banhando-se, escovando os dentes, lavando as mãos antes das refeições, penteando-se. Não imponha nada. Faça com que ele assimile os novos costumes, progressivamente, entendendo que é importante e saudável. Não uma obrigação. A boa saúde depende também da higiene.
1976 – Outubro Ano 9, nº 2	Criança precisa saber. Sexo não tem segredo	Encarte Autor indefinido	De qualquer modo, deve ser compreendido que ter um filho é assunto muito sério, como frisa Bertrand Russell: "Ninguém tem o direito de pôr filhos no mundo se não está certo de suas condições de saúde e felicidade." Nesse sentido, seria até imoral ter filhos se com isso a saúde da mãe se arruinasse, os filhos nascessem doentes ou loucos e não houvesse perspectiva de poder alimentá-los.
1976 – Outubro Ano 9, nº 2	Criança precisa saber. Sexo não tem segredo	Encarte Autor indefinido	Desde a mais tenra infância, as crianças devem sentir que seu corpo é sadio e natural, merece atenção, cuidados e respeito.
1977 – Janeiro Ano 9, nº 5	Propaganda alimentos infantis Nestlé	Publicidade Autor indefinido	Toda mãe sabe que a comidinha que vai para a mesa do bebê tem que ser, antes de tudo, pura e nutritiva, de acordo com as necessidades de crescimento de uma criança. Para o bebê crescer forte e sadio, nada é mais saudável do que o alimento que vem direto da natureza.
1977 – Janeiro Ano 9, nº 5	Propaganda alimentos infantis Nestlé	Publicidade Autor indefinido	De fazer crescer bebês fortes e sadios ninguém entende melhor que Nestlé.
1977 – Janeiro Ano 9, nº 5	Higiene Infantil	Seção Higiene Infantil Autor indefinido	A criança sadia, bem alimentada e tranqüila, tem uma dentição normal, sem motivo para preocupações.
1977 – Janeiro Ano 9, nº 5	Higiene Infantil	Seção Higiene Infantil Autor indefinido	A primeira dentição é uma fase muito importante para o desenvolvimento do bebê. Ela se manifesta, normalmente, por volta do sexto ou sétimo mês, com o aparecimento dos dentes incisivos inferiores e se completa no fim do segundo ano, quando deve apresentar os vinte dentes. Em geral não apresenta distúrbios, mas costuma provocar um estado de inquietação e ansiedade nas mães. Por isso, é necessário lembrar que as várias etapas da dentição não são iguais para todos os bebês. Mesmo quando a saúde da criança esta ótima, existem em todos os setores desenvolvimento infantil as variações individuais, que não têm maior importância quando o atraso não é excessivo.
1977 – Janeiro Ano 9, nº 5	Higiene Infantil	Seção Higiene Infantil Autor indefinido	A frequência das cáries dentárias na infância não é somente por culpa do pais, é também devido à falta de colaboração das crianças.

			Sua prevenção exige medidas fundamentais: uma dieta apropriada e um método de vida saudável, ao ar livre; higiene correta dos dentes ao serem escovados; e supervisão periódica.
1977 – Janeiro Ano 9, nº 5	Higiene Infantil	Seção Higiene Infantil Autor indefinido	Portanto, a dentição da criança saudável transcorre normalmente, devendo merecer apenas atenção e cuidados. Com uma alimentação adequada, limpeza constante, fluoretização e assistência regular do dentista não há motivo para maiores preocupações. A mãe atenciosa consegue que seu filho tenha uma dentição sadia e normal.

GRUPO DE REPRESENTAÇÕES IV: CORPOS NORMAIS *VERSUS* CORPOS ANORMAIS

CATEGORIA: DEFICIÊNCIAS (Deformação física/ deficiente/ retardamento/ excepcional/ malformações/ distúrbios/ invalidez/ anormal/ atraso/ mongolóide/anomalia...)

Revista	Título	Tipo/ Autores	Trecho
1968 – Setembro Ano 1, nº 1	Êste Bebê É um Gênio? Não, Seu Filho Também Faz Isso	Artigo Jornalista Consultor: neuropediatra	Na 1. ^a semana êle já pode rastejar. O bebê “andou” 20 centímetros ao ser tocado no pé cuja perna estava dobrada. Firmou-se e deu um arranco. O médico ficou sabendo que a região nervosa que comanda êsse movimento está perfeita. Depois do 3. ^o mês essa reação é uma anomalia.
1968 – Setembro Ano 1, nº 1	Êste Bebê É um Gênio? Não, Seu Filho Também Faz Isso	Artigo Jornalista Consultor: neuropediatra	Todos vêm ao mundo imaturos, inacabados, desamparados. É que nosso cérebro não estava bastante desenvolvido. Isso é óbvio. Mas há 100 anos, os médicos ainda não sabiam como proceder em relação ao "despreparo" dos recém-nascidos. Hoje já se tem a medida exata de como agir diante das possibilidades, lesões e deficiências do cérebro do bebê, antes que êle atinja a maturidade. Quanto mais cedo fôr descoberta uma doença, mais fácil o tratamento. E quanto mais cedo se corrigir um defeito inato, melhores os resultados. Porque na fase de crescimento, nada tem forma definitiva. Essas descobertas significam que dezenas de milhares de crianças que poderiam ser "excepcionais" a vida inteira serão reabilitados totalmente ou em grau muito considerável. Desde que o tratamento comece o mais cedo possível, de preferência nos

			primeiros seis meses de vida. As crianças cujos músculos foram paralisados por movimentos espásticos (os provocados por espasmos) não têm controle dos braços e das pernas. E devido a tais defeitos físicos, também ficam retardadas em seu desenvolvimento mental.
1968 – Setembro Ano 1, nº 1	Êste Bebê É um Gênio? Não, Seu Filho Também Faz Isso	Artigo Jornalista Consultor: neuropediatra	Entretanto, está ao seu alcance a possibilidade de contribuir para o futuro dos seus filhos. Você deve permitir que eles sejam examinados precocemente. E verificada alguma deficiência, você mesmo poderá encarregar-se de grande parte do tratamento. A palavra mágica que estabelece tal possibilidade é “reflexo”. Já mostramos algumas reações típicas e que podem ser controladas pelas mães. É evidente que se trata de um controle parcial. A comprovação final da existência de inúmeros reflexos deverá ser feita por um pediatra experimentado. Não uma, mas pelo menos quatro vezes durante o primeiro ano de vida. No caso de um bebê, isso terá de ocorrer logo após o nascimento. Também depois, quando a criança tiver três, seis e nove meses. Você precisa saber que um só exame não basta para uma análise perfeita, pois os reflexos são de caráter evolutivo. Nas primeiras semanas a criança é completamente dominada por essas reações automáticas. Volta a cabeça para o seio materno, quando estimulada. Suga um dedo, quando alguém o introduz na sua boca. E se se virar para um lado a cabeça do bebê, ele voltará o corpo no mesmo sentido. Todas as reações desse tipo ainda são involuntárias. Mas o cérebro da criança se aperfeiçoa a cada semana que passa. Ela adquire sempre mais consciência e domínio voluntário do corpo. Por isso, seus reflexos automáticos devem desaparecer progressivamente. Um recém-nascido não aprenderá a segurar os objetos, enquanto não for eliminado o reflexo de preensão, desencadeado por um leve estímulo sobre a palma da mão. E

			só se manterá de pé, apoiado nas duas pernas, quando já não houver o reflexo de marcha. Isto é, aquele que o impele a levantar um pé sempre que o outro tocar no solo. Portanto, os reflexos são de grande valor para o controle das lesões do sistema nervoso da criança.
1968 – Setembro Ano 1, nº 1	Êste Bebê É um Gênio? Não, Seu Filho Também Faz Isso	Artigo Jornalista Consultor: neuropediatra	Um médico de Londres, o Dr. Karl Bobath, e sua mulher, criaram um método que permite tratar com êxito as crianças de mais idade portadoras de graves perturbações. Logo depois, a Dra. Elisabeth Kong, de Berna, aperfeiçoou o método e o aplicou em recém-nascidos. Eles são submetidos a uma ginástica suave, através da qual as partes sadias do cérebro são levadas a exercer as funções das partes doentes. O princípio dessa ginástica reabilitadora se baseia na tendência das crianças perfeitas de adquirirem, pouco a pouco, o domínio do corpo. Todos os movimentos devem ser exercitados, e controladas todas as articulações. Uma criança que não for capaz de levantar a cabeça, mais tarde não estará em condições de erguer-se. E a que não houver aprendido a ficar de pé, não poderá andar bem. Também no caso de crianças que apresentam deficiências, essa ginástica lhes permitirá alcançar o domínio do corpo. Cada etapa do desenvolvimento é aperfeiçoada. E treinado cada movimento. Com isso, eliminam-se os reflexos que perdurarem além do tempo normal. Há muito, na Suíça, as parteiras e assistentes sociais são especializadas no controle dos principais reflexos. Nos diversos centros de reabilitação do país, médicos e fisioterapeutas cuidam das crianças com perturbações motoras e ensinam às mães como lidarem com elas.
1968 – Setembro Ano 1, nº 1	Que esporte e em que idade?	Artigo Jornalista Consultor: professor da Escola de Educação Física (anatomia e higiene)	Até os dois anos de vida Nos dois primeiros anos de vida a criança normal faz, ela própria, a sua ginástica e o seu programa de movimentos. Gosta de lugares onde possa subir, carrinhos para puxar e outros brinquedos pequenos. Também se interessa

		<p>por um caixote de areia, para encher e esvaziar vários recipientes, e todos os objetos que puderem ser contidos dentro de outros despertarão sua atenção. É através dessas atividades que o criança vai melhorar suas habilidades motoras, aprender as formas e os tamanhos, e começar a descobrir as diferenças entre água, areia, madeira, papel. Entretanto, não são unânimes os pensamentos de pediatras e educadores quanto ao assunto. Há os que indicam a ginástica passiva, a partir do quarto mês de vida: opõem resistência aos movimentos normais, seriando exercícios de pernas, pés, braços, mãos e tronco. Justificam a indicação como capaz de favorecer o desenvolvimento físico e orientar a formação normal das centros nervosos da criança.</p> <p>Mas não é essa a opinião da quase totalidade dos especialistas. Os eventuais benefícios desses exercícios podem ser neutralizados por uma repercussão desfavorável sobre os ossos, cartilagens articulares e músculos. Ainda débeis e incapazes para o trabalho que lhes foi atribuído. Além disso, o sistema nervoso não está estruturado e suficientemente desenvolvido para receber certas excitações do meio exterior. No período da lactância e até o segundo ano de vida, não há necessidade de exercícios específicos. E dentro do mesmo raciocínio, não há vantagem em precipitar o sentido do equilíbrio e a marcha, que dependem da existência de um determinado tônus muscular.</p> <p>A criança tem a evolução de seus reflexos motores na dependência da evolução de sua estrutura física. Os brinquedos próprios da idade (principalmente a bola) ajudam o início das ações coordenadas. Em conseqüência, o melhor equilíbrio e segurança da marcha. A praia pode ser permitida após o primeiro ano, mas com os cuidados naturais quanto à temperatura da água, tempo de permanência e,</p>
--	--	--

			sobretudo, a intensidade das irradiações solares. Muitas crianças flutuam e nadam em piscinas rasas já aos dois anos de idade. Contudo, não se deve ter a preocupação de ensiná-las a nadar corretamente.
1969 – Novembro Ano 2, nº 3	Tire a máscara de seu filho	Artigo Jornalista Consultor: psicologia	A voz do lar é poderosa; a atitude que os pais têm em relação aos filhos costuma ser decisiva. Uma criança querida é mais facilmente conduzida para melhores resultados. Existem casos, porém, em que elas são influenciadas em seu comportamento, de maneira bastante particular, por certas características especiais, que as tornam diferentes da maioria, como as gordas demais, magras, míopes ou portadores de alguma deformação física. Nesses casos, a criança tem uma tendência a se sentir recriminada pelos outros e se isola para evitar brincadeiras que ressaltem seus sentimentos de inadequação. Utilizando-se de disfarces para enfrentar tais problemas, a criança pode se transformar numa criatura agressiva ou, pelo contrário, ficar retraída, de comunicação difícil.
1969 – Novembro Ano 2, nº 3	Como ajudar uma criança excepcional	Artigo Jornalista Consultores: “Helena Antipoff e obras publicadas pela Sociedade Pestalozzi do Brasil”	Evaldo tem uma paixão na vida: o Atlético. O fato de nunca ter ouvido um jôgo não abala essa paixão. Êle nasceu com uma lesão no cérebro e é surdo-mudo. Quando fêz oito anos, nem ao menos sabia que as coisas que via tinham um nome e êsse nome tinha um som. Desconhecia tudo. Hoje lê lábios e está aprendendo a falar, que o pior de tudo é torcer pelo Galo em silêncio. Suas chances de ter uma vida normal são muitas, bem maiores do que as que tinham há 30 anos as crianças como êle. Começaram no dia em que uma russa de nome Antipoff chegou ao Brasil com um plano audaciôso e inédito por aqui: tornar os deficientes úteis e felizes.
1969 – Novembro Ano 2, nº 3	Como ajudar uma criança excepcional	Artigo Jornalista Consultores: “Helena Antipoff e obras publicadas pela Sociedade Pestalozzi do Brasil”	Enquanto o carro sobe a comprida alamêda que vai dar no prédio principal, dezenas de meninos sorridentes vêm dizer alô e, de preferência, dar um beijo. Jonas, um mulatinho de cara redonda e olhos vivos, é um dêles. Ninguém diz que chegou lá com diagnóstico

			de retardamento profundo, incapaz de mudar de roupa e controlar as necessidades, falando algumas palavras tão sem nexos que os médicos acreditaram que não entendia nada. Seu problema no entanto era quase exclusivamente emocional: a mãe, pobre e precisando trabalhar fora, deixava-o o dia inteiro prêsso debaixo de uma mesa, as mãos amarradas para trás. O trauma que isto lhe causou foi grave e nunca será completamente vencido, mas êle deixou de viver como um bichinho que comia até lavagem de porcos para ser um menino que se dá bem com todo mundo e entende bastante de marcas de automóvel.
1969 – Novembro Ano 2, nº 3	Como ajudar uma criança excepcional	Artigo Jornalista Consultores: “Helena Antipoff e obras publicadas pela Sociedade Pestalozzi do Brasil”	Isto porque 3% das crianças que nascem todos os dias são ou se tornam mais tarde excepcionais, e cada uma delas tem uma espécie diferente de comprometimento, embora de maneira geral tôdas sejam criaturas por assim dizer inacabadas, portadoras de uma paralisia cerebral que impede a idade mental de acompanhar a idade cronológica. Têm mortas definitivamente as células de uma parte do cérebro e suas deficiências dependem da região atingida, da extensão e da profundidade da lesão.
1969 – Novembro Ano 2, nº 3	Como ajudar uma criança excepcional	Artigo Jornalista Consultores: “Helena Antipoff e obras publicadas pela Sociedade Pestalozzi do Brasil”	Os excepcionais, no entanto, apresentam sintomas em comum: quando os bebês custam a manter a cabeça ereta e a sentar-se, as moleiras permanecem abertas muito mais que o normal e geralmente não conseguem andar antes dos três anos, mantendo por tôda a vida um andar vacilante e desgracioso. Também demoram a falar, e a voz é gutural e pouco clara. Rapidez e movimento são adquiridos muito devagar; têm pouca habilidade de fechar os lábios e mantêm até bem tarde hábitos como o de chupar o dedo, provavelmente como um condicionamento de sua idade mental. Suas estruturas dentárias são sujeitas a malformações e há ausência congênita de dentes. Os distúrbios da fala não são regra geral, mas a utilização das palavras é imperfeita ou

			totalmente ilógica. São também muito freqüentes as perturbações de comportamento que tornam suas atividades completamente desprovidas de sentido. Quanto à instabilidade psicomotora, está diretamente ligada à deficiência mental e não constitui apenas uma situação paralela; caracteriza-se por graves distúrbios de atenção e equilíbrio, arritmia dos movimentos e da mímica e retardo motor dos pulsos, joelhos e dentes.
1969 – Novembro Ano 2, nº 3	Como ajudar uma criança excepcional	Artigo Jornalista Consultores: “Helena Antipoff e obras publicadas pela Sociedade Pestalozzi do Brasil”	Uma das mais perigosas, transmitida pela mãe e que se manifesta nos primeiros dias de vida, é a fenilcetonúria, deficiência metabólica que torna a criança incapaz de assimilar convenientemente um determinado elemento protéico da alimentação e em conseqüência reduz o número de enzimas protetoras. O recém-nascido tem como principais características olhos azuis, pele muito pálida e urina com um cheiro especial. O diagnóstico precoce é a única maneira de evitar o retardamento: deve-se fazer na segunda semana o chamado teste da fralda , que consiste em absorver a fralda molhada de urina com um composto químico: se ficar esverdeada o tratamento começa imediatamente.
1969 – Novembro Ano 2, nº 3	Como ajudar uma criança excepcional	Artigo Jornalista Consultores: “Helena Antipoff e obras publicadas pela Sociedade Pestalozzi do Brasil”	A educação de um deficiente deve começar pela familiarização com os hábitos elementares onde o papel do raciocínio é insignificante: alimentação, limpeza (contrôle dos esfínteres), sono e, em seguida, vestuário, asseio do corpo e ordem.
1969 – Novembro Ano 2, nº 3	Como ajudar uma criança excepcional	Artigo Jornalista Consultores: “Helena Antipoff e obras publicadas pela Sociedade Pestalozzi do Brasil”	O domínio do corpo pela vontade é fundamental para o retardado. Em cada 30 apenas um não o consegue. Quatro, os chamados treináveis, podem ser preparados para atividades manuais e para a vida; os outros 25, educáveis, chegam a ter uma profissão e até uma família.
1970 – Setembro Ano 3, nº 1	Jogue Seu Filho n’Água	Artigo Jornalista Consultor: médico e professor de educação física	A natação é especialmente recomendada para as pessoas que apresentam alguma deficiência respiratória. A asma, por exemplo, pode ser curada se a pessoa fizer da natação uma ginástica diária:

			isto a habituará a respirar bem, movimentando corretamente a musculatura. Graças a êsse exercício, pode ser diminuído, no organismo, o reflexo de algumas deficiências torácicas. A natação desenvolve bastante a caixa torácica e ajuda a boa postura; nos casos de paralisia infantil ou de perturbação do aparelho locomotor, é utilizada como terapia de grande sucesso, com ótimos resultados. Nos tratamentos de ortopedia é recomendada por exigir maior trabalho muscular no meio líquido, acelerando a cura.
1970 – Setembro Ano 3, nº 1	Jogue Seu Filho n'Água	Artigo Jornalista Consultor: médico e professor de educação física	A natação só não é indicada para as pessoas que tenham malformação cardíaca ou pulmonar. Mas isso não é só em relação à natação: a gravidade da doença não permitirá que tais pessoas pratiquem qualquer esporte. As crianças que sofrem de otite ou de sinusite devem ficar sem nadar até que estejam completamente curadas.
1970 – Setembro Ano 3, nº 1	Por que o bebê gosta de ficar de barriga para baixo	Artigo Jornalista Consultor: Dr. Chefe do berçário (médico?)	No entanto, se deitar de lado, de braços ou de costas, são posições boas, desde que não fique muito tempo de um só jeito, o mesmo não se pode dizer quanto a ficar sentado. É bastante prejudicial ao bebê permanecer algum tempo sentado com as costas arqueadas. De resto são apenas idéias erradas. Por exemplo, pensar que ficar deitado deforma a cabeça do bebê. Isso é o mesmo que imaginar que criança que gosta de deitar de lado acaba com o maxilar defeituoso.
1970 – Setembro Ano 3, nº 1	Sarampo o perigo das pintinhas vermelhas	Artigo Jornalista Consultor: professor da faculdade de medicina	Se o sarampo começar a se manifestar em sua casa, não perca tempo. Leve a criança imediatamente para a cama e corra atrás do médico. Mas, se o vírus não apareceu por lá ainda, não espere que êle se decida. Uma única dose de vacina imuniza seu filho, impede que êle sofra tôdas aquelas conseqüências e surjam todos os traumas de ter em casa uma criança inválida, anormal, ou mesmo de não ter mais esta criança.
1970 – Setembro Ano 3, nº 1	Pais e Filhos Escrevem – Pêso Abaixo da Tabela	Seção de cartas Carta – mãe revista (jornalista e consultor)	“Tenho uma filha de sete anos que, apesar de aparentemente sadia, não cresce e é bem magrinha, aparentando ter quatro

			<p>anos. Desejo saber do Dr. Schermann se devo tratá-la com um endocrinologista ou não, se o tratamento de hormônios pode ser feito em crianças dessa idade. Faço tal consulta em virtude de não haver um especialista em Aracaju, tendo eu que ir procurá-lo em Salvador.” Maria José Moreira – Aracaju – SE.</p> <p>R: Segundo o Dr. Schermann, o caso de sua filha deve ser tratado por um endocrinologista, já que, aparentemente, ela não apresenta qualquer outra doença não glandular que justifique o retardamento do crescimento e magreza. Observações dessa natureza podem depender de um distúrbio endócrino ou não, o que será verificado pelo especialista. Na maioria das vezes, êsse estado é causado por desnutrição, por deficiência alimentar ou outra origem, acarretando atraso evolutivo do esqueleto e pouco peso. Em Salvador a senhora encontrará, seguramente, bons endocrinologistas que resolverão com êxito o caso de sua filha.</p>
1970 – Setembro Ano 3, nº 1	O que as mulheres grávidas conversam entre si	Artigo – transcrição de um debate entre grávidas Jornalista (fala de várias grávidas) Consultor: médico	<p>Lúcia — Ah, é, eu também acho, Dizem que, quando vêem que a gente está sofrendo mas se esforça para não gritar, êles ficam mais amigos, falam com mais calma. Mas se a mulher começa a berrar, eles também ficam impacientes. Eu fui até a sala da parto para ver e não senti medo nenhum. Estou é doída que o nenê nasça logo, quero ver que cara êle tem, se é perfeito. Gercina — Ah, isso eu também quero. Faço questão de ver logo se é perfeito. Quero ver assim que nascer. Maria — Os meus eu sempre quis ver depois, quando já estão limpinhos, bonitinhos. Também, se não fôr perfeito, não adianta que naquela hora o médico não diz nada a você.</p>
1970 – Setembro Ano 3, nº 1	O que as mulheres grávidas conversam entre si	Artigo – transcrição de um debate entre grávidas Jornalista (fala de várias grávidas) Consultor: médico	<p>P&F — Vocês pensam em vir a ter outros filhos?</p> <p>Sandra — Querer, eu quero, mas tenho um pouco de medo. Eu já vou fazer 30 anos no fim do ano e morro de medo de ter um filho abobado, anormal.</p>
1970 – Setembro Ano 3, nº 1	O que as mulheres grávidas conversam	Artigo – transcrição de um debate entre grávidas	Quanto ao exame no líquido amniótico, para determinar o sexo

	entre si	Jornalista (fala de várias grávidas) Consultor: médico	do bebê, não é perigoso como acredita Lílian, mas só deve ser pesquisado quando existe uma indicação médica. Há situações, no desenrolar de algumas gestações, que tornam essa determinação importante. É o caso, por exemplo, de doenças nas glândulas supra-renais da gestante, que podem provocar uma virilização do feto, tornando necessária a verificação do sexo para controle de medicamentos a serem usados. Do mesmo modo, em caso de mulheres que tiveram filhos mongolóides, o estudo feito no líquido amniótico fornece os elementos para determinar se uma nova gestação é de feto normal ou não.
1970 – Setembro Ano 3, nº 1	O que as mulheres grávidas conversam entre si	Artigo – transcrição de um debate entre grávidas Jornalista (fala de várias grávidas) Consultor: médico	Quanto ao receio expressado por Sandra de vir a ter um filho anormal, é mais justificado em se tratando de casais idosos, pois nestes é que a possibilidade é realmente maior. Existe um ramo da Medicina, chamado Aconselhamento Genético, que procura julgar cada caso e examinar os fatores de risco. Quando se trata, por exemplo, de casal idoso, que já tenha a sua família constituída, pode-se chegar à conclusão de que o melhor será não ter um novo filho. Mas não há regras gerais a esse respeito e as variantes individuais precisam ser consideradas antes de se chegar a uma decisão. Todavia a idade considerada ideal para a reprodução na mulher é a faixa entre os 18 e os 30 anos.
1971 – Agosto Ano 3, nº 12	Os Conselhos do Dr. De Lamare - Dores nas Pernas	Seção Os Conselhos do Dr. De Lamare Dr. De Lamare	Também os defeitos de postura, como pé chato, pé planado e genuvalgô, isto é, crianças junteiras, às vezes mais acentuados de um lado do que do outro, podem igualmente provocar as dores.
1973 – Setembro Ano 6, nº 1	Na aula, a cura mais eficiente	Artigo da sessão Pingue Pongue Jornalista	Muita gente pensa que uma criança surda jamais aprenderá a falar e que a cegueira ou gagueira são problemas que podem acompanhar uma pessoa o resto da vida. Mas para as professoras da Clínica de Atendimento Pedagógico Especializado, que funciona desde o Início do ano na Rua Marechal Floriano, 91,6.º andar, em Porto Alegre, é possível

			encontrar a solução para muitos desses problemas, desde que se apliquem métodos próprios e instrumentos adequados. Brinquedos pedagógicos são os instrumentos principais do trabalho com as crianças e adultos deficientes auditivos (surdos e hipoacústicos), cegos e amblíopes e com problemas de fala.
1973 – Setembro Ano 6, nº 1	Na aula, a cura mais eficiente	Artigo da sessão Pingue Pongue Jornalista	Os responsáveis pela clínica afirmam que a parte mais importante do tratamento dessas deficiências é detectar problema o mais cedo possível. Para isso até as próprias mães podem fazer alguns testes nos primeiros meses de vida. Já com três dias o bebê pode reagir a um ruído mais forte piscando os olhinhos. O teste pode ser repetido batendo palmas ou agitando uma campainha. Se não houver reação é hora de consultar um médico, que, realizará testes mais completos e poderá iniciar um tratamento imediatamente.
1973 – Setembro Ano 6, nº 1	Com o segundo já foi diferente	Artigo Jornalista (depoimento casais)	Eu passava a maior parte do tempo lendo livros sobre crianças e queria que Rodrigo fosse perfeito. Se ele não andasse como mandava o figurino, sentia-me profundamente infeliz. Tudo era um martírio: o banho era considerado um bicho de sete cabeças, a alimentação nem se fala. Imagina que ele chorou um mês inteirinho e eu só soube a razão do choro quando levei-o ao pediatra pela primeira vez (o meu leite era fraco e não o alimentava suficientemente).
1974 – Julho Ano 6, nº 11	Aos 9 anos, ela já tem tamanho de adulto e é tratada como adulto	Artigo Jornalista	Mas ela se sente plenamente realizada em despende todo esse esforço. Seu filho é forte, sadio e normal como ela desejava. E, para compensar o desgaste que ela tem, ele a deixa dormir tranquilamente um sono repousante. Ele não mama à noite.
1974 – Julho Ano 6, nº 11	O que fazem os incríveis bisturis dos cirurgiões plásticos	Artigo Jornalista Consultor: médico	Nas crianças, a cirurgia plástica pode corrigir anomalias congênicas ou adquiridas. As fendas labiais ou do palha (céu da boca); orelhas em abano; a <i>sindactilia</i> (dedos ligados, chamados popularmente de pés ou mãos de pato); ausência do pavilhão auricular (orelha); pálpebra caída, dificultando a

			visão — estas são as anomalias congênitas mais freqüentes. Mas também podem ser recuperados, ou, pelo menos, amenizados, certos defeitos e marcas que aparecem, como seqüelas estético-funcionais graves de queimaduras ou traumatismos os mais diversos.
1974 – Julho Ano 6, nº 11	O que fazem os incríveis bisturis dos cirurgiões plásticos	Artigo Jornalista Consultor: médico	Seguido o Dr. Altamiro da Rocha Oliveira, chefe do Departamento de Cirurgia Plástica e Reparadora do Hospital da Lagoa, a criança defeituosa é hoje tratada cientificamente com resultados surpreendentes quanto à vida e a função.
1974 – Julho Ano 6, nº 11	O que fazem os incríveis bisturis dos cirurgiões plásticos	Artigo Jornalista Consultor: médico	“Gostaria de lembrar que vivemos numa época em que está definitivamente comprovado o progresso científico. Não há mais justificativa para respostas como "é consequência de acidente, e que podemos fazer?" ou "nasceu assim e não há solução". Nós, os especialistas, estamos preparados para tentar a recuperação. Mas é muito importante a compreensão dos pais, assim como a dos professores, porque, geralmente, é na escola que a criança começa a sofrer com os apelidos dos colegas. Quanto ao sucesso da operação, em crianças é até mais garantido. E, em se tratando da idade certa, varia apenas de acordo com a anomalia. O correto é esperar que a criança atinja um certo desenvolvimento físico: não se pode intervir em órgãos em formação. Os pais, de quem se espera a iniciativa, devem estar atentos ao desenvolvimento da criança. Só assim poderão evitar um filho complexado e difícil de ser educado.” (fala do médico)
1974 – Julho Ano 6, nº 11	O que fazem os incríveis bisturis dos cirurgiões plásticos	Artigo Jornalista Consultor: médico	A <i>orelha em abano</i> é uma pequena disformia, mas acarreta sempre problemas psicológicos. Principalmente na idade escolar, quando a criança recebe o apelido desagradável de <i>orelha de burro</i> , <i>diabinho</i> , etc. As mulheres, nem tanto; os cabelos disfarçam. Mas, no menino, o problema nunca passa despercebido. Muitas crianças com tal deformidade procuram, por iniciativa própria um solução cirúrgica. Esses pacientes geralmente têm seis, sete e oito anos. Mas, a idade

			certa para a correção da <i>orelha em abano</i> é a pré-escolar: quatro anos.
1974 – Julho Ano 6, nº 11	Não alimente demais o bebê: ele será um adulto eternamente obeso	Artigo Consultor: nutrólogo	<p>Obesidade significa excesso de peso. Embora alguns médicos achem que a própria constituição do indivíduo pode ser uma de suas causas (outros não acreditam nessa predisposição), o fato é que ela quase sempre traz consigo complicações. A que mais ocorre é a ectoscopia deformada da pessoa, isto é, corpo deformado pelo aparecimento de depósitos gordurosos, celulite e estrias, ocasionando também na maioria dos casos problemas psíquicos.</p> <p>Mas também as complicações podem ser de ordem orgânica, como transpiração excessiva, dores nas costas, prisão de ventre. A longo prazo, a criança acaba se transformando num adulto com hipertensão arterial, diabete, degeneração nas articulações (coluna, tornozelo) dislipidose (alterações profundas no metabolismo químico da gordura no sangue), suscetibilidade a infecções de pele e, por fim, sujeito à doença do século: o infarto do miocárdio.</p> <p>Como todos esses problemas poderão surgir a longo prazo, ou seja, mantendo-se a obesidade, o processo mais eficiente de evitá-las é submeter a criança a um tratamento adequado, quando chega a idade apropriada para isso, pois ele será tanto mais eficiente quanto for a capacidade da criança de se autopolicar, de avaliar e colaborar para que a fatia do bolo não seja além do necessário.</p> <p>Aos sete anos, a criança já pode iniciar o tratamento, com possibilidade de melhores resultados, em virtude de seu estágio de desenvolvimento, que lhe permite se convencer da importância do regime alimentar. Ainda mais que é a época em que ela talvez esteja entrando para o colégio e, certamente, não gostará de ser apelidada de <i>bolão</i>.</p>
1974 – Julho Ano 6, nº 11	Pé-chato: uma chatice	Artigo (jornal) Indefinido	Na Europa, o tratamento do pé chato pela impulsoterapia vem sendo largamente empregado. No Brasil, só agora, c com

			<p>exclusividade pelo Instituto Relaxtronic de São Paulo (R. Oscar Freire, 540 — telefone 282-5957) o método vem sendo utilizado. Através do seu Departamento Ortopédico — que conta com a assistência de um médico ortopedista — em menos de um mês, a criança sai de lá recuperada. O tratamento é simples: bastam 24 aplicações, de 35 minutos cada, diárias, para que a insuficiência muscular da planta dos pés seja eliminada. Desta forma, sem sentir dor, em meio a outras crianças, vendo televisão, a criança tonifica sua musculatura debilitada e se livra para sempre do seu pé chato.</p>
1975 – Março Ano 7, nº 7	Criança deve usar chupeta?	Artigo Jornalista Consultores: odonto pediatra	<p>A principal vantagem do uso da chupeta é que ela é controlada por você, que poderá afastá-la mais facilmente quando chegar a hora. E, do ponto de vista higiênico, é mais fácil mantê-la limpa, lavando-a sempre que cair no chão. E tem vantagens também do lado ortopédico: a criança dificilmente deixa de chupar o dedo antes dos seis anos, enquanto que a chupeta, em geral, é abandonada aos dois anos. Os dentistas acreditam que tanto a chupeta quanto o dedo podem deformar a arcada dentária, se forem levados à boca durante muito tempo.</p>
1975 – Março Ano 7, nº 7	Criança deve usar chupeta?	Artigo Jornalista Consultores: odonto pediatra	<p>O uso da chupeta geralmente deixa os pais com medo de que seus filhos fiquem dentuços ou com deformações na arcada dentária. Mas este é um problema muito relativo, pois os próprios dentistas, embora afirmem que a chupeta é uma das causas de deformações da arcada, dizem também que não se pode generalizar. Existem crianças dentuças que nunca usaram chupeta, e outras que, mesmo persistindo no hábito durante muito tempo, têm uma arcada dentária perfeita. Teoricamente, a chupeta alteraria a constituição da arcada porque deixa um espaço vazio entre os maxilares, causando dois tipos de deformações: a <i>mordida aberta</i> (quando os dentes não se juntam), e a <i>sobremordida</i> (maxilar</p>

			superior para a frente). Mas há outros fatores, como a herança genética, o estado de saúde de cada criança, a duração do hábito, a fluência e a forma como ele é praticado.
1975 – Março Ano 7, nº 7	Posição de leitura	Artigo Jornalista Consultores: oftalmologistas e pedagogos	Embora não exista um sistema rígido de leitura, os oftalmologistas sugerem algumas regras que podem servir de orientação para os pais. Teoricamente, a melhor posição seria a uma distância de 30 centímetros, com os olhos focalizando a imagem de cima para baixo, num ângulo de 30 graus. Para as pessoas com visão normal, a distância média entre os olhos e o livro é de 20 a 50 centímetros. Mas para aquelas que têm alguma deficiência - como as míopes, por exemplo - essa distância é bem menor, ficando o livro quase <i>colado</i> no nariz.
1975 – Março Ano 7, nº 7	Posição de leitura	Artigo Jornalista Consultores: oftalmologistas e pedagogos	Quando se lê sentado, com o livro colocado sobre a mesa, há menor desgaste físico e, conseqüentemente, o tempo de leitura é maior. Entretanto, não está provado que a posição considerada incorreta seja causa de deficiência ocular. Embora alguns médicos argumentam que existem casos de estrabismo provocados pela posição incorreta de leitura, outros explicam essa deficiência por motivos diferentes. Mas todos concordam que para se incentivar o hábito de leitura na criança é fundamental proporcionar-lhe o máximo conforto possível.
1975 – Março Ano 7, nº 7	A encefalite tem cura. Conheça então os sintomas.	Artigo Jornalista Consultor: neurologista e neurocirurgião	Infelizmente, porém, há algumas lesões que não podem ser curadas, como as que atingem áreas do cérebro responsáveis pelas atividades motoras, pelo sentido auditivo ou da fala. Em geral, nesses casos, as perturbações são muito profundas, podendo provocar problemas de fala, espasticidade (rigidez muscular) ou paralisia dos órgãos ligados diretamente à região do cérebro lesionada. E quanto menor a criança, maiores são os danos causados, já que suas defesas naturais contra infecções são ainda deficientes.

1976 – Outubro Ano 9, nº 2	Primeiro ano o começo das descobertas	Artigo Jornalista Consultor: pediatra	O desenvolvimento é diferente em cada criança, sendo uma mistura de variados padrões, determinados, sobretudo, pela hereditariedade. O andar tardio ou precoce, a dentição e a fala sofrem a influência familiar. Contudo, estas características variam em uma mesma família. O desenvolvimento motor responde por habilidades, tais como manter a cabeça firme, sentar-se, engatinhar, ficar de pé e andar. Existem os padrões médios para cada um desses atos, apesar das variações que se observam mesmo entre bebês sadios e normais.
1977 – Janeiro Ano 9, nº 5	Aprendizagem na limitação do corpo a origem dos problemas	Artigo Jornalista Consultor: terapeuta (centro de reeducação)	Antes descobertos, geralmente, após o início da vida escolar da criança, os problemas de aprendizagem são detectados cada vez mais cedo e tornam-se cada vez mais freqüentes, sobretudo nos países mais desenvolvidos. Na Europa, por exemplo, a carência das experiências sensório-motoras, que estão freqüentemente na origem desses distúrbios, provocou uma tão acentuada queda do índice de criatividade que motivou a introdução da educação psicomotora em classes compostas por crianças a partir dos três anos de idade. É nessa época, comenta Beatriz Saboya, que é mais facilmente detectável a fuga da criança aos padrões da normalidade.
1977 – Janeiro Ano 9, nº 5	Aprendizagem na limitação do corpo a origem dos problemas	Artigo Jornalista Consultor: terapeuta (centro de reeducação)	Os problemas da aprendizagem acadêmica são em grande parte provocados ou acentuados por deficiências em um outro tipo, menos sistematizado mas não menos importante, de aprendizagem: a do corpo. Uma aprendizagem que é cada vez mais limitada pelos mais diversos fatores e que aumenta sensivelmente a dificuldade de comunicação da criança com o mundo. Cada gesto, cada som articulado, não é fruto de um só movimento, mas de toda uma cadeia em que são acionadas as mais diferentes partes do organismo. Quanto menos a criança exercitar e experimentar o seu corpo, menos capacitada

			estará para utilizá-lo corretamente.
1977 – Janeiro Ano 9, nº 5	Na infância, a plástica	Artigo Jornalista Consultor: plástico cirurgião	Cirurgia plástica não é só coisa de quem quer melhorar a aparência, e muito menos exclusiva de adultos. Recorre-se à plástica para reparar anormalidades congênitas ou provocadas por acidentes. É neste campo que está sua importância. E mais importante se torna quando é aplicada para corrigir deformidades em uma criança, fazendo-a normal e impedindo a formação de complexos que só prejudicariam seu desenvolvimento.
1977 – Janeiro Ano 9, nº 5	Na infância, a plástica	Artigo Jornalista Consultor: plástico cirurgião	A criança defeituosa logo descobre que é diferente das outras.
1977 – Janeiro Ano 9, nº 5	Na infância, a plástica	Artigo Jornalista Consultor: plástico cirurgião	As deformidades congênitas poderão ser logo diagnosticadas na hora do nascimento, mas, as vezes, são identificadas mais tarde. Podem ser originadas de doença, como a rubéola, radiações no primeiro trimestre da gravidez, carências de nutrição da gestante ou predisposições genéticas.
1977 – Janeiro Ano 9, nº 5	Na infância, a plástica	Artigo Jornalista Consultor: plástico cirurgião	É surpreendente como uma criança que tem um defeito físico amadurece mais depressa e põe-se em contato com o mundo que a cerca. Sua sensibilidade também é muito aguçada. Por isso é que já na idade pré-escolar ela descobre que sua imagem é diferente da das outras crianças e também a reação que esse defeito produz entre os que a rodeiam. Seria então a hora da cirurgia reparadora.
1977 – Janeiro Ano 9, nº 5	Na infância, a plástica	Artigo Jornalista Consultor: plástico cirurgião	A orelha de abano é um dos defeitos mais comuns e poderá; trazer falta de segurança emocional na idade pré-escolar. Há casos de crianças que levam os pais ao cirurgião "que consertou as orelhas, de <i>dumbo</i> de um coleguinha do colégio". Na menina até se pode disfarçar com os cabelos compridos, mas, no menino, a coisa se complica.
1977 – Janeiro Ano 9, nº 5	Na infância, a plástica	Artigo Jornalista Consultor: plástico cirurgião	A ausência parcial ou total de orelha é menos freqüente que a orelha de abano. Esse caso exige um pouco mais do médico, que, às vezes, tem que realizar até quatro pequenas operações, para a reconstrução da orelha. Há casos em que, à medida que a orelha vai adquirindo sua forma normal, a

			criança começa a ter um outro relacionamento dentro de casa, deixando de ser agressiva – porquanto esse comportamento era uma defesa contra outras crianças que zombavam do seu defeito. Então, a operação é sempre mais recomendada na idade pré-escolar.
1977 – Janeiro Ano 9, nº 5	Na infância, a plástica	Artigo Jornalista Consultor: cirurgião plástico	Um nariz disforme, muito aquilino ou mesmo torto, pode também trazer problemas para uma criança. Mas, nesse caso, é necessário esperar até por volta dos 16 anos, para que o resto do rosto, ainda em formação, não fique em desarmonia com o nariz operado. Se essa correção for feita na adolescência, o nariz melhora e o jovem não fica mais condicionado ao problema psicológico.
1977 – Janeiro Ano 9, nº 5	Na infância, a plástica	Artigo Jornalista Consultor: cirurgião plástico	Entre as deformidades adquiridas, as queimaduras e suas cicatrizes são as mais comuns em crianças. Em todos os casos de queimaduras que exijam hospitalização, o cirurgião plástico acompanha o pequeno paciente desde o tratamento inicial até o das seqüelas, que são as marcas das queimaduras. Se a queimadura não abranje uma área grande, não há risco de vida, desde que ela seja imediatamente medicada.
1977 – Janeiro Ano 9, nº 5	Na infância, a plástica	Artigo Jornalista Consultor: cirurgião plástico	Na plástica infantil do lábio leporino, a operação consiste no fechamento da fissura do lábio, com a utilização de tecidos da vizinhança, unindo músculos e peles para refazer o contorno do lábio normal.
1977 – Janeiro Ano 9, nº 5	Higiene Infantil	Seção Higiene Infantil Autor indefinido	Os dentes de leite são muito importantes, não só para a fala e a mastigação, como também para pavimentar o caminho dos futuros dentes permanentes. Se os dentes de leite forem extraídos ou estão doentes, a erupção dos dentes permanentes será irregular e com defeitos de alinhamento de posição de toda a arcada dentária.